



LONGE DO AQUI E DO AGORA

CLARE WINGER HARRIS



Longe do Aqui e do Agora

Clare Winger Harris

Longe do Aqui e do Agora

Clare Winger Harris

Editora Cyberus

Copyright © Editora Cyberus, 2022.

Todos os direitos reservados.

Capa: Maurício Bonham

Ilustração da capa: Bryan Vectorartist

Autoria: Clare Winger Harris

Diagramação e revisão final: Fabrício Corradini

Editor responsável e organização: Maurício Coelho

Tradutores: Caroline Dias Gabani, Fabrício Corradini, Felipe de Lima Mantovani, Júlia Capuano, Karla Marina, Laura Ferreira de Jesus, Luana Wanderley Tinoco, Lucas Lima e Tiffany Silva

ISBN: 978-65-0052350-8

E-mail: editoracyberus@gmail.com

Website: <https://editoracyberus.weebly.com>

Instagram: @editoracyberus

Twitter: @CyberusEditora

Nenhuma parte das traduções contidas neste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

As histórias deste livro apareceram primeiramente nas revistas americanas *Weird Tales*, *Amazing Stories* e *Science Wonder Quarterly*.

Os contos da Clare Winger Harris nunca foram lançados no Brasil e agora chegam ao mercado neste livro traduzido pelos melhores profissionais em atividade no país.

Sumário

[Prefácio](#)

[Um Mundo em Fuga](#)

[O Destino de Poseidonia](#)

[Um Certo Soldado](#)

[A Quinta Dimensão](#)

[A Ameaça de Marte](#)

[O Milagre do Lírio](#)

[O Homem Artificial](#)

Sumário

Um Bebê em Netuno

A Droga Diabólica

A Monstruosidade Evolucionária

O Ciclo do Macaco

Carta N°1: *Uma carta muito interessante de uma de nossas autoras*

Carta N°2: *De Uma De Nossas Autoras*

Carta N°3: *Possíveis Enredos de Ficção Científica*

Agradecimentos

Prefácio

Encontrei Clare Winger Harris pela primeira vez em uma sala silenciosa e gelada por ar-condicionado, bem no interior da biblioteca de minha Universidade, um amigo e colega mostrou-me avidamente a coleção de revistas antigas de ficção científica da *Case Western Reserve University*. Olhei para as capas e índices com o interesse concentrado de um cara hétero solteiro num bar — eu estava procurando por mulheres. Como mulher e escritora de ficção científica, eu queria encontrar minhas raízes. Como um aficionado por história, fui atraída pelos itens mais antigos da coleção e depois a caçar revistas ainda mais antigas. Clare era apenas um nome para mim, a princípio, chocantemente no início da coleção, e a introdução do editor deixou claro que ela era uma mulher, apesar da grafia estranha de seu nome. Não foi amor à primeira vista, mas fiquei intrigada.

Iniciei um projeto de pesquisa, tabulando nomes de tabelas de conteúdo em *Astounding/Analog*, *Amazing Stories* e outras revistas de ficção científica proeminentes. No processo, me familiarizei com os nomes de muitas mulheres, sem saber muito sobre elas, lendo uma história aqui e ali quando uma foto ou título me chamava a atenção. Uma história que li foi “O Milagre do Lírio”, de Harris, por causa de uma ilustração frontal selvagem e polpuda que eu até estaria disposta a descrever, se não revelasse o final da história. (Isso era deprimentemente comum nos *pulps* antigos e, infelizmente, continua sendo um problema familiar a qualquer autor que resmungou ao receber a sua cópia de contribuidor para ver as decisões do editor de arte).

Eu não estava sozinha em meu interesse em redescobrir as primeiras escritoras *pulp*. Um membro do corpo docente da Universidade, Brad Ricca, anunciou que estava publicando uma coleção de histórias de Clare Winger Harris pouco depois de eu começar meu projeto. Foi por seu anúncio publicitário que fiquei sabendo que Clare havia morado por um tempo, como eu, em um subúrbio de Cleveland, Ohio. (Bem, ela estava no lado oeste em Lakewood, eu moro no lado leste em Cleveland Heights). Meu

interesse por ela aumentou muito. Seria difícil encontrar alguém mais atrás na história em quem se pudesse pendurar o título de Primeiro Autor de Ficção Científica de Cleveland. (O livro de Brad, “*The Artificial Man and Other Stories*”, tem um extenso avanço em quase todas as notas biográficas que podem ser encontradas sobre ela, incluindo um relato da visita de Ricca à sua antiga casa).

Clare Winger Harris é creditada como a primeira mulher a vender uma história de ficção científica sob seu próprio nome, “Um Mundo em Fuga”, que apareceu em *Weird Tales* em 1926. Ela vendeu um romance antes disso, em 1923, um romance histórico. Ela publicou apenas onze histórias de 1926 a 1930, mais uma história, “*The Vibrometer*” [O Vibrômetro], em um “fanzine” amador em 1933. O editor desse fanzine? Ninguém menos que Jerry Siegel, que junto com o colega Clevelander Joe Shuster, criou o Superman! Acontece que ele era fã de Clare e pediu que ela contribuísse para seu projeto de hobby do ensino médio. (Aqui está outro fato engraçado: Siegel escreveu uma história para seu fanzine auto-publicado chamada “*The Reign of the Superman*” [O Reinado do Superman], mas não li muito sobre isso. “Super-homens” eram um conceito popular de *pulp*, e este era na verdade sobre um vagabundo ganhando poderes psíquicos. Ainda assim, imaginem os amigos do jovem Joe percebendo o quanto valeriam suas cópias mimeografadas hoje!).

Clare pensou criticamente sobre o gênero e seu trabalho, escrevendo cartas aos editores de *Amazing Stories* e *Weird Tales*, entre outras revistas, pelo menos cinco vezes. Uma dessas cartas, ao editor de *Wonder Stories*, em agosto de 1931, foi intitulada “*Possible Science Fiction Plots*” [Possíveis Enredos de Ficção Científica] e foi reimpressa várias vezes. Pode ser um dos primeiros trabalhos a classificar subgêneros dentro da ficção científica. (E quem não ama uma lista gratuita de *prompts* de escrita?).

É difícil não gostar de Clare, pelo pouco que se pode perceber sobre ela. Ela era o tipo de pessoa que dava dicas de escrita e escrevia histórias para revistas de fãs aleatórias quando ela estava no auge de sua popularidade e ele ainda era um estudante do ensino médio.

Seu trabalho era popular em sua época e frequentemente reimpresso, especialmente “O Milagre do Lírio” e “O Destino de Poseidonia”, que apresenta um exemplo inicial de uma personagem feminina heroica. Muito antes de um adolescente Isaac Asimov escrever uma carta ao editor para reclamar que histórias foram arruinadas pela inclusão de meninas como interesses amorosos, Clare estava escrevendo sobre mulheres pilotas e mecânicas, além de mostrar esposas e mães amorosas lidando com o fim do mundo. Ela não abalou o paradigma do patriarcado do jeito que um escritor da atualidade pode desejar, mas ela introduziu o gênero feminino, ou pelo menos ela não estava cega à presença das mulheres como um autor homem poderia ter sido, e isso por si só faz dela uma pioneira na apresentação de mulheres na ficção científica.

Ela era filha de um engenheiro e casou-se com um engenheiro. Ela foi para o prestigioso *Smith College*. Seu trabalho mostra seu grande interesse pela ciência, especialmente em química e biologia. Que carreira ela teria tido se o mundo da década de 1920 tivesse sido mais gentil com as mulheres cientistas? É uma questão de registro que ela desistiu de escrever para criar seus filhos. (Pelo menos um fã escreveu para o editor da revista perguntando o que havia acontecido com ela). Podemos apenas imaginar as histórias adicionais que nunca saíram de um caderno pessoal ou de um devaneio seu.

Hugo Gernsbeck, o influente editor de ficção científica que deu o nome ao Prêmio Hugo (que operava antes do termo “ficção científica” ser cunhado), deu a Clare os elogios mais indiretos quando ela se colocou em um concurso de histórias que ele organizou: *“Que o terceiro vencedor do prêmio provar-se ser uma mulher foi uma das surpresas do concurso, pois, via de regra, as mulheres não são boas escritoras de cientificidade, porque sua formação e tendências gerais em assuntos científicos são geralmente limitadas. Mas a exceção, como sempre, confirma a regra, sendo a exceção neste caso extraordinariamente impressionante”*.^[1] Essa foi a atitude que ela teve em um elogio! O que mais ela poderia ter conseguido em um mundo mais aberto à sua realização?

É difícil não imaginar uma certa despreocupação maliciosa em Clare, que ela se lançou a escrever suas histórias sem esconder sua identidade. Então, talvez o fim de sua carreira não tenha sido a tragédia familiar da ambição reprimida. Talvez ela simplesmente tenha parado, com seus fãs clamando por mais, porque ela tinha outras coisas que queria fazer com seu tempo. Tem-se a sensação de que Clare fez o que queria.

Sua prosa pode parecer desajeitada para os padrões de hoje, mas estava do lado bom na era *pulp*, que priorizava novas ideias sobre o estilo ou personagens. O que chama a atenção em Clare até hoje é a amplitude da imaginação em seu trabalho. Cidades que abrangem o mundo, narrativas que abrangem gerações, ciborgues, planetas pensantes, nosso sistema solar como uma molécula no experimento de algum ser enorme, macacos subindo para dominar o homem — e tudo isso antes de Walt Disney fazer seu primeiro longa de animação! Quantos outros escritores começaram lendo suas histórias? Não é apenas em seu ensaio que ela foi generosa com ideias.

Como é maravilhoso pensar nessa mulher quase esquecida de Lakewood, Ohio, sendo apresentada a um público mais amplo quase cem anos depois que sua primeira história foi publicada. Espero que vocês achem o vislumbre do mundo dela tão fascinante quanto eu.

Marie Vibbert

Um Mundo em Fuga

I

O laboratório de Henry Shipley era um conglomerado de tubos de ensaio, garrafas, misteriosos utensílios de aplicações químicas e físicas e papéis cobertos de manuscritos indecifráveis. O próprio homem não estava em seu melhor humor quando sentou-se em sua mesa e pôs-se a inspecionar desanimadamente a desordem que estava sobre ela. Seus anos podiam ser numerados em trinta e cinco, mas, embora ainda fosse jovem, nenhum homem o superava em excelência na profissão que escolhera.

— Maldita seja aquela empregada! — murmurou ele em exasperação. — Se ela possuísse uma mínima porção de inteligência, poderia arrumar este lugar e ainda deixar minhas anotações e instrumentos intactos. Do jeito que está, nem consigo encontrar a descrição daquele importante experimento de nitrogênio!

Nesse momento, o som alto da batida na porta pôs um fim bruto em seu solilóquio. Em resposta ao seco: — Entre —, de Shipley, a porta abriu-se, e um estranho, provavelmente uns dez anos mais velho que ele, entrou. O recém-chegado observou o jovem cientista com seus olhos penetrantes de um matiz indefinido. O contorno de sua boca e queixo eram apenas vagamente sugeridos através de uma barba ao estilo Vandyke.

Algo no olhar fixo daquele que acabara de chegar não o encorajou à fala, então Shipley silenciosamente apontou para a cadeira, e, após aperceber-se de que o assento jazia encoberto por papéis, apressou-se em deixá-lo livre.

— Teria eu a honra de dirigir-me a Henry Shipley, autoridade em energia atômica? — perguntou o homem, sentando-se, aparentemente desatento à confusão do homem mais novo.

— Eu sou Henry Shipley, mas quanto a ser uma autoridade...

O estranho soergueu uma das mãos em sinal depreciação. — Deixe para lá. Podemos dispensar a modéstia, Sr. Shipley. Venho a pretexto de um assunto de importância mundial. Possivelmente você já tenha ouvido falar de mim. Chamo-me La Rue; Leon La Rue.

Os olhos de Henry Shipley arregalaram-se de surpresa.

— De fato estou honrado pela visita de um cientista tão renomado — exclamou ele com genuíno entusiasmo.

— Não é nada — disse La Rue. — Amo meu trabalho.

— Você e John Olmstead — disse Shipley — têm dado à humanidade a mais clara concepção do universo sobre nós nos últimos cem anos, mais do que qualquer outro o fizera. Aqui é agora o ano 2026 d.C. e temos estabelecido por rádio comunicação regular com Marte, Vênus, duas das luas de Júpiter, e recentemente temos recebido mensagens de fora de nosso sistema solar, comunicação de um espaço interestelar! É isto verdade?

— De fato — respondeu La Rue. — Durante estes seis últimos meses, meu digno colega Jules Nichol e eu temos recebido mensagens (algumas das quais não muito compreensíveis) de dois planetas que orbitam ao redor de um dos sóis mais próximos. Essas mensagens demandaram anos para alcançar-nos, mesmo viajando a inconcebível nível de velocidade.

— Como vocês conseguem prosseguir com comunicação inteligente? Certamente que as linguagens devem ser bem estranhas — questionou Shipley, completamente interessado.

— Iniciamos todo o intercuro através de princípios matemáticos — respondeu o francês com um sorriso —, por meio dos exatos princípios pelos quais o universo de Deus é controlado. Estas leis nunca falham. Você sabe que os princípios matemáticos foram descobertos pelos homens, não inventados por eles. Esta, então, é sempre a base de nosso código, e nunca falha em trazer respostas inteligentes de outros planetas os quais seus habitantes chegaram a um grau de compreensão igual ou superior ao que nós mesmos possuímos. Não é um exagero de imaginação acreditar que poderemos algum dia receber uma mensagem de algum lugar no espaço, que foi enviada milhões de anos atrás e, da mesma forma, podemos aceitar a possibilidade de mensagens as quais estamos nós enviando agora pelo vasto universo alcançando algum remoto planeta, eras no futuro.

— Este de fato é um fascinante tópico — devaneou Henry Shipley —, mas o meu possui equivalente atração. Enquanto vocês alcançaram as estrelas, eu mergulhei em meio aos prótons e

elétrons. E quem, meu estimado colega, nestes dias de avanços científicos, pode dizer que eles só não são idênticos exceto pelo tamanho? Planetas orbitam ao redor de seus sóis, elétrons ao redor de seus prótons; o infinito, e o infinitesimal! O que os distingue?

O homem mais velho inclinou-se para frente, sua mão branca agarrando a mesa desordenada.

— O que os distingue, você pergunta? — murmurou ele roucamente. — Isto, e isto somente: *tempo*, a quarta dimensão!

Os dois homens encararam-se em profundo silêncio, então La Rue continuou, sua voz novamente ao normal: — Você disse um momento atrás que meus sistemas planetários e seus átomos são idênticos, exceto por uma coisa: a quarta dimensão. Em meu macro mundo de infinita grandeza, nosso sol, um milhão de vezes maior que esta Terra, o gigantesco Júpiter, e todos os outros planetas em nosso pequeno sistema, pareceriam tão diminutos como um átomo, uma coisa invisível até mesmo ao mais poderoso microscópio. Nosso micromundo seria como um único átomo com elétrons envolvendo-se ao seu redor, comparado ao nosso sistema solar, sol e planetas. Acredito que o átomo invisível é outro universo com seu sol central e planetas orbitantes, e que ali também exista um macroverso no qual nosso sol, a Terra e todos os planetas são somente um átomo. Pois, a quarta dimensão!

La Rue pegou uma minúscula partícula de poeira da mesa e ponderou um momento em silêncio, prosseguindo em seguida: — Quem sabe se esta pequena partícula de matéria que eu seguro pode conter um universo em seu micromundo, e que durante nossa conversa, eras podem ter passado para os possíveis habitantes dos planetas aqui? Então, nós vamos ao fato de que o tempo é a quarta dimensão. Deixe-me ler para você o que um cientista do passado escreveu, um homem que era tão a frente de seu tempo que foi totalmente desvalorizado:

— “Se você vivesse em um planeta infinitesimalmente pequeno, ou infinitamente grande, você não saberia a diferença. Tempo e espaço são, afinal de contas, puramente relativos. Se à meia-noite de hoje, todas as coisas, incluindo nós mesmos e nossos instrumentos de medição, fôssemos reduzidos a um tamanho

milhares de vezes menor, estaríamos praticamente inconscientes de quaisquer mudanças.”

— Mas eu desejo ler a você a mensagem que recebi em minha estação de rádio na Torre Eiffel, em Paris.

La Rue retirou um papel de um de seus bolsos e leu o seguinte radiograma de Marte:

— “A mais terrível das catástrofes recai sobre nós. Nós estamos saindo do sistema solar! O sol torna-se diariamente menor. Em breve estaremos mergulhados na escuridão eterna. O frio está se tornando insuportável”.

Quando o francês terminou a leitura, continuou dirigindo-se ao físico: — Poucos astrônomos estão conscientes do êxodo de Marte do sistema, mas estão ocultando isso do público temporariamente. O que pensa você de tudo isto, Shipley?

— O fenômeno é bastante claro — respondeu este último. — Alguns seres inteligentes neste cosmo mais vasto ou macrouniverso, no qual somos nada mais que uma molécula, iniciaram um processo muito comum na química, um processo no qual um ou dois elétrons em cada átomo são afastados, resultando, como você já sabe, na formação de um novo elemento. Este processo irá causar uma reordenação em nosso universo.

— Sim — sorriu La Rue, significativamente —, todas as vezes que executamos uma experiência similar, milhões de planetas deixam seus sóis neste cosmo minúsculo ou micromundo. Mas por que isso não é igualmente tão comum à nossa volta?

— É aí que o elemento tempo entra — respondeu seu amigo. — Pense na raridade de tal processo sobre uma molécula particular ou num grupo de moléculas, e você claramente verá o porquê de isto nunca ter acontecido em toda era temporal que nosso universo passou.

Houve um momento de silêncio em que ambos os homens se deram conta de sua incapacidade humana de compreender até mesmo numa vaga concepção a ideia de relatividade. Este silêncio foi quebrado pelo estrangeiro, que falou em ávido sotaque: — Não retornaria você, meu amigo, junto de mim à Paris? E então, juntos em minha estação de rádio, ouviremos as mensagens do evasivo Marte.

II

A estação de rádio de La Rue era o lugar mais interessante que Shipley já havia visitado. Aqui haviam sofisticados instrumentos de televisão. Um observador, desta torre, poderia tanto ver como ouvir qualquer lugar do globo. E até enxergar além de nossa Terra o que ainda não havia sido cientificamente aperfeiçoado.

La Rue esteve ansioso para ouvir de seu assistente quanto a qualquer nova mensagem de Marte. Estas poderiam ter sido encaminhadas para ele enquanto estava nos Estados Unidos, mas ele preferiu esperar até seu retorno à sua querida estação. Não havia nada surpreendentemente novo em nenhuma das comunicações. Todas mostravam desespero no tocante às possibilidades de sobrevivência dos marcianos, a sua rarefeita atmosfera, ao frio do espaço sideral. Conforme o planeta retirava-se e era perdido de vista até no mais poderoso telescópio, as mensagens tornavam-se mais fracas, e finalmente cessaram por completo.

Por esse tempo, o alarme se espalhara para além do círculo científico. Toda pessoa instruída ao redor do globo buscava explicações plausíveis para o fenômeno.

— Agora é tempo de sua revelação — encorajou La Rue. — Diga ao mundo o que você disse a mim.

Mas o mundo em geral não aprovou a teoria de Henry Shipley. As pessoas não chegaram à nenhuma unânime decisão. A opinião prevalente foi de que Marte tornou-se perverso e chegara tão perto para sondar os segredos do Criador, que fora banido para escuridão infindável como uma punição.

— É seu devido destino — disseram eles —, servir de alerta à Terra.

Os cientistas sorriram a esta interpretação. Como um corpo de homens esclarecidos e religiosos, sabiam que Deus não se opõe a que Sua Verdade seja conhecida, e que somente pelo conhecimento da Verdade poderemos tornar-nos completamente conscientes de Sua vontade quanto a nós.

Este leviano, vaidoso e egocêntrico mundo logo se esqueceria do destino do planeta vermelho e então... Bem, mas esta é minha

história!

III

Passaram-se cinco meses após o dia em que a rádio teve sua primeira transmissão da notícia surpreendente de que Marte já não mais girava em torno do sol, e que eu, James Griffin, havia sentado para o café da manhã com minha esposa e meus dois filhos, Eleanor e Jimmy Jr. Eu não sou e nunca fui um homem astronômico. Questões banais sempre me mantiveram ocupado demais para observar as estrelas, então não é de se admirar que as novidades da partida de Marte não me preocuparam tanto. Mas a questão toda fora, para meu desgosto, indiretamente, a causa de um terrível disparate em meu escritório.

— Marte estava mais perto do sol do que estamos — comentei um dia com Zuttell, meu assistente do escritório —, mas arrisco dizer que a velha disputa planetária já esteja ficando bastante ultrapassada nos dias de hoje.

Zuttell olhou para mim com uma expressão peculiar a qual até hoje não me esqueço.

— Não sabe você que Marte está mais distante do sol que a Terra? — disparou ele. — Pois então, homem do céu, não sabia você que a órbita de Marte é mais afastada do sol do que a nossa!?

Seus modos foram extraordinariamente convincentes, e interiormente eu estava mortificado por minha ignorância.

— Não é! — declarei teimosamente, então acrescentei fracamente. — De qualquer maneira, que diferença isso faz?

Seu olhar de maravilhada condescendência minou meu orgulho, e deste momento em diante sua já inflada confiança aumentou ainda mais. Em sua presença, eu parecia estar sofrendo de um complexo de inferioridade. Despejei a toda a culpa por minha perda de autoconfiança sobre o evasivo Marte, e secretamente desejei ao avermelhado planeta todo o tipo de má sorte.

Mas, voltando à mesa de desjejum. Minha esposa, Vera, colocou para mim uma segunda xícara de café e comentou docemente:

— Os Zutell estão vindo esta manhã, já que é feriado, querido, para ouvir ao rádio e ver a nova televisão. Você sabe que o

Presidente Bedford falará à nação do novo Capitólio, o qual será visto pela primeira vez na televisão. Se desejar, chamarei aos Marden também. Você parece gostar tanto deles.

— Que se explodam! — eu disse irritadamente. — Não pode você deixar os Zutell fora disso? Ed está sempre matraqueando alguma coisa sobre Júpiter e Vênus, agora que Marte se foi. Ele é insuportavelmente entediante!

— Ora, Jim — exclamou Vera, sorrindo um pouco —; tão certo quanto o destino, acredito que você esteja enciumado, somente porque...

— Enciumado! — irrompi. — Com ciúmes dele? Pois eu dou minha cara a tapa que...

— Eu sei que você dá. É exatamente isso — riu-se Vera —, é por isso que é tão engraçado que você se importe de não saber sobre Marte. É muito mais importante que você saiba mais sobre contabilidade de custos do que Ed sabe.

Vera estava certa, como sempre, e eu a recompensei com um beijo, até que Junior gritou dizendo que Archie Zutell viria para brincar com ele e Eleanor pelo gramado.

— Pois bem, vocês crianças darão o fora daqui — disse eu — e brincarão lá fora, se nós adultos esperamos ver alguma coisa do Presidente e ouvir seu comunicado, e, Jimmy, não permita que Archie imponha nada sobre você. Defenda seus direitos.

Imaginei Vera sorrindo indulgentemente e não gostei disso.

— Bem, de qualquer forma — falei —, eu gosto do jovem Marden e sua noiva. Esse camarada é realmente é astrônomo, mas nunca abre sua boca para falar sobre isso em lugares inapropriados.

A verdade era que Marden obtivera um alto grau em astronomia e lecionara sobre o assunto na Universidade local. Bastando atravessar a rua de nossa residência, que ficava defronte ao belo campus, estava o observatório, construído numa pitoresca elevação. Muitas manhãs de verão desde meu deplorável erro a respeito de Marte, visitei o observatório com Oscar Marden e aprendi muito de interessante sobre este hospedeiro estrelado.

As louças do café da manhã foram lavadas. Vera e eu nos sentamos diante de nossa nova televisão que trabalhava em combinação com a rádio. Era a inveja da vizinhança, havendo somente outros três aparelhos em toda a cidade que poderiam comparar-se com este. Faltava ainda trinta minutos para a hora programada de se iniciar o comunicado do Presidente. Acionamos o interruptor. O Vice-Presidente Ellsworth estava falando. Vislumbramos o grande espelho oval e vimos que ele falava diretamente do escritório de sua própria residência. Uma porta se abriu atrás dele e um homem alto entrou na sala, levantou sua mão em cavalheiresca saudação e sorriu para seus desconhecidos espectadores. Então, com entonações claras e ressonantes, começou a dirigir-se ao seu público invisível numa conversa preliminar precedendo o discurso que seria proferido nos degraus do novo capitólio.

Nesse ponto, os Marden e Zutell chegaram, e após a troca de algumas gentilezas, estavam confortavelmente sentados aguardando o principal comunicado da manhã.

— Cidadãos da República das Américas Unidas — iniciou o Presidente Bedford.

Eu busquei pelos monitores, e com uma ligeira manipulação, a voz do homem ficou tão limpa como se falasse conosco de nossa sala. Liguei o outro monitor e os contornos nebulosos se clarearam, mostrando a alta e masculina fisionomia na perspectiva adequada. Atrás dele erguiam-se as maciças colunas do edifício do novo Capitólio na América Central.

O comunicado, excepcionalmente inspirador, continuou enquanto nós seis em nossa cidade do centro-oeste víamos e ouvíamos, juntamente de outros milhões de espectadores pelo país, um homem a centenas de quilômetros de distância. O dia amanheceu nublado, mas logo o sol brilhava com deslumbrante esplendor. Enquanto isso o Presidente continuava falando de forma simples, mas eloquente, sobre o futuro de nossa grande república. Tão absorvidos estávamos nós seis, e indubitavelmente milhões de outras pessoas nos dois continentes, isso sem mencionar o extenso público ouvinte da rádio pelo mundo, que, por algum tempo, falhamos em perceber que a luz estava diminuindo. A Sra. Zutell

fora a primeira a fazer a observação casual de que a televisão estava ficando turva novamente, mas diante do pouco caso a seu comentário vindo de nossa parte, desencorajou-se a novas tentativas de estabelecer conversa.

Não muito depois, a porta escancarou-se e as três crianças entraram correndo, utilizando-se de todos os meios para que os mais velhos ouvissem aos seus frívolos enunciados.

— Mãe, está ficando escuro e frio — disse Eleanor. — Queremos nossos casacos.

— Acendam as luzes! — exclamou Jimmy, falando já enquanto as acendia.

Com o fluxo de luz, qualquer sentimento de crescente apreensão que pudéssemos ter sentido se diminuiu, porém, ao olharmos para as janelas, percebemos que lá fora estava escuro apesar de ser apenas dez horas da manhã.

Nossos rostos pareciam estranhamente ameaçados e abatidos, mas foi a expressão no rosto do jovem Marden que atraiu e prendeu minha atenção. Acredito, conforme revisito a memória daqueles terríveis tempos em minha mente, que Oscar Marden sabia então o que acometia este nosso velho mundo, mas ele não dissera uma só palavra na ocasião.

Voltamos nossas faces para a televisão novamente e ficamos maravilhados com a cena que foi nos apresentada. O Presidente Bedford cessara de falar e estava engajado numa séria conversa com outro homem que havia se juntado a ele. A crescente escuridão fora do Capitólio dificultou que se distinguisse a figura de nosso líder entre os outros, que em números cada vez maiores aglomeravam-se nos degraus do grande edifício. Então o Presidente novamente virou-se para os milhões de espectadores diante de seus rádios e televisões e falou. Sua voz estava calma, como condizia a um líder de uma grande nação, mas foi tomada de uma emoção que não escapou aos olhares do público que assistia e ouvia.

— Sintonizem seus aparelhos para Paris — disse o homem —, o notório astrônomo, La Rue, tem algo importante para nos dizer. Façam isso de imediato — acrescentou ele, sua voz assumindo um tom mais severo.

Levantei-me um pouco desajeitado e me atrapalhei tolamente com os monitores.

— Coloque mais velocidade aí, Griffin — disse Marden.

Foi a primeira vez que eu o tinha ouvido falar de outro modo que não de forma cortês, e percebi que ele estava muito agitado. Eu me atrapalhei por mais algum tempo até que Ed Zutell falou:

— Posso ajudá-lo, Jim? — perguntou ele.

— Apenas calando a boca e permanecendo como está — resmunguei ao mesmo tempo que torcia rudemente o teimoso sintonizador de longa distância.

Pouco depois que fiz isso: Paris, França, o observatório de Leon La Rue. Instantaneamente reconhecemos a barba do francês de fama astronômica; ele, que com Henry Shipley, informaram ao mundo o destino de Marte. Ele falava em seu jeito objetivo com muitas gesticulações.

— Eu repito, para o benefício daqueles que chegaram atrasados, que essa Terra está prestes a sofrer o destino de Marte. Não tomarei seu tempo para explicações científicas. Vocês tiveram isso no passado e muitos de vocês zombaram delas. É o suficiente dizer positivamente que estamos deixando o sol numa velocidade terrível e estamos mergulhando no grande vazio do Desconhecido. Qual será o fim, nenhum homem sabe. Nosso destino jaz nas mãos de Deus.

— Agora ouçam, meus amigos, e eu espero que todo o planeta esteja ouvindo o que digo: escolham sabiamente por alojamentos onde vocês terão um grande estoque de comida, água e combustível (quer você use energia atômica, eletricidade, óleo, ou mesmo o bom e velho carvão). Eu aconselho que todas as estações de energia elétrica sejam usadas como estações de suprimento, e os homens que nelas trabalham serão os verdadeiros heróis que irão salvar membros de suas respectivas comunidades. Aqueles que possuem máquinas de aquecimento atômico são de fato afortunados. Não há tempo para detalhar instruções. Vão... e talvez suas condutas sejam tais que serão a salvação futura da raça humana nesta crise.

A imagem escureceu, deixando-nos a encarar com faces pálidas um ao outro.

— Eu vou pegar as crianças — gritou Vera, mas segurei seu braço.

— Você não fará nada disso. Não devemos nos separar. As crianças irão retornar quando estiverem com frio o bastante.

Minha previsão estava correta. As palavras mal haviam saído de meus lábios quando os três entraram no corredor chorando. Estava ficando insuportavelmente frio. Todos percebemos isso. Desatamos confusamente a falar todos ao mesmo tempo, apanhando isso e aquilo até que já estávamos agindo como criaturas loucas.

Repentinamente uma voz alta e firme nos trouxe volta ao senso. Era o jovem Marden quem falava.

— Todos nós estamos agindo como idiotas — ele disse. — Com sua permissão, quero lhes dizer o que fazer se quiserem viver um pouco mais.

Seu autocontrole teve um efeito calmante sobre o restante de nós. Ele continuou a falar em tom baixo, mas com um inegável ar de maestria: — Meu observatório do outro lado da rua é o lugar para nossa hibernação. É aquecido por energia atômica, então não haverá perigo de faltar combustível. Ed, podem você e a Sra. Zutell trazer de sua casa em seu carro todos os suprimentos que vocês têm disponíveis imediatamente? Jim — estremeci ao ser tratado de forma tão familiar por um homem mais novo em idade que eu, mas nesta ocasião meu superior —, você e a Sra. Griffin, carreguem seu carro com toda sua comida disponível. Eu acrescentaria que vocês comprassem mais, mas a inevitável debandada aos supermercados fará com que isso seja desaconselhável agora. Minha esposa e eu traremos toda comida estocável que temos à mão; o suficiente para dois ou três anos, acredito, se consumidas cuidadosamente. Crianças — disse ele aos três que permaneciam olhando cada um de nós em terror incompreendido —, reúnam todos os casacos e lençóis que encontrarem aqui na casa dos Griffin!

Um novo respeito por esse homem me possuiu conforme nos colocamos todos a seguir suas ordens.

— Você cuida das crianças e reúna mantimentos — falei para Vera. — Vou ver se não consigo mais no supermercado. Devemos ter mais comidas conservadas e enlatadas do que estamos

habituaados a ter disponíveís no dia a dia. Tais comidas nos fornecerão o máximo de sustento com um mínimo de volume.

IV

Eu abri a porta, mas retornei imediatamente para me agasalhar mais. A sopro do inverno rugia a plenos pulmões, mesmo estando nós ainda no mês de junho. As ruas estavam iluminadas e no brilho imperfeito eu pude ver as figuras em pânico disparando para lá e para cá. Me apressei em direção a praça, que era exatamente o que todos pareciam fazer. Um homem esbarrou em meu cotovelo. Cada um de nós se virou e fixou olhares arregalados um sobre o outro. Reconheci o velho Sam McSween.

— Meu Deus, Griffin — exclamou ele —, o que tudo isso quer dizer? Ella tem estado deitada há uma semana, sem comida, e eu pensei que eu...

Eu o deixei relatar suas desgraças ao próximo passante. Meu objetivo era a Merceria de Barnes Cash. Havia uma multidão dentro da loja, embora o velho Barnes, seu filho e sua filha e dois funcionários extras estivessem atendendo a multidão o mais rápido que podiam. O tom nasal de Guy Barnes alcançou meus ouvidos e estaquei tremendo na porta de entrada.

— Não, os pagamentos são estritamente em dinheiro, amigos.

— Dinheiro! — bradou uma voz próxima à minha orelha. — Que bem o dinheiro fará a você no lugar onde todos estamos indo?

— Eu tenho dinheiro, Guy. Dê-me dez dólares de enlatados e vamos logo com isso! — gritou outro.

Pequenos roubos eram comuns, mas não havia ninguém que assumisse a autoridade para impedi-los. Todos agiam sob um único pensamento: o de conseguir comida, fosse por meios honestos ou sujos.

Logo encontrei-me próximo ao balcão balançando freneticamente no ar uma nota de dez dólares e duas de um.

— Você sempre me concedeu crédito por um mês ou dois de cada vez, Guy — disse eu, tentando persuadi-lo.

O velho vendedor balançou sua cabeça de um jeito determinado: — Dinheiro é a maneira mais segura de distribuir as

coisas justamente. O banco está aberto, Jim, mas a multidão por lá é pior do que aqui, disseram-me.

Eu encolhi meus ombros com resignação: — Me dê dez dólares de leite condensado, bandejas de carne, algumas frutas e vegetais.

Ele passou-me minha grande cesta de compras e forcei uma passagem através da multidão que saturava a rua. Havia menos pessoas na praça do que algumas horas antes. Em suas faces assentava-se uma sombria complacência, que era mais trágica do que o choque inicial havia sido.

Na esquina da Franklin com a Rua Principal, encontrei Dora Schofield, uma coleguinha de Eleanor. Ela chorava desesperadamente, e as mãos que seguravam sua cesta de compras estavam roxas do frio, que ficava mais intenso a cada momento.

— Onde você está indo, Dora? — perguntei.

— Minha mãe está doente e eu vou à mercearia do Barney por ela — respondeu a pequena garota.

— Você não conseguirá chegar até lá — falei. Meu coração apertava-se diante da visão de sua frágil fisionomia. — Abaixei a cesta até o chão e eu a encherei para você. Então você poderá correr de volta para sua mãe.

Ela cessou seu choro e fez como a ordenei. Preenchi sua pequena cesta a partir da minha própria.

— Agora apresse-se para casa — exclamei —, e diga à sua mãe para não deixar você sair novamente.

Eu tinha uma caminhada de cinco quarteirões diante de mim. Corri juntamente com outras figuras apressadas através da escuridão que se aprofundava. Soergui meus olhos aos céus e encontrei acima uma abóboda negra. Era meio-dia, e ainda assim tudo tinha aparência de noite. De repente, eu parei e olhei fixamente para um corpo celestial, o mais estranho que já tinha visto. Não parecia ser uma estrela, nem era a lua, pois era dificilmente maior que um quarto do tamanho da lua cheia.

— Poderia ser isso um cometa? — perguntei, em voz alta.

Então, com um choque, percebi que era o nosso sol, do qual estávamos abandonando em inconcebível velocidade. Tal

pensamento apavorou-me, e fiquei por alguns segundos sobrecarregado pela compreensão do que havia ocorrido.

— Suponho que Vênus nos concederá um pensamento passageiro, assim como fizemos com Marte, se ela ao menos...

Minha linha de pensamentos chegou a uma bruta conclusão, conforme tornei-me consciente de uma figura ameaçadora se aproximando de mim vinda da Rua Brigham. Tentei prosseguir, assumindo um ar confiante, embora minhas emoções certamente desmentissem meu semblante. Reconheci Carl Horvarder, um típico valentão da cidade de quem tive um infeliz encontro no passado, quando servia um comitê de melhoria cívica.

— Passe os mantimentos, e não leve o dia todo para isso — exigiu Hovarder, me olhando de forma combativa.

— É noite, não dia, Carl! — respondi calmamente.

— Não venha com “Carl” para cima de mim! — vociferou o valentão. — Entregue essa comida, isso não é opcional!

Eu parei para colocar a cesta de mantimentos no caminho entre nós, mas ao mesmo tempo peguei uma lata. Enquanto Carl se curvava para pegar a cesta, eu atirei a lata em sua cabeça com toda a força de que dispunha. Ele se abaixou gemendo de dor, permitindo-me pegar as coisas e fugir. Quando eu já estava a um quarteirão de distância, olhei para trás e o vi se levantar e inclinar-se incerto. Ele estava pegando a lata com a qual eu o havia acertado. Não me importei que ele ficasse com a comida contida nela. Aquela lata me fizera mais bem do que provavelmente faria Carl Hovarder.

A última etapa de minha jornada provou-se ser a mais desagradável, pois eu sofria com o frio e com o abatimento perante o destino da humanidade, mas, finalmente pude avistar o observatório.

V

A colina gramada sobre a qual jazia o edifício possuía uma elevação de seis metros, e a construção por si só não tinha menos que doze metros de altura, de forma que o observador no telescópio conseguisse uma visão desobstruída dos céus. O andar mais baixo era equipado como um laboratório de química, e ali, duas grandes salas universitárias haviam se unificado durante as aulas de química

e astronomia. O segundo piso, penso eu, poderia ser usado como quarto de dormir para as nove almas que sentiam eventualmente que o observatório seria seu mausoléu.

— Todos dentro? — gritei, enquanto corria para dentro do edifício e fechava a porta atrás de mim. Quão bem-vindo foi o calor que me envolveu!

— Sim, estamos aqui, e eu suspeito que você também esteja, a julgar pelas aparências — riu Vera.

Eu olhei para cada pessoa do pequeno grupo e de alguma forma senti que cada uma tentava sorrir bravamente, apesar do ar de tragédia que espreitava entre nós.

Com o avançar da tarde, pensei em nosso rádio e aparelho televisivo, e decidi ir em casa para pegá-los. As ruas estavam desertas e cobertas por muitas polegadas de neve e o frio era o mais intenso do que eu jamais havia experimentado. A poucos metros do observatório havia um objeto escuro. Investiguei e descobri que se tratava de um cachorro congelado, tão duro como se fosse uma escultura de madeira, e tudo isso em poucas horas! Meus pulmões latejavam e, agora, enquanto olhava através da rua para nossa casa, pensei que por mais que desejasse muito reaver os equipamentos, valorizava em mais alta conta a minha vida. Assim, voltei-me e refiz meus passos até o observatório.

Os rapazes ficaram desapontados porque ficaríamos excluídos da comunicação com o mundo exterior, mas o essencial para a vida era de importância primordial. Engolimos nossas decepções ali e ainda muitas vezes futuro, quando de tempos em tempos sentíamos falta dos luxos da vida moderna aos quais estávamos acostumados.

Mais tarde, enquanto as crianças estavam sendo postas para dormir, nós homens subimos à sala do telescópio, onde vimos tristemente a diminuição do disco luminoso que provera de vida esta velha Terra por milhões de anos.

— Suponho que este é o jeito que o velho Sol olhava para os marcianos dias antes de sua desintegração de nosso sistema — comentou Ed olhando em minha direção.

— Os habitantes de Marte viram em seus céus uma esfera muito maior que esta — replicou Oscar, ajustando o instrumento. —

Estamos muito além dos confins de nosso sistema solar. O que vocês veem ali, rapazes?

Olhamos alternadamente através da lente e contemplamos o brilho de uma estrela ligeiramente menor do que nosso antes glorioso sol aparentava ser.

— Esse é Netuno — explicou Marden —, o planeta mais distante do sistema.

— Então estamos entrando no desconhecido! Até onde iremos, Marden?! — exclamei, repentinamente sobrecarregado pelo horror de toda essa situação.

O jovem astrônomo encolheu seus ombros.

— Eu não sei. Mas não devemos ser o único mundo morto lançado no espaço! O vazio está cheio deles. Acho que foi Tennyson quem escreveu...

— Deixe Tennyson para lá! — eu praticamente gritei. — Me diga, você acha que esse é... o fim?

Ele acenou pensativo e então repetiu:

— Mestre Tennyson escreveu: “Um sol pode, planeta por planeta, cobrir com a poeira de uma raça devastada”.

— Dizer isso é tão alegre quanto um serviço funerário — disse Zutell. — Eu vou descer para junto das mulheres. Posso ouvir seus risos. Elas têm nervos melhores que os nossos. Vocês dois velhos rabugentos podem continuar com seus uivos de calamidade. Eu vou sorrir um pouco mais antes que eu vire um pedaço de carne congelada.

— Ed está certo, para variar — ri —, isso não ajudará em nada.

VI

Não ganharia nada com um cálculo detalhado da partida da Terra através do espaço interplanetário, mesmo assim... Segundos, minutos, horas, dias, semanas e meses perdiam sua significância para os isolados habitantes do mundo que havia se extraviado. Uma vez que o tempo sempre houvera sido calculado pelos movimentos da Terra em relação ao Sol, não havia mais como determinar a passagem correta do tempo. Em verdade, algumas poucas olhadas entre os membros de nosso grupo nos auxiliariam na determinação aproximada da passagem do tempo de acordo com os antigos

padrões que estávamos acostumados. O quanto sentíamos falta da luz do dia, nenhum ser poderia imaginar sem nunca ter passado pela mesma experiência que nós!

— A lua ainda está sobre nós? — perguntei uma vez para Marden.

— Não posso definitivamente confirmar isso — ele respondeu. — Sem a luz do sol refletindo sobre a superfície da Terra, isso confunde minha observação a este respeito, mas imaginei inúmeras vezes que periodicamente um objeto estivesse passando entre nós e as estrelas. Em breve terei minhas observações confirmadas, no entanto. Como eu sinto falta da radiocomunicação, pois sem dúvida, tais questões sobre prós e contras já estariam sendo discutidas! Ainda giramos em torno de nosso próprio eixo, mas uma vez em cada vinte sete horas e não vinte e quatro. Eu não entendo!

Oscar gastou virtualmente todo seu tempo no observatório. Nem sempre ele nos premiava com suas descobertas ali, visto que era uma pessoa naturalmente taciturna. Quando falava, era porque geralmente tinha algo que de fato valia a pena ser contado.

— Lembra-se que eu disse que a Terra continuava a rotacionar em seu eixo, mesmo que devagar, apesar de não girar mais em torno do sol? — ele disse no dia que completávamos aproximadamente cinco meses de nosso errante interestelar. — Também lhes disse que uma calamidade deveria se suceder na Terra conforme sua rotação falhasse, as águas se acumulariam e cobririam os continentes. Não contei a você antes, mas eu havia calculado que a Terra estava gradualmente parando de girar. Entretanto, não precisamos temer os oceanos, pois estão congelados. Também posso acrescentar que com esse decréscimo em nossa velocidade de rotação, há uma grande aceleração em nosso voo. Em menos de um mês, devemos estar mergulhados numa velocidade muitas vezes maior de que a nossa atual.

Foi como Oscar havia previsto, e em poucas semanas as posições dos corpos celestes mostraram que a Terra era arremessada a diante na velocidade da luz. Ao final de dois anos, nossos mantimentos estavam se acabando, mesmo a despeito do racionamento restritivo em que havíamos imposto. O telescópio tornou-se nosso consolo nas horas solitárias, e através de suas

gigantes lentes nos tornamos conscientes quanto ao que o futuro nos reservava. Lisonjeio-me pelo fato de haver sido eu o primeiro a quem Oscar revelara sua temível descoberta.

— Diga-me o que você vê — pediu-me ele, abdicando de seu assento para que eu o ocupasse.

— Vejo uma estrela muito grande — respondi —, consideravelmente maior que qualquer uma perto dela.

Ele acenou com a cabeça.

— Jim, irei contar algo a você que não pode ser dito para os sete que estão lá embaixo, pois eu confio que você pode manter isso em segredo. Já sei há algumas semanas que estamos indo para essa estrela tão diretamente quanto um dardo!

Eu devo ter ficado pálido pois ele olhou para mim de maneira apreensiva e acrescentou:

— Não se permita preocupar-se. Lembre-se, completa resignação a qualquer destino que se reserva a nós é a única maneira de se encontrar com a catástrofe natural.

— Sim — concordei. — O homem pode ser o mestre de seu próprio destino quanto seu relacionamento junto de seus colegas, mas ele não tem controle num caso como esse!

— Qualquer que seja — Marden sorriu, e eu achei que parecia ser o sorriso mais simpático do mundo, exceto pelo de Vera.

— Se estamos destinados a mergulhar precipitadamente dentro deste sol que jaz em nosso caminho, e é o que indubitavelmente o que está nos impulsionando para frente, você pode descansar certo de que o sofrimento humano será mais curto com este sol e do que seria penetrando o abismo do eterno vazio. Pois se mergulharmos nisso, a Terra se tornará apenas uma massa gasosa.

— Me conte — implorei —, é por não estarmos rotacionando que somos ameaçados com esse terrível desastre?

— Sim, acredito que sim — respondeu ele devagar. — Se tivéssemos continuado a rotacionar, poderíamos escapar da poderosa força de atração deste sol.

VII

Desde que o jovem Marden depositara sua confiança em mim, passei muitas horas de cada período de vigília, pois não poderia

chamar este tempo de dias, ao seu lado estudando a estrela a qual ficava cada vez mais brilhante. Creio, conforme vejo em retrospectiva os anos de minha vida, que o crescimento em magnitude da estrela era a mais apavorante e sinistra visão que eu já havia contemplado. Muitas eram as vezes que, em sonhos, eu via a Terra indo de encontro ao inferno ardente. Invariavelmente acordava com um grito e coberto em suor. Permaneci, ao que parecia, por dias a fio, assistindo isso, fascinado como se estivesse sob a hipnótica influência de um olhar maligno. Finalmente, sua presença não mais poderia ser mantida em segredo dos outros, que viam através das janelas o brilho que aumentava com passar do tempo.

Impressa indelevelmente em minha memória foi a primeira excursão para o lado de fora após três anos de confinamento. Caminhando com cautela ao longo das ruas desertas, lembramos das antigas cidades de Herculano e Pompéia. Não eram cinzas e lava que ocasionaram a ruína de centenas de pessoas, o destruidor em nosso caso era intangível, mas não por isso menos potente. Muitas formas amontoadas e silenciosas eram vistas aqui e ali, trazendo lágrimas aos nossos olhos junto ao reconhecimento deste amigo ou daquele; mas as maiores tragédias estavam nas casas onde muitas famílias inteiras foram descobertas agrupadas em torno de uma fonte de calor qualquer que temporariamente contaram para as aqueceriam. Vimos que ninguém que dependera de carvão sobreviveu ao refrigério, enquanto que em alguns casos a fome dizimara toda a família.

A cena que nos causou o maior choque de reconhecimento foi a da loja de Guy Barnes. O velho merceiro se manteve no jogo até o final, e seu corpo foi encontrado atrás do balcão, onde ele aparentemente havia sido vencido pela intensidade do frio durante o atendimento de seus camaradas. A última onda de frio havia se desenrolado tão rapidamente que muitos tinham sido incapazes de se abrigar a tempo.

Depois viera a triste tarefa de enterrar os mortos. Ação imediata era necessária, pois a aproximação do novo disco solar acelerava o processo de decomposição. A mais simples cerimônia foi tudo o que

pôde ser feito pelos homens e mulheres que se esforçavam para retornar a viver no mundo dos vivos à normalidade pré-catastrófica.

O sol tornava-se terrível de se contemplar, pois era tão largo em diâmetro quanto o nosso antigo sol. Mas ainda parecia bom estar mais uma vez a céu aberto! As crianças corriam para lá e para cá, e Ed e eu fizemos uma corrida até a praça e voltamos. Nos exaurimos quase à morte em pouco tempo, mas era certamente um prazer aproveitar um pouco os dias neste brilho solar o qual nos havia sido negado por tanto tempo.

Chegou um momento em que não podíamos mais fingir ignorância quanto ao fato de que tornava-se inconfortavelmente quente. Finalmente decidimos fazer como todos os outros estavam fazendo; pegamos nossas posses materiais e nos movemos para a parte da Terra onde o calor não insidia tão diretamente.

Ed veio, esfregando o lenço em sua testa.

— Vocês estão prontos? — perguntou. — Estamos todos abastecidos. Os Marden vão em nosso carro.

Caminhei até a porta e olhei através da paisagem queimada diante do gigantesco orbe de fogo. De repente soltei uma exclamação assustada. O novo sol não estava em seu lugar de costume nos céus. Estava vários degraus mais abaixo, e em direção ao Leste!

— Olhem! — disse, apontando com o dedo trêmulo. — Meu Deus... Vocês veem?

Creio que Ed concluiu que eu tivesse ficado maluco, mas seguiu a direção do meu olhar.

— Jim, velho amigo, você está certo — proferiu ele —, tão certo quanto Marte estava mais distante que nós, esse sol está se pondo, o que significa...

— Que estamos rotacionando em nosso próprio eixo e provavelmente girando em torno do novo sol — terminei triunfalmente. — Mas estamos girando de leste a oeste ao invés de oeste a leste, como antigamente. Se o mundo todo não fosse tão temperamental hoje em dia, eu pensaria me foi dada alguma bebida alcoólica de nossos ancestrais!

Nessa noite, as pessoas da cidade que ainda não haviam imigrado para regiões mais frias realizaram uma comemoração no Parque Central. O orador principal da noite foi Oscar Marden, que explicara às pessoas quais cambalhotas nosso planeta havia dado durante estes últimos três anos. Após seu discurso, notei que ele permanecia olhando o céu como se fosse incapaz de trazer sua atenção para a Terra.

— Diga, você virá para o observatório comigo agora? — perguntou ele enquanto eu conversava com um grupo de amigos.

— Estarei lá daqui a pouco — respondi.

A meio bloco de distância, vimos Ed Zutell indo em direção à casa.

— Precisamos dele? — perguntei, não muito à vontade. — Não podemos conversar em algum beco qualquer? Eu gostaria de ter essa reunião sozinho já que, pelo que sei, você deve ter algo importante a me dizer.

— A última parte do que você disse está certa, mas a primeira, não. Eu tenho algo para mostrar a ele também.

Quando nós três estávamos novamente no lugar em que passamos os últimos três anos, Marden olhou por mais algum tempo os céus através do grande instrumento. Finalmente ele virou para nós com um sorriso irônico nos lábios e um brilho nos olhos.

— Deem uma espiada, garotos, e digam o que veem — esforçou-se em vão em conciliar sua diversão.

Nós dois concordamos que víamos uma estrela avermelhada.

— Esta estrela vermelha — disse Oscar —, é o nosso velho amigo Marte, e ele está girando numa órbita entre nós e o sol!

Ed e eu olhamos um para o outro silenciosos por alguns segundos; então, sem uma palavra, Ed se ajoelhou diante de mim como os árabes fazem de frente para Meca.

— O que isso? — perguntei, de certa forma assustado, me questionando se o confinamento de três anos não o havia deixado maluco.

Oscar estava rindo tanto que teve que segurar o telescópio para apoiá-lo, então concluí que não havia nada sobremaneira incomum na situação.

— Estou adorando a um deus — disse Ed —, pois chamaria assim qualquer pessoa que pudesse mover os planetas de acordo com suas concepções de onde eles deveriam estar.

— Eu gostaria de levar o crédito — ri, e depois, mais seriamente —, mas uma autoridade maior que a minha tem o comando dos movimentos dos planetas.

— Bem, certamente é estranho como você tem jeito para tudo — resmungou Ed.

IX

Há um pouco mais para contar. O mundo rapidamente se adequou ao seu novo ambiente. As pessoas se acostumaram com o nascer do sol do oeste para o leste.

Vera estava inefavelmente encantada com o novo sistema de tempo o qual se fizera necessário graças ao aumento da órbita da Terra. Na medida em que agora exigia-se um pouco mais de dois anos para o planeta fazer a jornada em torno do sol, Vera entendia que ela possuía agora menos que a metade de sua antiga idade, e essa nova maneira de pensar, devo acrescentar, foi adotada sem perda de tempo por muitas outras de seu gênero.

O grande sol rendera à Terra lugares habitáveis em seus polos, e, é estranho dizer, causara apenas um pequeno aumento de calor em seus trópicos. Astrônomos provaram que apesar de ser um grande sol, ele não era tão quente, pois já estava nos tardios estágios do processo de resfriamento que eventualmente sobrevinha a todos os sóis. Em realidade, dois planetas já haviam iniciado sua jornada em torno deste gigante sol antes do advento de Marte e da Terra, e o que eles pensavam da invasão de dois estranhos mundos foi evidenciado através da radiocomunicação.

Para os astrônomos desta nova era, o céu apresentou uma fascinante oportunidade para estudar os novos vizinhos no espaço.

E portanto, o experimento químico de super-moléculas deste novo vasto cosmos finalizava-se.

Tradução de **Tiffany Silva** e **Fabício Corradini**.

O Destino de Poseidonia

Que o terceiro vencedor do prêmio provar-se ser uma mulher foi uma das surpresas do concurso, pois, via de regra, as mulheres não são boas escritoras de cientificidade, porque sua formação e tendências gerais em assuntos científicos são geralmente limitadas. Mas a exceção, como sempre, confirma a regra, sendo a exceção neste caso extraordinariamente impressionante. A seguinte história possui grande charme principalmente porque não está carregada de ciência, mas qualquer que seja a ciência contida nela não é somente muito palatável, mas também altamente desejável, devido sua plausibilidade. Não apenas isso, mas você descobrirá que a autora mantém uma escrita fácil que prende seu interesse até a última linha. Esperamos ver mais da ciência da Sra. Harris nas edições de Amazing Stories.^[2]

I

A primeira vez em que eu olhei para Martell, eu senti um grande desgosto pelo homem. Ali surgiu entre nós um antagonismo que, no que lhe dizia respeito, poderia ter permanecido passivo, mas, diante as circunstâncias, tornou-se ativo de minha parte.

Quão distintamente eu me lembro da ocasião de nosso encontro na casa do Professor Stearns, diretor do Departamento de Astronomia da Universidade de Austin. A palestra que o professor se propôs em dar perante o Clube de Mentoria, do qual eu era um membro, tinha como tema o planeta Marte. As espaçosas antessalas da casa de Stearns estavam cheias de fileiras de cadeiras para a ocasião e, no final dos salões duplos, uma tela foi erguida com o propósito de apresentar visões telescópicas do planeta vermelho em seus vários aspectos.

Conforme entrei no salão após cumprimentar minha anfitriã, eu senti, mas não vi, uma presença não familiar, e a impressão que tive involuntariamente foi a de antipatia. O que eu vi foi o professor em pessoa engajado numa séria conversa com um estranho. Intuitivamente, eu sabia que era desta pessoa que emanava a hostilidade da qual eu estava consciente.

Ele era um homem um pouco abaixo da média em estatura. De primeira, eu percebi que ele não aparecia exatamente normal fisicamente e, mesmo assim, eu não consegui discernir no que ele

era deficiente. Não foi até eu ter passado a noite inteira na companhia dele que eu percebi claramente as peculiaridades de seu corpo. Talvez a característica mais marcante fosse a tonalidade morena-acobreada de sua pele, que não era muito diferente da de um indígena americano. O seu peito e ombros pareciam anormalmente desenvolvidos, seus membros e demais características, extremamente delgadas em proporção. Outra individualidade peculiar era que ele estava usando um gorro bem puxado para baixo na testa.

Professor Stearns atraiu minha visão e, com um aceno amigável de cabeça indicou seu desejo de que eu conhecesse o recém-chegado.

— Feliz em vê-lo, Sr. Gregory — ele disse calorosamente conforme apertava minha mão. — Eu quero que você conheça o Sr. Martell, um estranho em nossa terra, mas semelhante em espírito já que ele está interessado em astronomia e, particularmente, no mesmo assunto de minha palestra de hoje à noite.

Eu estendi minha mão para o Sr. Martell e imaginei que ele respondeu de forma relutante à minha saudação. Imediatamente eu soube o porquê. A textura de sua pele era muito fora do comum. Para fins comparativos, eu devo dizer que a mão dele não parecia muito diferente de uma esponja fina e seca. Eu não acredito que demonstrei qualquer visível surpresa, mas, por dentro, todo o meu ser se revolveu. Os olhos profundos e próximos do estranho pareciam procurar em mim qualquer manifestação de antipatia, mas eu me parabeno por minha postura exterior não ter sido perturbada pelo estranho encontro.

Os convidados se reuniram e, para minha amargura, descobri que estava sentado ao lado do estranho Martell. De repente, as luzes foram extintas para a apresentação das lâmpadas dos slides. A escuridão que nos cobriu era intensa. Horror supremo se apoderou de mim quando logo percebi duas luzes fosforescentes fracas à minha direita. Não havia dúvidas de sua origem. Elas eram os olhos de Martell, e ele me olhava de uma forma enigmática. Fascinado, eu encarei de volta aqueles orbes diabólicos com uma emoção semelhante ao terror. Eu senti que deveria gritar e depois atacar seu dono. Mas, no preciso momento em que meus nervos,

geralmente estáveis, ameaçaram me trair, as luzes gêmeas desapareceram. Um segundo depois, a luz da lanterna piscou na tela. Lancei um olhar furtivo na direção de Martell. Ele estava sentado com os olhos fechados.

— O planeta Marte deve ser de particular interesse para nós — começou Professor Stearns —, não apenas por conta de sua relativa proximidade, mas pelo fato de que existem visivelmente sobre sua superfície evidências inegáveis de trabalho humano, e eu estou inclinado a acreditar na existência de humanidade ali, não muito diferente da humanidade da Terra.

O discurso prosseguiu sem interrupções. A audiência permaneceu quieta e atenta, pois o Professor Stearns possuía a habilidade de prender seus ouvintes como num feitiço. Um grande mapa de um dos hemisférios de Marte foi jogado na tela e, simultaneamente, o estranho Martell segurou sua respiração bruscamente com um leve som de assobio.

O professor continuou: — Amigos, vocês observam que a diferença física mais destoante entre Marte e a Terra parece estar na relativa distribuição de terra e água? No nosso próprio globo, as partes terrestres são entidades distintas cercadas por vastas partes aquáticas, enquanto que, em Marte, a terra e a água são entremeadas por golfos, baías, cabos e penínsulas que requerem estudos cuidadosos para se assegurar do que é o quê. É minha opinião, e eu não compartilho dela sozinho, visto que muita discussão com meus colegas fez disso algo óbvio, que os contornos de terra peculiares são devido ao fato de que água está se tornando uma mercadoria muito escassa no nosso planeta vizinho. Muito do que agora é terra trata-se meramente de porções expostas de um antigo leito oceânico; este precioso fluido capaz de propiciar a vida agora ocupa apenas as mais baixas depressões. Podemos concluir que o olho telescópico, quando voltado para Marte, vê um mundo em declínio; o habitat de um povo lutando desesperadamente e em vão pela existência, com o inevitável extermínio que eles enfrentarão em um futuro não muito distante. O que eles farão? Se eles estão não mais avançados num estágio evolucionário do que uma cenoura ou uma medusa, eles acabarão por sucumbir ao destino, mas se eles são homens e mulheres como vocês e eu, eles

lutarão pela continuidade de sua raça. Eu estou inclinado à opinião de que os marcianos não irão morrer sem travar uma batalha corajosa, a qual resultará no prolongamento de sua existência, mas não na sua salvação completa.

O professor Stearns fez uma pausa. — Há alguma pergunta? — ele questionou.

Eu estava a ponto de falar quando a voz de Martell soou em meu ouvido, me assustando.

— A respeito deste mapa, professor — ele disse —, eu acredito que o golfo mais ao sul não é um golfo de maneira nenhuma, mas sim uma parte da terra que o cerca. Eu creio que você credita ao pobre planeta em decadência muito mais água do que ele realmente possui!

— É possível e até mesmo provável que eu tenha errado — respondeu o letrado —, e eu sinto muito se, de fato, aquele golfo seja retirado dos créditos dos marcianos, pois seu futuro parece muito obscuro.

— Apenas suponha — prosseguiu Martell, inclinando-se para o palestrante com grande interesse —, que os marcianos são possuidores de uma inteligência igual aos terrestres; o que eles poderiam fazer para salvar a si mesmos da extinção? Em outras palavras, para trazer a realidade mais próxima de nós, o que *nós* faríamos caso fôssemos ameaçados por um desastre como esse?

— Esta é uma questão muito difícil de se responder, uma a qual apenas uma opinião poderia se arriscar em resposta — sorriu o Professor Stearns. — “Necessidade é a mãe da invenção”, e, no nosso caso, sem a probabilidade da existência dessa mãe, nós dificilmente poderíamos arriscar um palpite quanto à natureza da prole. Mas, sempre, conforme os recursos da Terra vêm diminuindo, a mente da humanidade tem descoberto substitutos. Sempre há uma escapatória, e esperemos que nossos bravos vizinhos interplanetários sejam bem-sucedidos em resolver seu problema.

— Realmente, esperemos — ecoou a voz de Martell.

II

No momento de minha história, no inverno de 1894-1895, eu ainda não havia me casado e estava vivendo num hotel privado na

Avenida E. Ferguson, onde eu usufruía dos confortos de um quarto de solteiro muito bem mobilhado. Nos meus vizinhos, eu prestava pouca ou nenhuma atenção, absorvido no meu trabalho durante o dia e, durante a noite, ocupado em cortejar Margaret Landon.

Qual não foi minha surpresa quando, numa ocasião, enquanto eu entrava no corredor, em ver uma figura estranha, no entanto familiar, trancando a porta do quarto de hotel adjacente ao meu. Quase instantaneamente eu reconheci Martell, quem eu não avistava desde a reunião de algumas semanas atrás na casa do Professor Stearns. Ele não demonstrou mais prazer em nosso encontro do que eu, e depois de trocarmos alguns comentários superficiais, dos quais descobri que ele era meu novo vizinho, seguimos nossos respectivos caminhos.

Não pensei mais sobre o encontro, e, sendo eu nem abençoado nem amaldiçoado (conforme o caso) com uma curiosidade natural a respeito do que os outros pensam sobre mim, eu raramente encontrava Martell, e, nas raras ocasiões em que o encontrei, resumíamos nossos comentários ao tópico mais conveniente: o clima.

Entre Margaret e eu, parecia estar crescendo um afastamento inexplicável que aumentava conforme o tempo passava, mas apenas depois de cinco esforços inúteis em passar a noite na companhia dela que eu suspeitei da presença de um rival. Imagine a surpresa e o desgosto de descobrir que meu rival em pessoa era meu vizinho Martell! Eu vi os dois juntos no teatro e me perguntei, até mesmo com toda a modéstia, o que havia na figura desajeitada e no caráter peculiar de Martell que pudesse atrair uma garota bonita e refinada como Margaret Landon. Mas ele conseguiu atraí-la, pois era evidente, ao que eu os observava com os olhos de um amante invejoso, que Margaret estava fascinada pela pessoa que a escoltava.

Com uma raiva taciturna, procurei Margaret alguns dias depois, expressando minha opinião sobre seu novo admirador com nomes depreciativos. Ela me deu uma atenção calma e digna até que eu exaurisse meu vocabulário expressando minhas ideias sobre Martell, e então respondeu em defesa dele.

— Tirando a aparência pessoal, Sr. Martell é de um caráter enérgico e interessante, e eu me recuso a permitir que você dite quem meus associados devam ser. Não há razão que impeça nós três searmos todos amigos.

— Martell me odeia tanto quanto eu o odeio — eu respondi com ressentimento. — Isso é razão suficiente para que nós três não possamos todos ser amigos.

— Eu acho que você está equivocado — ela respondeu secamente. — Sr. Martell elogia suas qualidades como vizinho e comenta com frequência a respeito das suas virtudes excelentes quanto a tomar conta da sua própria vida.

Deixei a presença de Margaret bem desanimado.

— Então Martell aprecia minha falta de curiosidade, não é mesmo? — eu divaguei mais tarde conforme eu revisava mentalmente as palavras finais de Margaret, e ali dúvidas e suspeitas cresceram em minha cabeça. Se discrição era uma qualidade apreciada por Martell, havia uma razão pela sua estima por aquela faceta de meu caráter. Eu havia descoberto a presença de um mistério: Martell tinha algo a esconder!

Era Dia de Ano Novo, não o 1º de janeiro igual aos dias antigos, mas o Dia Extra de Nova Iorque, que fora espremido como uma entidade separada entre dois anos. Este novo reconhecimento cronológico fora estipulado em 1938. O calendário contava antigamente com doze meses que variaram em comprimento de 28 a 31 dias, mas com a adição de um novo mês e a adoção da uniformidade de 28 dias para todos os meses e a interpolação isolada do Dia de Nova Iorque, o sistema mundial cronológico foi vastamente simplificado. Foi, como eu dizia, no Dia de Ano Novo que eu me levantei mais tarde do que de costume e me vesti. O zumbido monotônico de uma voz advinda do quarto de Martell me incomodava. Estaria ele falando ao telefone com Margaret? Imediatamente, eu me curvei à ideia de performar um feito que eu não acreditava ser capaz de realizar. Uma inefável curiosidade me converteu em um espião e um bisbilhoteiro. Eu me ajoelhei e olhei pelo buraco da fechadura. Fui recompensado com uma visão de perfil desobstruída de Martell, sentado à uma mesa baixa na qual havia um mecanismo cúbico medindo de 15 a 18 centímetros em

cada ponta. Sobre ele, sobrevoava um vapor tênue, e dele saía um som estranho, ocasionalmente interrompido por comentários que Martell proferia em uma língua desconhecida. Pelos céus! Seria aquilo um rádio ultramoderno capaz de comunicar com o mundo dos espíritos? Pois somente assim eu conseguiria explicar o vapor peculiar que envolvia a pequena máquina. A televisão havia sido aperfeiçoada e usada por uma geração, mas até então nenhum instrumento fora inventado que enviasse mensagens dos “limites do desconhecido”!

Eu fiquei agachado naquela posição indigna até ser difícil que eu me levantasse, até o mesmo momento em que Martell fechou o aparelho misterioso. Estaria Margaret envolvida em qualquer esquema diabólico? Até mesmo esse pensamento me fazia suar frio. Com certeza que Margaret, a própria personificação da inocência e pureza, não poderia ser parceira em quaisquer empreendimentos nefastos! Eu resolvi ligar para ela. Ela atendeu ao telefone, e eu pensei ouvir agitação em sua voz.

— Margaret, aqui é George — eu disse. — Você está bem?

Ela respondeu fracamente à afirmação.

— Posso ir até sua casa agora? — eu pedi. — Eu tenho algo importante para lhe contar.

Para minha surpresa ela consentiu, e eu não perdi tempo em acelerar meu veículo até a casa dela. Sem comentários introdutórios, eu mergulhei na narrativa das ações peculiares e suspeitas de Martell, e finalizei implorando a ela que descontinuasse sua associação com ele. Com uma boa postura e dignidade femininas irresistivelmente encantadoras, Margaret me agradeceu pela minha preocupação por seu bem-estar, mas me assegurou que não havia nada a se temer quanto a Martell. Obter qualquer consideração dela foi como bater contra um muro de tijolos, então eu retornei aos meus solitários aposentos para meditar em quietude sobre a triste mudança que Martell havia trazido para a minha vida.

Mais uma vez eu olhei através da pequena abertura. Meu vizinho não estava em lugar nenhum que pudesse ser avistado, mas sobre sua mesa estava o que eu mentalmente nomeei como máquina-demoníaca. A suave névoa que anteriormente sobrevoara a máquina havia sumido.

No dia seguinte, ao levantar, fui atraído como por um ímã em direção ao buraco da fechadura, mas para minha profunda surpresa eu descobri que ela havia sido tampada pelo outro lado, e minha visão fora completamente obstruída!

— Bem feito para mim — eu murmurei pesaroso. — Eu devia me manter afastado dos assuntos particulares dos outros. Mas... — eu complementei como uma reflexão tardia em uma débil defesa de minhas ações — meu motivo é salvar Margaret desse canalha — e eu iria prová-lo como tal antes que fosse tarde demais!

III

O dia 6 de abril de 1945 foi um dia memorável nos anais da História, especialmente para os habitantes das cidades da costa do Pacífico em todo o mundo. Aparelhos de rádio zumbiram com notícias alarmantes e místicas de que, durante a noite, a linha do oceano havia retrocedido vários metros. Qual cataclisma da natureza poderia ter causado o desaparecimento de centenas de toneladas de água durante apenas vinte e quatro horas? Cientistas arriscaram uma explicação de que perturbações internas haviam resultado na abertura de uma vasta fissura submarina na qual a água havia se derramado.

Esta explicação, por estupenda que fosse, soava plausível o suficiente e foi aceita em sua grande maioria pelo mundo a fora, que estava muito ocupado acumulando ouro e prata invés de se preocupar com a perda de quase um milhão de toneladas de água. Quão breve nós então percebemos que a importância relativa do ouro e da água seria revertida, e que a humanidade seria forçada a um novo conceito de valores, o qual traria a ela uma completa percepção de suas ideias errôneas.

Maio e junho passaram sem muitas mudanças na monotonia que havia se instalado em minha vida desde que Margaret Landon havia parado de se importar comigo. Numa manhã no começo de julho, eu recebi um telefonema de Margaret. A voz dela entregava um estado mental agitado, e, por mais que eu me lamentasse por ela estar preocupada, eu fiquei feliz que ela havia se voltado para mim em seu desespero. Esperança brotou nova em folha em meu peito, e eu disse para ela que estaria em sua casa sem demora.

A governanta taciturna me permitiu entrar, e eu corri até a biblioteca onde Margaret se levantou para me cumprimentar conforme eu fui entrando. Havia marcas de lágrimas em seus amáveis olhos. Ela estendeu ambas as mãos para mim como um gesto de espontaneidade, algo que estava faltando em seu manejar comigo desde o advento Martell. No papel de protetor e conselheiro, eu senti que estava prestes a ser reinstalado em sua consideração.

Mas minha felicidade teve vida curta quando eu vi uma figura debruçada sobre a grande escrivaninha e a identifiquei imediatamente como sendo a de Martell. Então ele ainda estava no páreo! Margaret me convocara porque seu amor estava em perigo! Eu me virei para ir embora, mas senti uma mão me restringindo.

— Espere, George — a garota suplicou. — O médico chegará a qualquer momento.

— Então deixe que o médico o atenda — eu respondi friamente. — Nada sei da arte da cura.

— Eu sei, George — Margaret persistiu —, mas ele mencionou seu nome antes de perder a consciência, e eu acho que ele quer falar com você. Você não esperaria, por favor?

Eu parei, hesitante pelos tons suplicantes daquela a quem eu amava, mas no momento em que a empregada anunciou o médico, eu saí apressadamente.

Nem é preciso falar que eu senti culpa quando retornei aos meus aposentos.

— Ora... — eu argumentei conforme me sentei confortavelmente diante meu aparelho de rádio —, um amante rejeitado teria de ser um espécimen humano de muita magnanimidade se fosse sair fazendo favores ao seu rival. De qualquer forma, o que eles acham que eu sou: um idiota?

Eu gostei bastante de sentir essa consciência de justa indignação, mas perturbadoras visões de Margaret me deixaram com um sentimento desconfortável de que havia muito a respeito do caso que era incompreensível para mim.

— *O avião transatlântico tripulado, Pegasus, desapareceu misteriosamente* — disse a voz do repórter de notícias. — *Um membro da tripulação foi encontrado narrando um conto fantástico e esquisito, sem muita credibilidade dada pelos seus pares. De acordo*

com a história, Pegasus estava sobrevoando a travessia do meio do oceano noite passada mantendo uma altitude de três mil pés quando, sem nenhum aviso, a máquina começou a subir. Alguma força externa estava puxando o avião para cima, mas de onde? O mecânico resgatado, o único de todos os passageiros do fadado avião, manteve o sangue frio ao manipular um paraquedas e descer em segurança antes que o ar ficasse rarefeito demais para respirar e antes que ele e o paraquedas fossem atraídos para cima. Ele firmemente afirma que o avião não poderia ter caído mais tarde sem o seu conhecimento. Aviões, barcos e submarinos de resgates enviados até o local nesta manhã confirmam a narrativa aparentemente maluca. Nenhum vestígio do Pegasus foi encontrado acima, na superfície ou abaixo da água. Estará esta tragédia conectada de alguma forma com o recuo do nível do mar? Teria alguém alguma teoria? Diante de tal inexplicável enigma, o governo irá ouvir o avanço de quaisquer teorias na esperança de solucionar o mistério. Por muitas vezes no passado as chamadas sábias pessoas falharam em dar ouvidos aos avisos de teóricos e sonhadores, mas agora nós sabemos que estes últimos possuem um sexto sentido que os capacita a ver aquilo que a grande massa da humanidade não consegue.

Eu estava admirado com o destino de *Pegasus*. Eu havia voado duas vezes naquela maravilhosa máquina três anos atrás, e eu sabia que o avião era a última palavra em viagens aéreas luxuosas.

Não sei quanto tempo eu passei ouvindo o boletim de notícias e testemunhando vislumbres cênicos de assuntos mundanos, mas de repente veio à minha mente, e lá permaneceu, um pensamento persistente e muito inquietante. Várias vezes eu o dispensei como indigno de qualquer consideração, mas ele continuou em minha mente com absoluta tenacidade.

Depois de uma hora de prós e contras mentais, eu liguei para o escritório do hotel.

— Aqui quem fala é Sr. Gregory, da suíte 307 — eu me esforcei para manter minha voz estável. — O Sr. Martell, do 309, está doente na casa de uma amiga. Ele pediu para mim que eu levasse alguns de seus pertences até ele. Eu poderia ter as chaves de seu quarto?

Houve uma pausa que, para mim, parecia interminável, mas então soou a voz do recepcionista: — Certamente, Sr. Gregory. Eu vou enviar um garoto com a chave num instante.

Eu me senti um culpado da pior estirpe enquanto entrava na suíte de Martell alguns momentos depois e olhei ao meu entorno. Eu sabia que poderia sofrer interferência de qualquer parte a qualquer momento então eu não perdi tempo fazendo uma procura generalizada no apartamento, indo direto ao objetivo de minha visita. A pequena máquina, que agora eu percebia ser mais intrincada do que havia imaginado ser quando a avistei anteriormente pela fechadura, continuava em seu mesmo lugar sobre a mesa. Ela possuía quatro alavancas e um discador, e eu decidi manipular cada um desses, um de cada vez. Eu comecei com aquele na extrema esquerda. Por um momento, nada aparentemente aconteceu, então eu percebi que acima da máquina uma névoa se formava.

No começo era fraca e nublada, mas a bruma rapidamente clareou, e ante minha visão assustada uma cena se mostrou. Eu parecia estar dentro de uma cabana de bambu olhando por uma abertura a qual proporcionava um vislumbre de uma praia de areia lavada pelas ondas e a silhueta de algumas palmeiras contra o horizonte. Eu poderia imaginar a mim mesmo numa ilha deserta. Me engasguei de espanto, mas nada se comparou ao choque que se seguiria. Enquanto meu olhar fascinado se demorava na cena diante de mim, uma sombra surgiu na entrada da cabana, e a figura de um homem apareceu para mim. Dei um grito rouco. Por um momento, eu pensei que havia sido transplantado cronologicamente até o descobrimento da América, pois o homem que se aproximou de mim tinha a semelhança genérica de um chefe indígena. De sua testa alta, penas brancas erguiam-se eretas. Ele não vestia roupas e sua pele tinha um matiz avermelhada que reluzia com um lustro acobreado na luz do sol. Onde teria eu visto características similares recentemente? Eu sabia! Martell! O indígena selvagem era uma réplica natural do suave e civilizado Martell, mas, ainda assim, seria o homem diante de mim um selvagem? Ao contrário, eu notei que seu semblante ilustrava uma inteligência notavelmente afiada.

O estranho se aproximou da mesa à qual eu parecia estar e levantou seu braço. Um grito abafado escapou dos meus lábios! As penas que eu pensei que formavam seu cocar estavam atadas permanentemente ao longo da parte superior de seus braços até uma ponta um pouco abaixo do cotovelo. *Elas cresceram ali*. Este estranho ser tinha penas no lugar do cabelo.

Não sei com qual força de espírito eu consegui retornar a alavanca à sua posição original, mas consegui e sentei-me fracamente olhando com vagarosidade o ar, onde, segundos atrás, uma cena vividamente tropical estivera visível. De repente, um zumbido baixo começou a se fazer ouvir. Apenas por um segundo eu estava mistificado, então entendi que o estranho na ilha deserta estava se empenhando em convocar Martell.

Fraco e atordoado, eu esperei até que o zumbido parasse e então relutantemente puxei a segunda das quatro alavancas. No início do experimento, os mesmos fenômenos foram repetidos, mas quando uma perspectiva correta se efetivou, uma cena diferente foi apresentada diante minha visão assustada. Desta vez eu parecia estar num quarto luxuoso preenchido com mobília cara, mas eu tive apenas tempo para um vislumbre muito fugaz, pois uma seção de jornal, que interceptava parte da minha visão, se moveu, e de trás de sua extensão impressa emergiu um ser com uma semelhança a Martell e ao indígena da ilha deserta. Foi preciso não mais que um segundo para desligar a conexão misteriosa, mas aquele momento curto foi de duração suficiente para me permitir ler o título do jornal nas mãos do homem de tom acobreado. Ele era o *Die Münchner Zeitung*.

Ainda estupefato pela rodada de eventos, foi com um certo grau de empolgação que eu continuei o experimento com a máquina-demoníaca. Assustei-me quando o mesmo zumbido soou após a desconexão do instrumento.

Eu estava a postos de manipular a terceira alavanca quando fiquei ciente dos passos ritmados no corredor lá fora. Será que eu estava levantando a suspeita dos oficiais do hotel? Deixando meu assento defronte à mesa, comecei a me mover pelo quarto como se estivesse reunindo os artigos que Martell pedira. Aparentemente

satisfeitos, os passos recuaram pelo corredor e logo estavam inaudíveis.

Febrilmente, atrapahei-me com a terceira alavanca. Não havia tempo a se perder e eu desejava loucamente investigar todas as possibilidades deste novo tipo de aparelho televisivo. Não havia dúvidas de que eu estava no caminho de uma organização nefasta de espões, e continuei trabalhando como um autodenominado Sherlock Holmes.

A terceira alavanca revelou um apartamento não menos suntuoso do que o alemão havia sido. Parecia estar desocupado no presente momento, e eu tinha tempo o suficiente para vistoriar sua mobília cara que possuía uma aparência oriental. Através de uma janela aberta no lado mais distante do quarto, visualizei uma mesquita com domos e minaretes. Eu não conseguia dizer com certeza se estava na Turquia ou Índia. Poderia ser uma das várias terras do leste, eu não conseguiria saber. O fato de o dono desse apartamento oriental estar temporariamente ausente me fez desejar saber mais a seu respeito, mas tempo era precioso para mim agora, e eu desconectei. Nenhum zumbido se seguiu, o que fortaleceu minha crença de que a manipulação da alavanca soava um zumbido similar que era audível nas várias estações conectadas com o propósito de realizar algum esquema perverso.

A quarta alavanca me levou para uma investigação mais profunda. Eu decidi ir adiante com minha pesquisa secreta mesmo que eu morresse no esforço. Logo antes de minha mão abaixar, o zumbido começou, e eu distingui pela primeira vez um brilho fraco perto da alavanca número quatro. Eu não ousei investigar a número quatro neste momento, pois não queria que eles soubessem que outra pessoa além de Martell estava na estação. Eu pensei em ir para o discador cinco, mas um amor inato pelo sistema me forçou a arriscar perder tempo invés de tirá-los da ordem. O zumbido continuou soando por uma duração normal de tempo, mas eu esperei até que tivesse cessado inteiramente antes que eu movesse a número quatro.

Minha alma regelou quando a névoa que emanava tomou forma. Um rosto, outra duplicata de Martell, mas se possível mais cruel, me confrontou, completamente preenchendo o espaço cheio

de vapor, e dois olhos fosforescentes cauterizaram um aviso nos meus próprios. Uma sensação nauseante rastejou sobre mim conforme minha mão se arrastou até a parte que conectava a número quatro. Quando cada vestígio do rosto ameaçador desapareceu, eu me levantei fracamente e andei alguns passos vacilantes pelo quarto. Uma campainha de telefone soava com grande insistência de algum outro quarto. Era o meu! Seria sábio atendê-la. Eu voei de volta para o meu quarto e fui recompensado com o som da voz de Margaret com uma nota de petulância nela.

— Por que você não respondeu, George? O telefone tocou várias vezes.

— Eu não podia. Estava tomando banho — menti.

— Sr. Martell está melhor — continuou Margaret. — O médico disse que não há perigo imediato.

Houve uma pausa e o som de uma voz rouca um pouco além das proximidades do telefone, e então a voz de Margaret reinterou.

— O Sr. Martell quer que você venha até aqui, George. Ele quer ver você.

— Diga a ele que vou me vestir depois do meu banho, e então eu irei — eu respondi.

IV

Não havia nenhum momento para desperdiçar. Eu voltei para o quarto de Martell determinado a ver tudo até o fim. Eu nunca fui sujeito a ataques do coração, mas certamente a sensação sufocante que me possuiu não poderia ser atribuída a nenhuma outra causa.

Um zumbido alto recepcionou minhas orelhas tão logo fechei a porta da suíte de Martell. Eu olhei em direção à máquina-demoníaca. As quatro alavancas estavam chiando ao mesmo tempo! O que eu deveria fazer? Não havia luz perto do discador número cinco, e ele era o único ainda não investigado. Meu curso de ação estava claro: testar o número cinco para minha satisfação, deixar o quarto de Martell e ir até a casa de Margaret Landon conforme eu disse a ela que iria. Mas era inevitável que Martell ficaria sabendo quando ele voltasse para sua televisão e rádio infernais. *Ele não deve voltar!* Bem, havia tempo o suficiente para planejar isso depois; agora, de volta para o número cinco.

Quando eu liguei o discador número cinco (pois, como eu afirmei mais cedo, era um discador e não uma alavanca), eu estava ciente de uma sensação peculiar de distância. Isso tirou um bocado do meu fôlego. Que parte remota da superfície da Terra seria relevada para mim?

Um sibilo afiado acompanhou a manipulação do número cinco e a névoa de vapores definiu muito devagar um formato. Quando finalmente parou, e estava aparente que não iria mais mudar de forma, a cena descrita era incompreensível para mim no começo. Eu encarei com olhos esbugalhados e respiração suspensa tentando ler qualquer significado nas combinações de formato e cor que se formaram na minha frente.

À luz do que ocorreu desde então, cujos fatos são conhecidos em todo o mundo, posso empregar à minha descrição um pouco de inteligência emprestada, por assim dizer, do futuro. No momento em que escrevo, entretanto, essa iluminação não era minha, e deve ter sido uma questão de minutos antes que o mais leve entendimento do significado da cena entrasse em meu cérebro incapaz de compreender.

Meu ponto de vista parecia estar um pouco aéreo, pois eu estava olhando para baixo para uma cena a possivelmente quinze metros abaixo de mim. Penhascos vermelhos e áridos e proeminências salientavam sobre ravinas secas e fendas. No plano imediatamente à minha frente e também através de uma ravina profunda, estendia-se uma área comparativamente elevada na qual ocorria algum tipo de atividade. Havia nele uma vaga sugestão de um estaleiro, mas não vi madeira alguma, apenas grandes pilhas montanhosas de metal opaco, entre as quais se moviam milhares de figuras ágeis. Elas eram homens e mulheres, mas quão estranho eles se pareciam! Seus corpos avermelhados não tinham roupas de qualquer tipo de descrição, e suas cabeças e ombros eram cobertos com longas penas brancas que, quando dobradas, cobriam seus corpos como xales. Inquestionavelmente, eles eram da mesma espécie que o estranho no deserto — e de Martell! Algumas vezes, as penas dessas estranhas pessoas ficavam eretas e se abriam como a cauda de um pavão. Percebi que, quando abertas como um leque, elas facilitavam a locomoção.

Olhei para o sol ao longe à minha direita e me perguntei se eu havia enlouquecido. Esfreguei as mãos em meus olhos e olhei novamente. Sim, era o mesmo sol, mas tinha pouco mais da metade do tamanho que costumava ter! Eu o assisti afundando com um olhar fascinado. Ele desapareceu rapidamente além do horizonte vermelho, e a escuridão desceu com apenas um momento de intermediário crepúsculo. Foi apenas olhando de perto que pude perceber que ainda estava em comunicação com o número cinco.

Logo a escuridão foi dissipada por um raio de luz advindo do horizonte oposto de onde o sol havia desaparecido. Tão rápido quanto eu pude seguir seus movimentos através dos céus, a lua entrou em meu campo de visão. Mas, espere, era mesmo a lua? Sua superfície parecia estranhamente não familiar, e ela também parecia ter diminuído em tamanho.

Enfeitiçado, eu assisti a pequena lua deslizar pelos céus enquanto escutava o ranger das ferramentas de metal dos trabalhadores abaixo. Novamente, uma luz intensa apareceu no horizonte além dos grandes montes de metal abaixo de mim. Rapidamente, um orbe maior que o sol em diâmetro apareceu. Então eu soube. Grande Deus! Havia duas luas atravessando o firmamento! Meu coração estava batendo tão rápido que chegou a abafar o som dos trabalhadores de metal. Eu continuei assistindo, inconsciente da passagem do tempo.

Vozes gritaram abaixo em grande comoção. Os eventos estavam escalonando para um importante clímax enquanto o pequeno satélite passava da minha linha de visão e somente a segunda grande lua ocupava o céu. Logo à minha frente e baixo no horizonte, ela pairava com sua margem mais baixa tocando os penhascos. Estava baixa o bastante agora para que algumas das estrelas maiores se tornassem visíveis. Uma em particular atraiu meu olhar e o segurou. Era uma grande estrela azul esverdeada, e eu percebi que os trabalhadores pausaram parecendo fitar em silenciosa admiração sua beleza transcendente. Então gritos atrás de gritos se levantaram, e eu observei maravilhado o espetáculo pelos próximos minutos, ou seriam horas?

Um grande volume esférico pairou à vista do lado direito da minha linha de visão. Fez-me pensar em nada mais, nada menos do

que um giroscópio de proporções gigantes. Parecia ser feito de metal, aquele o qual os trabalhadores abaixo usavam, e, enquanto ele reluzia no azul profundo do céu, se parecia com um grande satélite. Uma faixa de metal vermelho circulava-o com pontos iguais no topo e no fundo. Numerosas aberturas que se assemelhavam aos orifícios de um transatlântico surgiram na larga faixa central, de onde se estendiam pontas de metal. Eu os julguei como os “olhos” da máquina. Mas o que chamou minha atenção foi um objeto pendurado no ar abaixo do grande giroscópio, suspenso por algum tipo de força misteriosa, provavelmente magnética em natureza, evidentemente controlada de tal forma que, em certo ponto, ele estava exatamente contrabalanceado pela força da gravidade. As linhas de força aparentemente viajaram dos polos da esfera gigantesca. Porém o objeto completamente no meio do ar, tão firme e rígido quanto se descansado sobre a terra firme, era o desaparecido *Pegasus*, o epítome da habilidade científica humana, mas nas garras desse maroto sobrenatural, ele parecia um brinquedo frágil. Suas asas estavam dobradas e entortadas, dando a ele uma aparência estranha de uma ave nas garras de um gato.

Em meu feitiço de contemplação desse novo fenômeno, eu havia me esquecido da cena abaixo, mas, de repente, uma grande nuvem apagou a lua momentaneamente, então outra e outra em rápida sucessão. Grandes volumes de aeronaves estavam eclipsando a lua. Logo a cena foi toda obliterada pelas máquinas cujas velocidade aceleravam conforme elas alcançavam o ar mais elevado. Elas aceleraram continuamente em procissão sem fim, enquanto a estrela verde nos encarava serenamente! A estrela verde, a mais sublime do céu estrelado! Eu amava sua beleza pálida apesar de não saber por quê. Escuridão. A lua se pôs, mas eu sabia que aquelas formas assustadoramente gigantescas e ameaçadoras ainda aceleravam para cima e para frente. De onde?

A pequena lua novamente fez sua aparição, relevando mais uma vez aquela migração aérea sem fim. Foram-se horas ou dias? Eu havia perdido completamente a noção da passagem do tempo. O som de pés velozes, sucedidos por uma batida na porta me trouxe de volta para meus arredores imediatos. Eu tive a força mental de fechar a máquina, então eu me levantei e assumi uma atitude

defensiva conforme a porta se abria e várias figuras me confrontavam. Na frente deles todos estava Martell, sua face branca de raiva, ou era medo?

— Oficial, prendam esse homem! — ele gritou furioso. — Eu não dei a ele permissão de espiar meu quarto. Ele mentiu quando ele disse isso — aqui Martell se virou para o funcionário da recepção que estava atrás dos policiais.

— Falando em espiar — eu devolvi para ele. — Martell, você deve saber bem o significado dessa palavra. Ele mesmo é um espião — eu gritei para os dois policiais que não se moviam. — Porque ele... ele...

A partir de suas atitudes antipáticas, eu soube que a sorte não estava a meu favor. Eu mentira e fora encontrado nos aposentos privados de outro homem sem sua permissão. Seria uma questão de tempo e paciência antes que eu pudesse persuadir a lei de que, na verdade, eu tinha a justiça ao meu lado.

Fui algemado e levado até a porta justamente quando uma dor afiada como garras de gelo tomou o meu coração. Eu mergulhei na inconsciência.

V

Quando recuperei a consciência, dois dias depois, descobri que era o único ocupante de uma cela no hospital estadual para loucos. Mortificado ao extremo, implorei ao guarda que me libertasse, garantindo-lhe que não tinha problemas mentais.

— Claro, é o que todos eles dizem — o homem disse com um sorriso irônico.

— Mas eu devo ser liberto — eu reiterei impacientemente —, eu tenho uma mensagem muito importante para o mundo. Eu devo entrar em contato imediatamente com o Secretário de Guerra.

— Sim, sim — concordou o guarda afavelmente. — Nós vamos deixar você ver o Secretário de Guerra quando aquele cara ali — ele indicou com o dedão a cela oposta à minha — morrer de tanto beber veneno. Ele diz ser Sócrates, e cada vez que ele toma uma xícara de leite, ele tomba, mas ele sempre revive.

Eu olhei através do estreito corredor até um par de olhos que refletiam uma mente degenerada, então meu olhar se voltou para o

guarda que estava me olhando de perto. Virei-me para longe com um encolhimento de ombros desesperados.

Mais tarde naquele dia, o homem apareceu novamente, mas eu sentei em silêncio taciturno na quina da cela. Dias se passaram desse jeito até que enfim me ocorreu um meio plausível de comunicação com o mundo exterior. Perguntei se seria permitido ao meu bom amigo Professor Stearns me visitar. O guarda respondeu acreditar que isso poderia ser arranjado para algum momento da semana seguinte. Sabe-se lá como eu não fiquei demente, preso como estava, em solidão, com os pensamentos das revelações misteriosas que me perseguiram continuamente.

Certa tarde, o guarda, passando em uma de suas rondas habituais, jogou um jornal entre as grades da minha cela. Eu o agarrei ansiosamente e me retirei para lê-lo.

As letras titulares feriram minha visão com uma força quase tátil.

“Segunda Recessão Misteriosa do Oceano. O Poseidonia se foi!”

Continuei a ler todo o artigo, cujas letras encandeciam diante os meus olhos como vários pontos de luz.

“As águas dos oceanos recuaram mais uma vez, dessa vez no Atlântico. Cientistas especializados em sismologia estão sem palavras, incapazes de explicar o misterioso cataclisma visto que nenhum tremor de terra foi registrado. Já faz um pouco mais de três meses desde que as supostas fissuras submarinas abaixaram o nível do Oceano Pacífico em vários metros, e agora a mesma calamidade, porém a uma extensão maior, visitou o Atlântico.

“A Ilha da Madeira reporta peixes encalhados em sua costa ao número de milhares, um decaimento que ameaça à saúde da população da ilha. Dois navios mercantes dos Açores, e um outro a oitenta quilômetros de Gibraltar foram encontrados totalmente destruídos. Outro, o Transatlantia, reportou uma agitação nas profundezas do oceano, mas não teve explicações plausíveis dado que os céus estavam sem nuvens e não havia vento.

“‘Mas apesar disso’, transmitiu o Transatlantia, ‘grandes ondas nos emborcaram. Este distúrbio marinho durou a noite toda.’

“A seguinte mensagem do grande transatlântico, Poseidonia, nos traz a percepção de que Terra sofreu uma estupenda calamidade. Poseidonia realizava sua viagem transatlântica semanal entre Europa e América, e estava no meio do oceano quando sua mensagem foi transmitida para o mundo.

“Uma grande nuvem de objetos voadores de enormes proporções acabou de aparecer no céu apagando a luz das estrelas. Nenhum som anunciou a aproximação dessa estranha frota. Quanto à aparência, cada nave individual se assemelha a gigantescos balões. O céu escureceu com eles e, ao redor deles, o ar é úmido e opressor como se a atmosfera estivesse saturada ao ponto de condensação. Tudo está ordenado. Não há colisões. Nosso capitão nos deu ordens para virar em direção à Europa — nós viramos, mas os dirigíveis negros estão nos perseguindo. A velocidade deles é inconcebível. Será que o Poseidonia, a meras centenas de quilômetros por hora, conseguirá escapar? Uma grande nave está descendo sobre nós por cima e pela retaguarda. Não há escapatória. Pandemônio ruge. O inimigo...”

“E esse foi o final da trágica mensagem do bravo operador do Poseidonia.”

Eu joguei o jornal no chão e chamei alto pelo guarda. Sócrates, do outro lado do corredor, me olhou de forma suspeita. Estava começando a sentir que talvez o pobre sujeito demente não tivesse nada contra mim; que em breve eu seria na verdade um maníaco delirante.

O guarda veio em resposta ao meu chamado, entrou na minha cela e deu tapinhas nos meus ombros de forma tranquilizadora.

— Não se preocupe, meu velho — ele disse —, não há tão ruim quanto parece.

— Agora, olhe aqui — eu explodi com raiva —, ouça o que eu te digo: eu *não* estou louco! — quão fúteis minhas palavras soavam! — Se você enviar logo para mim o Professor Mortimer Stearns, professor de Astronomia em Austin, para uma conversa de uma hora, eu vou provar para o mundo que não sou demente.

— O Professor Stearns é um amigo muito querido meu — eu continuei, notando a suspeita em seu semblante. — Se você quiser,

vá até ele primeiro e descubra sua opinião verdadeira a meu respeito. Eu aposto que não será uma desagradável!

O homem girou as chaves de forma pensativa, e eu não emiti uma palavra, acreditando que uma postura silenciosa seria a mais efetiva na presente crise. Depois do que pareceu uma eternidade:

— Tudo bem — ele disse —, eu vou ver o que pode ser feito a respeito de conseguir uma visita do Professor Mortimer Stearns o mais rápido possível.

Eu restringi meu impulso para uma expressão efusiva de gratidão, visto que percebi que uma dignidade silenciosa corroboraria minha causa mais efetivamente.

Na manhã seguinte às dez horas, depois de uma vigia constante, eu fui felicitado com a visita mais do que bem-vinda do Professor Stearns absorto em conversa com o guarda ao longo do corredor. Ele era o salva-vidas e eu, o homem se afogando, mas será que ele se provaria uma ajuda ainda maior do que o salva-vidas proverbial? Eu com certeza esperava que sim.

Uma cadeira foi trazida para o professor e posta do lado de fora da minha cela. Eu arrastei a minha própria para mais perto também.

— Bem, isso é de fato desafortunado — disse Mortimer Stearns com um pouco de vergonha —, e eu sinceramente espero que em breve você seja solto.

— Desafortunado! — eu ecoei. — Não é nada menos do que uma calamidade.

Minha indignação vociferou de tal forma que assustou o bom professor e ele empurrou a cadeira um pouquinho, quase imperceptivelmente, para longe das barras a nos separar. No fim distante do corredor, o guarda me olhou de forma suspeita. Mas que inferno, será que meu último subterfúgio iria falhar comigo?

— Professor Stearns — eu disse com sinceridade —, tente me ouvir sem julgamentos, sim? Minha situação é desesperadora, e é necessário que pelo menos alguém acredite em mim antes que eu renda à humanidade o serviço que ela precisa.

Ele respondeu ao meu apelo com sua velha sinceridade, algo que sempre encantou seus associados.

— Eu ficarei feliz de ouvir sua história, Gregory e, se eu for de alguma utilidade, não hesitarei...

— Isso é esplêndido de sua parte — eu interrompi com emoção. —, agora para meu conto estranho.

Eu relatei desde o começo, sem omitir detalhes, por mais que parecessem triviais, a série de eventos que me trouxe até meu presente dilema.

— E sua conclusão? — perguntou o professor num tom estranho e vazio.

— Aqueles espiões marcianos, dos quais Martell faz parte, estão supervisionando, por rádio e televisão, um inacreditável roubo bem planejado da água da Terra a fim de repor seus próprios leitos oceânicos secos!

— Estupendo! — surpreendeu-se Professor Stearns. — Algo deve ser feito para prevenir outro arrastão. Vamos ver... — ele devaneou, — o intervalo antes foi de três meses, certo? Três meses nós devemos ter então para voltar a usar os instrumentos de guerra que (graças a Deus!) permaneceram inativos por tantas gerações. É o único modo de lidar com um inimigo formidável vindo de fora.

VI

Professor Stearns foi embora, mas havia esperança em meu coração onde antes reinava um sinistro desespero. Quando o guarda me deu o jornal da noite, eu o surpreendi com um agradecido “obrigado”. Mas minha diversão morreu cedo. Fitando-me do topo da lista de passageiros do mal-aventurado *Poseidonia* estavam os nomes dos Sr. e Sra. Landon e sua filha Margaret!

Sei que o guarda me classificou como um dos piores casos já registrados, mas senti que daquela vez o destino tinha sido cruel.

— Um pacote para Sr. George Gregory — berrou uma voz no corredor.

Graças à influência do Professor Stearns, eu agora podia receber correio. Quando o guarda percebeu que eu preferiria abrir o pacote sozinho, ele discretamente deixou-me aos mistérios do pacote.

Um cartão dentro trazia algumas poucas e, no entanto, insignificantes, palavras: “Para Gregory em lembrança de Martell”.

Eu suprimi um impulso de jogar a coisa amaldiçoada no chão quando eu vi que era o instrumento de rádio e televisão de Martell.

Pondo-o sobre a mesa, eu puxei uma cadeira e acionei cada uma das alavancas, mas nenhuma funcionou. Eu manipulei o discador número cinco. A ação foi acompanhada pelo mesmo sibilar que anteriormente havia assustado meus nervos. Devagar, a névoa fantasmagórica começou o processo de ajuste. Enfeitiçado, eu assisti à cena diante de meus olhos.

Novamente, tive a sensação de ver a tudo a partir de um ponto no alto. Era idêntico ao da última vez, mas a cena... seria ela a mesma? Devia ser... mas ainda assim! O solo vermelho e estéril estava agora fracamente visível atrás de uma vegetação. As altas paliçadas rochosas que delimitavam o abismo foram coroadas com moradias com telhados dourados, ou será que eram templos, visto que eram como o puro mármore dos templos gregos exceto na cor. Descendo os íngremes taludes fluíam rios de água brilhante que corria com um som agradável até o canal abaixo.

Os milhares de seres com suas naves de metal haviam partido, mas sentado num platô coberto por grama no lado esquerdo da cena estava um pequeno grupo de habitantes de penas brancas e pele avermelhada desta estranha terra. À distância, erguiam-se os penhascos coroados do templo. Uma figura permanecia sozinha e, com um gesto magnífico, mantinha os braços no ar. A grande coroa de penas se abriu seguindo a linha dos braços como as asas abertas de uma grande águia. A soberba figura permanecia parada e olhava o profundo veludo azul do céu, os outros seguindo o olhar de seu líder.

Involuntariamente, eu também observei a abóbada celeste onde nenhuma outra lua estava visível. Então, no alcance da minha visão, um grande objeto se moveu — o grande giroscópio aéreo — e, abaixo dele, diminuído pelo seu tamanho tão mais avantajado, pairava um moderno transatlântico, como uma joia no pescoço de um grande ogro.

Grande Deus — era *Poseidonia*! Eu soube agora, apesar da aparência terrestre do grande navio, que a cena que eu observava não era nem um pouco da Terra. Eu contemplava a vitória de Martell, o Marciano, que havia preenchido os canais de seu mundo com água da Terra, e até mesmo expunha troféus da nossa civilização para seus conterrâneos.

Fechei meus olhos para encerrar com aquela cena medonha e pensei em Margaret, morta e ainda a bordo do navio, congelada no frio absoluto do espaço sideral!

Por quanto tempo eu permaneci paralisado e horrorizado eu não sei, mas quando olhei uma última vez para a paisagem marciana, soltei um suspiro de incredulidade. Uma face encobriu inteiramente pela cena enevoadas, os traços amados de Margaret Landon. Ela estava falando e sua voz soava distante como a memória, de um som que quase não é audível e, mesmo assim, é muito real para a mente da pessoa em cuja mente o som residia. Era mais como se estivéssemos separados pelo tempo e não pelo espaço, entretanto eu soube que era no espaço, pois enquanto alguns poucos minutos do tempo passavam entre nós, milhões de quilômetros no espaço interferiam!

— George — veio uma voz doca e distante —, eu amei você, embora você fosse desconfiado e ciumento a respeito de eu ter aceitado o companheirismo de Martell, esperando fazer você cair na real. Eu não sabia do agenciamento maligno que ele havia estabelecido na Terra. Perdoe-me, querido.

Ela sorriu melancolicamente. — Meus pais morreram juntamente com centenas de outros no transporte do *Poseidonia*, mas Martell me trouxe do navio para a jornada em sua nave, então apenas eu fui salva.

Os olhos dela se encheram de lágrimas. — Não fique de luto por mim, George, pois eu irei retomar o fio da vida nestes estranhos, porém lindos arredores. Marte é de fato adorável, mas contarei mais a respeito dele em outra ocasião, pois não posso me demorar agora.

— Eu apenas gostaria de dizer — ela adicionou apressadamente —, que a Terra não precisa mais temer Marte. Há água o suficiente agora, e eu vou prevenir qualquer...

Ela se foi, e no lugar dela estava a face malevolente de Martell. Ele não vestia mais seu gorro, e suas penas estavam eretas como um raivoso peru macho.

Eu avancei instintivamente até o discador, mas antes que minha mão o tocasse, veio um som, não muito diferente do vapor escapando por uma chaminé, e instantaneamente a figura sumiu.

Eu não me opus ao desaparecimento do marciano, mas outro fato me causou remorso: a partir daquele momento, eu nunca seria mais capaz de ver o planeta vermelho apesar da pequena máquina. Toda comunicação havia sido fechada para sempre por Martell.

Apesar de muitos duvidarem da verdade da minha solução para o desaparecimento de *Pegasus* e *Poseidonia*, e ainda continuarem em sua procura pelas águas dos oceanos, eu sei que jamais nenhum dos dois serão vistos novamente na Terra.

Primeira publicação em: *Amazing Stories* v.02 n.03, junho de 1927,
sob o título: “*The Fate of Poseidonia*”.
Tradução de **Caroline Dias Gabani**.

Um Certo Soldado

I

Eu conheci Lee Clayton em Roma. A atração foi mútua, pois descobrimos que tínhamos muito em comum; ambos estudantes de história, gostávamos de viajar e tínhamos uma sede insaciável pela descoberta de esquecidos e aparentemente insignificantes de dados históricos que poderiam trazer nova luz sobre questões de debate.

Ao final de três semanas, havíamos percorrido a cidade das sete colinas da Flamínia à Via Ápia, entretendo-nos especialmente com as relíquias que nos dariam algum conhecimento do passado morto. Morto? Poderia o passado realmente morrer? Eu pensava, e acredito que meu amigo Clayton concordava comigo, que o passado vive ainda hoje. É imortal, mas em sua forma modificada é manifesto na influência e na posteridade. Esses dois em um fluxo de continuidade tornam a antiguidade de Roma uma realidade vital mesmo no século XX d.C.

Em uma noite quente, Clayton e eu voltamos para a varanda do hotel após um dia interessante entre as ruínas do Fórum Romano. Aos nossos ouvidos vieram os sons característicos da vida italiana; um fragmento de música com um tenor melodioso, uma exclamação aguda em staccato, o barulho das rodas de um táxi sobre paralelepípedos, e os ocasionais balidos de cabras cujo leite abastecia o bairro nativo. À nossa direita, a linha amarela do Rio Tibre era vagamente visível.

Clayton sorriu em compreensão e acenou com a mão em direção às ruas abaixo enquanto se afundava voluptuosamente em uma cadeira confortável.

— Ótima combinação para o descanso, Ebson — ele comentou. — É uma mudança em relação à pressa e agitação da cidade americana mediana. Eu gosto disso.

— Sim — concordei —, e uma mudança sempre significa descanso. Embora sejamos ambos jovens, temos vivido exaustivamente no moderno mundo dos negócios e não podemos evitar deixar de apreciar o contraste.

Sentamos por algum tempo em silêncio, enquanto notei as feições de Clayton exibindo um humor cada vez mais pensativo. Sua costumeira jovialidade estava desaparecendo. Não fiz qualquer tentativa de encorajar a conversa, pois senti que esta viria quando chegasse o momento certo.

— Amigo Ebson — disse Lee Clayton por fim, abandonando seu semblante apático e se inclinando para mim —, por muitos anos a repetição de um certo sonho tem me incomodado. A visão apareceu pela primeira vez quando eu estava no colégio e me acompanhou ao longo de toda a minha carreira universitária, sua vivacidade aumentando com o passar dos anos. Diz respeito à solução do mistério que cerca a expressão ambígua nas escritas grega, latina e judaica, na qual o incendiário do templo de Jerusalém é invariavelmente referido como “um certo soldado”. Em meu sonho constantemente recorrente, pareço continuamente à beira de descobrir a identidade desse “certo soldado”, mas sempre acordo antes de resolver o mistério. Minha viagem nesta ocasião à Cidade Eterna é para descobrir, se possível, quem jogou a tocha acesa no templo de Jerusalém quando as legiões de Tito tomaram a cidade dos judeus. Se existe a possibilidade de levar o meu sonho assombroso a uma consumação, deve estar aqui entre as relíquias de sua representação original.

Devo ter olhado para ele com incredulidade, pois ele continuou apressadamente. — Com toda a sinceridade o digo, meu amigo. Seja aqui ou em Jerusalém, devo ser capaz de apurar a identidade deste “certo soldado” que jogou uma tocha acesa em uma janela do santuário. Ora, homem, pense na responsabilidade desse ato!

Teriam o calor de um sol semi-trópico ou o cansaço das incursões diárias afetado a mente do meu amigo? Hesitei antes de proferir a mais leve repreensão, e naquele momento de pausa o espírito de aventura, temperado com tolerância para os caprichos incompreensíveis de outro, me dominou. Minha resposta deve tê-lo surpreendido.

— Eis uma missão digna do empenho de algum tempo e esforço! — eu respondi com mais entusiasmo do que realmente sentia. — O Fórum Romano já nos revelou alguns de seus segredos, e por que não este? Vamos mostrar ao mundo que Tácito

e Josefo e alguns outros dos antigos não obtiveram uma informação exatamente correta sobre tudo isso.

Meu bom humor não afetou Clayton. Ele continuou seriamente, seus olhos mostrando uma expressão sonhadora.

— Você deve se lembrar que os historiadores, Josefo e Tácito, foram contemporâneos de Tito... e... e desse “certo soldado”. Eles tiveram evidências de primeira mão e certamente deveriam ter sido mais explícitos em seus detalhes. Na verdade — ele acrescentou —, eles são mais evasivos em suas narrativas dos eventos relacionados com o cerco de Jerusalém, do qual eles devem ter sido testemunhas oculares, do que em relação a ocorrências históricas anteriores a sua era.

— Sim, isso é estranho — eu concordei. — Como você explica isso?

Clayton estava prestes a responder quando percebi que uma palidez que se espalhou por seu rosto e ele se inclinou para a frente com os olhos fixos na entrada do hotel. Seguindo a direção de seu olhar, vi as costas bem delineadas de um cavalheiro desaparecendo pela porta. Eu me virei com um olhar de indagação para meu amigo. Seus modos demonstravam agitação e não o pressionei para dar uma explicação, que eu sabia que viria em breve.

— Aquele homem — Clayton explicou em uma voz rouca —, é um inimigo... e possivelmente não sem razão — ele acrescentou reflexivamente. — Dois anos atrás, tive a sorte de receber como esposa a garota que nós dois amávamos. Pouco depois, a empresa na qual ambos estávamos financeiramente interessados me elegeu para a presidência, cargo que cada um de nós aspirava. Desde aquela época, minha querida esposa morrera; mas o negócio pelo qual aquele homem e eu estamos mutuamente interessados está prosperando. Embora minhas duas vitórias tenham sido conquistadas por meios justos, o homem que você viu desaparecer porta a fora provou ser um inimigo determinado, cuja obsessão é vingar sua derrota no amor e nos negócios.

Fiquei um pouco inquieto, embora procurasse esconder minha inquietude com palavras animadoras.

— Não importa, meu velho. Estamos vivendo no século XX. Ninguém pode se vingar hoje em dia e escapar impune. Agora, se

estivéssemos morando em 70 a. C., por exemplo, você poderia ter motivo para se preocupar. A vida tinha um valor muito baixo na época em que Tito sitiou Jerusalém, e era preciso viver com cautela, mas as coisas são diferentes agora.

Ele sorriu fracamente. — Por falar em Tito, vamos começar amanhã a resolver o mistério do “certo soldado”.

— Combinado! — eu respondi de coração. — Estou em meu habitat quando se trata de encontrar uma explicação para o inexplicável.

II

O sono parecia ter me abandonado completamente naquela noite. A lua cheia brilhando em minha janela me fez abandonar todas as possibilidades de descanso. Levantei-me, vesti-me e fiquei olhando para a paisagem prateada. A luz da lua suavizava os objetos abaixo que, no clarão do dia, destacavam-se em um relevo muito ousado.

Fiquei algum tempo com um humor perturbado e hesitante.

— Por que não? — exclamei, meio alto.

Uma vez resolvido o meu curso de ação, desci para a rua sem chamar a atenção do atendente sonolento ao balcão. As ruas estavam silenciosas e desertas, a calçada ecoando com o barulho de meus passos, até que me pareceu que toda Roma deveria estar informada de minha saída noturna. Logo avistei a grandiosidade do antigo Coliseu, conforme erguiam-se suas camadas de mais camadas sobre as ruínas e os ciprestes que repousavam em sua sombra. Eu estava me aproximando do território familiar do outrora movimentado mercado da Roma Antiga. O Arco de Constantino ergueu-se diante de mim, sublime em sua beleza arquitetônica. Depois, voltei os olhos fascinados para as ruínas do Fórum, que se encontravam vários metros abaixo do nível da cidade atual.

Sei que foi a surpresa, embora não tão distante do medo, que me dominou quando tomei consciência da presença de outra figura a menos de quinze metros à minha frente. Era a de um homem, ele descia agilmente os degraus para o nível inferior. Eu imediatamente reconheci Lee Clayton e o observei com olhar fascinado. O que o homem poderia estar fazendo sozinho entre as ruínas silenciosas na

calada da noite? Então pensei sobre mim e em minhas próprias intenções e quase ri alto. Bem, eu não espionaria meu amigo! Apressei o passo com a intenção de mostrar minha presença, quando meus passos foram interrompidos por uma mudança de comportamento de Lee Clayton.

Ele não caminhava mais como um homem sozinho, mas sim como alguém que entra e sai no meio da multidão. Ocasionalmente, ele parava e olhava fixamente para algum objeto aparentemente visível apenas para ele, então sua cabeça se virava como se estivesse seguindo o curso de algo em movimento.

O efeito era dos mais estranhos, e me belisquei para ter certeza de que não estava dormindo. O sonâmbulo, se é o que ele era, caminhou com dignidade na direção ao triunfal Arco de Tito e aí parou. Palavras estranhas eram sopradas aos meus ouvidos, frases em uma língua desconhecida. Desconhecida? Havia eu estudado latim por seis anos para ainda assim não reconhecê-lo quando o ouvisse? Ocasionalmente, Clayton parava, aparentemente para colocar a mão no ombro de um associado invisível. Algumas das coisas que ele pensou ter ouvido eram provocantes, e sua risada ecoou estranhamente estridente no silêncio branco que nos cercava.

— Jehoshaphat^[3] saltitante! — exclamei, enxugando minha testa suada com o lenço. — Isso é um grande sonho, certo?!

Ele deve ter me ouvido, pois olhou em minha direção e sorriu como em uma saudação amigável. Trêmulo, sorri de volta. Eu vasculhei meu cérebro por uma frase inteligente em latim.

— “Toda a Gália está dividida em três partes...”. Não, não servirá nesta ocasião — murmurei desconsolado.

As únicas outras palavras que vieram ao meu cérebro confuso foram a versão latina de “Brilha, brilha estrelinha”. Experimentei e fui saudado com uma estrondosa gargalhada de Clayton, cuja incongruência neste momento me fazer tremer de medo. Ele disse algo sobre *vinum nimium* e depois voltou sua atenção para o Arco de Tito, falando sem parar, como se estivesse empenhado numa discussão com muitas pessoas ao seu redor.

Por uma hora, o aparente monólogo continuou enquanto eu permanecia fascinado. Por fim, ele se virou abruptamente e

prosseguiu em direção ao Coliseu. Ele caminhava tão rapidamente que tive dificuldade em manter uma distância desejável atrás dele. Eu pretendia vê-lo retornando incólume para seus aposentos no hotel.

Ao pé do lance de escadas que conduziam ao nível da Roma atual, Clayton fez uma pausa e passou a mão pela testa. Ele olhou ao seu redor com aparente perplexidade e continuou depois disso com o ar de um homem solitário.

Pensando que possivelmente a ciência de uma testemunha poderia lhe causar algum constrangimento, não manifestei minha presença, deixando que ele se retirasse para seu apartamento antes que eu mesmo entrasse no hotel.

Estaria a verdadeira explicação da expedição noturna de Lee Clayton de alguma forma relacionada com o sonho intrigante que ele me contou? E o sono me reivindicou poucas horas antes do amanhecer.

III

A manhã seguinte, permaneci na cama até uma hora mais tardia. Minha vigília da noite anterior fora mais fatigante do que eu havia me dado conta. Fiquei algum tempo ponderando o enigma do comportamento de meu amigo. Devia fingir ignorância do ocorrido no Fórum ou seria melhor falar para Lee Clayton sobre o que eu vira? Incapaz de decidir o melhor curso a seguir, me vesti e desci correndo para o café da manhã.

Clayton estava tomando café da manhã sozinho em um canto distante do salão de refeições. Quando me sentei na cadeira à sua frente, ele ergueu os olhos com um sorriso de reconhecimento e passou para mim um livro aberto que estava folheando, apontando para um parágrafo nele.

— Hebraico! — eu proferi. — Me desculpe, mas não entendo uma palavra disso.

— Então, aqui está uma tradução muito livre disso — respondeu ele —, mas lamento que você não possa ler o original. Parte do pensamento do autor sempre se perde no processo de tradução.

Aceitei o escrito oferecido e li o seguinte:

“O segredo da identidade do soldado que iniciou as faíscas no sagrado templo dos judeus está enterrado em seu peito. Um associado, sob ameaça de exposição, pede-lhe que registre sua ação. Isto ele fizera, mas tão obscuramente que quase vinte séculos se passarão antes que o mistério seja esclarecido.”

— Bem, estamos começando a nos aproximar — comentei, devolvendo o jornal para Lee. — Quem foi o camarada que escreveu isso? — e indiquei o volume.

— Isso não se sabe — respondeu Lee Clayton, voltando-se para a página de rosto. — Parece ser apenas uma coleção de manuscritos hebraicos anônimos publicados por uma casa alemã no início do século XVI.

— Mas por que todo o sigilo? — perguntei — O “certo soldado” estava apenas cumprindo o destino quando obedeceu ao impulso de incendiar o santuário.

O jovem Lee Clayton me lançou um olhar rápido e penetrante.

— Se você acredita nisso — disse ele baixinho —, não vou contestar, mas se você quer minha opinião pessoal, o “certo soldado” era, como de fato todos nós somos, o capitão de sua própria alma. Ele foi inteiramente responsável por sua ação. Você sabe o que Shakespeare escreveu: “A falha, caro Brutus, não está em nossas estrelas, mas em nós mesmos, que somos seus subordinados.”

— E se assim o fosse? — afirmei, animando-me com a discussão. — Mas se lembro corretamente, ele também é responsável por estas palavras: “Há uma divindade que molda nossos fins, desbastemo-los como quisermos”. Como você concilia os dois?

Clayton riu agradavelmente. — Parece ser o caso de “pague com seu dinheiro e faça sua escolha”, amigo Ebson, e minha escolha está feita e é imutável.

— Eu te admiro por suas convicções — disse com entusiasmo. — Confesso que as minhas não são tão inabaláveis.

Ele sorriu um pouco pensativo, então comentou: — E porque eu acredito que este “certo soldado” foi inteiramente responsável por seu ato de blasfêmia, desejo descobrir sua identidade. E agora,

estou indo para uma loja de raridades que encontrei por acaso ontem. Você vem também?

Eu prontamente aceitei, e juntos saímos para as movimentadas ruas da Roma moderna.

* * *

Não muito longe da Piazza de Spania, próxima ao final de uma curta e estreita rua repleta de bazares e barracas nativas, ficava a loja de raridades de um tal Antonio Salvucci, negociante de antiguidades. Embora o lugar estivesse longe de limpo e tivesse uma aparência de desordem, não era totalmente desprovido de charme. O proprietário apareceu da parte de trás da loja assim que entramos e nos encarou avaliativamente.

— Os cavalheiros americanos desejam alguma antiguidade romana? — questionou-nos o italiano avidamente.

— Apenas dando uma olhada, Sr. Salvucci — respondeu Clayton, e a parte, para mim: — O museu possui a maioria das antiguidades genuínas, mas ocasionalmente podemos selecionar algo bom a um valor baixo.

Andamos pela lojinha olhando e perguntando sobre vários objetos. A maior parte das raridades eram relíquias de arte cóptica que haviam sido encontradas em uma certa catacumba onde os primeiros cristãos reuniam-se para escapar de perseguições. Ocasionalmente era visto um objeto que datava da República, mas a maioria era identificada de alguma forma com o período da queda de Roma quando atacada pelas tribos do norte.

— Teria você alguma relíquia do tempo de Vespasiano ou Tito? — questionou Clayton, chegando finalmente ao assunto que deixava mais próximo do coração.

— Tito... Tito... — repetia o estrangeiro como se tentasse se recordar algum há muito esquecido fato. — Espere, já sei.

Ele desapareceu por uma porta dos fundos, mas reapareceu alguns minutos depois trazendo em seus braços uma restauração em miniatura do famoso Arco de Tito que havia sido erguido em homenagem à conquista romana de Jerusalém em 70 a. C. Este

exemplar possuía sessenta centímetros em seu maior comprimento, e as outras dimensões era proporcionais.

Ficamos encantados com nossa descoberta, mas fingimos indiferença. Percebi, porém, que aquilo era tudo o que Lee poderia fazer para manter suas mãos longe daquilo.

— Qual o preço que você pede? — perguntei, casualmente.

— Vinte e cinco dólares — respondeu o italiano com prontidão.

— Nada feito — repliquei, virando-me para a porta —, lhe dou cinco por ele.

— Oh... mas, *signor*, eu tenho quatro *bambini*. Tenho que ganhar a vida — ele implorou, com sua característica eloquência italiana.

— Dou-lhe dez — disse Clayton, um tanto asperamente.

A venda foi finalmente consumada na cifra de dezesseis dólares, e levamos nosso troféu com exultação.

De volta ao hotel e abrigados em segurança nos aposentos de Lee Clayton, estudamos o pequeno arco minuciosamente. Era uma reprodução muito perfeita em mármore pentélico como o original, e mostrava uma fidelidade aos detalhes que era nada menos que maravilhosa.

Havia rostos em baixo-relevo de Tito, filho do imperador Vespasiano, vários guerreiros romanos triunfantes, uma linha de judeus em cativeiro e uma reprodução dos sete castiçais de ouro que haviam sido apreendidos do Santo dos Santos quando o templo em Jerusalém fora saqueado. O cinzelamento dos rostos era único, cada um exibindo sua individualidade característica.

— Você notou — observei —, que o escultor diferenciou os judeus dos romanos? As características faciais de cada raça são uma boa evidência de tal.

— Sim... apenas... espere um minuto, Ebson! — exclamou Lee com excitação. — Ele cometeu um erro. A menos que eu esteja muito enganado, ele deixou um judeu entre os vitoriosos romanos!

— De fato! — exclamei, minha excitação se igualando à dele — Essa figura perto do meio certamente pertence à raça conquistada. Mas havia judeus que eram cidadãos romanos — acrescentei —, e é provável que fossem ainda mais numerosos em 70 do que em 40 a. C.

— Isso é verdadeiro — respondeu Lee, um pouco abstraído, pensei —, mas é de muito mau gosto o artista ser tão realista numa criação simbólica onde comparativamente poucas figuras são representadas. Acho que ele mostrou um julgamento decididamente ruim... a menos — acrescentou —, que o judeu em questão fosse um homem de considerável importância.

— Essa explicação soa plausível para mim — eu disse. — O portador da tocha é, sem dúvida, um homem de fama cujo retrato é indispensável para uma descrição precisa da entrada triunfal em Roma.

IV

A noite e a lua cheia espalhando sua luz etérea pela cidade eterna provaram-se ser uma combinação irresistível para os amantes da beleza e do romance.

Lee Clayton e eu deixamos o hotel ao pôr do sol e perambulamos pela Campagna Romana em meio à venerável quietude de seus azevinhos e ciprestes. A beleza e a serenidade do cenário provavelmente não seriam esquecidas tão cedo. Quando a lua estava baixa, voltamos para a cidade procurando por sua porção mais rica em vestígios históricos. Vimos chafarizes, altares antigos, estátuas parcialmente demolidas de origem antiga, arcos pitorescos e pilares despedaçados, seus contornos suavizados e meio escondidos por flores e vinhas.

Depois que a lua desapareceu, refizemos nossos passos até o hotel. Eu tinha acabado de trancar minha porta para me preparar para dormir quando fiquei fortemente impressionado com uma possível solução para o enigma do soldado romano que era judeu! Eu destranquei minha porta, trancando-a novamente atrás de mim, e entrei no corredor. Havia luz no quarto de Lee e a porta estava entreaberta. Bati levemente, mas não recebi resposta. Sobre a mesa de centro estava a pequena réplica do famoso arco, e pareceu-me, enquanto eu olhava pesarosamente para ele, que as belas feições do misterioso judeu romano me olhavam com diversão tocada por desdém.

Deixei o quarto e desci para o primeiro andar.

— O Sr. Clayton saiu do hotel? — eu perguntei ao recepcionista.

— Ele passou por aqui há apenas um momento atrás — respondeu o homem.

Eu sabia o que deveria fazer. Sem um momento de hesitação, deixei o hotel e entrei no silêncio de uma noite semitropical. Por um instante, meus olhos, não acostumados com a escuridão, não viram nada, mas gradualmente os objetos se tornavam vagamente visíveis, e discerni a figura de meu amigo como eu o tinha visto na noite anterior, caminhando rapidamente em direção ao local do Fórum da antiga Roma.

Mas seus passos eram rápidos demais para mim, e eu sabia que, a menos que corresse loucamente atrás dele, mesmo correndo o risco de levantar suspeitas, não teria esperança de alcançá-lo. Refiz instintivamente a rota da noite anterior. Quase sem fôlego, avistei as ruínas familiares do grande Coliseu e o arco do primeiro imperador cristão, Constantino, flanqueando o fosso gigantesco do antigo Fórum, onde pilares agrupados, como lápides de uma época de outrora, brilhavam palidamente.

Fatigado ao ponto da exaustão, sentei-me em uma pedra e enxuguei minha testa suada. A noite parecia estar ficando mais quente e um brilho fraco de luz difusa permeou a paisagem.

— Mas a lua se pôs há uma hora — murmurei em perplexidade.

Então eu encarei com a boca e os olhos arregalados. O Arco de Constantino estava ficando nebuloso e transparente enquanto eu o olhava. Voltei-me para o Coliseu e vi que os conhecidos lados inclinados onde o Tempo colocara sua marca de destruição estavam desaparecendo rapidamente e, em seu lugar, o contorno da vasta arena tornou-se mais distinto em seu esplendor primitivo.

— Misericordioso céu! Estou ficando louco? — exclamei, passando a mão pelos olhos em perplexidade.

Quando olhei novamente para o Arco de Constantino, ele havia sumido! Algo pareceu estalar em meu cérebro, e de repente...

V

— Pelos deuses, Plínio, você está perdendo a diversão. Nosso novo imperador, Tito, está marchando com as legiões pelo arco

triunfal que acaba de ser terminado. Seu percurso é pelo Fórum, como fazia nove anos atrás, quando voltou de Jerusalém como seu pai, Vespasiano, quando ainda usava a púrpura.

Levantei os olhos da pedra sobre a qual estava sentado para ver um rosto familiar me olhando afetuosamente.

— Eu não iria querer perder isso, Quintiliano — respondi no mesmo latim fluente com que ele se dirigiu a mim.

Lancei um olhar apressado para o meu traje, pensando em como devia parecer uma figura incomum com roupas do século XX. Mas meu alarme durou pouco, pois percebi que uma toga imaculada envolvia meu corpo em dobras graciosas.

Meu companheiro puxou minha manga, me levantei e me virei em direção ao Fórum.

— Veja — exclamou Quintiliano —, os soldados já estão passando pelo Templo de Vesta. Depressa!

Estendendo-se diante de mim sob um céu azul estava o movimentado mercado romano do primeiro século, seus templos de mármore puro e estátuas refletindo o brilho de um sol do meio da tarde. Multidões de pessoas com togas brancas se misturavam a jovens em trajes militares que estavam espalhados sozinhos e em grupos ao redor do grande mercado.

Minha sensação foi das mais intensas. Embora eu reconhecesse minha identidade como Paul Ebson, de Cleveland, Ohio, ao mesmo tempo eu sabia que, enquanto estava aqui com meu bom amigo Quintiliano, o famoso retórico, eu era Plínio, o Velho, notável naturalista de Roma.

Abrimos caminho no meio da multidão e paramos diante de uma estátua de duas figuras, símbolo da conquista da Judéia por Roma; a mais bela estátua que eu já vira, comparável às obras dos mais notáveis escultores gregos, e não a este período decadente da arte romana. Que pena que o século XX nunca veria um vestígio dessa obra-prima da arte escultural!

Eu estava prestes a comentar sobre sua beleza, quando os aplausos da população direcionaram minha atenção para a procissão que se aproximava, à frente da qual, montado em um corcel ricamente enfeitado, cavalgava o jovem Tito, imperador de Roma. Ele era seguido por guarda-costas robustos. Em seguida

veio uma corte de soldados romanos e, imediatamente atrás, longas filas de judeus cativos, que se agrupavam lado a lado até oito na horizontal com as cabeças curvadas pelos jugos dos conquistadores. Em seguida, seguiram as legiões de Roma, com suas lanças e escudos batendo ritmicamente enquanto marchavam em direção ao grande triunfal Arco de Tito.

Um jovem de dezoito anos veio ao meu lado e me cumprimentou com uma saudação amigável. Ele era meu sobrinho, Plínio, o Jovem, que compartilhou comigo as alegrias da pesquisa científica.

— Tio — gritou ele, os olhos brilhando de excitação —, gostaria de ter idade para ter ido com as legiões de Tito a Jerusalém como Flávio ali; mas veja, eles passaram pelo arco e alguns dos soldados estão se juntando ao resto de nós. Olhe, aqui vem Tácito. Ele não é belo?

Olhei para o jovem soldado robusto que se aproximava de nosso grupo. Sim, era Tácito que, embora jovem, estava estabelecendo para si uma grande reputação de historiador.

— Tácito... Tácito. — repeti baixinho, mas sabia que o jovem historiador e soldado era Lee Clayton.

Tácito me olhou com um sorriso enigmático.

— A sua ira ainda persiste, Plínio, por causa do retrato do meu colega historiador aparecer no arco e o meu não? — ele perguntou. Depois acrescentou — É preciso lembrar que os anos dele são mais numerosos do que os meus e que sua reputação na profissão escolhida por nós dois já está consolidada.

— Eu sei disso, meu caro Tácito — eu respondi. — Mas estou convencido de que suas narrativas aderem mais estritamente aos fatos históricos do que as de seu rival judeu e, além disso, não gosto de um homem que pode tomar parte da derrubada de seu próprio povo.

Tácito sorriu. — Não acredito que a possibilidade de me tornar seu rival profissional esteja preocupando Josefo tanto quanto o fato de a bela Júlia ter consentido em se tornar minha esposa. Você sabe que ele pediu a mão dela após a morte de sua esposa judia, Vashti. Seu fracasso no amor o deixou amargurado. Temos feito um pequeno trabalho em conjunto na preparação de uma crônica

precisa do cerco de Jerusalém. Perguntei-lhe se ele sabia quem jogou a tocha acesa na janela do santuário do templo, pois achei o ato de suficiente importância para justificar detalhes minuciosos na narrativa, mas ele foi evasivo sobre o assunto, finalmente observei que a expressão “certo soldado” era informação suficiente para ser passada à posteridade; que a ação e não o executor era, neste caso, de suma importância.

— Bem, Tácito — disse eu —, admiro seu amor pela verdade e pelos detalhes e farei o que puder para auxiliá-lo a obter a identidade desse “certo soldado”.

VI

Nosso pequeno grupo de quatro moveu-se lentamente em direção ao Arco de Tito, enquanto ao nosso redor surgia a população romana. Conforme caminhávamos, fomos recebidos por amigos de um lado e de outro. Por fim, ficamos de frente para o grande arco através do qual as legiões de Tito haviam passado recentemente. Como parecia familiar! E lá no primeiro plano, esculpido entre notáveis de puro sangue romano, estava o rosto de Josefo com a mesma expressão de zombaria.

Eu desviei minha atenção do arco para a cena do Fórum. As multidões estavam diminuindo conforme as sombras se alongavam. Percebi que alguém se aproximava, e virando-me encontrei o olhar irônico do historiador Josefo. Vi nele um homem de intelecto extraordinário. Sua sobancelha elevada e olhos pensativos indicavam isso. Mesmo assim, havia algo sobre o homem de que eu não gostava e fui forçado a confessar para mim mesmo que o sentimento era inexplicável.

— Muito bem, Plínio — disse Josefo em saudação. — Ouvi dizer que você parte amanhã para Pompéia. Apresente meus cumprimentos a Lúcio Sulla e diga-lhe que eu mesmo estarei em Pompéia no próximo mês. E aqui está meu colega historiador Tácito — continuou ele, sorrindo para o jovem com um ar condescendente. — Como vai o relato do cerco?

— Ainda estou querendo colocar um nome no lugar daquele “certo soldado” — Tácito respondeu. — As gerações futuras não tolerarão ambiguidades.

Josefo encolheu os ombros e apontou com um sorriso para o retrato no arco. — Uma grande honra para um soldado insignificante, não acham, meus amigos?

— Sou de opinião que sua participação no cerco pode não ter sido tão insignificante quanto você gostaria que acreditássemos — disse eu.

— O que você quer dizer? — exigiu Josefo, sua fronte se anuviando.

Não respondi imediatamente, pois Quintiliano estava se desculpando para ir para sua casa. Plínio, o Jovem, partiu para o novo Coliseu, que tinha sido concluído recentemente.

Quando eles estavam fora de alcance, Josefo repetiu sua pergunta com ar carrancudo, então, lembrando-se de repente da presença de Tácito, controlou sua raiva com esforço. Eu sabia por certo que ele não daria nenhuma informação na presença de seu historiador rival.

Eu lancei um olhar de reconhecimento nos olhos do meu querido amigo Tácito, e comentei casualmente: — A propósito, Tácito, não é costume da bela Júlia cavalgar nas proximidades do Coliseu ao pôr do sol na carruagem de seu pai, Agrícola?

— Você fala a verdade, Plínio. Devo encontrá-la ao pôr do sol na Casa Dourada de Nero — respondeu o jovem.

— Preciso me despedir, Tácito — falei depois dele —, pois talvez não volte a vê-lo até meu retorno de Pompéia.

Minha referência a Júlia não melhorou o temperamento do historiador judeu, que se voltou para mim com a terceira repetição de sua pergunta.

— Lhe perguntei, Josefo — respondi baixinho — por que a retratação deste “certo soldado” que incendiou o santuário de seu próprio povo sitiado não é importante o suficiente para aparecer no arco triunfal. Mas há uma condição, de que seu nome apareça em registro escrito.

O historiador tremia com uma mistura de medo e raiva e sua voz estava grossa quando ele respondeu. — Você ousaria me identificar como aquele maldito “certo soldado”?

Eu olhei severamente para o miserável homem com os olhos estreitos e disse: — Josefo, se você escrever uma confissão de seu

feito, encontrará o favor dos deuses, e a posteridade manterá seus registros com boa reputação.

— E se eu já revelei por escrito o nome do soldado que foi movido por um impulso divino de jogar uma tocha acesa na janela do santuário? — ele perguntou zombeteiramente.

— Impulso divino! — exclamei. — Você consideraria um impulso divino se de repente eu pegasse um bastão e demolisse a escultura histórica de um judeu sorridente que contribuiu para a conquista de seu próprio povo?

Seu aparente terror apertou meu coração.

— Mas, a sua confissão — insisti em tons mais suaves. — Onde está a crônica escrita que você mencionou em que o “certo soldado” é nomeado?

— Em meu peito repousa o segredo, Plínio, e lá permanecerá... Sim, não será revelado até que vinte séculos tenham se passado. Os historiadores às vezes têm permissão para vislumbres do futuro, bem como do passado!

Eu tentei debater com ele, mas ele fugiu, com suas palavras proféticas ecoando em meus ouvidos. Fiquei sozinho no Fórum Romano diante do Arco de Tito, olhando para o semblante presunçoso da escultura de Josefo que parecia regozijar-se com o segredo em seu peito.

Dentro de seu peito!

— Por todos os deuses imortais — eu exclamei —, eu entendo as palavras de Josefo. “Em meu peito repousa o segredo”.

Impetuosamente, peguei um pedaço de madeira que jazia ao chão a alguns metros de distância e lancei um olhar apressado ao meu redor. Atrás do Templo de Júpiter Estator, uma figura se aproximava. Eu o reconheci como sendo de Tácito voltando de sua cavalgada com Júlia. Eu levantei a barra para desferir um golpe devastador, que nunca aconteceu.

O lindo arco começou a envelhecer diante dos meus olhos. Os cantos começaram a se desgastar, as inscrições desbotaram-se ou foram completamente apagadas. Ervas daninhas e trepadeiras de uvas cresceram e escalaram sua superfície, e muitos de seus contornos foram lascados ou desgastados pelos dedos do Tempo. O rosto de Josefo desapareceu completamente. Para que toda a

posteridade pudesse imaginar que entre aqueles ombros jazera uma face de feições tipicamente romana.

Fiquei horrorizado, mas com um ardor inabalável comecei a derrubar as dobras de mármore que cobriam o peito de Josefo. Então eu senti uma mão restritiva em meu ombro e uma voz: — Isso não, amigo Ebson! Não se destrói arbitrariamente as relíquias da arte antiga.

Eu me virei e olhei diretamente para o rosto de Lee Clayton. — Mas estava ali — exclamei —, a prova da identidade do “certo soldado”!

Ele olhou para mim sem compreender. Um primeiro clarão da madrugada atravessou a cidade e encontrou o seu caminho no meio dos monumentos e pilares que agora davam apenas uma vaga concepção da glória que era Roma quando ela era dona do mundo.

— A verdade está aí — afirmei —, após os vinte séculos que se passaram. Vamos, deixe-nos ver!

Eu agarrei a barra mais uma vez para um golpe revelador, mas em vez disso caí impotente aos meus pés quando me dei conta da figura de um homem nos observando com olhar penetrante através do arco.

— Josefo! — resmunguei com voz rouca.

— Este é Joseph Pollard — Lee sussurrou apressadamente em meu ouvido. — É ele, meu inimigo, de quem lhe falei ontem.

— No entanto, contemple o “certo soldado”! — gritei triunfante.

— Vocês são dois sonâmbulos insanos! — chiou a voz de Joseph Pollard —, e se algum de vocês se atrever a desfigurar este arco, vou denunciá-los às autoridades.

Havia um tom de triunfo em sua voz e um brilho de malícia em seus olhos enquanto ele caminhava pelo arco em nossa direção. Eu vislumbrei um brilho metálico quando ele se aproximou do nosso lado no monumento. Então, um grito distante, seguido por um jargão confuso e o som de passos apressados, atraiu nossa atenção para a abordagem de dois oficiais que correram até Pollard e o agarraram.

— Você está preso — disse um dos policiais —, por entrar no quarto de um hóspede de hotel e destruir sua propriedade.

* * *

Clayton e eu deixamos Pollard nas mãos seguras dos oficiais e voltamos para o hotel. Dirigimo-nos imediatamente para o quarto de Lee. Lá, espalhados sobre a mesa e o chão, estavam fragmentos minúsculos do que uma vez fora uma imagem em miniatura do Arco de Tito. Comecei a pegar os pedaços do chão e Lee começou a limpar os fragmentos da mesa, onde jaziam espalhados pelos livros e papéis que, na pressa, ele deixara abertos e desorganizados.

Uma exclamação repentina me trouxe apressadamente para o seu lado. Ele estava olhando com os olhos arregalados para uma página em latim onde as palavras *miles certus* pareciam saltar do texto para nos encontrar, e imediatamente acima da inscrição, colocada pela mão cuidadosa do Destino, estava um fragmento do minúsculo arco; o peito e a cabeça de Josefo!

— Os vinte séculos se passaram — disse eu —, e a profecia se cumpriu. Josefo estava certo, embora tenha feito tudo ao seu alcance para impedir sua realização. Ele era inconscientemente uma ferramenta nas mãos do Destino.

Após um silêncio de alguns momentos, eu perguntei: — Por que Tácito não corrigiu sua versão de um “certo soldado”? Plínio pretendia contar-lhe a revelação de Josefo e isso teria tornado desnecessário que dois mil anos tivesse se passado que ela se tornasse conhecida.

Lee Clayton sorriu. — Se você procurar Plínio, o Velho, na enciclopédia, descobrirá que ele morreu em Pompéia, na famosa erupção do Monte Vesúvio em 79 A. D.

Primeira publicação em: *Weird Tales* v.10 n.05, novembro de 1927,
sob o título: “*A Certain Soldier*”.

Tradução de **Lucas Lima** e **Fabrizio Corradini**.

A Quinta Dimensão

O que constitui uma premonição? Parece ser um fato comprovado que algumas pessoas, em algum momento, têm um sentimento de pavor de um evento prestes a ocorrer, que elas mesmas não conseguem explicar.

Muito frequentemente, também, acontece de se ter a impressão de que, em algum momento no passado obscuro, ocorreu um fato semelhante. Acontece com muitos de nós quando visitamos um lugar estranho que sabemos positivamente que nunca vimos antes ou nunca nos aproximamos. No entanto, sentimos que o conhecemos muito intimamente, e há algo nele que o torna bastante familiar para nós.

O que traria tudo isso? Qual é a resposta para esses fenômenos tão intrigantes? Nossa conhecida autora prossegue com uma engenhosa teoria sobre o assunto na presente história.^[4]

I

— Ora, isso ocorreu antes! — exclamei enquanto servia uma terceira xícara de café ao meu marido.

John deixou de lado o jornal da manhã e bradou em meio a risos:

— Estou certo de que ocorreu, e é provável que ocorra novamente amanhã de manhã! Você já me viu alguma vez bebendo menos do que três xícaras no café da manhã, Ellen?

— Ah, você não compreende o que eu quero dizer! — respondi, levemente irritada. — Me refiro àquele sentimento que todos temos por vezes, de que o conjunto de circunstâncias idênticas que nos rodeia existiu anteriormente, em alguma era remota no tempo.

— Bobagem! — proferiu John, abruptamente, enquanto repousava a xícara vazia de café e dobrava seu guardanapo. — Já vou indo ligar o carro, pois isso toma muito do meu tempo em manhãs frias como essa.

Com tal antipatia, ele colocou o chapéu e o casaco e, em seguida, desapareceu pela porta da cozinha. Alguns segundos depois, sua cabeça tornou-se visível através da porta que se reabria, e um sorriso jovial espalhava-se em sua face.

— Diga, Ellen, me ocorreu enquanto me retirava para pegar o velho ônibus, que isso já me aconteceu antes — chamou-me de

volta.

— Outra *coisa* lhe acontecerá — exclamei enquanto recolhia a xícara vazia, de forma brincalhona.

Ele se esquivou em categórica zombaria, então sua face tornou-se séria.

— Mas, falando sério, minha querida — disse ele —, espero que você não esteja realmente acreditando em toda essa baboseira sobre transmigração de almas. Certamente que você não acredita que sua personalidade tenha sido previamente moldada em outros moldes corporais, não é?

— Não — respondi. — Eu não acredito nisso. Eu sempre fui assim e você sempre será assim, teimoso como é! Meu ponto a respeito do fenômeno frequentemente repetido, de que minha vida já foi vivida exatamente do jeito que estou vivendo, toma unicamente como base a teoria na qual o tempo, que é a quarta dimensão, é curvo assim como o espaço e viaja em ciclos extensos. Não há como imaginar o fim do espaço e do tempo. A lei do universo, representada pelo movimento das estrelas e dos planetas, pelo movimento interminável de moléculas e átomos e pelo giro dos elétrons, prova que o movimento orbital é uma lei cósmica e que todas as coisas voltam a seus estados iniciais, enfim. E assim sendo, nos vastos ciclos de tempo e espaço, nós repetimos nossas existências nesta terra, e certifico que, ocasionalmente, uma memória célere de ciclos anteriores se enxerta em nossa consciência.

— Profundo demais para meu gosto — indagou John, dando de ombros. — Preciso ir para o escritório e, a propósito, uma torta de maçã para o jantar seria muito bem-vinda. Não como uma há muito tempo.

— Você gosta de minhas tortas de maçã, John? — perguntei, sorrindo.

— Se eu gosto? Você é uma especialista nisso. Eu acho — acrescentou enquanto desaparecia pela porta entreaberta — que o número infinito de vezes que você assou tortas em ciclos anteriores de existência lhe fez especialista neste assunto.

A porta fechou e ele havia partido.

* * *

Querido John! É claro que compreendera a teoria tão bem quanto eu, contudo ele já havia sido uma vez renegado pelos sócios no mundo dos negócios e era necessário que mantivesse sua mente ocupada somente com questões práticas da vida. Os sonhadores podem ter vislumbres da verdade, mas será que tais vislumbres mostram-se benéficos o tempo todo? Não há dúvidas de que John tornou-se muito mais bem-sucedido na vida do que eu, quer ele captasse o significado de determinados fatos cósmicos ou não!

“No final das contas”, pensei, “a diferença entre o grande e o pequeno, o infinito e o finito, o certo e o errado e o bom e o mau são de grau, e não qualidade. O mais dificultoso torna-se simples se seguirmos as regras. As pessoas que fazem confusão com suas vidas, têm deliberadamente escolhido, de forma inconsciente, o caminho mais difícil. Eles são foras da lei, não necessariamente no sentido legislativo, mas são transgressores da Lei Universal. Se apenas operassem em harmonia com a Lei, o sucesso viria com prontidão.”

“Reconheço que nem sempre operei em harmonia com a Lei”, pensei. “Nenhum de nós o fez. Será que eu, neste ciclo de tempo, desfruto da habilidade de consertar erros praticados em outras eras, ou sou um mero fantoche destinado a um percurso delineado por toda eternidade? Estaria Henley certo ou errado quando ele escreveu ‘Eu sou o mestre do meu destino, eu sou o comandante da minha alma’?”

Acredito na teoria de ciclos do tempo, e ainda assim, não vislumbrava qualquer esperança de corrigir erros do passado. Minha teoria era um golpe mortal ao progresso e à evolução!

II

Eu havia acabado de colocar minha última torta no forno, quando avistei pela janela da cozinha minha vizinha, Sra. Maxwell, no caminho entre a casa e a garagem. De repente, tive a mesma sensação do café da manhã. “Isso *aconteceu* antes, eu tenho *certeza*.”

Então, como um raio, antes que uma escuridão apagasse minha memória repentina, senti a urgência de impedir que a Sra. Maxwell entrasse em sua garagem. Fui em direção à porta na intenção de alertá-la. Havia muito tempo, pois o caminho era longo e ela não estava nem a um terço do percurso. Enquanto a observava, meu coração batia de forma frenética. Ela havia parado para pegar um pedaço de papel. Dei mais um passo em direção à porta, mas parei.

“Ah, de que adiantaria”, argumentei, “ela me acharia louca por correr até lá e impedi-la de entrar em sua garagem. Me pergunto o porquê dessas duas sensações sobre esse enigma mnésico apenas hoje! Geralmente ocorrem em um intervalo de semanas, até meses!”

Resolutamente me virei e sai da cozinha, na intenção de finalizar as tarefas domésticas restantes. No momento em que subi o primeiro lance de escadas, houve um som de explosão que estremeceu todas as estruturas da casa e estampou uma expressão de terror em meu rosto. Guiada por uma premonição horrífica, corri em direção à janela sul. A garagem dos Maxwell era um amontoado de chamas ruidosas!

— Foi o destino, o destino! — berrei em meio à angústia. — Não há esperança! Não há escapatória para nós, meros mortais. Os ciclos do tempo, como rodas de um antigo tanque de guerra, nos esmagam impiedosamente até nossa destruição, e *não há esperanças!*

Parecia que eu, meses após o funeral da Sra. Maxwell, não poderia superar a sensação de desânimo. A desilusão estava sempre presente em minha consciência, e nada que eu fazia parecia valer meu esforço. Finalmente percebendo que meu atual estado mental não poderia permanecer assim, me afundei em deveres domésticos e sociais com um vigor que não me pertencia.

Nem uma vez sequer, durante os meses após o incidente dos Maxwell, vivenciei a recorrência de mais vislumbres de memórias inexplicáveis. Até que um dia a sensação retornou.

III

John estava pronto para fazer uma viagem a negócios no sul e comprou a passagem de trem no início da tarde. O trem tinha sua

partida programada às 20h15. Os pratos do jantar tinham acabado de ser retirados da mesa e John subiu às pressas para fazer suas malas, até que a sensação de familiaridade com essa situação me atingiu, da forma mais realista possível como nunca senti antes e, desta vez, estava acompanhada por uma premonição da mesma natureza da que havia me advertido sobre o trajeto fatal de Sra. Maxwell até sua garagem.

Não perdi tempo e corri para o quarto, onde encontrei John organizando os pertences que levaria consigo em sua viagem.

— John, não vá esta noite — eu lhe disse, tentando manter minha voz firme. — Haverá um trem de manhã, às 11h53. Não poderia tomá-lo em vez de ir hoje à noite?

Meu marido colocou a escova de cabelo cuidadosamente na mala e, por um momento, relutou em responder.

— Tenho medo que você vá hoje à noite, John — continuei. — Eu tive uma... uma espécie de pressentimento. Você sabe do que estou falando.

John fechou e trancou sua mala.

— Você tem medo de ficar aqui, sozinha? — ele perguntou, depois do que pareceu um interminável silêncio.

— Não. Não temo por mim, temo por você. Você não pode adiar sua viagem? — insisti.

— Preste atenção, Ellen — respondeu John, com um quê de irritação —, eu já comprei minha passagem e planejei encontrar Hopkins em Atlanta na sexta-feira, não posso e não irei cancelar minha ida por causa de suas ideias sem cabimento. Achei que você tivesse esquecido desse negócio de ciclo de tempo da quarta dimensão! — ele pegou a bolsa. — Mas, independentemente de que tenha esquecido ou não, será o trem das 20h15 que me levará até a Geórgia.

— Mas, John, querido — gritei em desespero —, lembre-se incidente dos Maxwell. Se eu tivesse obedecido o impulso de correr e alertar a Sra. Maxwell, ela estaria viva neste momento!

John parou e olhou para mim, reflexivo, contudo, apenas por um breve segundo; então seguiu prontamente em sua decisão às escadas.

— Não — ele respondeu. — Preciso chegar em Atlanta na sexta-feira, caso contrário, terei grandes chances de perder um dos maiores pedidos que recebemos em meses.

De repente, senti um estalo em meu cérebro e ouvi minha própria voz, como se viesse de um lugar distante: “O Destino, como um tanque de guerra, esmaga pobres mortais sob suas rodas e *não há esperança.*”

Quando me dei conta, estava soluçando histericamente e John me segurava em seus braços.

— Ellen, Ellen — ouvi sua querida voz dizer —, vou enganar o Destino e deixar Hopkins esperando. Partirei amanhã às 11h53. Vamos ficar atentos à rádio pelo resto da noite.

Fitei-o, com incredulidade.

— Ah, John — exclamei com entusiasmo —, você acha que podemos provar que os ciclos do tempo não são inexoráveis?

— Podemos ao menos dar para a teoria um julgamento justo — ele disse, sorrindo.

IV

Servi a terceira xícara de café de John, mas não tive a sensação de que isso aconteceu antes! Uma batida leve na varanda era sinal de que o jornal da manhã havia chegado. Peguei e entreguei a John, em seguida corri em direção à cozinha, onde o cheiro de torrada queimada me alertava que eu era muito mais necessária ali. Voltando com a torrada raspada, sentei defronte a John com a intenção de retomar meu café da manhã.

— Quais as notícias? — perguntei casualmente.

Em resposta, John estendeu o jornal para mim e mudamente apontou para a enorme manchete. Seu rosto estava pálido e suas mãos tremiam.

Com uma sensação de afogamento, li as palavras em destaque: “*Colisão frontal entre locomotiva e carros levou à morte 70 pessoas.*”

— John — disse, relutante —, isto é do... isto foi no trem das 20h15?

Sua voz estava rouca com emoções reprimidas.

— Ellen, era o trem das 20h15, e eu já estive nele em outros ciclos de tempo. Eu sei disso agora.

Eu o encarei com certa incredulidade, e depois, de um jeito ao mesmo tempo sério e divertido, repliquei:

— John, agora você está vivendo em hora extra!

Ele esboçou um sorriso desanimado.

— Não exatamente, querida — respondeu —, mas minha mente tem feito rápidas reflexões à partir do momento em que li essa manchete e creio que tenho uma solução para o seu intrigante enigma da quarta dimensão, o tempo.

— Se você puder provar que ciclos de tempo não são incompatíveis com progresso, evolução e crescimento — exclamei com determinação —, você me faria a mulher mais feliz deste mundo!

— Um casaco de pele novo não lhe agradaria mais? — ele indagou com provocação.

— Bem, viria a calhar — admiti —, mas diga-me o que o faz acreditar que evolução e progresso são fatos, apesar dos infinitos buracos de minhocas dos ciclos do tempo.

— A quinta dimensão — ele respondeu em um tom brando.

— A quinta dimensão? — ecoei, intrigada.

— É simplesmente isso, Ellen. Existe uma progressão geral do universo muito além dos ciclos de tempo, o que torna cada ciclo levemente a frente do anterior. Reconhecemos esse fato diariamente nos fenômenos da humanidade. Todo bebê começa a vida à frente de seu pai, material e mentalmente. É um processo muito lento chamado de evolução, todavia é um progresso perceptível. Pode ser apropriadamente tido como as espirais de uma mola em comparação a uma mera bobina de fio plano. A Terra segue uma órbita ao redor do Sol e, todos os anos está na mesma posição em relação ao Sol, como no ano anterior. Ela completou um de seus inúmeros ciclos. Mas você sabe tão bem quanto eu que o Sol e a Terra, bem como outros planetas, estão *todos* no além do espaço, juntos. Há uma progressão geral de 32 quilômetros por segundo em alguma órbita mais vasta. Logo, essa progressão geral é análoga à nossa possibilidade de mudança e crescimento, é o

poder para melhorar nossas condições, em outras palavras, a quinta dimensão.

— As rodas do tanque de guerra podem ser desviadas! —
bradei —, *e há esperança!*

Primeira publicação: *Amazing Stories* v.03 n.09, dezembro de 1928,
sob o título: “*The Fifth Dimension*”

Tradução de **Laura Ferreira de Jesus** e **Fabício Corradini**.

A Ameaça de Marte

Nesta história inusitada, sua autora teceu uma ideia fascinante e, literalmente, encheu-a de vários recursos interessantes que os manterão especulando até a página final. É uma história de Marte diferente de muitas que foram publicadas antes, e não deixará de manter seu interesse durante toda sua leitura. A ciência contida na narrativa é excelente, e junto com ela vai o misticismo da Sra. Harris, sempre uma atração a mais em suas histórias. [\[5\]](#)

I

O Professor Harley apontou para o vapor que saía com um som alegre e cantante do bico da chaleira, depois indicou um copo de água que estava próximo e, por fim, colocou a mão sobre um pequeno montinho de gelo em um pires sobre a mesa. Virando-se, ele inspecionou a classe por cima de seus óculos de aro de tartaruga.

— Falando de maneira simples, eles são a mesma coisa, mas se manifestam de forma diferente. No caso desse primeiro, as moléculas — continuou com a sua fala pedante — estão no estado de grande agitação, correndo de um lado para o outro. A velocidade delas é fantástica. Agora, no caso da água, a velocidade de movimento molecular é menos evidente. A temperatura é consideravelmente mais baixa e as órbitas moleculares estão muito mais restritas, daí sua manifestação no estado líquido. Quando nós contemplamos o último dos três estados do H_2O , acabamos encontrando o estado sólido em baixa temperatura. Na forma fria e compacta, há ainda menos liberdade entre as moléculas que estão girando. A ciência moderna nos diz que o movimento das moléculas, no caso de corpos de estado sólido, está confinado dentro de uma faixa tão estreita que não conseguimos sequer detectar que elas alteram suas posições.

Meus olhos vagaram involuntariamente da chaleira, do copo e do pires até pousarem sobre a filha muito atraente do Professor Harley, que estava sentada duas carteiras mais adiante, na fileira à minha direita. De onde eu estava sentado, seus cachos bronzeados balançando enquanto se enrolavam em suas orelhas e em sua nuca

eram fenômenos muito mais interessantes para mim do que vapor, água e gelo. Física e química não deveriam ser mencionadas ao mesmo tempo com Vivian Harley.

No final do período de aula, o professor leu o seguinte anúncio, cuja cópia havia sido afixada no quadro de avisos:

— Como será uma noite especialmente bonita para observação astronômica, o observatório do colégio estará aberto entre as oito e as dez para qualquer um que deseje ver o céu através do novo telescópio. O Professor Aldrich falará sobre os planetas e as estrelas dentro do campo de visão do instrumento.

Não perdi tempo em descobrir se Vivian Harley iria estar no observatório.

— Eu tenho que ir — ela sorriu tristemente. — Meu pai insistiu para que eu fosse. Suponho que você está indo também, não é, Hildreth?

— Sim, eu estou me especializando neste assunto, você sabe — respondi. — Talvez eu possa lhe dar algumas aulas sobre astronomia que seriam mais interessantes do que as do Professor Aldrich.

— Temo que nem mesmo você consiga deixar este assunto mais interessante para mim — suas palavras foram curtas, mas seus olhos marrons estavam sorrindo. — Você sabe que eu não consigo mudar meus gostos facilmente, e estou muito mais interessada na matéria do meu pai, química. Estou me especializando nisso, você sabe, e talvez eu possa lhe dar alguma instrução química que se mostre mais interessante do que os discursos eruditos do Professor Harley! — ela disse, dando uma piscadinha.

— Que se danem a química e a física! — exclamei eu, aparentando grande ferocidade. — O seu pai quer que você esteja no observatório à noite e eu pretendo estar lá também, então vejo você às oito.

Eu estava subindo os degraus da sacada onde o telescópio se encontrava na hora marcada. O professor de astronomia, rodeado por um grupo de cerca de trinta estudantes, estava parado no lado norte, apontando para a constelação Hércules, quando eu cheguei. Não demorou tanto tempo para eu, mesmo à luz fraca das estrelas,

discernir a forma de Vivian Harley, enquanto seus olhos seguiam a direção do dedo do homem instruído com um olhar extasiado.

— Ela está realmente interessada na matéria — eu disse em um tom meio alto — ou então o Professor Aldrich está dando entretenimento mais do que o normal.

Aproximei-me do grupo nas sombras recortado contra o dossel interminável dos céus onde brasonava a incontável hoste de sóis ígneos. Quão insignificante parecia o homem, mesmo um homem instruído como o Professor Aldrich, quando se podia erguer os olhos um pouco mais alto e contemplar com um só olhar os poderosos Vega, Altair e Deneb. No entanto, eu sabia em meu coração que, por mais que eu amasse minhas atividades astronômicas, uma certa pequena figura naquele grupo da humanidade era mais querida para mim do que todos os sóis que brilham no éter eterno e assim nos dizem que não estamos sozinhos.

— E por isso acreditamos que existe uma analogia entre o universo da química e o das estrelas — o professor falava. — Dentro de um pequeno pedaço de matéria está escondido todo um universo atômico e movimento incessante e terrível. Isso é pequenez infinita, mas podemos compreendê-la com nossas mentes finitas. Deixemos que nossas mentes limitadas observem por um momento a grandeza infinita. Como em todo o espaço se repetem as condições que encontramos dentro do átomo, podemos deduzir disso que nosso próprio universo é um átomo de grandeza infinita em que mundos e sistemas atômicos vêm e vão e progridem pelo espaço em movimento orbital como fazem os elétrons de infinita pequenez nos átomos que eles vão construir.

— O nosso universo é um átomo! — escutei Vivian suspirar quando me aproximei dela.

Aparentemente, a ideia nunca a impressionou antes. Ela virou-se para mim e seus olhos estavam cheios de admiração.

— É claro — sorri —, e o sol junto com sua família de planetas é um átomo, e os mesmos planetas são elétrons. Isso meio que conecta a sua química com a minha astronomia. Não é mesmo?

Ela virou-se para mim com um ar meio preocupada e disse lentamente: — É maravilhoso; e tão plausível!

— É claro — respondi —, e prova-se mais razoável do que as Leis de Newton, que estão sendo substituídas em parte pelas de Einstein.

O grupo de estudos liderado pelo instrutor entrou no observatório e subiu as escadas em espiral até a sala do telescópio, onde nos revezamos para observar Saturno. Enquanto Vivian contemplava o planeta anelado, aproximei-me do Professor Aldrich com esta pergunta:

— Está além da esperança do homem averiguar de que corpo gigantesco nosso universo é um átomo? Ao homem é dada apenas uma concepção muito vaga do esquema das coisas se ele não puder conceber o nicho em que ele tem um lugar.

O sábio homem sorriu melancolicamente e disse colocando a mão em meu ombro: — Meu rapaz, nunca saberemos a bilionésima parte de onde nos encaixamos do grande plano de Deus. Aqui nós estamos isolados no meio do Infinito pelas limitações dos nossos cinco sentidos. Eles apresentam uma mera fenda através da qual temos apenas uma pequena impressão do que se encontra além.

— Mas... — eu persisti — pela mesma analogia que você sugeriu quando estava na sacada, poderia o homem conceber a natureza da gigantesca obra-prima da qual ele é uma parte infinitesimal?

— Compreendo o significado da sua pergunta — disse o professor com um crescente entusiasmo. — Sim... Podemos apenas supor a natureza deste grande corpo no qual o Destino nos colocou. Na realidade, nós podemos *saber* isso pelo menos. *É um gás*. A distância proporcional entre os átomos (ou sistemas solares, já que nós estamos falando do cosmos mais vasto) e sua velocidade inconcebível, indica uma constituição gasosa. Este é o conhecimento que nos é concedido!

II

Dois anos se passaram. Eu me graduei e tornei-me o assistente do Professor Aldrich, ensinando astronomia aos calouros. Era o último ano de Vivian Harley. Ela estava se formando em química para ser assistente de laboratório de seu pai, mas graças a sua inspiração daquela noite no observatório dois anos atrás, ela havia

se qualificado em minha matéria, astronomia, e prometeu se tornar uma ajudante digna tanto para o seu futuro marido quanto para o seu pai também. Sim, Vivian havia prometido ser minha após sua formatura em junho, e agora já era abril.

No final da tarde de 17 de abril (um dia que nunca será esquecido na história), eu estava cruzando os campos entre as colinas baixas ao redor do estado de origem de meu tio materno, o falecido senador Gilroy. A sua morte súbita trouxera familiares de todos lugares do país para comparecer ao funeral. Muitos deles chegaram por avião, pois, no ano de 1958, viajar de avião era comum.

Eu estava, como disse antes, caminhando pelos prados baixos, fascinado com a beleza da natureza, quando notei uma coisa peculiar. O sol estava muito baixo sobre as colinas, e eu estava ciente do fato de que, quando o sol se põe, ele aparece muito maior do que quando está alto no céu. Mas, mesmo o conhecimento sobre essa ilusão de ótica não poderia explicar de forma satisfatória essa enormidade fenomenal do sol enquanto ele lentamente afundava para descansar além das colinas em direção a Pleasantown. A noite estava excepcionalmente quente, e eu tirei meu casaco e sentei-me no calmo gramado, determinado a desfrutar de uma noite tranquila em meio ao ambiente rural, antes de retornar à companhia de amigos e familiares na mansão Gilroy.

Foi durante os mágicos momentos entre o pôr do sol e o aparecimento das primeiras estrelas, que eu experimentei uma estranha premonição de um desastre iminente. Não poderia atribuir o pressentimento a nenhum desconforto físico, a não ser uma crescente opressão da atmosfera, a qual não era muito diferente do mormaço de uma tempestade prestes a chegar. Decidi observar o aparecimento da primeira estrela que deveria entrar em meu campo de visão sobre as copas das árvores a oeste.

“Será Antares”, previ.

Então, em muito menos tempo do que o necessário para ela aparecer, o céu ficou nublado e toda minha visão do céu foi temporariamente negada. O pesadelo que se seguiu implora por uma descrição. Não sei como eu não me afoguei, pois a tempestade caía em torrentes, atingindo meu rosto com tamanha violência que

mal conseguia respirar. Depois de várias horas, não sei quantas, posto que havia perdido total noção da passagem do tempo, eu estava atravessando com a água batendo acima os joelhos em uma corrente turbulenta que subia cada vez mais ao meu redor, enquanto em vários momentos eu era atingido por escombros flutuantes conforme lutava na escuridão estígia para fazer meu caminho de volta à casa. Algo macio roçou em minha perna. Ele cedeu quando tentei tocá-lo. Esforcei-me para segurá-lo, mas as águas o arrancaram das minhas mãos e ele se foi.

Pouco a pouco, a chuva diminuiu e acreditei que não havia mais nada a temer de cima.

“Não foi tão ruim”, assegurei a mim mesmo, falando alto e sendo confortado pelo som da minha voz. “Esperarei até as estrelas saírem e elas me guiarão de volta para casa”.

De repente, as águas começaram a girar e rodopiar ao meu redor. Elas subiam e desciam como as ondas do mar; ocasionalmente chegando à altura do pescoço e eu quase perdia o equilíbrio.

— Graças a Deus que meus pés estão em terra firme — gritei —, caso contrário...”

O chão abaixo de mim balançou. As águas correram na minha direção. Nos minutos seguintes, não conseguia mais distinguir o céu da água nem a água do solo. Eu me senti como se estivesse girando com uma roda de moinho, e com certeza a maior parte dela estava debaixo d’água.

Finalmente, fiquei de novo com a água na altura da cintura, mas a Natureza havia cessado a sua destruição. A Terra não mais tremia, as águas não aumentaram, e uma luz fraca inundava o céu negro.

“Se eu encontrar Antares agora”, meditei, “posso me orientar e voltar para casa para ver o que aconteceu lá”.

Uma pequena área de nuvens começou a se dispersar rapidamente. Fixei meu olhar nela com expectativa, mas não estava preparado para aquilo que irrompeu em minha visão. Uma grande bola de fogo vermelha pairava nos céus. Por um instante, pensei que fosse um balão de brinquedo, mas uma bugiganga em uma noite como essa era algo muito absurdo. Em aparência, era um

oitavo do tamanho da lua cheia. As nuvens continuaram a se espalhar até que várias outras bolas de fogo, variando em luz vermelha, azul e amarela, foram visíveis através da fenda. Será que os habitantes de Pleasantown estavam celebrando o fim do dilúvio de alguma maneira extraordinária? Mesmo assim, parecia-me que os seres humanos sóbrios provavelmente estariam neste momento focados no trabalho de reconstrução ao invés de desperdiçar tempo e energia valiosos fazendo brinquedos aéreos inúteis.

Após o aparecimento de uma dúzia ou mais, as nuvens que se acumulavam novamente os esconderam de minha visão, mas eu tive tempo suficiente para ter certeza da localização da casa, em cujo andar superior as luzes agora brilhavam fracamente.

Abri caminho pela água e finalmente me arrastei exausto até a varanda de pedra que permanecera uns bons trinta centímetros acima da inundação. O som de vozes empolgadas atingiu meus ouvidos quando cruzei a soleira da porta.

— Apenas sei que é o fim do mundo — gritou a voz de minha prima, Donna. — O pobre e querido primo Paul (Senador Gilroy) é o mais sortudo. Ele viveu quase tanto quanto vamos viver e ainda conseguiu escapar do juízo final!

O tom reconfortante do seu marido, Miles Tracy, chegou aos meus ouvidos, enquanto eu ainda jazia com minhas roupas encharcadas ao pé da escada.

— O que está me preocupando é o que aconteceu com o nosso primo Hildreth. A última vez que o vi, ele estava indo caminhar sozinho em direção a Pleasantown. Sugeri que eu poderia lhe fazer companhia, mas ele respondeu dizendo que preferia ir sozinho. Sujeito estranho, o tal do Hildreth. Ele é assim porque é astrônomo ou ele é astrônomo porque é assim?

— O que veio primeiro, o ovo ou a galinha? — riu outra voz masculina.

— Deixando as brincadeiras de lado — continuou Miles —, nós devemos mandar uma equipe de resgate atrás de Hildreth. Só Deus sabe o que pode ter acontecido com ele durante o clímax do terremoto!

— Não precisam ficar alarmados por minha causa — gritei, enquanto subia as escadas e aparecia com minhas roupas

encharcadas diante do surpreso grupo. — Eu estava nadando um pouco e vendo alguns balões de brinquedo no céu de Pleasantown.

Miles acenou com a cabeça expressivamente e olhou os outros membros do grupo um por um enquanto eles se aglomeravam ao meu redor.

Fui bombardeado com perguntas por todos os lados, mas a Sra. Gilroy insistiu para que eu vestisse imediatamente roupas secas antes que eu conseguisse qualquer narrativa dos eventos anteriores e posteriores à catástrofe.

III

A revisitação aos eventos deve ter tomado boa parte da noite, mas, eventualmente, fomos todos descansar. Quando acordei e olhei meu relógio, vi que o ponteiro das horas apontava para dez. Dez da manhã! Parecia mais dez da noite e quente — eu nunca havia sentido tanto calor em minha vida. O termômetro do meu quarto mostrava que fazia 34°C e a umidade estava intolerável. Meu quarto era voltado para o leste, então, rapidamente, eu abri as cortinas para ver porquê o velho sol não estava fazendo o seu dever corretamente.

O horizonte oriental era de um vermelho lúgubre, como se a muitos quilômetros de distância houvesse um grande incêndio. Mesmo enquanto eu observava, as nuvens pesadas foram parcialmente dissipadas, e uma vista, a pior coisa que meus olhos já viram, exceto por outra ocasião, encontrou minha visão. O sol, aumentado para um tamanho gigantesco, pairava entre o horizonte e o zênite, um verdadeiro inferno de fúria ardente. A Terra estava mergulhando na esfera de fogo em pleno dia? Era essa a desgraça final da Terra, após a previsão dos astrônomos, incluindo eu, de que o mundo acabaria congelado e sem vida girando em torno de um sol que se esfriava rapidamente?

Comunicação inteligente por rádio era quase impossível, mas os relatos desconexos que chegavam, de tempos em tempos, falavam das trágicas mortes de milhares e milhares de pessoas, as quais não conseguiram buscar proteção adequada dos abrasadores raios do sol.

Os hóspedes da mansão Gilroy passaram o dia alternando entre pânico e desânimo. Não há nada que se possa fazer contra as calamidades naturais, exceto adaptar-se a elas. Sua força incontestável não pode ser evitada. A única coisa que a humanidade pôde fazer durante aquele primeiro dia terrível foi procurar seus porões, se eles estivessem secos, e aguardar o derradeiro pôr do gigantesco orbe solar.

Meus pensamentos voltavam constantemente para Vivian. Quão mais fácil teria sido esta catástrofe se nós estivéssemos juntos. Embora eu tivesse total confiança no julgamento sensato do Professor Harley em qualquer circunstância, eu não desejava nada mais do que ter minha noiva comigo.

Conforme o avançar do dia, passado nas profundezas relativamente frescas do porão com medo de novos terremotos, notamos uma leveza tomando o lugar da antiga opressão que parecia pesar sobre nós. O abafamento deu lugar à estiagem, certamente muito quente, mas muito menos desagradável do que a umidade excessiva que dominava a noite, manhã e início da tarde. Nós nos sentíamos tão leves e alegres na hora do pôr do sol que nos deliciávamos com música e dança. Pode parecer frívolo ler sobre isto, mas o homem é tão evoluído que pode aliviar os seus nervos sobrecarregados através de diversas formas de relaxamento, embora ele saiba que o estresse causado pelo medo e pela preocupação não seja aplacado permanentemente. E se esta narrativa se aterá estritamente à verdade, não devo omitir nenhuma palavra a respeito da descoberta do patrimônio privado do falecido senador, o qual julgo eu merecer tanto crédito por ter aliviado o cansaço mental do dia quanto qualquer reação natural poderia ter feito. Posso escrever sobre isso de uma maneira perfeitamente imparcial, pois sou um abstêmio restrito, e este dia passado dentro das profundezas subterrâneas da mansão Gilroy não foi exceção à regra. Mas no que diz respeito a Miles Tracy, James Urban e até mesmo meu tio Mark Atkins, ordinariamente digno, não posso fazer nenhuma afirmação positiva, e mesmo Donna não estava acima de qualquer suspeita.

O primeiro indício que tive de tudo isso quando Donna apareceu de repente de alguma parte remota do porão. Enquanto

eu a observava, pensei que estávamos tendo outro terremoto.

— Escutem, pessoal — ela gritou se aproximando do restante de nós — acabei de ser pesada, e glória aos céus: perdi 27 quilos! Vale a pena tentar fazer dieta para emagrecer. Eu disse a você, Marian (Sra. Gilroy), que você perderia peso se cortasse os carboidratos!

A viúva do falecido senador se recuperou rapidamente do choque da suposta perda de peso da sua hóspede e respondeu friamente: — Acho melhor você olhar a balança de novo, Donna. Deve haver algum engano.

— É um fato — falou o tio Mark, cuja atitude corajosa significava que ele claramente estava preparado para dar apoio à Donna em sua afirmação a respeito da perda de peso.

— Entre e veja você mesma a balança, se não acredita!

Felizes com outra distração para afastar nossos pensamentos sombrios, marchamos para a pequena salinha lateral a um canto no qual havia uma balança, em cuja plataforma Donna subiu rapidamente. O resto de nós se aglomerou em torno do objeto com as exclamações triunfantes de Donna e James: — Nós avisamos! — em nossos ouvidos, observando que o ponteiro indicava que Donna, uma mulher com peso aparentemente acima da média, pesava exatamente 34 quilos!

Os eventos seguintes foram uma série de experimentos para chegar à conclusão inegável de que cada um de nós pesava apenas um pouco mais da metade de nosso peso anterior!

— A máquina deve estar quebrada — eu expliquei, mas no fundo do meu coração, eu sabia que as coisas estavam diferentes, embora não me atrevesse a dizer a estas pessoas o que eu suspeitava da verdade neste momento.

IV

Poucos minutos depois, Miles aproximou-se de mim como se quisesse confidenciar algo, e diminuindo sua voz ao ponto de sussurrar, ele disse: — Juro que não bebi o suficiente para machucar uma pulga, mas tenho certeza que vi alguma coisa! Como é noite, eu descí as escadas e fui na varanda pensando que estaria

mais frio, mas... Não estou certo do que vi! Acho que irei voltar e dormir.

Ele se foi rapidamente quando me voltei alarmado e eu vi apenas sua figura cambaleante subindo as escadas. Ele não parecia embriagado. Seu passo era firme, mas parecia emocionalmente acabado.

Quando eu cheguei no hall de entrada, ele ainda estava subindo as escadas para os dormitórios. A princípio pensei em chamá-lo e tranquilizá-lo, mas, pensando melhor, decidi descobrir eu mesmo a causa de sua consternação. Ouvi a porta do seu quarto se fechando; então corri e fui rapidamente em direção à porta da frente para chegar à varanda.

Eu havia dito em alguma parte desta história que a visão do gigantesco sol foi a mais terrível que eu já tinha visto, exceto por uma outra. Essa é a outra. A noite estava clara como o dia, não o esplendor da luz bonita do sol, mas a luz fria e límpida de mil luas. Era isso o que parecia ser quando olhei para o céu.

Como um louco, corri em direção ao campo aberto, mesmo com as águas batendo na altura dos joelhos, e olhei para o alto com os meus olhos quase saltando do rosto. O céu era uma galáxia cheia de corpos celestes de tamanhos e brilhos muito variados. Todo o universo estrelado e planetário havia marchado até nós durante os eventos cataclísmicos das últimas vinte e quatro horas, ou pelo menos era o que parecia!

— No entanto, está acontecendo o que eu suspeitava vagamente — murmurei para mim mesmo. — Não é à toa que pesamos menos com a atração contra-gravitacional das estrelas e planetas!

Poucas estrelas brilhavam. Elas brilhavam com o esplendor constante e deslumbrante dos sóis, e muitos planetas até então invisíveis, agora nos cercavam e eram visíveis a olho nu. A lua não era visível, mas Vênus, um enorme disco prateado, quatro vezes o diâmetro da velha lua cheia, ocupava o céu ocidental e, através de seu véu nublado, vislumbrei fugazes picos de montanhas que reduziriam à insignificância o Himalaia ou os Alpes.

Estrelas cadentes e meteoros eram mais frequentes do que eu jamais imaginara que fossem até então. Nos poucos momentos em

que fiquei mudo de espanto, uma dúzia ou mais adentrou do meu alcance imediato de visão.

A essa altura, ouvi as vozes dos hóspedes de Gilroy vindas da varanda e, julgando pelas exclamações barulhentas, eles também estavam cientes da proximidade das estrelas e os planetas. Voltei para casa e fui bombardeado com perguntas sobre minha opinião a respeito do estado atual do universo.

Eu tinha uma teoria, mas era tão ousada em seu escopo, que não me atrevi a expressá-la neste momento.

— Vamos ligar as rádios e as televisões — sugeri. — Precisamos saber algo a respeito da extensão em que essa calamidade atingiu a Terra.

Com a prestativa ajuda de Miles, o qual finalmente estava totalmente convencido de que não estava “vendo coisas” que não eram reais, conseguimos sintonizar o rádio. Parecia não haver nada no ar além de sinais de pedidos de socorro, mas, por fim, por meio do staccato de uma chamada muito remota, embora persistente, reconhecemos a voz familiar do Professor Aldrich, cuja reputação de astrônomo se disseminara pelo país inteiro.

— ...e então em algum lugar naquele extenso cosmo, em que somos apenas um átomo, foi experimentada meramente a transição de uma substância do estado gasoso, depois para o estado líquido, e por fim, para o sólido, mas, para nós, o átomo tem sido um fenômeno de proporções tão grandes que é difícil compreendermos o significado disso com nossas mentes finitas.

“— Por que isso nunca aconteceu antes? Simplesmente porque o Tempo, como o Espaço, são puramente relativos, e milhões de anos no microcosmo podem muito bem ser um segundo no universo mais vasto, o macrocosmo, do qual forma uma tão diminuta parte.

“— E agora nós devemos concentrar nossas mentes do teórico para o prático, pois nosso tempo está se esgotando. A proximidade do sol tornará impossível para a humanidade habitar qualquer lugar atualmente, exceto as regiões polares da Terra, e como já estamos vivendo no hemisfério norte, sugiro que desloquemos toda nossa população e o estoque de alimentos disponíveis para o norte por meio de aviões. Foram designados quartéis-generais localizados por

todo o país para organizar os detalhes do futuro grande voo, e esses detalhes se aplicam às suas estações locais.”

Então seguiu-se uma lista das bases de serviço em operação e direções, seguidas pelos tons profundos e bem modulados da emissora nacional:

“— Amigos, o Professor Harley, o químico nacionalmente conhecido, falará com vocês agora por alguns minutos.”

O pai de Vivian! Aproximei-me do rádio para não perder uma única palavra, entre estalidos e crepitações, o equipamento desligou. Ao que se seguiu uma hora de esforço frenético para colocá-lo em funcionamento de novo, mas tudo em vão. O material necessário para fazer os devidos reparos não estava disponível.

Mesmo que apenas informações de segunda mão, as falas do Professor Harley me dariam uma vaga ideia das experiências de Vivian durante esse cataclismo; mas consolei-me com a feliz perspectiva de me reencontrar com ela no Polo Norte.

V

No início do terceiro dia, após a comunicação por rádio ter cessado (pelo menos do que nos dizia respeito), estávamos em um lugar relativamente seco. O estoque de alimentos era mínimo e nós percebemos a necessidade imediata de chegar à base aérea mais próxima, localizada em Chicago. Os três pequenos aviões que trouxeram os convidados do funeral à mansão Gilroy bastaram para levá-los embora com o escasso suprimento, e pouco depois do meio-dia meu avião pousou na parte oeste de Chicago.

O leitor pode ser capaz de formar uma vaga ideia sobre a força de atração unida das estrelas e planetas que vieram na nossa direção durante aqueles dias trágicos. Nós descobrimos em Chicago que todas as costas litorâneas do mundo todo foram alternadamente inundadas e deixadas altas e secas pelas águas estavam sujeitas à atração dos corpos celestes.

Quatro aeronaves gigantescas, cada uma capaz de transportar mil passageiros (embora, para uso comum, sua capacidade fosse limitada a seiscentos), estavam sendo rapidamente envolvidas por uma enorme cobertura branca, erguida com o objetivo de refratar alguns dos intoleráveis raios solares. Miles, Donna, minha prima

Marian Gilroy e eu corremos até a rampa do Calvin Coolidge, mas já era tarde demais. O guarda anunciara bruscamente que mil almas já estavam a bordo da grande máquina voadora, porém, também disse-nos que se nos apressarmos, poderíamos embarcar em outro. Corremos para o próximo avião, que estava a vários quarteirões de distância e descobrimos que tratava-se do malfadado Ícaro que, assim como seu antigo homônimo, certa vez caíra no oceano tendo suas asas danificadas, embora este, ao contrário do primeiro, tivesse sido resgatado das profundezas, apesar de não sem a perda de vidas. De modo geral, ele havia sofrido pouco com esse acidente, mas, agora, estava pronto mais uma vez para o serviço. Evidentemente, a reputação de Ícaro não era uma das melhores, já que ele não estava se enchendo tão rapidamente como o esperado.

— Vamos tentar embarcar naquele avião — exclamou prima Marian, apontando para um lindo avião colorido com tons celestes de verão, o qual aparecia estar prestes a levantar voo.

— Esse é o Azuria — disse Miles —, a última palavra em quesito de velocidade e viagens aéreas luxuosas.

Mas, assim que viramos as costas para o Ícaro, o zumbido dos motores do Azuria chegou aos nossos ouvidos. Então, lenta e majestosamente, a aeronave ergueu-se, seus três conveses num enxame negro de seres humanos, e logo, muito logo, seu casco azulado ficou invisível contra o azul do céu.

— Qual é o nome do outro avião? — perguntei ao guarda na prancha de desembarque do Ícaro.

— O Celestia — ele respondeu —, mas não temam embarcar no Ícaro. Desde seu conserto, não há avião mais seguro!

Não tivemos escolha a não ser tentar a nossa sorte com o Ícaro. Enxuguei minha testa suada e me encostei na grade do parapeito, observando os operários removerem a lona que protegia o Ícaro do sol. Eu ouvi uma voz ao meu cotovelo. Era Donna.

— A Celestia está vindo para cá. Eles irão trazê-la para o lado de Ícaro antes do embarque.

Miles e Marian se juntaram a nós. Eles procuravam outras pessoas do grupo recente que esteve na residência Gilroy, mas eu estava sempre procurando por um possível vislumbre de Vivian

Harley, embora eu não soubesse se ela havia saído da base de Chicago ou a da Filadélfia, que se localizava no meio dos dois.

A Celestia aproximou-se tanto quanto a envergadura de suas asas permitiam e um homem a bordo dela gritou através de um megafone:

— A Celestia está carregando 1.137 pessoas. Vocês têm espaço para o excedente?

O capitão do Ícaro respondeu que sim, e ficaria feliz em levar de 150 a 200 passageiros da Celestia. Nós esperamos, mas não havia sinal de que a transferência seria feita. As pessoas a bordo da Celestia temiam a reputação do mal-nomeado Ícaro.

— Vejam — gritou Donna com entusiasmo —, ali estão Max e Ethel Sabin e o primo James e tio Mark no convés superior da Celestia!

Em vão, Donna, Miles, Marian e eu tentamos persuadir nossos velhos companheiros a se juntarem a nós em nossa aeronave. Eles permaneceram obstinados a todas as nossas súplicas.

Por fim, a rampa foi retirada e a Celestia voou em direção ao céu. A última coisa que vimos foi um borrão fraco no horizonte norte.

E, por último, mas não menos importante, o Ícaro, com 768 almas a bordo, deixou a terra seca pelo sol muito, muito abaixo, e buscou o alívio das gélidas e altas altitudes.

Durante as longas horas da noite, enquanto Marte e Júpiter pareciam como se fossem cair do céu e nos obliterar, nós aceleramos em direção à Polaria, ocasionalmente vendo no nível de dois mil pés abaixo de nós vários cargueiros voando em direção ao norte e ao sul, como os caminhões de antigamente, levando a parafernália da civilização a uma nova morada.

Porém, nos encontramos em uma situação terrível. As terras mais ao norte estavam muito submersas para que os humanos pudessem viver com algum grau de conforto. A região polar norte não era nada além de água, pontilhada por alguns icebergs que diminuíram rapidamente. E essa seria a nossa casa, o lar do homem que um dia conquistou a terra! O que aconteceu com a conquista da qual ele outrora tanto se gabava?

Seria possível para você, da nova era, imaginar como foi o primeiro ano passado vivendo em nossa morada polar? Foi, é claro um período de reconstrução. O homem construiu para si mesmo uma vastidão de cidades flutuantes, vivendo à base de peixe e comidas sintéticas, e desfrutando de um clima salubre.

Em vão, procurei nas ilhas flutuantes de nosso mundo nortenho por minha prometida esposa, Vivian Harley. O terror se apoderou do meu coração. Poderia ela ser contada entre as vítimas da Celestia? Aquele grande avião, sem sombras de dúvidas, devido ao fato de estar muito sobrecarregado, havia caído no Oceano Ártico, onde costumava ficar a costa norte da Groenlândia. Nenhum vestígio dele jamais fora encontrado. Seu destino deve ser um lembrete constante do fracasso da superstição e do medo contra o triunfo da razão.

Porém, assim que o luxo da comunicação do rádio nos foi permitido, nós, de Polaria, como nomeamos nossa civilização unificada do norte, recebemos uma mensagem que foi bastante surpreendente. O longo dia de verão, em que o sol nunca se pôs durante os primeiros meses da nossa estadia em Polaria, fez com que nós fôssemos negligentes em relação à hora de acordar e dormir, embora eu duvide que tenhamos sido mais negligentes nesse momento do que eram os americanos do século XX: vivendo quando o dia e a noite eram claramente definidos. Mas, uma noite, quando o enorme sol brilhava no horizonte, nós, polares que por acaso estávamos acordados e sintonizados por um comprimento de onda de rádio excepcionalmente curto, naquela hora, ouvimos a seguinte mensagem:

“— Aqui é o professor Richard Harley falando da estação OGICU. Não, amigos, eu não estou flutuando ao redor do Polo Norte apenas porque aconteceu de ele estar a algumas centenas de quilômetros mais perto na época da catástrofe. Estou vivendo em um verdadeiro Éden em terra firme, e esse Éden está no Polo Sul! Minha opinião sobre pessoas que tencionam, por anos de trabalho desnecessário, economizar algumas centenas de milhas em uma viagem numa linha aérea palaciana, não soaria bem ao público. O novo jardim do Éden é um paraíso. Não, não estou tentando vender imóveis. Há relativamente poucos de nós aqui, mas não queremos

que todos vocês venham. Possivelmente, a esta altura, vocês já elaboraram um programa viável para tornar as regiões do Polo Norte confortavelmente habitáveis, e sugiro que a maioria de vocês fique onde está, mas há espaço para mais duzentas mil pessoas aqui no Éden. Quando vocês conseguirem colocar seus aparelhos televisivos em funcionamento e puderem ter um vislumbre dessa Utopia, garanto que a região do Polo Norte será um lugar deserto.

“— Aqui, quem fala é Richard Harley da estação OGICU encerrando a transmissão até amanhã nesta mesma hora.”

Não houve nenhuma menção a Vivian, é claro, mas ela deveria estar bem ou o seu pai não teria falando com tanta tranquilidade. Eu queria me levantar imediatamente e ir até o Polo Sul, mas o Professor Aldrich não quis saber disso.

— O início da noite polar de seis meses não está longe — explicou ele, ao expressar sua objeção à minha partida —, e nós, astrônomos, devemos estar prontos para observar e registrar os novos e surpreendentes fenômenos que as estrelas e os planetas aumentados apresentarão para nós.

A longa noite chegou, mas não parecia que era noite para nós, pois a visível lua cheia do polo, durante a primeira parte da noite polar, derramou sobre nós sua luz fria, branca e refletida. Ela ocupava uma porção tão grande do céu, que as observações astronômicas se limitavam exclusivamente a ela. Muitas descobertas fascinantes foram feitas sobre nosso satélite, mas como esta história não está especialmente preocupada com problemas lunares, eu passarei para as observações do meio do inverno, quando Marte e Vênus entraram no escopo de nossa visão.

Jamais esquecerei da época em que o Professor Aldrich e eu estudamos Vênus pela primeira vez de nossa nova perspectiva. Como uma grande lanterna chinesa prateada, ela parecia estar a apenas algumas varas de distância. A sua luz era muito mais brilhante do que a luz da lua dos velhos tempos. Nosso telescópio revelou evidências de uma civilização que havia sido destruída pela catástrofe universal. Houvera uma civilização, mas agora não havia mais vida. Pesquisamos as regiões polares com o olho no telescópio, pensando que os venusianos teriam feito o que nós

fizemos, mas em todo o planeta era evidente apenas uma devastação causada por queimadas.

— Espere até conseguirmos ver Marte — disse o professor com grandes expectativas —, esse cataclismo certamente melhorou a condição dos marcianos.

— Eu não concordo com você — falei. — Qualquer condição que eles tivessem anteriormente, eles já estavam acostumados. Não podemos julgá-los levando em consideração nossos padrões. Eles estão em um lugar mais quente do que antes e é lógico que estão tão desconcertados quanto nós.

— Pode ser que haja alguma verdade no que você diz — admitiu o astrônomo —, mas estou inclinado em acreditar que essa calamidade cósmica fará com que a vida seja mais ativa no planeta vermelho. Mas, só o tempo dirá, e esse tempo não está longe.

Enquanto isso, a televisão e o rádio estabeleceram comunicação regular entre o norte e o sul, e foi uma grande alegria ver e falar com Vivian várias vezes. Eu planejava partir para o Éden assim que começasse a longa noite nas regiões antárticas, pois havia estrelas que eu desejava estudar nos céus acima do Éden. Os voos entre os polos não eram raros, pois muitos em Polaria estavam cansados das águas que refletiam as grandes bolas de luz e ansiavam por terra e luz do dia. E algumas pessoas do Éden, atraídas pelas descrições da noite em Polaria, voaram para o norte.

VII

Miles Tracy havia se tornado um entusiasta da astronomia e estava comigo praticamente todo o tempo no grande observatório de Polaria. Ele parecia nunca se cansar de olhar para os planetas. Durante semanas, tivemos Marte sob constante observação, mas não conseguimos detectar nenhum sinal de vida. Este planeta sequer apresentava possibilidade de vida ter existido antes da mudança na estrutura molecular do nosso universo do estado gasoso para o estado sólido. A superfície do planeta apresentava apenas uma massa conglomerada de rocha cristalina avermelhada. Em algumas partes da superfície desse mundo estranho, os raios do sol refletiam cintilações em rubi, em outras grandes rachaduras e fendas sugeriam que ali existiam profundidades abismais.

— Marte está mais morto que prego de porta — comentou Miles, em uma certa ocasião, enquanto estudávamos alternadamente a fisiografia do imenso mundo que pairava tão perto de nós no espaço. — Ele é menos interessante do que Vênus porque nem mesmo nos concede o privilégio de estudar uma civilização passada.

O Professor Aldrich entrou no observatório em tempo de ouvir o comentário de Miles e nos surpreendeu com estas palavras:

— Não tenha tanta certeza de que Marte é um planeta morto. A vida nem sempre é revestida com atributos com os quais reveste a nossa existência. O que é vida, afinal? — perguntou, virando-se abruptamente para Miles.

— Pois... er... er... Deixe-me ver. Vida... er... mostra movimento, é energia — gaguejou Miles.

— Exatamente como eu pensei — retrucou Aldrich —, você não sabe. O que você tem a dizer sobre isso, Hildeth?

— A vida é a soma total de nossas forças que resistem à morte — respondi, lembrando-me vagamente de algo que aprendi na faculdade.

O professor olhou para mim piedosamente: — Não é um pensamento tão ruim, mas vocês dois por acaso já associaram a vida com energia radiante?

— Energia radiante e energia vital são duas coisas bem distintas — eu disse. — A vida se manifesta por último. O sol, uma fonte da energia radiante, não é um ser vivo como conhecemos, mas ele está ativo — me virei para Miles, que parecia bastante perplexo com nossos comentários.

— Eu acredito, amigos — disse Professor Aldrich com convicção —, que a função primária do universo é a energia radiante. A matéria primitiva deve continuar se transformando em cinzas inertes. Essas chamadas cinzas inertes, como o planeta em que vivemos, constituem apenas uma pequena porção do universo. Quão grandes em tamanho e número são as estrelas em todo o Espaço que estão passando por essa transformação devido à energia radiante! Quão pequena é a matéria inerte sobre a qual a vida, como a conhecemos, pode existir! Ainda assim, damos protagonismo à energia vital, ou vida, que em todos os aspectos, no

espaço, tempo e nas condições físicas, está limitada a um canto inconcebivelmente pequeno do universo. A matéria primordial que está no processo da radioatividade é a vida que o Criador pretendia; essa assim chamada vida (energia vital) que existe na substância inerte é meramente uma doença da antiga matéria depois que a energia radiante se dissipou. É uma espécie de fungo que infesta a matéria na velhice.

Miles e eu ficamos sem palavras. Estaria o Professor Aldrich perdendo a cabeça ao ponto de crer que ele podia falar da vida, que incluía a alma e a mente do homem, em termos tão depreciativos? Teria um “crescimento fúngico” causado a evolução da uma ameoba até chegar em um homem? Uma “doença de velhice” constituído uma civilização desde as comunidades primitivas dos homens das cavernas até as vastas cidades do século XXI?

O professor sorriu vendo nossos rostos assustados. — Suponho que ambos e milhões como vocês dois sempre pensaram que o sol estava gastando sua energia radiante com o propósito de manter uma pequena porção de vida na Terra e em outros planetas. Mas, meus caros garotos, muitos planetas não são habitáveis. Estará o sol gastando sua energia em vão? Nem um pouco dela! Não importa se o fungo continua a crescer. Pode crescer onde puder. É uma questão secundária se compararmos com a energia radiante, a verdadeira vida universal!

Ficamos aliviados quando os passos do professor se tornaram inaudíveis quando ele deixou o observatório.

— Louco como um lunático — foi o comentário de Miles. — Suponho que a emoção dos últimos meses tenha sido demais para um homem de sua idade.

VIII

*“Muitos planetas por muitos sóis
Volveriam no pó de uma raça esquecida,
Engolidos na Vastidão, perdidos no Silêncio
Afogados nas profundezas de um Passado sem sentido.”*

— TENNYSON.

Marte, morto, inerte, assolado pela velhice e, sem nem mesmo o “crescimento fúngico” da Terra! Estaria ele melhor do que na Terra? Qual planeta consumou o plano do Criador?

Tais foram os pensamentos intrigantes e deprimentes que me ocorreram algum tempo depois, quando procurei o telescópio sozinho e vi com tristeza o planeta que na minha mente imaginativa havia sempre retratado como repleto de vida inteligente, ativa e progressiva, exemplificando uma civilização mais antiga e, portanto, mais avançada que a nossa. Eu esperava que o visor revelasse uma visão profética da Terra muitas eras no futuro.

Não demorou tanto tempo para que Miles e eu perdêssemos todo o interesse em Marte, mas não o Professor Aldrich. Durante horas e horas, ele ficava sentado olhando para o mundo sem vida. Logo aprendemos a deixá-lo sozinho e a evitar seus discursos desanimadores sobre “energia radiante” e “cinzas inertes”.

Os relativamente poucos habitantes remanescentes da Terra, com poucas exceções, fixaram suas residências alternadamente entre os polos, quando era noite por seis meses. Qualquer um dos círculos polares era encantadoramente ameno, a temperatura ideal durante a noite que já havia sido insuportável nos dias de outrora.

O sol gigantesco estava visível no horizonte há uma semana, quando, certa vez, ao acordar, ouvi o som de vozes animadas e saí correndo de minha tenda, que ficava perto da orla da Ilha Aldrich (nome dado à ilha flutuante artificial na qual milhares de nós vivíamos). A Azuria, que trouxera várias pessoas do Éden, estava pronta para retornar à Antártida, e seu capitão decidira partir imediatamente. Isso exigira velocidade de nossa parte, pois o Professor Aldrich estava muito ansioso para começar um estudo dos céus do sul e não queria esperar mais uma semana pela chegada de outro avião.

Miles e Donna decidiram se juntar a nós, mas a Sra. Gilroy gostou da companhia de vários amigos simpáticos, com quem ela preferiu ficar e experimentar o verão ártico.

Poucas horas depois, o palácio voador, Azuria, havia deixado as ilhas flutuantes de Polaria, rumo ao sul, e seis horas depois, as planícies queimadas e sem vida da América do Norte estavam no panorama abaixo dela. Hora após hora, eu me apoiava na amurada

do convés inferior e observava o grande continente deslizar abaixo de mim, enquanto nossa máquina voadora ia na velocidade de quatrocentas milhas por hora. A linha do quase extinto rio Mississippi aparecia fracamente à medida que nos aproximávamos do Golfo do México.

Mais de doze horas depois de sairmos de Polaria, cruzamos o Equador e, nas horas seguintes, os Andes da América do Sul marcaram nossa rota em direção ao sul.

Foi durante as primeiras horas da manhã, quando sobrevoamos as ruínas de La Paz, na Bolívia, que todos que por acaso observavam a paisagem que se desvanecia, viraram-se uns para os outros com faces interrogativas e fizeram as mesmas perguntas por unanimidade.

— Você está vendo a faixa de vegetação viva? — e — Qual é a causa disso quando o outro lado permanece estéril?

Por que o caminho da vida através de um mundo de morte?

A vista era tão incrível que manteve todos na aeronave fascinados. Uma faixa reta de verde, dez ou doze milhas de largura, como uma linha cortada por uma foice gigantesca, se estendia de La Paz a Valparaíso. Todos os olhos estavam fixos na visão milagrosa e muitas explicações começaram a ser arriscadas.

— Água subterrânea que não evaporou como a água da superfície — sugeriu um.

— Correntes de ar polares — disse o outro, e alguém riu.

— Eu vi algo se mexendo na vegetação — exclamou uma menina — mas, não consigo dizer se era um ser humano ou um animal.

— Imaginação — foi o veredicto de alguém, e a questão da vida humana ou animal foi deixada de lado.

Pouco mais de vinte quatro horas depois que Azuria deixou Polaria, ela pousou em meio ao crepúsculo na terra do Éden. Reconhecemos desde o nosso primeiro vislumbre do lugar que o continente sul havia sido propriamente nomeado. Era o paraíso com o qual o homem sempre sonhara. Houveram cenas mais grandiosas e robustas, mas falando da sua pura beleza, esse Éden dificilmente poderia ser superado pelo original.

No jardim, que cercava a casa dos Harley, Vivian esperava por mim, uma Vivian bastante pálida e perturbada, a quem aos acontecimentos dos meses anteriores haviam impressionado com espanto e perplexidade.

Não muito depois de nosso reencontro, uma data antecipada foi marcada para nosso casamento, mas logo percebemos a verdade das palavras de Burn sobre “os melhores planos dos ratos e dos homens”.

IX

Relatórios dos correios e dos aviões de passageiros confirmaram as observações da Azuria em relação à faixa de terra fértil na América do Sul, embora, de acordo com as últimas notícias, a linha havia se deslocado levemente para o oeste. E agora nem mesmo os indivíduos mais inteligentes poderiam arriscar uma explicação sobre o intrigante caminho verde que se estendia de Georgetown a Buenos Aires.

Certa vez, entrei no observatório com o objetivo de fazer alguma observação particular. Senti que já era hora de o Professor Aldrich ceder o telescópio para outra pessoa. Entretanto, não queria incorrer na inimizade do taciturno professor, por quem eu sentia uma emoção semelhante à pena. Eu realmente temia que sua insistência constante no enigma do Marte desabitado estivesse afetando sua mente, então me aproximei dele com o máximo de tato que pude.

— Algum sinal de vida em Marte, professor? — eu perguntei com animação quando entrei.

Não houve nenhuma resposta e senti a indignação crescendo dentro de mim. Abri minha boca para expressar meu ressentimento, quando ele disse abruptamente:

— Por “sinais de vida”, suponho que você queira dizer movimento, e a isso posso com certeza responder negativamente, mas vida, inteligência ou o que você queira escolher para chamá-la (a denominação é imaterial), pode ser evidenciada de outras maneiras e, eu digo a você agora como declararei em breve aos povos dos dois polos, que há evidências de inteligência em Marte. Oh, eu sei qual será a sua reação à minha afirmação — cortou ele,

quando comecei a responder —, mas eu repito, movimento não é essencial para a inteligência em todo o Universo.

— Mesmo assim... — eu disse, finalmente — não há nenhuma evidência de que algo já tenha sido feito por seres inteligentes neste planeta. Não é mais do que uma enorme pilha de rocha avermelhada de natureza cristalina; nada além de “cinzas inertes”!

Eu pronunciei estas duas últimas palavras sarcasticamente, e um sorriso divertido apareceu nos lábios finos do professor.

— O termo “cinza inerte” dificilmente se aplica ao nosso vizinho Marte — ele respondeu —, como você e o resto do mundo descobrirão em breve.

Ele saiu do observatório e eu assumi meu lugar na lente, que estava direcionada, como eu imaginava, para o planeta vermelho. Ali, pairando no espaço, uma massa montanhosa de cristais de rocha avermelhada atravessada por abismos retos e fissuras, sem dúvida nenhuma, os seus “canais”. Desolação, silêncio e uma paisagem mais monótona do que a lua!

— Se Marte não é um mundo morto, então podemos esperar a vida em um cadáver — murmurei. — Esse é o cenário mais sem vida que eu já vi!

Mais alguns minutos foi tudo o que pude tolerar antes de mudar o foco para um corpo celestial mais interessante. Que fascínio Marte exercera sobre Professor Aldrich, semana após semana, durante meses?

— Que se dane o seu silêncio — eu deixei escapar, e então percebi que o professor havia retornado e evidentemente estava me observando há algum tempo.

— Localize Marte novamente — ele disse de forma contida.

Obedeci, pois havia algo em sua expressão que indicava que ele não toleraria oposição.

— Está acontecendo alguma coisa com a engrenagem de distribuição — eu disse. — Não posso manter Marte no centro de observação sem ter de mover o telescópio com a mão. O que há de errado?

— Você tem certeza? — ele estalou para mim.

— Com certeza. Vamos a isso.

— Não podemos fazer nada agora — respondeu ele com mais calma. — Acabei de ouvir as últimas notícias da rádio que os sismólogos detectaram grandes tremores de terra, presumivelmente na região equatorial da Terra. “Não há uma grande perda sem algum pequeno ganho”, portanto, podemos ficar satisfeitos por não existir seres humanos naquela parte do planeta para sofrer com os terremotos. Além disso, desde os terremotos, a faixa verde na América do Sul começou a desaparecer.

— Isso é um pouco reconfortante — respondi. — Nossa situação é lamentável, embora tenhamos feito o nosso melhor dentro dos limites.

O Professor Aldrich sacou o seu relógio e, ao perceber as horas, dirigiu-se ao rádio, com o qual o observatório estava equipado não somente com aparelhos receptores, mas também emissores.

— Estou programado para falar em meia hora. Você irá...

Ouviu-se um crepitante som de rachadura, seguido por um rugido. Cambaleando como bêbados, perdemos completamente o equilíbrio e deslizamos juntos com toda a parafernália solta para um dos lados da sala. Bem abalados, mas ilesos, não conseguimos nos levantar tão rapidamente. Com o estrondo de um trovão do juízo final, o imenso telescópio foi literalmente arrancado de sua base e caiu onde alguns segundos antes estávamos impotentemente agachados. Um segundo ruído de rachaduras e algo se quebrando foi ouvido e a última coisa que me lembro foi de nós dois sendo arremessados pelo chão quebrado até a história que se segue abaixo.

X

— Oh, pai, ele está recuperando a consciência.

Essas foram as primeiras palavras a saudar meus ouvidos após um período de insensibilidade branca. Abri meus olhos para ver Vivian inclinada sobre mim, seus olhos brilhando com preocupação amorosa. Eu estava confortavelmente aninhado em uma cama na casa dos Harley.

— Professor Aldrich? — eu perguntei fracamente.

Como se em resposta à minha pergunta, a voz do professor soou alta e tensa do lado oposto da sala. — Aqui é o Professor Aldrich falando da estação OGICU.

E enquanto ouvia a voz de meu companheiro de infortúnios, que havia escapado milagrosamente sem ferimentos, Vivian e uma enfermeira atendiam as minhas necessidades. Enquanto comia meu caldo, eu e o resto do mundo ouvíamos o seguinte discurso vindo dos lábios do maior astrônomo vivo:

“— Tenho sido muito criticado por manter um silêncio sobremaneira rígido; mas na minha opinião essas críticas eram algo menos repreensível do que o escárnio aberto que teria sido o meu caso eu houvesse me atrevido a expressar minhas conjecturas no início. Suas ridicularizações teriam interferido em minhas observações e retardado a solução desse enigma, solução que estou prestes a dar-lhes agora:

“— Primeiro de tudo, saibam que Marte é um planeta vivo; vital, egoísta, maligno! Não é vital no mesmo sentido que a Terra é (Terra, uma enorme bola de cinza inerte coberta com fungos humanos). Ele é inteligente como um todo, tal qual uma entidade. Ele é tão velho que se, alguma vez possuiu organismos rastejando em torno de seu núcleo inanimado, eles conseguiram sofrer uma transmutação de energia vital para energia radiante, e, agora, eles integram a sua formidável unidade. Vocês não podem, meus amigos, imaginar a evolução em vasta escala tendo ocorrido tão longe da atividade humana como a conhecemos; teria ela cessado? A ordem a partir do caos (que é o objetivo de nossas atividades agora expressas em nossos processos de organização) atingiu até mesmo o arranjo ordenado e sistemático dos átomos em sua vasta estrutura molecular! Ele alcançou o perfeito equilíbrio entre causa e efeito, para o qual todo conflito é dirigido. Ele é um exemplo de um estado de equilíbrio perfeito, ou talvez eu deveria ter me referido a ele no passado e dito “era”, pois Marte, uma vez que era suficiente para si mesmo, ficou muito perturbado pela recente alteração no arranjo do Universo. Sua adaptação ao ambiente anterior ao cataclismo era perfeita, mas ele deixou de lado o seu equilíbrio, e achou necessário se readaptar.

“— Sua primeira tentativa de recuperar o seu autocontrole de antigamente foi pela expulsão de um raio protetor contra os raios do sol. Esse raio anulou em um grau adequado o calor intensificado da nossa iluminação. Descobria a existência desse raio sempre que a Terra ficava entre Marte e o sol. À medida que seus elétrons passaram pela superfície do nosso globo, eles neutralizam os raios solares que afetavam a Terra, da mesma maneira que fizeram com Marte, no rastro do raio. A Terra floresceu como antigamente. Essa foi a faixa verde que vocês viram na América do Sul.

“— Este raio protetor marciano, embora aparentemente eficaz, parece que não foi completamente satisfatório para Marte. Pode ter exigido muito esforço ininterrupto de sua parte. Não podemos saber. De qualquer forma, Marte, a entidade planetária, encontrou um caminho para solucionar suas dificuldades e, resumidamente, é essa.”

Eu havia terminado meu caldo e estava descansando em silêncio com a mão de Vivian segurando a minha. Seu pai, que andava nervoso de um lado para o outro, parou abruptamente e veio até o pé da minha cama. Ele sorriu para ela e para mim e então disse:

— Estou prestes a suceder ao Professor Aldrich no microfone, então irei agora. Vocês irão me ouvir dentro de pouco tempo.

“— ...esses terremotos — continuou a voz do Professor Aldrich no alto-falante do rádio — são causados por um retardamento na velocidade da Terra em sua órbita ao redor do sol. Esse processo de desaceleração foi acontecendo gradualmente, mas não tão lentamente a ponto de não causar graves choques ao mundo. Essa diminuição da velocidade de nosso planeta em torno do sol não é diretamente devida ao recente rearranjo do Universo, mas é causada por uma força exercida sobre a Terra por Marte. A Terra é mantida em um domínio intangível, mas poderoso, pelo planeta maligno, que a segura como um escudo entre ele e o sol flamejante. Estamos agora viajando em uma órbita que nos mantém servindo como um enorme guarda-sol para o planeta Marte, e parece que Marte está feliz em nos ver prestando esse serviço. É evidentemente menos trabalhoso nos manter assim do que continuar a emissão do raio protetor, pois Marte viaja em sua órbita

por volta de quinze milhas por segundo, aproximadamente; a Terra, a dezoito milhas por segundo, uma diferença bastante pequena.

“— O que podemos fazer perante nosso dilema atual? Absolutamente nada. É raro que o homem encontre um problema de solução impossível, mas, os esforços da humanidade não conseguem competir com uma inteligência unitária como a de Marte.

“— E, agora, ouvintes do rádio, vou passar o microfone ao Professor Harley, que vai lançar mais clareza, por outro ângulo, sobre este mistério desconcertante.”

XI

— O pensamento de meu pai é o mesmo que o meu — Vivian sussurrou —, e acho que assim que ele terminar de falar, será o seu.

Pressionei os seus dedos com a recém-adquirida força que eu possuía, e logo a voz do Professor Harley chegou até nós pelo rádio.

“— Amigos da audiência de rádio de Éden e Polaria. O Professor Aldrich explicou para vocês o mistério de Marte. Tentarei deixar mais claras as características intrigantes dos eventos cataclísmicos do último ano e meio. A ideia não é original a mim, pois o próprio Professor Aldrich falou-me sobre esse sentimento antes de ocorrer a catástrofe mundial. A teoria de que nosso universo é um átomo em uma vasta substância material é geralmente aceita demais para fazer uma reiteração aqui. Mas quanto à natureza dessa “vasta substância material”, nenhum homem, exceto um, levantou até agora a menor indagação, pois estava sendo suposto que tal conhecimento não estava ao alcance da mera humanidade. Entretanto, acredito que não exista limite para o crescimento do conhecimento do homem, desde que ele obedeça às leis da Natureza na obtenção de informações. Por meio de comparações de observações do telescópio e do microscópio, descobrimos muitas analogias surpreendentes. O Universo, nós descobrimos, aproxima-se em constituição de uma substância gasosa ao invés de um líquido ou um sólido. A distância entre nosso sol e a estrela fixa mais próxima é cerca de 10^{18} cms., e esta,

quando reduzida na mesma proporção, torna-se 10^{-4} , que é aproximadamente o caminho livre médio de uma molécula em um gás atenuado. Por outro lado, se ampliarmos o minúsculo mundo do átomo pelo fator 10^{22} , deixando todas as velocidades inalteradas, nós devemos então fazer com que um átomo de oxigênio, ou qualquer átomo semelhante, se torne do mesmo tamanho que o sistema solar, e seus elétrons planetários acabariam se assemelhando muito a Netuno e Urano tanto no que diz respeito ao tamanho quanto à distância do centro e período da rotação.

“— Agora, diante dessa semelhança surpreendente, nós podemos questionar: “O que aconteceu com a molécula de gás naquele vasto Cosmos, no qual desempenhamos um papel tão infinito?”

“— Simplesmente isso, meus amigos, o gás se condensou em líquido, passou completamente pelos estados de fluido para o de solidez. Vapor para água, água para gelo. Essa é a explicação geral, embora eu duvide que o constituinte molecular seja nosso familiar H_2O .

“— Quando o Universo estava no estado gasoso, não tínhamos nada a temer de Marte, mas desde a transição para a solidez, ele está desconfortavelmente próximo.

“— Mas, eu ouço vocês questionarem, “Que dano adicional ele pode nos fazer ao usar nosso mundo como um escudo entre ele e o sol? A grande catástrofe não foi obra dele. O retardo em nossa velocidade orbital é uma preocupação menor para a Terra no momento”.

“— Então, é isso? Vocês gostam de ser carregados pelas garras de uma entidade maligna, sujeitos a seus caprichos cruéis? Vocês gostam de ser a ferramenta indefesa que irá promover todos os seus planos diabólicos?

“— O Professor Aldrich me deu permissão para anunciar a um mundo que não suspeita de nada algumas de suas descobertas mais recentes sobre Marte. Júpiter, que aparenta ser um pouco maior do que nossa lua, apareceu para nós antes da catástrofe, está passando por uma mudança sutil. A primeira coisa que Professor Aldrich observou foi o rápido crescimento da grande área vermelha

na superfície de Júpiter. Essa faixa vermelha sempre foi um quebra-cabeça para os astrônomos, e eles nunca souberam sua natureza exata, mas desde seu rápido crescimento recente, ela mostra todas as evidências de ser idêntica em natureza à substância do planeta Marte. Todas as indicações atuais são de que em pouco tempo Júpiter será uma gigantesca reprodução de Marte.

“— Agora, a pergunta é: “Isso é uma forma de colonização sendo praticada por Marte, ou é uma mudança que Júpiter está passando como um todo?” De qualquer maneira, pode ser considerada uma forma de conquista, pois certamente um planeta está sendo conquistado pelo outro, quando está sendo transformado à semelhança desse outro. Quais cambalhotas teremos de dar, devo me perguntar, se Júpiter decidir eventualmente nos deslocar como quiser, e nós nos tornarmos o pomo da discórdia entre dois mundos poderosos!”

XII

Pareceu ser necessário um tempo muito grande para que eu me recuperasse dos ferimentos sofridos durante o terremoto, e o longo dia antártico estava muito adiantado em vista do que meu casamento com Vivian. Planejamos passar a nossa lua de mel em Polaria, pois eu estava recebendo pedidos urgentes de toda correspondência do Professor Aldrich para me juntar a ele no observatório de lá.

Um dia, no começo de fevereiro, Miles, Donna Tracy, Vivian e eu éramos passageiros do Ícaro, com destino ao círculo polar norte. Enquanto a grande aeronave sobrevoava as ruínas dos Estados Unidos, fomos irresistivelmente atraídos pela janela do convés de observação. Nossa altitude era tão grande que podíamos destacar poucos detalhes, embora bem à frente no horizonte norte pudéssemos distinguir o distrito dos Grandes Lagos. De repente, a nave mergulhou em direção à terra, desviou para um lado, lutou inutilmente para se endireitar e continuou em queda constante, embora não numa queda livre. Vivian agarrou-se ao meu braço, em terror; Donna desmaiou. O pandemônio reinou sobre toda a aeronave. Afinal, a Ícaro sofreria o destino de seu homônimo?

Um oficial com o rosto branco apareceu em nosso convés assim que o avião deu uma balançada violenta para o outro lado, levando consigo a multidão aterrorizada.

— Não estamos caindo — foram suas primeiras palavras um tanto tranquilizadoras —, estamos sendo puxados para baixo por alguma coisa que nós não conseguimos nos livrar. O piloto diz que não pode mudar a rota dela de jeito nenhum. Os motores estão funcionando em sua capacidade máxima, mas eles não poderão manter a aeronave no ar por mais de quinze minutos!

Algo deveria ser feito. Diversos mecânicos entre os passageiros ofereceram a sua assistência, mas logo todos perceberam que estava além do alcance da habilidade humana poder controlar a aeronave como antes. Ela continuou a sua trajetória inclinada em direção à terra.

— Eu não sabia que os Grandes Lagos eram cercados por areia avermelhada — exclamou Vivian. — Não me lembro de já ter notado areia por aquela região antes.

Forcei meus olhos por um minuto de escrutínio da paisagem que se aproximava, e contive uma exclamação de horror. Abaixo de nós estava uma área de rocha cristalina exatamente como o que eu tinha visto inúmeras vezes através dos grandes telescópios quando olhei para Marte, e mais tarde, para Júpiter!

— Vivian, Miles, Donna, esperem bem aqui! — gritei em um tom rouco de terror que não conseguia mais esconder.

Restavam apenas alguns minutos para nós e eu sabia que o tempo era o nosso bem mais precioso. Corri para a sala de rádio e, para minha surpresa, encontrei o operador juntando suas coisas para a fuga.

— Você mandou um sinal de S.O.S.? — eu gritei para ele.

— Sim — ele respondeu.

— Você acompanhou os detalhes pelo rádio? — persisti.

— Não. Qual o bem que isso faria? Quando chegar a hora...

Nem esperei para ouvi-lo, assumido o lugar pegando o instrumento.

— Aqui é Hildreth, a bordo da aeronave Ícaro. Nós estamos sendo puxados lentamente para baixo em uma colônia marciana, latitude 45°, longitude 87°. Envie ajuda imediatamente.

Quando voltei para o convés, devo ter parecido um maníaco, pois todos se afastaram de mim e olharam uns para os outros.

— Pulem — eu gritei —, todos vocês, pulem! Os seus paraquedas irão salvá-los se vocês pularem agora. Isso é a *Ameaça de Marte!*

— Mas, Hildreth, o avião não está realmente caindo — disse o oficial que nos avisou no começo de tudo. — Nós iremos fazer um pouso confortável se mais alguns passageiros não enlouquecerem e perderem a cabeça.

Não havia tempo para discussões. Virei-me para Vivian. —Você entende, não é, meu amor?

Como resposta, ela correu em direção à parede e saltou agilmente para o lado. Eu a segui com meu olhar ansioso. Seu paraquedas a estava transportando suavemente para baixo.

— Eu estou com você, Hildreth — gritou Miles. — Vamos, Donna.

— Nunca na vida — gritou sua esposa com raiva. — Eu não irei seguir ordens de um homem louco!

— Doido ou não, você tem que ir! — exclamei, e levantando seu corpo, joguei-a da borda do avião.

Miles e eu seguimos imediatamente, pois não havia tempo a perder. O brilho avermelhado dos cristais marcianos já cobria o horizonte norte como um mar ondulante de sangue, e cada vez mais perto da linha carmesim se aproximava o predestinado Ícaro.

Nossos paraquedas nos levaram para a terra queimada pelo sol, onde uma cena de desolação chegou aos nossos olhos. Até então, nosso ponto de vista sempre fora aéreo, mas aqui estávamos nós no meio de uma cena que poderia ter sido retirada do Inferno de Dante, com nada além das roupas do nosso corpo, que facilmente poderiam ser dispensadas, tão quente era aquele deserto árido. Mas sem pensar muito em nossas próprias dificuldades, voltamos os olhos fascinados para a aeronave em queda. Nesse momento, ela provavelmente estaria sobre a borda vermelha. De repente, uma figura solitária se separou do grande avião e caiu como uma gota d'água no balde; depois outra e outra. O primeiro a cair estava agora correndo em nossa direção com velocidade sobre-humana e, ao se aproximar, vimos que era o oficial que havia nos alertado. Seu

rosto estava pálido de terror e ele estava confuso. E então observamos que, conforme os outros saltavam e pousavam, eles não se levantavam como ele, mas permaneceram, transformados em rocha vermelha, mantendo as posturas que haviam assumido inconscientemente ao pousar na substância misteriosa abaixo.

* * *

Paralisados onde estávamos em abjeto horror, vimos o pouso de Ícaro, e então, onde estávamos apenas alguns momentos antes, um avião de inestimável beleza e utilização, jazia uma massa conglomerada de... consciência marciana.

Diante de tal vista, Waite, o oficial, recuperou sua voz:

— Corram para o sul o mais rápido que puderem, todos vocês! Está se espalhando em todas as direções, exceto para o norte.

Suas palavras eram verdadeiras. Em dois minutos, notamos que a metamorfose vermelho-sangue estava vindo em nossa direção e, à medida que avançava, todas as ruínas queimadas pelo sol se transformavam em sua própria imagem. A maldição marciana levaria o mundo e todas as criaturas vivas nele!

Nós cinco fugimos em direção ao sul em pânico de que a ameaça marciana nos alcançasse. Mesmo cansados e com os pés doloridos, ainda aceleramos, pois, quando parávamos para descansar, a distância entre nós e nosso perseguidor diminuiu. Não ousamos mais descansar.

— Você notou que o seu limite no norte era o lago? — perguntou o oficial Waite. — Acho que a água põe pelo menos um fim temporário ao seu avanço. Certamente, chegaremos em algum rio e...

Eu balancei minha cabeça duvidando que isso aconteceria. — Os rios secaram há muito tempo.

Estava escurecendo, mas mesmo com a diminuição do terrível calor do sol, havíamos atingindo o nosso limite de resistência. Continuamos cambaleando como bêbados, prontos para sucumbir ao destino que parecia inevitável.

— Vocês... acham que a morte vermelha é... pior que... essa fuga precipitada... quando nós estamos prestes a morrer? — arfou

Vivian.

— Não sei — respondeu Miles —, mas eu não pretendo fundir minha consciência com a de Marte. Eu não acho que é a morte que sofreríamos, mas sim com uma espécie de anexação à entidade horrível que parece estar atrás de todo o sistema solar.

— Está vindo cada vez mais rápido desde o pôr do sol — declarou Donna. — O sol parecia retardar suas atividades.

Donna falava a verdade. Mesmo correndo o mais rápido que podíamos, parecíamos capazes de manter apenas uma distância uniforme entre nós e a maré crescente de horror.

— Isso não pode durar para sempre — gritou Waite. — Não aguento mais. Me arrependo por não ter ficado na aeronave. Quando eu fizer parte do que está atrás de nós, acho que farei minha parte infinitesimal para pegar vocês, mas... eu não irei mais longe.

O protesto foi inútil. Nós quatro nos arrastamos. Sabíamos que continuaríamos até que a exaustão acabasse com a nossa fuga.

Neste momento, reconheci uma mudança na paisagem à nossa frente. Uma crista rochosa cruzava nosso caminho e, ao nos aproximarmos, vimos que era a margem de um rio e, para nosso espanto, havia água, embora muito abaixo do seu nível normal.

— Vamos tentar isso — eu disse com decisão. — Pode ser nosso fim, mas se prosseguirmos, não conseguiremos durar muitas horas a mais.

— A menos que uma aeronave venha em nosso socorro em resposta à mensagem de S. O. S. — disse Donna.

Balancei minha cabeça. — Essa é uma ótima oportunidade para aproveitarmos. No rio, todos vocês!

Descobrimos, para nossa satisfação, que a água não ficava acima de nossas cabeças, e na maioria dos lugares mal chegava até a altura dos joelhos. Era evidente que em breve nenhuma água do rio permaneceria como tal nas zonas temperadas e tropicais, mas os rios mais profundos e largos ainda não haviam desaparecido completamente.

Fora uma atitude corajosa e ficamos desafiadoramente com os rostos voltados ao que vinha pelo norte... esperando.

Então, terminando a noite, uma faixa carmesim, estendendo-se de leste a oeste, tornou-se maior enquanto observávamos, e a luz das estrelas refletida em seus muitos vértices luminosos brilhou como uma miríade de olhos funestos na escuridão noturna.

Pouco depois, um objeto escuro saltou da margem e ficou parado por um segundo, uma silhueta negra e misteriosa contra a maré cristalina que se aproximava.

— Waite! — gritei.

— Não nessa vida! Eu não vou esperar por ninguém.

No outro segundo, nosso companheiro, que nós tínhamos como perdido, juntou-se a nós no rio.

— Não deve demorar muito agora — disse ele, enquanto assumia a posição sentada na água quente do rio. — Eu consegui por muito pouco me manter à frente desta coisa.

E com a última palavra de Waite, a Ameaça chegara à beira do rio. Com um inefável alívio, vimos que a água espalhou a estranha substância e recuou sem ser prejudicada pelo contato. Então, era ao menos uma pausa temporária!

Em poucos minutos, sentados de costas um para o outro, estávamos dormindo no meio do rio.

XIII

Quem foi o primeiro a acordar de manhã eu não sei. Parecia que, simultaneamente, tomamos consciência do calor crescente do sol feroz que ardia como um vasto incêndio no leste. Estávamos com fome, mas não com sede. Agradecemos aos céus por um suprimento sempre disponível de água potável. A montanha vermelha ao norte parecia uma fera enorme da selva, esperando o momento oportuno para atacar sua presa. A primeira questão que precisávamos resolver era se deveríamos nos aventurar ao sul do nosso paraíso aquático após nosso longo descanso noturno. Donna e Vivian eram a favor de seguir em frente, pois a simples visão da Ameaça vermelha lhes dava “arrepios”. Mas os homens não compartilhavam da mesma opinião. Esperávamos de hora a hora, na verdade, a qualquer momento, o aparecimento de uma aeronave de resgate que logo colocaria muitos quilômetros entre nós e a

entidade do mal que, gradualmente, transformaria o planeta em si mesma.

Um grito do oficial Waite fez com que olhássemos apreensivos para a margem norte, mas logo percebemos nosso erro de direção. Waite apontava para o oeste, uma direção na qual tínhamos menos interesse, pois o sol ardia no leste e nosso avião de resgate era esperado do sul. Entretanto, nossa falta de atenção em relação ao inesperado poderia ter sido nossa ruína, pois rastejando firmemente em nossa direção do oeste e do sul do rio eram os cristais vermelhos de Marte!

De repente, uma série de sons estridentes sibilaram perfurando o silêncio ao nosso redor. Repetidas vezes, os sons em staccato apunhalaram o silêncio mortal do ambiente. Sem compreender, nos aconchegamos e olhamos inutilmente em direção ao orbe flamejante que quase nos cegou, em cujo calor sofríamos intoleravelmente. Momentos depois, um zumbido familiar nos alertou da proximidade de um avião, cuja presença não podíamos ver por causa do brilho ofuscante do sol.

Waite e eu nos entreolhamos atordoados, e então, lentamente, o seu olhar de compreensão se espalhou pelas feições de Waite.

— Código — ele sussurrou ferozmente. — Ouçam!

As notas sussurrantes *eram* um código e logo, dentre os sons anteriormente misteriosos, uma mensagem inteligível chegou até nós.

— *Deixem o rio para trás e corram para o sudeste o mais rápido possível. Se nos aproximarmos mais, sofreremos com o poder de atração da Ameaça Vermelha, que parece agir com força magnética sobre as peças metálicas da aeronave.*

Nem um momento foi desperdiçado no cumprimento das ordens do avião de resgate. Subimos a margem sul e fugimos com toda a velocidade possível na direção indicada. E era de fato necessário nos apressarmos, pois a longa linha vermelha cintilante vinda do oeste parecia aproximar-se de nós com incrível rapidez.

— Vivian, não fique olhando tanto para trás — eu a adverti. — Isso interfere na sua corrida.

— Estou me sentindo como a esposa de Ló — disse ela com um sorriso pálido —, e imagino que meu destino não seja tão

diferente, embora essa Sodoma moderna seja um pouco mais viva do que a da bíblia.

Em seguida, um avião pequeno, com capacidade para vinte passageiros, aparecia quase acima de nós e esperávamos vê-lo pousar, mas isso não aconteceu, e novamente, o estridente código de aviso nos assustou:

— *Vocês devem correr mais rápido e mais longe. Estamos na fronteira da zona de atração da Ameaça.*

Depois da nossa fatigante experiência de ontem, parecia que tínhamos chegado no nosso limite de nossa resistência física, mas, quando alguém está de cara com a morte, recorre a suas forças de reserva e às vezes pode realizar quase o impossível. Assim foi com nosso pequeno grupo de cinco almas percorrendo a planície áspera e árida em direção a um sol gigantesco, que lançava os seus mortíferos raios em intensidade.

O avião pousou e esperou que embarcássemos e logo estávamos voando para o sul, colocando muitos quilômetros entre nós e nosso perseguidor. Como suspeitávamos, o terror marciano seguira na margem norte do rio até um ponto no extremo oeste, onde a água rasa tinha evaporado completamente. Aqui havia cruzado e se espalhado como uma doença infecciosa para o leste, ao longo da margem sul. Por mais agradecidos que estivéssemos pelo resgate, não víamos esperança de salvar o mundo em geral. Pegamos comida, descansamos e logo voltamos ao Éden para discutir com os líderes o que deveria ser feito. O Professor Aldrich estava em Polaria e, como uma faixa de substância cristalina viva circundava o planeta, nossa comunicação se limitava estritamente ao rádio.

XIV

Qual teria sido o destino da Terra se ela não tivesse sido visitada por outro fenômeno misterioso, podemos imaginar, já que ela estava cercada na terra por um grande cinturão vermelho de matéria marciana que estava rastejando furtivamente sobre o mundo inteiro. Nenhuma ação humana poderia deter isso. Mas o tempo logo provou que existia um Poder ao qual até mesmo a influência marciana tinha de sucumbir.

Antes de chegarmos ao Éden, recebemos um tênue aviso do que estava por vir. O avião lutou contra um vendaval terrível e, em certo momento, teve que pousar. Os terremotos que se seguiram foram tão numerosos e violentos que milhares de aviões permaneceram no ar por um bom tempo para evitar os tremores de terra que sacudiram o planeta em seu núcleo.

Então, começou um dilúvio e todos os aviões foram forçados a descer, alguns em velocidade desastrosa. À medida que a chuva aumentava, os tremores diminuía. A escuridão cobriu a face da Terra, mesmo no Éden, onde provavelmente acontecia o período do longo dia. Foram expressadas várias opiniões quanto a duração do período em que o remanescente sobrevivente da humanidade fora fustigado pelos ventos, sacudido pelos terremotos e meio afogados pelas inundações, mas o consenso das opiniões foi que durara cerca de três dias e quatro noites. E quando as convulsões da natureza finalmente pararam, sabíamos que algo glorioso aconteceria.

O que se segue é parte do primeiro discurso radiofônico transmitido pelo Professor Aldrich de Polaria, onde ele esteve na época do grande reajuste da Natureza.

“— Agora acredito que nosso Universo está em um estado de estabilidade como nunca desfrutou antes. Minhas observações das distâncias relativas entre as estrelas me convencem de que, agora, ele está no estado líquido. É claro que, em alguns compostos químicos, o estado líquido não é o mais fácil de ser mantido na temperatura normal, mas, por razões científicas, abstratas demais para eu entrar no momento, acredito que o estado líquido seja certamente mais normal do que o sólido, e provavelmente mais do que o gasoso.

“— Nosso sol, como o povo de Éden pode testemunhar, está mais próximo do que antigamente, mas por causa do seu recente movimento, ele recuou com seus planetas que estavam ao seu lado a meio caminho de volta ao seu estado anterior. Podemos verdadeiramente dizer com o salmista da antiguidade: “Os céus declaram Sua glória e o firmamento mostra a obra de Suas mãos.”

“— Os grandes tremores, os quais alguns milhares de nós vivenciamos, foram o ato da Terra se libertando das garras de

Marte, cujo o poder intangível foi forçado a relaxar com a liquefação do Universo. Nem eu nem qualquer outro ser mortal podemos testar com clareza a estabilidade do Universo agora, mas, do ponto de vista terrestre, o arranjo será ideal. Os lugares habitáveis do planeta serão de alguma forma alterados, mas certamente não haverá grandes inconvenientes para os seres humanos. A única área desabitada será a zona tórrida. Polaria e Éden continuarão a florescer, mas, antes que possamos ocupar a zona temperada do norte, a Ameaça deve ser combatida.”

XV

Miles, o oficial Waite e eu sentimos o desejo irresistível de fazermos parte do grupo de investigação enviado para ver o progresso que Marte havia feito em nosso planeta. Nosso pedido para fazer parte de um grupo de quinze pessoas em um pequeno avião foi atendido.

Prosseguimos com cautela, mantendo sempre um olhar atento para o norte, com medo do temível horizonte vermelho que nos alertaria do perigo. No fim da tarde, a América do Sul estava desaparecendo rapidamente abaixo de nós. Teria o istmo do Panamá provado ser proteção suficiente? Aquela linha vermelha ao longo da costa do golfo era uma prova de que o continente da América do Norte era uma colônia marciana?

O Lindbergh estava apontando ligeiramente para o oeste do norte, voando alto, mas com cautela. Estávamos em alerta para detectar o menor desvio do nosso curso horizontal reto. Não era nosso objetivo sofrer o mesmo destino de Ícaro se fosse possível evitá-lo. O horizonte vermelho ainda nos ameaçava, mas não sentíamos nenhuma atração terrestre indevida.

Finalmente, uma risada de Messer, um dos tripulantes, deixou todos nós confusos, ao que ele logo explicou:

— Não é nada além do brilho do pôr do sol, provando o que uma imaginação hiperativa é capaz de fazer!

Nós rimos um pouco envergonhados, mas estávamos secretamente satisfeitos por termos errado por excesso de precaução.

Com a chegada da noite e a correspondente queda de temperatura, decidimos aterrissar no solo, por mais inóspito que fosse, e recomeçar pela manhã, quando pudéssemos ver melhor o que estava à nossa frente e embaixo de nós. Grande parte do terreno estava submersa pelo dilúvio recente, mas conseguimos encontrar um local alto e seco o suficiente para nos acomodar durante a noite. Nós nos revezamos para vigiar o perigo rastejante do norte, mas durante a noite os que estavam de guarda não viram nada.

Mal a primeira linha da alvorada foi visível no leste, nós partimos mais uma vez, voando o mais devagar possível e mantendo uma altitude constante de mil e quinhentos pés.

Acho que cada um viu aquilo no mesmo instante, tão atentamente estávamos observando por qualquer indício da terrível presença.

— Algum puxão para baixo? — as palavras de Waite quebraram o silêncio sinistro.

— Nada até agora — respondeu o piloto.

— Engraçado. Sentimos isso antes com o Ícaro.

— Lembre-se que o Lindbergh não tem nenhum metal exposto sob a sua superfície — disse o piloto. — Nós achamos que isso faria alguma diferença.

— Tem razão, mas vá com calma — advertiu Waite, que com a recente experiência angustiante com a Ameaça Vermelha havia se tornado mais cauteloso.

Todos os olhos estavam na fronteira vermelha, a linha que demarcava a Vida e a Morte, era o que nós pensávamos.

— Engraçado como essa linha não está avançando nem um milímetro — declarou Miles Tracy. — Eu venho medindo tendo como base certos pontos de referência.

— Está esperando de propósito para nos atrair para nossa destruição — foi o veredicto do piloto.

— Com calma agora! Vamos pousar — falou Waite. — Não iremos conseguir saber qual é seu propósito se ficarmos no ar.

A uma distância de oitocentos metros ao sul da linha vermelha, o Lindbergh pousou e sua tripulação seguiu com cautela em direção às ondas de sangue aparentemente congeladas.

— Chamarei essa área de Mar Vermelho — sugeri, para aliviar a terrível tensão da situação.

— Um mar congelado de sangue! — gritou Messer com admiração na voz. — E se for o sangue vital de todos os habitantes de Marte desde tempos imemoriais, cristalizado em uma entidade maligna!

Ninguém deu ouvidos ao fantasioso pensamento de Messer. Em uma linha inabalável, marchamos firme e silenciosamente, da mesma forma que a Ameaça havia feito antes, embora todos os homens ali soubessem que, caso a Inteligência de Marte decidisse avançar em nossa direção, não teríamos outra alternativa senão a fuga. E agora estávamos a poucos passos de distância. E logo adiante, estávamos à beira do que eu chamei de Mar Vermelho, e ainda estávamos vivos!

— Parece a mesma coisa de antes — exclamou Waite —, mas qual é o problema dessa coisa?

Quando ele terminou de falar, ele pegou uma pedra e jogou no chão vermelho. E ficamos todos surpresos, pois a rocha não foi convertida pelo toque contagioso da Ameaça Vermelha. Ao invés disso, ele afundou em uma substância pegajosa e gelatinosa que não ofereceu resistência ao seu peso. Um suspiro de alívio incrédulo alto saiu da boca de cada um dos membros do grupo ao percebermos que a misteriosa substância não era mais um cristal, e jazia impotente para fazer-nos qualquer mal.

— Acho que as enchentes o deixaram fora de controle — comentou Miles. — Graças a Deus essa coisa era vulnerável!

Parei para examinar a substância. Assemelhava-se a nada mais que vaselina vermelha. Apressadamente enchi uma caixa de fósforos vazia com a material inócuo, com a intenção de fazer uma análise química com mais calma.

XVI

Nenhum acidente desagradável marcou nosso retorno ao Éden com a feliz notícia de que a invasão marciana fora ineficaz. No dia seguinte, analisei a pequena quantidade da substância marciana que eu trouxera comigo do distrito dos lagos e descobri que era protoplasma puro; a essência da vida na matéria! Coloquei-o em um

recipiente de vidro com a ideia de guardá-lo como lembrança e possivelmente fazer mais experiências com ele, e saí do laboratório.

Na calada da noite, um uivo sobrenatural reverberou pela casa. Eu o reconheci como vindo da garganta de Duffer, o cão policial alemão pertencente ao Professor Harley.

“O velho Duffer pode cuidar de qualquer coisa”, pensei. “Ele manterá o agressor à distância até eu chegar lá”.

Falando algumas palavras tranquilizadoras para Vivian, que também havia acordado com o grito terrível de Duffer, peguei minha arma automática e lanterna. A ausência completa de aparentes problemas era menos segura do que uma comoção teria sido. Cuidadosamente, segui em direção de onde o latido de Duffer havia sido emitido pela primeira vez e percebi com medo e pavor que eu estava indo direto para o laboratório. Abri a porta rapidamente.

Uma pilha de vidro vermelho foi a primeira coisa que meus olhos notaram. Era como se um escultor houvesse modelado Duffer a partir de um rubi de dimensões colossais. O cachorro foi pego quando estava fugindo, e agora estava de frente para mim, uma estátua de sangrenta de terrível beleza! Tudo isso eu percebi mais tarde, pois naquele momento meus olhos estavam fixos em tudo, menos nos aspectos terríveis da situação.

E, agora, dos pés de Duffer, a substância cristalina vermelha estava se espalhando; não era mais vaselina vermelha, mas sim cristais duros de rocha ígnea. Em forma de leque, estava emergindo dos limites de seu receptáculo de vidro. Sem pensar, disparei dois tiros contra ela, mas o resultado foi apenas estimular seu crescimento. Então, me lembrei da impotência temporária daquela coisa horrível quando entrava em contato com a água.

Restava agora apenas um corredor estreito entre mim e a parede para chegar até a torneira. Com uma grande agilidade, corri e abri a torneira. A piscina que ia se formando aos meus pés me manteve a salvo do invasor, mas eu não tinha nenhum recipiente de água que eu poderia usar para diminuir a investida da ambiciosa Ameaça!

Nesse momento, Vivian e seu pai apareceram na porta, apavorados demais para se moverem e menos ainda para compreender a situação desconhecida.

— Uma mangueira — eu gritei —, uma mangueira ou um balde. Não, não entrem — pois o meu sogro quase teria atravessado a barreira.

Sem mais hesitações, ele se apressou em atender o meu pedido e, voltando rapidamente com alguns metros de mangueira, jogou-a para mim. Não demorou muito para reduzir o protoplasma cristalino ao seu estado gelatinoso inofensivo, mas não antes que a área infectada medisse aproximadamente três metros quadrados. A Ameaça Vermelha, juntamente com todas as partes do laboratório que entraram em contato com ela, foi transportada até o mar e despejada nele. Nenhum vestígio da substância foi deixado na parte do planeta em que estávamos. Sobre como tornar inofensiva o cinturão vermelho em todo o globo terrestre, era necessário, como descobrimos por experiência, molhar sua linha divisória toda semana, se a Natureza, por meio da chuva, não o fizesse.

E desde do recesso do sol, estrelas e planetas, devido à constituição líquida do Universo, a América do Norte é habitável até oito quilômetros da linha do medo. O limite de oito quilômetros é aconselhável, porque é uma distância máxima que a Ameaça poderia se espalhar em uma noite enquanto uma população inconsciente dormisse, ignorantes do perigoso invasor.

Estaria Marte, o planeta, consciente da sua incapacidade de converter a Terra a estado semelhante ao seu? Muitas vezes pondero sobre sua existência pacífica consciente enquanto ele oscila pelo espaço como um mundo. Ele está melhor — isto é, ele está mais em sintonia com seu ambiente do que nós, pobres atrasados da Terra? Eu me questiono.

Primeira publicação em: *Amazing Stories* v.03 n.07, outubro de 1928,
sob o título: “*The Menace from Mars*”.

Tradução de **Luana Wanderley** e **Fabício Corradini**.

O Milagre do Lírio

Nossos leitores irão se lembrar da autora desta história como a ganhadora do terceiro lugar no concurso que premiou 500 dólares no ano passado. Aqui, mais uma vez, a Sra. Harris mostra a sua versatilidade, explorando o futuro e tocando um novo acorde. Os insetos eram, e continuam sendo, os maiores inimigos do homem, e ainda serão por muitos anos. Não há como saber se os insetos poderão vir a ascender mais uma vez a qualquer momento. A imagem que a autora desenha aqui certamente não é implausível ou impossível; nem improvável.^[6]

Capítulo I: O Fim de um Reino

Desde a retomada relativamente recente da antiga disposição da agricultura, eu, Nathano, fui solicitado para registrar os extraordinários acontecimentos dos últimos dois mil anos, no início da era em que a supremacia do homem, chefe dos mamíferos, ameaçou chegar a um fim prematuro.

Desde o início da vida neste mundo, a vida, que parecia ter saltado do lodo do mar, teve apenas dois grandes tipos de governantes: os répteis e os mamíferos. O primeiro dominou sem disputa por eras, mas eventualmente cedeu ao menor, porém intelectualmente superior, mamífero. O próprio homem, exemplo supremo da capacidade da vida para governar e controlar a matéria inanimada, era mestre do mundo com aparentemente ninguém para contestar seu direito. No entanto, tão cego estava ele de orgulho acerca do exercício contínuo de seu poder na Terra sobre os tipos inferiores de mamíferos, além dos quase extintos répteis, que ele falhou em notar a lenta porém constante ascensão de outro tipo de vida, diferente da sua; menor, é verdade, mas não menor do que ele havia sido em comparação aos poderosos monstros reptilianos que vagueavam pelos pântanos nos tempos Mesozoicos.

Estes novos inimigos do homem, embora raramente o atacando pessoalmente, ameaçaram sua ruína por meio da destruição de seus principais meios de sustento, de modo que até o final do século XX, estranhos e ousados projetos foram colocados diante dos vários governos do mundo com a ideia de lutar contra os insetos inimigos da humanidade até o fim. Tais pragas estavam crescendo

em tamanho, multiplicando-se tão rapidamente e destruindo tanta vegetação, que, eventualmente, nenhuma planta sobraria para sustentar a vida humana. A humanidade subitamente despertou para a noção de que poderia sofrer o mesmo destino dos quase extintos répteis. Seria a humanidade capaz de evitar a invasão dos insetos? E finalmente o homem *soube* que a menos que medidas drásticas fossem tomadas *imediatamente*, uma terceira grande classe de vida estaria à beira da soberania terrestre.

Claro que nenhuma grande mudança de desenvolvimento vem subitamente. O lento progresso evolutivo nos trouxe até o ponto onde, com a aplicação de pressão externa, estávamos prontos para lidar com uma situação que, um século antes, teria prevalecido.

Eu reproduzo aqui parte de uma palestra proferida por um grande cientista americano, um discurso que, enviado por rádio por todo o mundo, mudou o destino da humanidade: mas quer tenha sido para o bem ou para o mal, deixarei que você decida ao final desta história.

“Somente em tempos relativamente recentes o homem conseguiu vencer os inimigos naturais; enchentes, tempestades, inclemência do clima, distância, e agora nós enfrentamos uma invasão que ameaça toda a humanidade. Teríamos nós aprendido cada vez mais sobre a verdade e sobre as leis que controlam a matéria apenas para sucumbir ante ao primeiro perigo real que nos ameaça com o extermínio? Certamente, custe o que custar, vocês se apressarão para a solução do problema, e eu acredito, amigos, que eu descobri a resposta para o enigma.

“Sei que muitos de vocês, como o meu amigo Professor Fair, acharão minhas ideias demasiado extremas, mas estou convencido de que, a menos que vocês estejam dispostos a deixar para traz algumas noções sem utilidade, vocês não podem esperar conseguir lidar com a situação presente.

“Já, desde as últimas décadas, vocês perceberam a completa futilidade de se sobrecarregarem com posses supérfluas que não tem nenhuma virtude útil, mas que, por várias razões sentimentais, vocês continuaram a acumular, diminuindo assim o grau de eficiência da vida, dedicando a elas tempo e atenção que deveriam ter sido aplicados ao trabalho prático das conquistas da vida. Vocês

desistiram dessas coisas lentamente, mas agora vou pedir-vos que abandonem *rapidamente* o que sobrou; tudo que interfere de qualquer forma com a eliminação imediata dos nossos inimigos, os insetos.”

Neste momento, parece que meu digno antepassado, Professor Fair, se opôs às palavras do cientista, afirmando que eficiência à custa de algumas das virtudes sentimentais seria indesejável e não conducente à felicidade, que é o verdadeiro objetivo do homem. O cientista, por sua vez, argumentou que a felicidade era disponível apenas através de uma adaptabilidade perfeita ao ambiente, e que eficiência *sem* amor, misericórdia ou sentimentos mais suaves eram o atalho para a felicidade humana.

Levou vários anos para o cientista elaborar seu esquema de salvação, mas no final ele foi bem-sucedido, não tanto pela persuasão de suas palavras, mas porque era necessário algum tipo de ação rápida. Não havia comida suficiente para alimentar as pessoas da Terra. Frutas e legumes estavam se tornando coisas do passado. Demasiada proteína sob a forma de carne e peixe estavam prejudicando a raça, e finalmente as pessoas perceberam que, para conseguir frutas e legumes, ou seus equivalentes nutritivos, elas deveriam passar do campo para o laboratório; do agricultor ao químico. Alimentos sintéticos eram a solução para o problema. Não havia mais qualquer utilidade na plantação e no cuidado de alimentos que se tornariam o sustento do inimigo mais mortal do homem.

A última plantação ocorrera em 2900, mas não houve colheita, os vorazes insetos levavam qualquer ramo verde assim que eles apareciam, e até árvores, que antes resistiam aos ataques dos enormes insetos, já estavam despojadas de qualquer vestígio de folhagem.

O mundo vegetal de repente deixou de existir. Sobre as planícies áridas que haviam sido gradualmente preenchidas por grandes cidades, incêndios provocados pelo homem trouxeram devastação a cada pedaço vivo de vegetação, de modo que não sobrasse alimento para as pragas em nenhuma parte do mundo.

Capítulo II: Homem ou Inseto?

(Fragmento do diário de Delfair, um descendente do Professor Fair, que se opôs ao ousado cientista.)

A partir das fronteiras da grande cidade-estado de Iowa, fui testemunha do fim de um dos grandes Reinos da Terra — o vegetal —, e não consigo encontrar palavras para expressar a dor que me domina enquanto escrevo sobre a sua morte, porque eu amava todas as coisas capazes de crescer. Muitos de nós perceberam que a Terra já não era mais bonita, mas se beleza significava morte, era melhor viver na esterilidade da metrópole.

A crueldade dos contrariantes insetos era uma ameaça que havíamos previsto, mas que falhamos em tratar com a seriedade adequada. Na fronteira da cidade-estado, a vida é constantemente posta em perigo pelos ataques dos corpos bem organizados do nosso temido adversário.

(Nota: A organização que agora existe entre as formigas, as abelhas e outros insetos, atesta a possibilidade do desenvolvimento de táticas militares entre eles nos séculos vindouros.)

Desprovidos da sua fonte de comida, eles se encorajaram a tal ponto que arriscarão qualquer coisa para carregar seres humanos para comer, e depois de um dos seus ataques bem organizados, a taxa de mortalidade entre os humanos é terrível.

Mas quanto aos grandes laboratórios químicos onde nossa comida sintética era feita, assim como nossas fábricas de oxigênio, nós acreditávamos serem impenetráveis aos seus ataques. Nisso estávamos enganados.

Permitam-me que diga brevemente que desde a destruição de toda a vegetação que fornecia uma parte do oxigênio essencial para a vida humana, tornou-se necessária a fabricação deste gás artificialmente para difusão geral através da atmosfera.

Eu estava voando para o trabalho, que é na Estação de Oxigênio Número 21, quando notei uma coisa peculiar na estrada superior perto da Fábrica de Alimentos Número 3.439. Embora fosse noite, os vários níveis da cidade-estado estavam iluminados tão intensamente como de dia. Um veículo de recreação ia com velocidade prodigiosa em direção oeste. Eu olhei para ele espantado. Era sem dúvidas o carro de Eric, meu colega de trabalho na Estação de Oxigênio Número 21. Reconheci a cor brilhante da

lataria, mas para verificar minhas suspeitas para além de qualquer dúvida, eu virei a minha aeronave em sua perseguição e vi o familiar número da placa. O que estaria Eric fazendo fora da fábrica antes de eu ter chegado para substituí-lo do serviço?

Em perseguição intensa, acelerei sobre o veículo até a fronteira da cidade-estado, perguntando-me que incumbência desconhecida teria o levado para a terra do inimigo, já que o carro parou repentinamente na beira do que já havia sido uma área agrícola. Milhas à minha frente se estendia uma enorme área de esterilidade negra; atrás de mim estava a populosa metrópole, com cinco níveis de altura — se contarmos com o andar do hangar, que não incluía as seções residenciais.

Eu não tive que esperar muito, pois quase imediatamente meu amigo apareceu. Que visão foi apresentada ao meu olhar incrédulo! Ele estava literalmente coberto da cabeça aos pés com formigas de duas polegadas, que juntamente aos besouros provaram-se ser a maior ameaça em seus ataques à humanidade. Com gritos incoerentes, ele tentou escapar sobre rochas e terra queimada.

Assim que meus sentidos atordoados permitiram, eu desci em sua direção para realizar um resgate, mas no momento em que minha aeronave tocou na terra árida, eu vi que era já tarde demais, pois ele caiu, derrubado pelos ataques cruéis dos seus milhares de inimigos. Eu sabia que era inútil para mim pôr os pés no chão, já que meu destino seria igual ao de Eric. Subi cerca de três metros e agarrei minha arma de gás venenoso, derramando o conteúdo sobre as maléficas coisinhas negras que se arrastavam abaixo. Eu não me importei com a minha máscara, pois planejava erguer-me imediatamente, e consegui quase tarde demais. Sobre a terra devastada, uma nuvem escura eclipsou as estrelas, e vi vindo em minha direção uma horda de formigas voadoras intercaladas com insetos voadores maiores, todos determinados a aniquilar-me. Então peguei minha máscara e preparei-me para lançar mais gás sobre os meus perseguidores, mas infelizmente, eu havia usado cada átomo dele no meu ataque às formigas não voadoras! Não tive outra alternativa senão voar, e a isso imediatamente recorri, sabendo que poderia ultrapassar meus perseguidores.

Quando eu não podia mais vê-los, removi a minha máscara de gás. Uma sensação sufocante me agarrou, eu não conseguia respirar! A que altura eu havia voado tentando escapar das formigas voadoras? Inclinei-me sobre a lateral do meu avião, esperando ver a cidade muito distante abaixo de mim. Tamanho foi o meu espanto quando descobri que estava a somente a trezentos metros de altura! Não era a altitude que me privava do vital oxigênio.

Uma descida de noventa metros mostrou-me manchas inertes de humanidade jogadas pelas ruas. Foi então que eu percebi, *a fábrica de oxigênio não estava funcionando!* Em um minuto eu estava com minha máscara de oxigênio, que estava presa a um pequeno tanque portátil para uso emergencial, e corri para as proximidades da fábrica. Ali testemunhei os primeiros sinais de vida. Homens equipados com máscaras de oxigênio tentavam forçar a entrada do edifício trancado. Sendo um funcionário, eu possuía conhecimento da combinação da grande fechadura, e abri a porta, apenas para ser recebido por um enxame de formigas que começaram um ataque organizado contra nós.

O chão parecia estar coberto com um tapete preto em movimento, o canto mais próximo da porta parecia desfazer-se à medida que entrávamos, e levou apenas alguns segundos antes de estarmos cobertos com as criaturas pegajosas e mordazes, que lutavam com uma energia sobrenatural proveniente do desespero. Duas formigas muito ativas conseguiram meter-se debaixo do meu capacete. A picada de suas mandíbulas afiadas e o efeito de seu ácido fórmico venenoso tornou-se intolerável. Será que eu me atreveria a tirar minha máscara enquanto o ar ao meu redor estava contaminado com o gás expelido pelas armas de meus aliados? Enquanto sentia ataques em outros lugares de meu corpo diminuir gradualmente à medida que os insetos sucumbiam aos fumos mortais, os dois no meu rosto se tornaram mais violentos sob a proteção da minha máscara. Um em cada olho, eles estavam tentando me cegar. A dor era insuportável. Era melhor o gás da morte sufocante do que a tortura dos olhos lacerados! Freneticamente, tirei o aparelho da cabeça e joguei-o sobre os demônios negros brilhantes. Por incrível que pareça, descobri que conseguia respirar perto da área dos grandes tanques de oxigênio,

onde restava oxigênio suficiente para manter a vida, pelo menos temporariamente. Os dois insetos perversos, não mais protegidos pela minha máscara de gás, fugiram de mim como ratos de um navio naufragando e desapareceram atrás dos tanques de oxigênio.

Esse ataque dos nossos inimigos, embora malsucedido da parte deles, fora terrível em seu significado, pois havia mostrado mais astúcia e engenho do que qualquer um que o precedera. Até então, seus avanços haviam sido restringidos a ataques diretos particularmente contra nós ou sobre os laboratórios de alimentos sintéticos, mas nessa última incursão eles haviam mostrado uma incrível esperteza que pressagiava um desastre futuro, a menos que fossem impedidos de uma vez. Era óbvio que eles haviam engenhosamente planejado sufocar-nos com a suspensão do trabalho na fábrica de oxigênio, sabendo que eles poderiam existir em uma atmosfera que contivesse uma maior percentagem de dióxido de carbono. Seu esquema, então, era fazer um ataque surpresa aos nossos laboratórios em busca de comida.

Capítulo III: Lucanus, O Último

(Continuação do relato de Delfair.)

Embora fosse evidente que a cessação de toda a vida vegetal indicasse a ruína inevitável para os insetos habitantes da Terra, sua aniquilação não ocorreu tão rapidamente quanto se poderia supor. Houve anos de guerras internas. Os insetos continuaram a prosperar, embora em números decrescentes, alimentando-se de alimentos roubados de laboratórios, corpos de seres humanos e finalmente uns dos outros; inicialmente capturando espécies inimigas e, por fim, recorrendo a comportamentos de canibalismo. Sua voracidade cresceu em proporção inversa ao seu número minguante, até o ponto em que o encontro com um único inseto poderia resultar em morte, a não ser que a pessoa estivesse equipada com gás venenoso e preparada para usá-lo no mesmo segundo.

Sou um velho agora, embora ainda não tenha vivido dois séculos inteiros, estou feliz com o conhecimento de que vivi para ver o último inseto vivo, que foi mantido em cativeiro. Era um espécime excelente. do escaravelho-veado (Lucanus) e os anos

testemunharam que era o único sobrevivente de uma forma de vida que poderia ter destruído o homem neste planeta. Esse besouro foi apanhado semanas depois de já termos visto o que acreditávamos ser a última forma de vida no globo, exceto pelo homem e a vida marinha. A pesquisa interminável durante anos falhou em revelar quaisquer outros insetos, assim finalmente o homem poderia descansar seguro com o conhecimento de que ele era o monarca de tudo ao seu alcance.

Ouvi dizer que há muito, muito tempo o homem costumava olhar com um fascínio terrível para as criaturas reptilianas que ele exterminara, e da mesma forma ele olhava para esse espécime solitário de um tipo de vida que poderia ter dominado a face da Terra, se não fosse pela engenhosidade do homem.

Foi essa atração profana que me atraiu um dia para ver o besouro em cativeiro na sua jaula no distrito 404 em Universápolis. Fiquei espantado com o tamanho da criatura, pois parecia maior do que quando eu a tinha visto pela televisão, mas eu raciocinei que naquela ocasião não havia nenhum objeto por perto com que comparar seu tamanho. É verdade que a emissora tinha anunciado as suas dimensões, mas as estatísticas dadas concretamente não haviam registado uma compreensão perfeita das suas proporções prodigiosas.

Quando me aproximei da jaula, a criatura estava deitada com sua cobertura dorsal virada para mim e eu julguei que media trinta e cinco centímetros de uma extremidade à outra. Sua casca lisa e chifrada brilhou na forte luz artificial. (Estava confinada no terceiro andar.) Enquanto fiquei lá, invocando mentalmente a imagem de um mundo invadido por bilhões de criaturas como a que estava diante de mim, o cuidador aproximou-se da gaiola com uma porção de comida sintética. Embora a comida não tivesse odor, o besouro sentiu a aproximação do homem, pois ele se levantou em suas pernas articuladas e veio até nós, com suas garras que pareciam chifres, movendo-se ameaçadoramente; então, aparentemente lembrando-se de seu confinamento, e a impotência de um ataque, ele retrocedeu e rapidamente comeu a comida que havia sido colocada dentro de sua prisão.

Depois de ter consumido a comida, levantou-se em suas patas traseiras, parcialmente sustentado por uma caixa, e virou seus grandes olhos para mim. Eu nunca havia sido olhado com tamanha malevolência antes. O ódio era quase tangível e eu estremeci involuntariamente. Tão claramente como se ele falasse, eu sabia que Lucanus era perfeitamente consciente da situação e no seu olhar eu li o ódio concentrado de toda uma raça derrotada.

Eu não tinha vontade de me vangloriar do seu infortúnio, na verdade uma grande pena para com ele se espalhou dentro de mim. Imaginei-me sozinho, o último da minha espécie, exposto ao ridículo perante as hordas de insetos que haviam conquistado o meu povo, e eu sabia que a vida já não valeria a pena viver.

Se ele sentiu minha pena ou não, eu não sei, mas ele continuou me examinando com raiva infundável, como se ele me transmitisse a informação de que seu ódio era implacável e que se estenderia pela eternidade.

Ele morreu pouco depois, e um mundo há muito tempo intolerante à cerimônia, surpreendeu-se enterrando os restos do besouro num caixão dourado, acompanhado por muita pompa e esplendor.

Eu vivi muitos longos anos desde esse evento memorável, e sem dúvida meus dias aqui estão contados, mas posso ir feliz, convencido de que nesta esfera a conquista do homem sobre seu ambiente é suprema.

Capítulo IV: Eficiência Máxima

(Numa linha direta de descendência a partir do Professor Fair e Delfair, o autor do capítulo anterior, vem agora Thanor, cujo diário é apresentado neste capítulo.)

Sou eu um verdadeiro produto do ano 2928? Às vezes estou convencido de que sou irremediavelmente antiquado, um anacronismo, que deveria ter existido mil anos atrás. Não há outra maneira de explicar a insatisfação que sinto em um mundo onde a eficiência finalmente chegou ao máximo.

Dizem-me que venho de uma linhagem de antepassados que não se adaptaram imediatamente às mudanças. Adoro a beleza, mas não vejo nenhuma aqui. Há muitos que pensam que nossos

edifícios de mais de dois e três mil pés de altura são belos, mas, embora sejam esplendores arquitetônicos, eles não representam o tipo de encanto pelo qual anseio. Só quando visito o mar é que sinto alguma satisfação em um certo desejo em minha alma. O oceano por si só mostra a obra de Deus. A terra traz evidências apenas do homem.

Conforme eu lia os diários de meus sentimentais antepassados, encontrei algumas descrições brilhantes do mundo como o era; o mundo antes dos insetos ameaçarem a existência humana. Árvores, plantas e flores traziam prazer à vida das pessoas enquanto elas vagueavam entre elas em vastos espaços abertos onde, disseram-me, onde a terra era macia sob os pés e criaturas voadoras, chamadas pássaros, cantavam em meio à vegetação. Aprendi, é verdade, que muitas pessoas não tinham o suficiente para comer, e que paixões incontroláveis os governavam, mas acredito que deve ter sido mais interessante do que esta existência metódica e sem emoção. Não consigo entender por que tantas pessoas eram pobres, pois me disseram que a Natureza, manifestada no Reino Vegetal, era muito prolífica; tanto que ano após ano quantidades de comida apodreciam no chão. A culpa, eu descobri pela minha leitura, não estava na Natureza, mas do sistema econômico do homem, que agora é perfeito, embora essa perfeição na verdade traga felicidade para poucos de nós, eu acho.

Agora não há desperdício, tudo se converte em alimento. Há muito tempo o homem aprendeu a reduzir toda a matéria aos seus elementos constitutivos, dos quais há quase cem em número, e a partir deles reconstruir compostos para alimentos. O velho axioma de que nada se cria ou se perde, apenas se transforma, resistiu ao teste das eras. O homem, como o agente de Deus, tem simplesmente realizado o milagre da transmutação em vez de esperar que as forças naturais a realizem como no passado.

No início, a humanidade ficou horrorizada quando foi decretado que deveriam entregar os mortos para o laboratório. Por muitas eras havia o homem intimamente associado a alma e o corpo, falhando em compreender o corpo como meramente um agente material, através do qual o espírito funcionava. Quando o homem finalmente soube das qualidades eternas do espírito, ele deixou de olhar para o

corpo descartado com reverência, e viu nele apenas os mesmos constituintes moleculares que compunham toda sua matéria. Ele passou a reconhecê-lo como sendo um material basicamente igual ao das pedras ou do metal; material a ser reduzido aos seus elementos atômicos e reconstruído em matéria que prestaria serviço à humanidade viva; aquela porção de matéria onde o espírito funcionava.

A monotonia da vida é terrível. Será possível que o homem tenha atingido seu ápice há mil anos e devesse ter estado disposto a abrir mão da soberania da terra para uma ordem vindoura de criaturas destinadas a serem o digno sucessor do homem nas eras por vir? Parece que a vida só é interessante quando há uma luta, um objetivo a ser alcançado através de um processo evolutivo. Uma vez atingido o objetivo, todo o progresso cessa. Os enormes répteis das eras pré-glaciais subiram à supremacia em virtude do seu grande tamanho, e, no entanto, não foi o excesso de tais criaturas que finalmente os exterminou da existência? A Natureza, ao que parece, evita extremos. Ela permite que o fantástico se desenvolva por um tempo e, em seguida, limpa a lousa para uma nova ordem de desenvolvimento. Será que não é concebível que o homem possa destruir a si mesmo por meio do desenvolvimento excessivo de seu sistema nervoso, e dar lugar à evolução futura de uma forma de vida relativamente simples, tais como eram os insetos no auge do desenvolvimento humano? Isso, parece-me, era o grande plano; um esquema que o homem ousou interferir e pelo qual agora paga com o tédio da existência.

A população da Terra está diminuindo tão rapidamente, que temo que os próximos mil anos verão um planeta sem vida voando pelo espaço. Parece-me que só um milagre nos salvará agora.

Capítulo V: O Ano De 3928

(O Escritor Original, Nathano, Retoma a Narrativa)

O meu antepassado, Thanor, há dez séculos, de acordo com os registos que ele deu ao meu bisavô, parece dar voz ao desespero geral da humanidade que, já ruim o bastante em sua época, chegaram à enésima potência nos meus dias. Um mundo sem alma está morrendo gradualmente, de tédio autoinfligido.

Como eu apurei a partir da leitura cuidadosa dos diários de meus antepassados, alguns precedendo ao extermínio dos insetos, eu venho de uma linhagem que se agarra com tenacidade sentimental às coisas que fizeram a vida valer a pena nos velhos tempos. Se o mundo em geral soubesse de minhas reflexões emocionais a respeito das eras passadas, dificilmente me toleraria, mas rodeado pelo meu isolador de pensamentos, eu constantemente me entrego ao que me dá vontade, e tal meditação, acompanhada pelo amor por algumas antigas relíquias do passado, levaram-me a uma descoberta incrível.

Vários meses atrás eu encontrei entre as relíquias da minha família um receptáculo dourado com sessenta centímetros de comprimento, cinquenta de largura e trinta de profundidade, e descobri, ao abrir, que continha muitos minúsculos compartimentos quadrados, cada um preenchido com objetos minúsculos de tamanhos, texturas e cores pouco variadas.

— Areia, não! — exclamei enquanto examinava de perto as pequenas partículas de matéria.

Comida? Depois de comer alguns, eu estava convencido de que o seu valor nutritivo era pequeno em comparação com uma quantidade semelhante dos produtos de nossos laboratórios. O que eram os objetos misteriosos?

Assim que eu estava prestes a fechar a tampa novamente, convencido de que eu tinha um ancestral muito sentimental, cujo presente para a posteridade era absolutamente inútil, meu rádio de bolso vibrou e a voz do meu amigo, Stentor, o transmissor interplanetário, foi emitida a partir do pequeno instrumento.

— Se você for ficar em casa hoje à tarde — disse Stentor —, vou passar aí. Tenho algumas interessantes novidades.

Consenti, pois pensei em compartilhar meu “achado” com este amigo que eu amava acima de todos os outros, mas antes dele chegar eu havia novamente escondido o meu cofre de ouro, pois havia decidido esperar o desenvolvimento dos eventos antes de compartilhar o misterioso segredo com alguém. Foi bom eu ter feito isso, pois Stentor estava tão inflado com a importância de suas próprias notícias que ele poderia ter me dado pouca atenção de início.

— Bem, qual é a sua notícia interessante? — eu perguntei depois de ele estar sentado confortavelmente na minha cadeira ajustável.

— Você nunca adivinharia — ele respondeu com irritante lazer.

— Diz respeito a Marte ou a Vênus? — eu perguntei. — Que notícias há dos nossos planetas vizinhos?

— Você pode saber que não tem nada a ver com os vaidosos marcianos — respondeu o emissor —, mas os venusianos têm um problema muito sério a enfrentar. Está relacionado com a mesma velha dificuldade que eles têm desde que a rádio interplanetária foi desenvolvida há quarenta anos atrás. Você se lembra que, em sua segunda comunicação conosco, eles falaram-nos da sua guerra contínua contra as pragas de insetos que estavam destruindo toda a comida vegetal? Bem, ontem à noite, depois da transmissão geral ter cessado, eu fui surpreendido ao ouvir a voz de emissor venusiano. Ele está sugerindo que levantemos uma expedição científica a Vênus para ajudar os nativos de seu infeliz planeta a resolver o problema dos insetos como fizemos no nosso. Ele diz que os marcianos se fizeram de surdos aos seus pedidos de ajuda, mas que espera simpatia e ajuda da Terra, que tão recentemente resolveu esses problemas sozinha.

Fiquei estupefato com as notícias de Stentor.

— Mas os venusianos são mais avançados mecanicamente do que nós — eu objetei —, embora eles estejam atrás de nós nas ciências naturais. Eles poderiam muito mais facilmente resolver as dificuldades de voar no espaço do que nós.

— Isso é verdade — concordou Stentor —, mas se nós formos fornecer ajuda material para libertar o mundo deles dos insetos devastadores, precisamos chegar a Vênus. As últimas quatro décadas provaram que não podemos ajudá-los apenas por instruções verbais.

— Agora, ontem à noite — Stentor continuou, com caloroso entusiasmo — Wanyana, o emissor venusiano, informou-me que os cientistas em Vênus estão desenvolvendo uma televisão interplanetária. Isso, se bem-sucedido, será altamente benéfico para facilitar a comunicação, e pode até acabar com a necessidade de

viagens interplanetárias, o que eu acho que ainda está séculos à nossa frente.

— A televisão, embora tão comum aqui na Terra e em Vênus, parece impossível através do vazio etéreo — disse eu —, mas caso se torne uma realidade, acredito que serão os venusianos a tomar a iniciativa, embora, é claro, fiquem impotentes sem a nossa cooperação amistosa. Em troca das instruções mecânicas que eles nos deram de tempos em tempos, penso que não é mais do que justo que nós tentemos dar-lhes toda a ajuda possível para libertar o seu mundo, assim como o nosso foi libertado, dos insetos que ameaçam sua própria existência. Particularmente, portanto, espero que isso possa ser feito através da rádio e da televisão ao invés de excursões pessoais.

— Eu acredito que você esteja certo — admitiu —, mas eu espero que possamos ajudá-los em breve. Desde que eu comecei a servir na qualidade de emissor oficial interplanetário, eu gostei do espírito de boa comunhão mostrados pelos venusianos através de seu porta-voz, Wanyana. O sentimento é favorável em contraste à arrogância dos habitantes de Marte.

Conversamos durante algum tempo, mas finalmente ele se levantou para ir embora. Foi então que me aventurei a abordar o assunto que era o mais importante em meus pensamentos.

— Quero te mostrar uma coisa, Stentor — eu disse, indo para um quarto adjacente para pegar minha preciosa caixa e regressar em breve com ela. — Uma relíquia dos dias de um ancestral chamado Delfair, que viveu na época em que o último inseto, um besouro, foi mantido em cativeiro. A julgar pelo seu relato pessoal, Delfair estava plenamente consciente da importância das mudanças nos tempos em que ele viveu, e ao contrário da maioria dos seus contemporâneos, possuía um sentimentalismo na alma que provou ser um triunfo histórico para as gerações futuras. Olhe, meu amigo, isto ele deixou para a posteridade!

Depositei a grande e pesada caixa numa mesa entre nós e levantamos a tampa, revelando a Stentor as partículas misteriosas.

O rosto de Stentor era expressivo de espanto. Naturalmente sua mente tomou mais ou menos a mesma rota que a minha havia seguido anteriormente, embora ele tenha adicionado unidades

atômicas à lista de possibilidades. Ele balançou a cabeça em perplexidade.

— O que quer que sejam, deve ter havido um propósito por trás da sua preservação — ele disse, finalmente. — Você diz que este velho Delfair testemunhou a morte dos insetos? Que tipo de homem ele era? Alguém provável de fazer algum truque?

— De modo algum — disse indignado —, ele parecia ser um sujeito muito sério; trabalhou em uma fábrica de oxigênio e participou ativamente na última guerra entre homens e insetos.

De repente, Stentor inclinou-se e agarrou algumas das pequenas partículas na palma de sua mão... e então ele proferiu um grito maníaco e atirou-os para o ar.

— Meu Deus, homem, você sabe o que eles são? — ele gritou, tremendo violentamente.

— Não, não sei — respondi discretamente, com uma tentativa de dignidade que eu não sentia.

— Ovos de inseto! — ele gritou e, tremendo de terror, dirigiu-se à porta.

Apanhei-o na entrada e o puxei de volta para o quarto à força.

— Agora olhe aqui — eu disse severamente —, nenhuma palavra sobre isso a quem quer que seja. Entendeu? Eu vou testar sua teoria de todas as formas possíveis, mas não quero interferência pública.

No início ele teimou, mas finalmente cedeu às ameaças quando as súplicas foram impotentes.

— Vou testá-los — disse eu —, e vou me esforçar para manter as incubações sob controle absoluto, caso elas provem ser o que você suspeita.

Era hora da transmissão da noite, então ele partiu, prometendo manter o nosso segredo e me deixando arrependido de ter confiado em alguém.

Capítulo VI: O Milagre

Durante dias após minha infeliz experiência com Stentor, experimentei com os pequenos objetos que o haviam aterrorizado tanto. Eu os submeti a vários testes com o objetivo de verificar se eles apresentavam sinais de vida, quer fosse em ovo, pupa ou no

estado larval de desenvolvimento. E para todos os meus experimentos, só havia uma resposta. Nenhuma vida se manifestava. No entanto, eu não estava satisfeito, pois os ensaios químicos demonstraram que eles eram compostos por matéria orgânica. Aqui havia um enigma inexplicável! Muitas vezes eu estive à beira de entregar todo o conteúdo do cofre às chamas. Parecia que eu via em minha mente o mundo novamente dominado por insetos, e essa calamidade devido às indiscrições de um homem! O meu próximo impulso era passar meu problema para os cientistas, quando uma suspeita da verdade me ocorreu. Estas eram sementes, os germes da vida vegetal, e talvez elas crescessem. Mas onde? Por toda a terra o homem espalhou seu domínio artificial. A cidade-estado foi sucedida pelo que poderia ser chamado de cidade-nação, já que um grande chão de concreto ou rocha cobria o país.

Decidi fazer uma experiência, cuja vasta influência eu não suspeitava na época. Abaixo do nível mais baixo do edifício comunitário em que habito, eu removi, por meio de uma pequena escavadeira atômica, uma placa de concreto grande o suficiente para admitir meu corpo. Deixei-me cair dentro do buraco e senti meus pés repousando numa substância suave e escura que eu sabia ser terra. Enchi apressadamente uma caixa com isso, e depois de substituir a placa de concreto, voltei para o meu quarto, onde prossegui com o plantio de uma variedade das sementes.

Sendo produto de uma era em que desejar algo em um sentido material é tê-la, eu experimentei a maior impaciência, enquanto esperava que quaisquer evidências de vida vegetal se manifestassem. Diariamente, na verdade de hora em hora, eu observava o solo à procura de sinais de um tipo de vida que há muito tempo havia partido da Terra, e estava quase convencido de que o germe da vida não poderia ter sobrevivido aos séculos, quando uma pequena lâmina de verde provou-me que um milagre, mais maravilhoso para mim do que as obras do homem através dos tempos, estava acontecendo diante dos meus olhos. Isso foi um enigma tão complexo e no entanto tão simples, que se reconhece nele uma revelação direta da Natureza.

Diariamente e semanalmente eu assistia em segredo ao milagre botânico. Era a minha única obsessão. Fiquei surpreso com o fascínio que isso exerceu sobre mim — um homem que via as maravilhas do século XXXIV com uma complacência sem emoção. Mostrou a mim que a Natureza se manifesta nas coisas simples que a humanidade tem escolhido ignorar.

Então uma manhã, quando acordei, uma flor branca exibiu a sua beleza imaculada e enviou uma fragrância delicada no ar. O lírio, um símbolo de nova vida, ressurreição! Senti dentro de mim a agitação de emoções estranhas que por muito tempo acreditei estarem mortas no peito do homem. Mas a mensagem não poderia ser apenas para mim. Como antigamente, o lírio seria o símbolo da vida para todos!

Com as mãos trémulas, carreguei o meu precioso fardo até uma janela frontal onde poderia ser testemunhado por todos que passassem. No primeiro dia poucos o viram, porque raramente os homens e as mulheres andam: eles geralmente dirigem veículos de alta velocidade de um tipo ou outro, ou usam patins elétricos, um delicioso meio de locomoção, que dá ao corpo algum exercício. O quarto nível da cidade, que está reservado para patinadores e pedestres, é mantido em uma condição lisa como vidro. Então foi apenas o pedestre ocasional, caminhando na fronteira externa do quarto nível, para o qual minha janela estava voltada, quem primeiro levou a notícia da planta em crescimento para o mundo, e não levou muito tempo para ser necessário que as autoridades cívicas dispersassem as multidões que se aglomeravam à minha janela para um vislumbre de um milagre em verde e branco.

Quando mostrei minha linda planta a Stentor, ele foi muito profuso no seu pedido de desculpas e vinha para os meus aposentos todos os dias para vê-la desdobrar e desenvolver-se, mas a maioria das pessoas, há muito habituada à eficiência típica dos negócios, era intolerante às emoções sentimentais que agitavam uma pequena minoria, e fui ordenado a me livrar do lírio. Mas uma semente figurativa foi plantada no coração humano, uma semente que não podia ser descartada tão facilmente, e esta semente amadureceu e cresceu até que finalmente proveu frutos.

Capítulo VII: Ex Terreno

É uma imagem muito diferente da humanidade a que eu pinto dez anos após a última entrada em meu diário. Minha nova vocação é a agricultura, mas é agricultura numa escala muito mais intensiva do que aquela feita há dois mil anos. Nossas plantações nunca falham, pois a temperatura e a precipitação são reguladas artificialmente. Mas atribuímos nosso sucesso principalmente à ausência total de pragas de insetos. Nossas pequenas áreas agrícolas pontilham o país como os parques dos dias antigos e nos fornecem um tipo de alimento não mais nutritivo, porém mais apetitoso do que aquele produzido nos laboratórios. Realmente estamos vivendo numa época maravilhosa! Se a Terra é completamente nossa, por que não podemos voltar nossos pensamentos para os outros planetas em nosso sistema solar? Nos últimos dez ou onze anos os venusianos têm suplicado repetidamente pela nossa ida e ajuda na sua batalha pela vida. Creio que é nosso dever ajudá-los.

Amanhã será um grande dia para nós e especialmente para Stentor, já que a nova televisão interplanetária será testada, e é possível que, pela primeira vez na história, vejamos nossos vizinhos no infinito do espaço. Embora o povo de Vênus estivesse cerca de mil anos atrás de nós em muitos aspectos, eles fizeram progressos maravilhosos com o rádio e a televisão. Temos estado em comunicação via rádio com eles pelo último meio século e eles compartilharam conosco a alegria da instituição de nosso Éden. Eles sempre estiveram muito interessados em ouvir Stentor contar a história da subjugação dos insetos que ameaçavam acabar conosco, porque agora eles tinham exatamente o mesmo problema para resolver; mas a julgar pelos seus relatórios, receávamos que o deles fosse uma batalha perdida. Amanhã conversaremos cara a cara com os venusianos! Será um evento cuja importância perde apenas para as primeiras comunicações de rádio trocadas há cinquenta anos. A empolgação de Stentor excede a que foi exibida no momento da descoberta das sementes.

Bem, estava feito e a experiência foi um sucesso, mas infelizmente para a revelação!

As grandes salas de reunião por todo o continente estavam lotadas com a humanidade ansiosa para pegar um primeiro vislumbre dos venusianos. Antes do teste, nós enviamos nossa mensagem de amizade e boa vontade por rádio, e recebemos uma recíproca dos nossos vizinhos interplanetários. Infelizmente, éramos ignorantes naquela época! Em seguida, o aparelho receptor de televisão foi posto em operação, e sentamo-nos sem fôlego de tanto interesse, nossos olhos na tela de cristal diante de nós. Sentei-me perto de Stentor e observei o ardor febril com que ele aguardava o primeiro vislumbre de Wanyana.

À primeira vista, espectros nebulosos pareciam deslizar através da tela. Sabíamos que essas figuras não estavam na perspectiva correta. Finalmente, um objeto gradualmente tornou-se mais opaco, seus contornos podiam ser vistos claramente. Depois, aquela vasta assembleia, assim como em milhares de outras em todo o mundo, foi varrida uma onda de horror sem palavras, à medida que o seu significado total se espalhava sobre a humanidade.

A figura que estava de frente para nós era um enorme besouro de seis patas, não idêntico em cada detalhes com os nossos inimigos terrestres de anos passados, mas inconfundivelmente um inseto de proporções gigantescas! Claro que não poderiam nos ver, pois nosso emissor não devia aparecer até depois, mas ela falou, e tivemos que fechar os nossos olhos para nos convenceremos de que era a familiar voz de Wanyana, a principal emissora da rádio venusiana. Stentor agarrou-me o braço, soltou um grito inarticulado e teria caído se eu não o tivesse apoiado a tempo.

— Amigos da Terra, como vocês chamam seu mundo — começou o objeto de horror —, esta é uma ocasião memorável nos anais dos planetas gêmeos, e estamos ansiosos para ver um de vocês, e de preferência Stentor, pela primeira vez, assim como vocês estão vendo agora um de nós. Ouvimos muitas vezes, com interesse, à sua história das pragas de insetos que ameaçavam suceder-vos como senhores de vosso planeta. Como vocês já nos ouviram dizer muitas vezes, nós também somos perturbados por insetos. Nossa luta está perdida, a menos que possamos exterminá-los logo.

De repente, a venusiana foi acompanhada por um outro ser, uma formiga colossal, que carregava em suas patas dianteiras um pequeno objeto de cor clara que ela entregou para o locutor besouro, que o levou e o segurou à sua frente para a nossa inspeção. Parecia ser um minúsculo macaco, mas era tão pequeno que não podíamos determinar com certeza. Estávamos convencidos, no entanto, de que era um mamífero, a praga de “insetos” de Vênus. No entanto, nele reconhecemos o homem rudimentar como o conhecemos na Terra!

Não havia dúvida quanto à direção em que as simpatias se voltaram instintivamente, mas a razão nos disse que nossa piedade devia ser dada à raça inteligente reinante que havia alcançado a sua realização mental atual através de eras de tempo. Por algum capricho ou aberração da natureza, bem no início, a vida havia se desenvolvido na forma de insetos em vez de mamíferos. Ou (o pensamento era repulsivo) haviam os insetos no passado conseguido expulsar os mamíferos, como eles poderiam ter feito aqui na Terra?

Não haveria mais televisão naquela noite. Stentor não apareceria, tão perturbado estava ele pela visão dos venusianos, mas de manhã falou com eles por rádio e explicou a antipatia muito natural que experimentamos em vê-los ou em sermos vistos por eles.

Agora eles já não nos pedem para construirmos naves e ir ajudá-los a se livrar de seus “insetos”. Acho que eles têm medo de nós, e seu próprio medo despertou na humanidade um desejo profano de conquistá-los.

Eu sou contra. Não já tivemos guerra o suficiente no passado? Dominamos o nosso próprio mundo e deveríamos nos contentar com isso, em vez de procurar novos mundos para conquistar. Mas a vida aqui é muito fácil. Posso ver isso claramente. Por mais que não parece desgostar, o homem não está feliz a menos que tenha algum inimigo para derrotar, alguma dificuldade para superar.

Infelizmente, os meus maiores medos para o homem eram infundados!

Há pouco tempo, quando fui para o meu campo ver como minhas colheitas estavam indo, encontrei um besouro de seis garras

comendo vorazmente. Não... o homem não vai precisar ir a Vênus para combater “insetos”.

Primeira publicação em: *Amazing Stories* v.03 n.01, abril de 1928,
sob o título: “*The Miracle of Lilly*”.

Tradução de **Karla Marina** e **Fabício Corradini**.

O Homem Artificial

Está bem estabelecido que seres humanos podem seguir vivendo sem vários de seus órgãos habituais. Vimos homens privados de seus braços e pernas que ainda podem fazer um trabalho útil. Há homens vivendo, e aparentemente pouco pior por isso, que perderam um olho ou um nariz, ou têm apenas um rim, e agora é possível até ter uma voz artificial no caso de uma parte da laringe ou cordas vocais que tiveram de ser removidas por decorrência de uma doença.

Que a ciência descobrirá cada vez mais como substituir artificialmente órgãos humanos é uma conclusão precipitada. Até onde esse processo pode ir, ninguém sabe. Experimentos recentes em animais mostraram que é até possível que um gato viva com um coração artificial de borracha. Esses experimentos são todos de vasta importância para a humanidade, pois podemos ser privados de muitos de nossos órgãos por decorrência de acidentes ou doenças.

A autora da presente história tomou esses pensamentos como base de uma narrativa muito interessante que é inteiramente baseada na excelência científica, e não há como dizer que uma contrapartida exata do que ela descreve tão vividamente pode não surgir mais cedo ou mais tarde.^[7]

Nos anais do âmbito da cirurgia, nenhum caso deixou uma impressão tão horrível ao público quanto o caso de George Gregory, um estudante da Universidade de Austin. O jovem Gregory era igualmente proficiente em trabalho escolástico e atlético, sendo por dois anos capitão do time de futebol e, por um ano, um grande sucesso nos debates entre as universidades. Nenhum estudante veterano de Austin ou Decker irá um dia esquecer seus argumentos magistrais com os quais ele sustentava a afirmativa em questão: “— Decididamente a perfeição corporal é o resultado do pensamento correto”. Gregory emitia toda promessa de ser uma das mentes mais magistrais de sua era; e, se magistral nesta instância significa dominante, ele o era — e mais. Que pena que sua mente brilhante estava destinada à degradação através do corpo físico — mas esta é minha história.

Foi o jogo de Ação de Graças que provou ser o começo do fim de George. Fora advertido pelos amigos que ele seria sábio em desistir dos esportes mais perigosos, mas ele riu — até que com

uma inquestionável sinceridade — referindo-se à essência de seu famoso debate, declarando que uma atitude mental correta à cerca da vida — ele tinha este ponto para uma correção matemática — tornaria impossíveis os desastres físicos. Sua sinceridade em acreditar nisto era louvável, e, até então, sua crença tinha lhe feito bem. Ninguém que via sua estrutura bem proporcionada de 180 cm de altura em seu caminho até a linha oponente poderia duvidar que a ciência do pensamento correto estava a favor do exemplo do jovem Gregory.

Mas os pensamentos podiam ser uma ciência exata? Antes do final daquele jogo de Ação de Graças, George fora carregado inconsciente para fora do campo e, em dois dias, sua perna direita fora amputada logo abaixo do quadril.

Durante os dias da sua recuperação, dois visitantes iluminavam as fatigantes horas gastas na cama de hospital à cabeceira de seu leito. Eles eram David Bell, um estudante de medicina, e Rosalind Nelson, a garota que George amava desde seu ano de calouro.

— Eu digo, Rosalind — ele aventurou-se a dizer um dia enquanto ela sentava-se ao seu lado na cama. — É muito ruim pensar sobre você atada a um manco. Eu sou favorável a dar um passo para o lado (eu não consigo fazer isso graciosamente, é claro, com apenas uma perna), mas o digo com firmeza, minha querida. Você não quer um meio marido!

Rosalind sorriu com afeição. — George, não pense por um minuto que isso importa para mim. Você ainda é você, e eu te amo, querido. Você consegue acreditar nisso? A perda de um membro do corpo não altera sua identidade.

— É isso que me deixa incomodado — respondeu seu amante com uma carranca confusa. — Eu sempre acreditei, e mesmo neste instante, que o mental e o físico são tão intimamente relacionados ao ponto de serem inseparáveis. Eu acho que foi Browning que disse, “Nós não sabemos se a alma ajuda o corpo mais do que o corpo ajuda a alma”. Eles se desenvolvem juntos, e, se um dos dois se machuca, o outro também é machucado. Perder parte de meu corpo me fez perder parte da minha alma. Eu não sou mais quem eu era. Minha atitude mental mudou como resultado desta catástrofe

abominável. Eu não sou mais tão confiante. Eu sinto que estou deixando eu mesmo e eu... Oh, é insuportável!

Rosalind esforçou-se ao máximo para tranquilizar o infeliz homem, mas ele afundou em um humor abatido, e, vendo que seus esforços para animá-lo eram ineficazes, ela se levantou e o deixou.

No corredor do lado de fora do quarto, ela encontrou Bell a meio do caminho de encontrar o homem doente. Ele percebeu semblante perturbado e perguntou se George não estava bem naquele dia.

— Sim, David — ela respondeu, um arrepio na sua voz —, a ferida está cicatrizando bem, mas ele está tão melancólico. Ele tem essa noção... Oh, como posso dizer isso... Esse tipo de sentimento de que algo de seu equilíbrio mental e da sua confiança se foram junto com seu membro perdido. Você será um médico graduado em breve, você poderia garantir a ele que seus medos não têm fundamento?

— Eu não sei, mas acho que o caso dele é um caso mais para o pastor ou um psicólogo do que um médico — respondeu Bell. — A ferida física dele está cicatrizando, mas parece que a ferida mental não. Entretanto, eu farei o meu melhor, não apenas pelo seu bem, Rosalind, mas porque eu estou interessado na felicidade do meu antigo colega de faculdade.

Rosalind sorriu expressando sua gratidão e se virou abruptamente a fim de esconder as lágrimas que ela estava segurando tanto quanto possível.

Cinco meses se passaram, e, com o auxílio de uma muleta, George fez excelente progresso em superar as dificuldades de locomoção. Se David e Rosalind notaram uma mudança sutil na disposição e caráter de seu amigo em comum, eles não fizeram nenhuma menção a respeito.

A transformação

Finalmente chegou o dia quando, na companhia de seus fiéis amigos, George Gregory anunciou sua vontade de usar um membro artificial ao invés de uma muleta. Sua amada levantou a voz em imediato protesto.

— Não, George, eu prefiro ver você andando com a ajuda visível de uma muleta a pensar em você usando uma perna artificial. De alguma forma, parece hipocrisia, um tipo de forma de parecer algo que você não é. Eu sei que minha opinião não está sendo mal expressada, mas é a forma que eu me sinto a respeito.

Uma luz peculiar se acendeu nos olhos de Gregory, uma luz que nenhum dos amigos havia visto antes. Ele se esticou visivelmente, quase sem a ajuda de sua muleta.

— Eu vou andar tão bem quanto qualquer um e talvez eu terei de volta minha confiança mental. Minha mente deve triunfar sobre meu corpo como sempre o fizera!

A perna artificial foi devidamente implementada ao coto no quadril e, realmente foi incrível observar a rapidez com a qual Gregory dominou a arte de usá-la proficientemente. Qualquer um não familiarizado com sua deformidade não teria nunca percebido que ele não possuía as duas pernas normais.

E foi então que aconteceu o acidente de carro uma semana antes da data marcada para as núpcias dos Nelson-Gregory. Como o carro de George Gregory foi atingido por um caminhão que vinha da outra direção, reduzido a um monte de entulho e George jogado em uma vala, de modo que um braço foi finalmente amputado, nunca se saberá, pois George sempre fora um motorista cuidadoso. Mesmo com sua perna artificial, ele declarava que não tinha dificuldade nenhuma em pisar no freio. A queda também causou, conforme provado mais tarde, feridas internas de forma que alguns dos órgãos internos passaram a não funcionar apropriadamente.

Os meses que se seguiram foram para todos os que estavam intimamente preocupados com o acidente como uma descida ao Hades. O Dr. Bell, agora um residente no Hospital Bom Samaritano, dedicou-se incansavelmente ao trágico caso de George Gregory. Um especialista mundialmente famoso foi convocado para consultar as feridas internas sofridas por Gregory. Pouquíssima fé era tida pela vida do azarado homem, apesar de haver ainda uma chance: um rim artificial^[8]. A constituição vigorosa do inválido foi resgatada. Ele não apenas sobreviveu à operação, como pareceu estar no ápice da sua saúde logo depois.

E não é de se estranhar que Rosalind começasse a duvidar de que seu amor por George Gregory realmente poderia se manter o mesmo que antes. Constantemente, enquanto ela estava na companhia do Dr. David Bell, ao observar sua devoção e interesse em George, ela começou a comparar, ou melhor, a contrastar os dois homens. A deterioração rápida de George não era mais um voo da imaginação. Era uma realidade. Não era mais possível ignorar o significado por trás de suas palavras.

— Deus expressa a Si Mesmo através do mundo físico — ele disse quando os três estavam juntos no apartamento de George na Rua Kenneth. — Ele é um Espírito, mas Ele manifesta a Si Mesmo na perfeição do mundo físico. O tanto de perfeição física que perdi é o quanto de Deus ou da Graça que me deixou, e não há outra maneira de se encarar isso.

Protestos eram inúteis, tão convencido estava o inválido de que suas teorias estavam corretas. Também cresceu em sua mente uma aversão cada vez maior pelo amigo de seus tempos de faculdade, o médico. Ele não poderia mais se manter cego ao fato de que, para Rosalind, era um esforço muito grande lhe ser leal. Ele também estava ciente do afeto crescente que existia entre David e Rosalind. De uma antipatia, seus sentimentos gradualmente mudaram para os de ódio implacável por seu antigo companheiro.

A separação

Depois de dias exaustivos e noites de indecisão, Rosalind chegou à conclusão que ela não poderia se casar com George Gregory. Ela ansiava por contar a David seus sentimentos, mas não podia, porque ela sabia do amor que nutria pelo jovem médico. O assunto do casamento não fora mencionado por George nem por Rosalind desde o segundo acidente, mas instintivamente a moça sentia que a oferta feita anteriormente por seu amor no momento em que ele perdera a perna, de libertá-la de seu compromisso, não seria renovada; embora ele devesse saber que suas qualificações como marido eram agora ainda menores do que poderiam ter sido antes.

O momento que Rosalind temia finalmente chegou. Eles estavam passeando juntos uma noite em direção aos arredores da

cidade. A lua suavizava, com seu brilho prateado, objetos que na claridade do meio-dia se destacavam em relevo muito alto. Ao saírem da estrada para o caminho do rio, George disse:

— Vamos marcar um dia para o casamento. Eu já esperei o bastante — enquanto falava, ele envolveu a cintura dela com um braço, não com o qual a natureza o havia equipado, mas com aquele tão habilmente forjado que um observador casual nunca adivinharia. Mas Rosalind sabia! Ela estremeceu, e nisso, George Gregory soube que sua desgraça estava selada.

— Eu não posso me casar com você, George — implorou ela, com uma voz rouca e pouco natural. — Eu sinto muito que seja assim, mas eu não posso fazê-lo.

O homem riu e o tom gelou o coração da moça. — Você disse uma vez que minha identidade havia se mantido, não importasse as imperfeições físicas do meu corpo. E agora você a nega! — sua voz elevou-se em empolgação.

— Escute, oh, George — ela exclamou, agora completamente tomada pelo pânico. — Você mesmo está permitindo que sua atitude mental altere sua vida. Você admitiu. Se você tivesse se mantido mentalmente inalterado, eu acredito verdadeiramente que sua diferença física não teria importado. Eu amei você pelo que você era, mas, George, como você mudou!

— Sim, eu mudei — ele gritou —, mas meus desejos e paixões não mudaram, a menos que a intensidade indique uma diferença.

Ele estendeu a mão na direção dela, mas por mais hábil que ele fosse no uso de seus dois membros artificiais, ela escapou de seu alcance e disparou subindo o áspero caminho do rio em direção à rodovia. Ela ouviu distintamente o som de perseguição. Ele conseguiria alcançá-la mesmo deficiente como ele era?

Ele acabou caindo uma vez, e o som de promessas murmuradas chegou aos ouvidos dela. Ela fugiu sem parar, sem ousar olhar para trás, embora suspeitasse que ele estava ganhando distância. Bem na fronteira da cidade, onde as casas eram um pouco espalhadas, ele a agarrou e, simultaneamente, ela desmaiou.

Quando a consciência voltou, um rosto querido e familiar curvou-se perto do seu. Com um soluço de alegria, ela colocou os

braços em volta do pescoço de David e, com algumas palavras carinhosas, eles declararam sua fidelidade.

David, voltando de uma visita profissional, onde estava substituindo o velho Dr. Amos, que estava doente, havia testemunhado à distância as duas figuras correndo. Antes que ele chegasse ao local com seu carro, a forma perseguidora havia ultrapassado a perseguida.

Resgatar uma donzela dos braços de seu amante parecia um serviço muito peculiar de se prestar — mas um olhar nos olhos de George Gregory provou ao médico sem sombra de dúvida que ele não estava lidando com um homem são. A disputa foi desigual, embora a agilidade exibida pelo aleijado tivesse dado crédito a um homem normal de destreza acima da média. David tentou argumentar com seu antagonista, mas o uso da lógica naquela hora foi inútil. Foi uma luta difícil, mas George finalmente estava disposto a se admitir derrotado.

Um homem obcecado

Cerca de três meses depois do incidente, Dr. Bell (agora em posse do escritório do falecido Dr. Amos) estava prestes a fechar para balanço depois das consultas da tarde quando ele ouviu um visitante atrasado se aproximando no saguão. Ao olhar para cima, ele avistou Gregory, que passou rapidamente pela sala de espera e entrou no escritório interno, fechando a porta atrás de si. O olhar peculiar de um fanático, que se tornara ainda mais marcante desde o segundo acidente, era evidente agora ao que ele se sentou e encarou de forma selvagem o doutor.

— Não se assuste, doutor — ele zombou ao ver o rosto pálido de Bell. — Eu não vim aqui para culpá-lo por ganhar o amor de Rosalind, embora eu confesse que a ideia de seu casamento na próxima semana vai contra qualquer outro pensamento meu. Eu vim para outro propósito e quero que você me ajude.

Ele se levantou e avançou em direção ao médico. Este último observou o domínio perfeito dos membros artificiais, um domínio que provou quão bem o cérebro pode ser treinado para controlar nervos e músculos sob condições incomuns. Estaria todo o esforço

desse cérebro voltado para isso em detrimento de um raciocínio bem equilibrado?

— Aqui está a minha proposta, Bell — as palavras soaram de forma áspera, trazendo os pensamentos do médico a uma rápida conclusão a respeito da mudança de estado mental de seu antigo amigo. — Já decidi o que quero que seja feito. Vou confessar que o que estou prestes a lhe dizer provará que tenho uma peculiaridade mental que, a propósito, corresponde às minhas peculiaridades físicas, mas essa coisa se tornou uma obsessão minha.

O orador se inclinou para frente e arrebatou a atenção do outro com um olhar estável. Ele então resumiu: — Eu vou tentar um experimento, ou melhor, o experimento será tentando em mim, visto que eu serei um fator passivo nesse caso. Eu descobrirei o quanto desta espiral mortal posso me livrar e ainda manter minha identidade pessoal como um pedaço da humanidade aqui na Terra. Em outras palavras, tanto do meu corpo quanto seja possível ser removido e substituído por partes artificiais, eu quero que seja feito.

Durante a narrativa de Gregory, os olhos de David se dilataram em horror, e ele, inconscientemente, se afastou de seu visitante até todo o espaço do cômodo estar entre eles. Ele não conseguiu pronunciar sequer uma palavra. Os segundos se passaram no pequeno relógio de ébano sobre a mesa, e ainda os dois homens se encaravam com inquestionável antagonismo.

— Bem, você o fará, Bell? — o homem apontou com veemência para os instrumentos cirúrgicos e a mesa de operações. — Tenho muitos meios para lhe pagar generosamente. Vou descobrir mais sobre este corpo mortal e sua relação com a alma antes de morrer. Você me roubou um desejo do meu coração, mas isso você deve me conceder!

Por fim, Bell falou e, com o som de sua voz, sua coragem retornou. — George, acredite você ou não, você é um homem louco e eu me recuso a cumprir com o seu pedido. Se, como você mesmo sustenta, com a perda de cada membro do corpo, seus poderes mentais e espirituais diminuíram, o que em nome dos céus, diga-me, seria de você com apenas o suficiente de seu corpo sobrando para acorrentar seu espírito à Terra? Não vou ajudá-lo neste seu projeto maluco. Vá, ou devo eu levá-lo ao hospital dos insanos?

George Gregory percebeu que mais persuasão seria inútil. Ele andou para fora do escritório, mas à porta ele parou e encarou Bell. — Há outros cirurgiões neste mundo, e, guarde minhas palavras, eu descobrirei qual é a linha mínima pela qual corpo e alma conseguem se segurar juntos.

O Homem Artificial

Cinco anos se passaram. David Bell casou-se com Rosalind Nelson e construiu uma reputação esplêndida como cirurgião. Ao longo de todos esses anos, nada foi ouvido sobre George Gregory. A memória dele passou como um sonho ruim e seu nome nunca foi mencionado. Então, um dia (foi logo após a construção do novo hospital municipal), David e um jovem residente chamado Lucius Stevens estavam retirando os instrumentos após uma operação, quando eles sentiram, mais do que ouviram, a aproximação de um indivíduo. Virando-se, eles viram a forma não familiar de um estranho. Ele era um pouco baixo da altura média. Um boné cobria a parte superior de seu rosto e um longo sobretudo folgado escondia a maior parte de sua figura.

— O que podemos fazer por você, estranho? — perguntou Dr. Bell para a figura silenciosa à porta.

— Estranho, eu! — exclamou a voz vazia e metálica, que saiu de algum lugar abaixo da viseira do boné. — Eu não sou nenhum estranho, embora possivelmente você não me reconheça. Você se lembra do seu rival George Gregory, Dr. David Bell? Eu sou ele.

— Você... é impossível! — exclamou o doutor, assombrado. — Gregory era um homem alto, completamente diferente em aparência. Você...

— No entanto, eu lhe digo que sou George Gregory e vim para acertar contas antigas com você. Saia daqui — ele gritou para o assustado Stevens. — Meus problemas não são com você.

Lucius não perdeu tempo em seguir a sugestão do estranho. Após sua partida, os dois homens na sala de operações se encaram por alguns momentos em silêncio.

— Antes que eu acabe com você... — vieram os tons metálicos novamente — explicarei algumas coisas que podem confundi-lo.

Aqui ele andou até a porta do escritório, trancou-a e colocou a chave no bolso do sobretudo. — Agora, sente-se, David Bell, não se apreze, pois você não deixará este cômodo vivo. Prometo-lhe isso, e eu tenho o costume de cumprir minhas promessas.

Bell fez conforme lhe foi ordenado. A curiosidade de sua mente analítica fora despertada e ele desejou descobrir mais sobre aquele estranho cuja identidade não conseguia associar com Gregory. Fascinado, ele assistiu enquanto o homem removia seu boné e sobretudo, e então, ante o olhar assustado de David, o recém-chegado colocou a mão direita no ombro esquerdo e, com uma leve manipulação, removeu o braço esquerdo, o qual ele depositou sobre a cadeira mais próxima. Ele então se sentou e começou a se desmembrar até que nada mais que um torso, cabeça e um braço permanecessem, todos marcados por incontáveis incisões. Uma risada melancólica atingiu as profundezas dos nervos extenuados do médico. As feições do intruso não eram reconhecíveis como as de seu antigo amigo, Gregory. Não havia nariz, apenas duas narinas achatadas na superfície do rosto. A cabeça era careca e sem orelhas, a boca uma fenda sem dentes.

Um estremecimento de nojo atravessou David, e novamente a risada seca daquela monstruosidade ecoou pela sala.

— Eu não estou exatamente bonito, não é? Mas eu estou descobrindo aquilo que eu desejava saber. Depois de lhe deixar há cinco anos, eu fui a um famoso cirurgião alemão e expus meu pedido a ele. Ele estava tão interessado quanto eu no experimento, e você vê o resultado. As operações exigiram um período de dois anos para que a natureza pudesse dar a chance ao corpo de se recuperar no intervalo entre os experimentos. Como você pode me ver agora, eu estou sem nenhuma parte do corpo senão as essenciais para a vida. Uma exceção a isso, entretanto, são meus olhos. Eu não desejo, ainda, ser desligado do mundo por todos os sentidos. Os órgãos internos artificiais eu não ousou remover assim como faço com meus apêndices, pois eles são necessários à minha vida. A maior operação de todas foi aquela que substituiu meu coração por um bombeador. Esse bombeador é um mecanismo simples de válvula dupla que circula uma pequena quantidade de sangue exigida pelo meu dorso, cabeça e braço. Olhe aqui!

Conforme falava, ele começou a reatar os membros artificiais. Depois de assumir novamente a semelhança com a forma humana, ele chamou a atenção para algo que David não havia notado antes, um objeto achatado sobre seu peito.

— Este é o painel de controle — ele explicou. — Com a exceção do braço direito, eu agora movo meu corpo com eletricidade. As baterias estão escondidas em uma cavidade abaixo do quadril de minha perna direita. Veja em mim um homem artificial que vive e respira e tem sua existência com um mínimo de carne mortal. Minhas várias partes podem ser remendadas e substituídas da mesma forma que um carro teria suas partes reparadas.

Durante a narrativa de Gregory, David não recolheu seus fascinados, porém horrorizados, olhos do homem mecânico. Invulnerável e quase imortal, esta criatura existia como uma ameaça à humanidade, um Frankenstein feito por si mesmo. Quando enfim ele estava novamente completo, ele ficou de pé na frente de David com um brilho triunfante em seus olhos, que, sozinhos, fisicamente inalterados, eram ainda dificilmente reconhecíveis como aqueles de Gregory, pois a alma avistada por aquelas janelas jazia transformada.

Na escuridão crescente, Bell pôde ver o autômato olhando para ele. Ele se moveu lentamente em direção a uma janela na esperança de escapar de seu antagonista por uma saída repentina naquela direção, mas Gregory se arrastou em até lá com uma precisão de relógio em seus movimentos. O médico percebeu que a mão direita estava ocupada manipulando a placa de controle em seu peito. Se fosse esse o caso, o intruso possuía apenas um braço livre, mas pouco Bell tinha contado com a destreza daquele braço esquerdo! Como o aperto de uma morsa, os dedos metálicos apertaram sua garganta. Um pensamento invadiu sua mente. Se ele pudesse tirar aquela mão direita do controle e danificar as conexões com os vários apêndices e órgãos! Mas ele logo percebeu o quão fúteis eram suas mãos desarmadas contra o corpo invulnerável de seu adversário. Mais e mais, aquelas garras implacáveis o oprimiam. A escuridão caiu sobre ele como uma cortina pesada. Um latejar em suas têmporas que soava como uma pulsação distante. Então o esquecimento.

A linha se rompe

Quando David Bell recobrou a consciência, ele estava deitado em sua cama. A luz forte do sol brilhando através das cortinas fazia delicados traços sobre a colcha. Seu primeiro pensamento foi que aquilo era o paraíso, em contraste aos acontecimentos dos seus últimos momentos conscientes. Certamente aquele era um anjo pairando sobre ele! Não — pelo menos não em um sentido etéreo — mas um anjo mesmo assim, pois era Rosalind, seu rosto doce radiante de amor e solicitude. — Sr. Stevens e eu estivemos o observando ao seu lado por horas, querido David — ela disse enquanto ela colocava uma mão gelada sobre sua testa. — Você deve agradecê-lo por salvar sua vida, não apenas no momento do ataque, mas durante as horas incertas que se seguiram.

David voltou seus olhos cheios de agradecimento ao seu salvador.

— Conte-me sobre isso, Lucius — ele disse baixinho.

Steven sentou-se numa cadeira ao lado da cama e começou esta narrativa.

— Depois que o demônio que você chamou de Gregory ordenou a mim que saísse da sala, Dr. Bell, eu remexi em minha mente pensando no que seria o melhor a ser feito para salvar o senhor da vingança dele. Achei aconselhável não dizer nada à Sra. Bell porque eu não queria alarmá-la desnecessariamente, mas eu sabia que quando forçasse entrada naquele cômodo, teria de ser com a assistência adequada, e dentro de um curto período de tempo. Eu fiz meu caminho até o escritório o mais rápido que pude sem levantar suspeitas. Srta. Cullis estava na recepção. Sabendo que poderia me apoiar em sua personalidade e comportamento calmos e cheios de autocontrole, eu contei a ela rapidamente a respeito do perigo que ameaçava o senhor, e então eu telefonei para a polícia. Em menos de dez minutos, Copeland e Knowles chegaram armados com automáticas e pés-de-cabra. Eu levei um machado. Cautelosamente, fomos até a porta da sala de cirurgia e ficamos do lado de fora, ouvindo. Não ouvimos nenhum som de vozes e Copeland queria forçar entrada imediatamente, mas eu o segurei por um momento. Eu queria ter alguma dica sobre as

condições do outro lado da porta antes de tomar medidas drásticas. Mas graças à impaciência de Copeland, nós quebramos a porta e vimos — eu nunca vou esquecer aquela visão até o dia de minha morte — aquele diabo do inferno com suas garras apertando a sua garganta. Ele era evidentemente um pouco surdo, pois ele não ouviu nenhum movimento de nossa aproximação. Nós nos aproximamos dele por trás, mas ele se virou com tal força no seu braço esquerdo que nós caímos ao chão como pinos de boliche. Knowles, assim que ficou em pé novamente, bateu nele diversas vezes com o pé-de-cabra, mas seus esforços foram em vão, pois era como se ele estivesse desferindo golpes numa parede de pedra. Copeland mirou em sua cabeça, onde ele sabia que havia um cérebro mortal, mas o golpe foi desviado pelos braços e pernas sempre ativos do monstro. Eu estava reservando meu machado para um golpe final, quando compreendi com súbita clareza que o homem governava os seus próprios movimentos ao manipular com os dedos da mão direita um painel sobre seu peito. Seu braço direito e a placa do interruptor! Estas eram as partes vulneráveis. Pelo menos eu havia encontrado seu calcanhar de Aquiles!

“— Enquanto Gregory estava ocupado com seus outros dois antagonistas, eu proferi um golpe repentino com o machado em direção à mão direita dele, mas eu errei, e a arma caiu pesadamente em seu peito. Minha primeira emoção foi de decepção por ter errado meu alvo, mas no segundo seguinte eu percebi que o golpe o havia incapacitado. O braço esquerdo caiu inútil ao lado do corpo dele, mas a destreza que faltava foi compensada com o aumento da atividade nas pernas. Ele correu, e eu nunca tinha visto tanta velocidade. Ele teria feito Atalanta parecer uma lesma! Entretanto, estarmos três contra um colocava a sorte pendendo a nosso favor. Entre empurrões e estocadas na figura que fugia, eu consegui contar aos dois policiais a minha descoberta a respeito dos seus pontos mortais, e logo tivemos seu fiel braço direito incapacitado. O resto foi relativamente fácil. Nós o desmembramos. Não queríamos matá-lo, mas logo ficou aparente que o dano feito ao painel de controle era fatal. Ele quis falar, mas sua voz era fraca, e, inclinando-me sobre ele, eu quase não consegui pegar as palavras.

“— Ele disse: “Diga a David que eu estava errado, muito errado desde o momento que eu fui carregado para fora do campo naquele jogo de futebol. Eu estava certo no início. Perfeição mental garante harmonia física, e, com a atitude mental certa depois do acidente, eu teria me elevado acima da minha deficiência física. Não foi a perda física da minha perna que trouxe a isso. *Foi a mente que permitiu que isso acontecesse.* Diga a David e Rosalind que eu sinto muito pelo meu passado e que eu desejo a eles muita felicidade no futuro!”. Estas foram as suas últimas palavras.”

David Bell e sua esposa olharam um para o outro com olhos cheios de lágrimas.

No dia seguinte, o “tênue fio” que prendia George Gregory a este mundo foi posto em seu último lugar de descanso, mas a alma que percebeu e se arrependeu de seu erro, quem sabe para onde foi?

Primeira publicação em: *Amazing Stories* v.03 n.01, outono de 1928,
sob o título: “*The Artificial Man*”.
Tradução de **Caroline Dias Gabani**.

Um Bebê em Netuno

Clare Winger Harris e M.J. Breuer

Quando uma pequena faísca de uma descarga elétrica distante atravessou um muro de pedra, foi um triunfo para Heinrich Hertz, que pode ser considerado o primeiro trabalhador da Rádio. Agora ouvimos, sem muitos comentários, que um aparato criado por um dos alunos de Edison chegou a Byrd, na Antártica. Seria um passo tão grande, então, enviar sinais de rádio para outro planeta?

É de se esperar que qualquer trabalho colaborativo destes dois autores prediletos seja incomum e apreciado por nossos leitores. Esta história faz plena justiça à sua reputação. É definitivamente “diferente”, e vale a pena ser lida.^[9]

Um desejo moribundo

Deve-se admitir que a comunicação interplanetária ainda se encontra em um estágio rudimentar; contudo, alguns espantosos desenvolvimentos já ocorreram. Começando com os humildes experimentos de Hertz em 1887, o progresso tem sido variável, mas ininterrupto. Centenas de homens brilhantes devotaram suas vidas ao trabalho. Episódios de intenso interesse humano podem ser encontrados ao longo desse desenvolvimento. Este relato trata de um deles.

A história de qualquer grande conquista é marcada por determinadas épocas, certos marcos, cada qual associado ao nome de um gênio. Após Hertz, veio Marconi que, por volta do ano de 1896, expressou o conhecimento teórico existente em seu concreto e funcional telégrafo sem fio. Foi seguido por deForest, que por volta de 1900, desenvolveu o tubo de vácuo de três eletrodos, tornando a telefonia sem fio comercialmente possível. Então, por meio século, nada surpreendente aconteceu; os esforços foram dedicados, principalmente, ao aumento da potência de transmissão e do alcance das ondas de rádio.

Foi somente em 1967 que Takats, em Budapeste, confirmou experimentalmente a crença dos cientistas de que as ondas de rádio, sendo elas ondas eletromagnéticas de mesma natureza da luz, podiam ser refletidas e refratadas. Até a época de Takats, não tínhamos o aparato apropriado para essa reflexão e refração.

Usando os gigantescos cristais de alumínio desenvolvidos na Universidade do Kansas por H. K. F. Smith, e moldando-os, Takats conseguiu focalizar os raios de rádio com a mesma precisão com que os raios de luz de um projetor de filmes são focalizados na tela.

Com seu sistema de projeção de seis quilômetros e meio de comprimento, ele concentrou ondas de rádio de intensidade receptível no planeta Marte. Dois anos depois, sinais foram captados de Marte, Vênus e também da direção de Saturno e Júpiter. Assim foi o quão rápido as coisas progrediram.

Foi demonstrado, sem sombra de dúvidas, que tais sinais eram tentativas de seres inteligentes de se comunicarem conosco. No entanto, na altura em que foram compreendidos, mesmo que vagamente, não havia nenhuma pessoa viva que houvesse vivido na época da descoberta de Takats. Em 2099, uma jovem professora de jardim de infância, a Srta. Geneva Hollingsworth, na cidade de Corpus Christi, Texas, publicou um artigo na revista *The Scientific Monthly* que deu a pista fundamental para as mensagens que continuavam chegando pelos aparelhos nos últimos cento e trinta anos. As concepções de número, tamanho, ritmo, geometria, posições e períodos do sistema solar eram tão simples, e agora completamente entendidos, que parecia ridículo que tivéssemos levado mais de um século para dominá-los.

Embora a concepção fundamental fosse simples, o desenvolvimento da real comunicação era um assunto terrivelmente complexo e tedioso. A jovem Srta. Hollingsworth já estava morta muito antes que o código interplanetário fosse desenvolvido. Ela teria se encolhido apavorada com as complicadas proporções que sua simples ideia havia assumido, se tivesse podido vê-la sendo posta em prática.

Mas o ano de 2300 iniciou-se com uma comunicação razoavelmente fluente acontecendo com Marte, Vênus, quatro das luas de Júpiter e uma de Saturno, e um mistério não resolvido em relação a Netuno. Os astrônomos admitiram que os corpos dos quais as mensagens inteligíveis estavam sendo recebidas estavam em tal condição física, que a habitação por seres inteligentes era uma possibilidade garantida. Mas, seres vivos em Netuno! Isso era dificilmente concebível! Aquele ermo e distante planeta era muito

frio e escuro. No entanto, sinais vieram dele. Seriam sinais inteligentes de seres vivos ou não? Ninguém sabia. Certamente ninguém fora ainda capaz de entendê-los. Eram apenas ruídos nos receptores. Ainda assim, eram uniformes demais, persistentes demais, regulares demais para serem considerados como meros acidentes ou fenômenos inorgânicos. Era exigida uma explicação, de um tipo ou de outro.

Então, em 2345, aconteceu a primeira viagem interplanetária bem-sucedida. Trinta e cinco anos antes, um ousado explorador chamado Bjerken fora em uma nave trans-geodésica até a Lua, mas nunca mais se viu ou ouviu falar dele. Consequentemente, agora os olhos do mundo se voltavam com ávida curiosidade na direção de Rex Dalton, o físico do Kentucky que, em 7 de janeiro, partia para Vênus. Os rádios, que zumbiam no último instante com anúncios dos preparativos para a partida, de repente deram a notícia de que o famoso astrônomo inglês, Myron Colby, acompanharia Dalton em sua perigosa viagem.

A viagem de Dalton e Colby foi memorável não somente nos anais da astronomia e dos físico-matemáticos, mas também nos da biologia, pois comprovou que a prévia concepção humana de que, se a evolução aconteceu e progrediu em dois mundos diferentes, ela deve necessariamente acontecer em linhas paralelas, é errônea.

A *Pioneira*, que era o nome da nave espacial de Dalton, desceu na fumegante atmosfera de Vênus, e seus ocupantes atônitos contemplaram através das paredes transparentes uma estranha visão. Deitados sob as folhas claras de uma vegetação gigantesca, fibrosa e semelhante a uma palmeira, se encontravam milhares de vermes enormes.

Suas cabeças eram grandes e continham pontos que sugeriam órgãos terminais de sentidos especiais. Se esta agregação de órgãos terminais constituía um rosto, os rostos dessas criaturas eram assustadores, repulsivos. Eles eram intensamente ativos, se contraindo e se contorcendo e se projetando para frente e para trás, para dentro e para fora uns dos outros. Eles pareciam engajados em tremenda atividade e até mesmo manejavam muitos blocos, gravetos e outras coisas entre eles. Os terráqueos estremeceram e ficaram enojados com o espetáculo viscoso.

Em poucos instantes, a carcaça de sua nave estava tão quente que, para se salvarem, se viram obrigados a ligar o aparato de refrigeração que haviam trazido, antecipando exatamente tal situação. Eles elevaram sua nave e a guiaram, à procura de cidades, seres inteligentes e, não encontrando nada além de vida pegajosa, pousaram novamente. Perto deles havia outro grupo de vermes intensamente ativos. Subitamente, uma mensagem soou em seu rádio, em código interplanetário:

— Olá! Vocês são os seres inteligentes na esfera de cristal que caiu do céu?

Dalton codificou de volta:

— Somos humanos do planeta Terra. Onde podemos encontrá-los?

Então os dois homens arfaram de espanto quando o rádio disse:

— Vocês estão entre nós agora, olhando para nós. Saiam. Queremos olhar para vocês mais de perto e ver se são tão civilizados quanto nós.

Os dois cientistas se entreolharam com intrigada perplexidade.

— É melhor testarmos a atmosfera primeiro — sugeriu Dalton.

Eles vieram preparados para isso. Entre as portas duplas havia um compartimento no qual todos os resíduos acumulados foram colocados durante a viagem espacial. A porta interna se abriu, o material residual foi colocado na câmara, e a porta interna se fechou. Em seguida, a porta externa foi aberta por meios elétricos, e o lixo foi despejado através de meios elétricos, e a porta externa foi fechada novamente. Isso sempre abaixava a pressão, que novamente era compensada pela extração de oxigênio e nitrogênio comprimidos dos cilindros.

Eles possuíam termômetros, barômetros, higrômetros e buretas de registro para coletar automaticamente amostras do ar externo, que poderiam ser analisadas em poucos minutos com seus equipamentos. Os resultados de seus testes mostraram que a atmosfera era assemelhante com a da Terra, com algum excesso de dióxido de carbono e oxigênio; a temperatura era de 60° centígrados, a pressão de 790 milímetros de mercúrio, e umidade de 50 por cento.

— Não podemos sair! — modulou Rex Dalton pelo rádio. — Nossos corpos não suportarão sua atmosfera — eles precisaram de uma desculpa plausível para não aparecer.

Estes foram os primeiros cientistas a retornar com vida de uma viagem interplanetária. A viagem deles pode não ter sido inteiramente satisfatória do ponto de vista do leitor romântico, ou do divulgador de notícias sensacionalistas, mas sua importância científica marcou época. Certamente concedeu a primeira evidência de que seres inteligentes podem ser encontrados em circunstâncias que não as nossas, e em uma forma diferente daquela que aprendemos a conhecer como humana.

Gravação na Fita de Aço

O Professor MacLean ainda retinha toda a perspicácia de suas faculdades mentais, embora tivesse noventa e dois anos e estivesse confinado à cama. Recentemente, sua morte era esperada todos os dias, pois estava tão fraco que falava com evidente esforço. Em seu quarto, todas as manhãs, entrava Patrick Corrigan, seu amigo e sucessor na Universidade.

— Corrigan — o velho disse, e o homem mais jovem se inclinou para frente para entender as fracas palavras —, este é um grande dia para mim. Todos me dão crédito por ter tido muito a ver com a construção da comunicação interplanetária. Eu estaria pronto para morrer agora, se não fosse por aquele mistério sobre Netuno. Isso me faz sentir como um fracasso. Mas, agora que esses jovens rapazes retornaram de Vênus, sinto-me encorajado. Algum dia, a questão de Netuno será respondida.

Por um momento, a voz do ancião foi sumindo lentamente, então ele começou de novo:

— Desconcertante e mistificante, esse negócio de Netuno. Aqueles sons graves e batidas que chegam através de nossos aparelhos têm de significar alguma coisa. Há um ritmo, uma espécie de sugestividade matemática. Eu poderia morrer em paz se soubesse o que eles significam.

Corrigan esperou respeitosamente e um tanto intrigado. Ele tinha uma solução para propor sobre o mistério netuniano e hesitava em apresentá-la por conta de uma superstição tola de que ele

poderia ser a causa da morte do professor MacLean. Finalmente, ele falou:

— Você acompanhou os relatórios de rádio sobre a viagem de Dalton e Colby. Eles pousaram perto de Phoenix ontem. Tenho refletido sobre seus relatórios desde então. Você se lembra do que eles falaram sobre a agilidade do povo-verme? Isso não lhe lembra da velocidade desconfortável com que as mensagens venusianas chegam? Somente especialistas podem fazer alguma coisa com elas. Bem, Marte é mais lento que nós; bastante fácil de receber em código. Agora, suponha...

O idoso sentou-se subitamente com esforço, trazendo uma expressão de alarme ao rosto de Corrigan. Este último continuou cautelosamente:

— Agora, suponha que as mensagens de Netuno sejam tão lentas que não são capazes de serem registradas por nós. Por causa de sua lentidão, não podemos sintetizá-las em sons!

Corrigan parou repentinamente. O Professor MacLean jazia pálido e imóvel; não havia nenhuma evidência de que ainda estivesse vivo. Corrigan permaneceu em um silêncio atordoado. Logo o professor levantou a mão branca e um sorriso pálido brincou em suas feições.

— Correto! — ele sussurrou. — Quase me derrotou. Agora vá e experimente esta teoria. Esperarei para ouvir notícias de Netuno!

Para um homem como Corrigan, o desenvolvimento experimental da ideia era uma questão simples e direta. O princípio de registrar eletromagneticamente os impulsos de rádio em uma fita de aço já era bastante conhecido. Supondo hipoteticamente que as batidas captadas de Netuno fossem impulsos de ondas individuais, um simples cálculo lhe diria a velocidade com que eles deveriam ser registrados para que pudessem ser reproduzidos como som. Ele equipou o aparato e o preparou para fazer registros permanentes dos impulsos netunianos.

Nesse meio tempo, ele adaptou um ditafone transatlântico comum para reproduzir os sons da fita de aço. Ele já tinha três dias de fita quando estava pronto para experimentá-lo pela primeira vez. Ele empurrou o equipamento para o quarto de doente do Professor MacLean. O velho cientista parecia que não duraria muito mais

tempo; Corrigan queria que ele testemunhasse o que quer que o instrumento tivesse para lhes dizer. Com o coração pulsando, ele ajustou a fita no ditafone e ligou os tubos.

— ... cientistas de outros planetas...

Foi isto o que o instrumento falou, e muito claramente. Esse foi o resultado de setenta e duas horas de paciente registro das mensagens netunianas. Cerca de uma palavra por dia. Corrigan olhou ansiosamente para a cama.

— Ainda estou em boa forma — sorriu o Professor MacLean. — Devo viver o suficiente para escutar a primeira mensagem completa de Netuno.

Nenhum jovem esperando ansiosamente pelo Natal foi mais impaciente com os passos lentos do tempo quanto Corrigan durante as seis semanas que reservara para o acúmulo da primeira mensagem de Netuno. Ele tentou se concentrar em outros trabalhos, mas foi em vão. Ele não conseguia ficar longe do gravador; pairava em volta dele continuamente, o que só fazia o tempo se arrastar mais pesadamente. Finalmente, um dia importante, o aparato foi empurrado de volta ao quarto do Professor MacLean e, com dedos trêmulos, Corrigan enrolou a fita de aço. Eles ouviram a voz, que começava no já conhecido código interplanetário:

— Elzar, físico do planeta Netuno, envia saudações aos cientistas de outros planetas. A Terra, Marte e Saturno VIII, nós conseguimos escutar. Os outros são demasiado rápidos para nós. Por dez de nossos anos, temos enviado mensagens. Respondam se ouvirem isto. Elzar, físico do planeta Netuno, envia saudações aos cientistas de outros planetas. A Terra, Marte e Saturno VIII, nós conseguimos...

Aparentemente, uma repetição da mensagem começava. Corrigan virou os olhos para o Professor MacLean para ver como a tão esperada mensagem afetara o velho homem. Um sorriso de paz e contentamento repousava sobre o semblante perdido. O espírito indomável do Professor MacLean esperara tempo suficiente para ouvir o misterioso Netuno; então, voou para o lugar onde os assuntos netunianos pouco ou nada importavam.

Isto significaria que o cientista era mais forte do que Corrigan em sua constituição, quando este despachou a resposta a Elzar de Netuno antes de fazer os preparativos do funeral do Professor MacLean? Não necessariamente. Enquanto o funeral deste célebre homem ocorria, sob as lentes e microfones que o transmitiam para toda a Terra, as lentas mensagens de Netuno eram novamente magnetizadas na fita de aço. Passaram-se mais de seis meses antes que a seguinte mensagem fosse ouvida pelo ditafone:

— Elzar de Netuno recebeu a mensagem de Corrigan da Terra. Por muitos anos tivemos analisadores para receberem as ultrarrápidas mensagens de Marte e Vênus; por muitos anos, nossos analisadores configurados para captar mensagens da Terra permaneceram silenciosos. Hoje, estamos radiantes em escutá-los falar. Isso nos mostra que vocês entenderam nossos sinais. Sabendo que vocês já realizaram uma bem-sucedida viagem a Vênus e, não tendo nós mesmos vencido as barreiras das viagens espaciais, os convidamos a nos visitar em Netuno. Não encontrarão lugar mais adorável em todo universo. Nossas extensas florestas e nossas cidades maravilhosas irão lhes agradar e os surpreender. Eu vivo com meu filho em uma das maiores cidades, exatamente na linha do equador e voltada ao Sol em XIX-1118-00B00. Isto os ajudará a me encontrar. Nossa casa fica na beira de um penhasco, com vista para um vasto mar, o maior em nosso planeta. Vivemos felizes, embora ocasionalmente a tristeza seja lançada em nosso meio, porque bestas enormes e ferozes surgem do mar e atacam nosso povo. Ainda ontem, uma boa criança foi destruída. Elzar os convida e dá as boas-vindas.

Uma Viagem ao Espaço

O convite do cientista netuniano fora algo surpreendente e não daria paz a Corrigan. Durante meses, sua mente lidava com a ideia de ir a Netuno. Várias outras mensagens chegavam de Netuno, todas de Elzar, que manifestava uma poderosa e interessante personalidade. Quem, a não ser um personagem surpreendente como Elzar, pensaria em propor um convite através daquelas extensões do espaço? E quem, a não ser um gênio como Corrigan, pensaria em aceitá-lo? Pois isto foi o que ele o fez.

A primeira coisa que fez foi chamar Dalton para o projeto. No entanto, a nave espacial de Dalton não poderia ser usada, pela simples razão de que era lenta demais para aquela enorme distância. Teoricamente, a velocidade da luz era o limite máximo de velocidade para as naves espaciais do tipo geodésicas. Na prática, existem inúmeras objeções e obstáculos para tal velocidade. Dalton havia construído sua nave de modo que percorresse os 40.000.000 quilômetros em dez horas, com uma velocidade média de 1.400 quilômetros por segundo. Nesse ritmo, levaria cerca de quarenta dias para percorrer os 4.356.000.000 quilômetros até Netuno, da posição mais próxima deste último. Após uma considerável discussão, foi decidida uma velocidade cerca de vinte vezes maior que a da nave original. Isso daria uma velocidade entre 25.000 e 27.000 quilômetros por segundo, que os levaria a Netuno em dois dias ou menos.

Dois dias não é um período irracional, e Corrigan tinha medo de velocidades mais altas, sem saber o que esperar da contração de Lorentz-FitzGerald. O princípio era o seguinte: um corpo em movimento se contrai na direção de seu movimento, de modo que a uma velocidade u , seu comprimento é

$$\sqrt{1 - \frac{u^2}{c^2}}$$

de seu comprimento original, em que c expressa a velocidade da luz. Portanto, na velocidade da luz, o comprimento do corpo em movimento, seria zero. A maioria dos físicos acreditava que esta era apenas uma concepção de relativismo, devido ao fato de que a velocidade da luz é uma constante escolhida arbitrariamente em um mundo onde todo o resto é relativo. Mas ninguém queria testar a verdade dessa crença por ela mesma.

O final da tarde de 11 de julho de 2347 viu a nave geodésica, *Netuniana*, ser lançada ao desconhecido, levando consigo Corrigan e Dalton. Os dois ocupantes colocaram-se de bruços no chão da

nave e esperaram com os corações batendo rapidamente pelo segundo de rompimento de todos os laços terrestres. Eles observaram com interesse a curiosidade e a expectativa estampadas nos rostos daqueles que se aglomeravam do lado de fora. Corrigan manipulou as alavancas de controle e a moldura escura abaixo deles ficou em branco. Por um instante, eles foram pressionados contra o chão, e então flutuaram estranhamente livres. Abaixo, a Terra caía rapidamente para longe deles.

Por alguns segundos, nada foi ouvido dentro da nave, a não ser a inspiração aguda. A conversa estava fora de questão em um momento tão emocionante como aquele. O *Netuniana* estava a 160 quilômetros acima da superfície da Terra antes que eles olhassem ao redor da nave e falassem um com o outro. Terra, água, montanhas, vales abaixo deles se fundiam rapidamente e se arredondavam em uma esfera. Eles mal começaram a se sentir aquecidos por conta da fricção da atmosfera quando se viram fora dela. Após deixarem a atmosfera, Corrigan moveu os interruptores para a velocidade máxima. Em poucos segundos a Terra não parecia maior do que um bumbo.

Elzar explica

Seguiu-se um período de enjoo espacial, durante o qual os exploradores se sentiram profundamente miseráveis. Eles tiveram medo de morrer e depois tiveram medo de não morrer. Perguntaram-se que ideia insana os tomou para embarcarem em tal viagem. Eventualmente, eles afundaram em uma letargia de várias horas, da qual acordaram consideravelmente melhores. O mal-estar não passou por cerca de sessenta horas. Dalton foi o primeiro a se sentir melhor.

Pesquisas posteriores feitas por médicos competentes em viagens espaciais demonstraram que o enjoo espacial se deve à remoção dos efeitos da gravidade dos fluidos nos canais semicirculares do ouvido interno. Estes canais constituem um pequeno órgão que controla o equilíbrio do corpo e que está intimamente ligado aos olhos e ao trato gastrointestinal. Normalmente, os fluidos preenchem as metades inferiores dos dois canais verticais e todo o canal horizontal. Em uma transpassadora

geodésica, esses fluidos são distribuídos livremente por todo o interior dos canais, resultando em vertigens severas, náuseas e vômitos. A maior parte das pessoas se ajusta a essa condição em dois ou três dias.

O completo isolamento dos passageiros de uma nave espacial, sua curiosa independência daquilo que nos acostumamos como leis naturais, a glória resplandecente das estrelas e planetas no céu negro, as estranhas experiências emocionais pelas quais os viajantes passam ao observarem sua Mãe Terra se tornar um minúsculo ponto de luz — todas essas coisas foram tão abordadas nas revistas populares que este não é o lugar para elas. Todavia, um aspecto não foi claramente exposto em nenhum dos escritos populares que eu tenha visto. Em sua enorme velocidade, por que os viajantes espaciais não correm o risco de aniquilação instantânea por colisão com massas soltas de matéria no espaço?

Sabemos que o espaço está cheio de corpos flutuantes desde partículas microscópicas até pequenos planetas. Um projétil disparado ao acaso possui grandes chances de colidir com algum deles antes de chegar muito longe. Mas a nave espacial geodésica não está em perigo por conta deles, pois não está em uma linha mundial. Afirmando a mesma coisa em palavras diferentes, a nave espacial está se movendo ao longo de uma dimensão perpendicular às três antigas dimensões. Teoricamente falando, não está no antigo espaço euclidiano. Em termos práticos, os viajantes espaciais relatam terem visto inúmeros bólidos e asteroides que, no entanto, aparentam se repelir mutuamente de suas naves. Em um caminho perpendicular a uma geodésica, há uma repulsão semelhante à dos polos magnéticos, e não é possível se aproximar de uma massa de matéria, não importa o tamanho, a menos que seja aplicada energia e o curso seja alterado.

Por meio de um telescópio com o tensor de maravilhosa substância refrativa, a protita, Corrigan e Dalton estudaram tudo o que podiam ver de sua nave. Eles passaram a oitocentos mil quilômetros de Urano, a distância de uma pedra atirada.

— Eu me pergunto... — Corrigan devaneava, estudando o pálido disco do tamanho de uma bola de golfe. — Será Urano um

planeta morto? Não parece esta uma explicação lógica para a sua constante taciturnidade?

— Parece-me — disse Dalton pensativo —, que é a tendência inevitável das forças da natureza construir a vida. A vida surge da matéria, independentemente de quais sejam as condições. Mesmo em nosso próprio planeta, a vida existe em zonas que pareceriam mais desfavoráveis: as areias escaldantes do deserto e os mares congelados dos círculos polares. Vida, sim. Mas não necessariamente vida como nós a concebemos.

— Você pode estar certo — Corrigan suspirou.

* * *

Em cada um dos cinquenta dias, observações e cálculos de posição foram feitos. A quase cada hora, eles sabiam exatamente onde estavam. Portanto, quando o disco de Netuno começou a preencher todo o céu, eles foram alterando gradativamente seu ângulo com a geodésica e diminuindo sua velocidade, com vistas ao pouso. Por muitas horas eles foram incapazes de dormir por conta de sua admiração pelo incrível mundo que preenchia o quadro de observação abaixo deles. Grandes camadas de nuvens perfuradas por irregulares picos de montanhas, que alcançavam alturas de quarenta quilômetros acima da superfície do planeta, ocultavam a maior parte daquele estranho mundo de seus olhos.

Eles tinham somente um escuro crepúsculo para observar. As sombras eram pretas como tinta; uma superfície refletora favorável brilhou deslumbrantemente. No entanto, com as pupilas amplamente dilatadas e as retinas hipersensíveis pela longa ausência de luz refratada, eles foram capazes de decifrar todos os detalhes de maneira confortável e distinta.

— Parece que atingimos uma parte desabitada de Netuno — comentou Dalton, incapaz de esconder um tom de apreensão em sua voz. — Como os marcianos pousando no deserto do Saara ou na vastidão polar.

— Tudo bem, vamos nos mover e dar uma olhada em outros lugares — Corrigan respondeu e deu ação à palavra. Logo a terrível magnitude da paisagem nua e sombria passava em uma revisão

panorâmica abaixo deles. Um dia, dois dias eles circularam, a noventa e cinco quilômetros por hora, a mil e seiscentos quilômetros por hora, mas não encontraram variação alguma da cena original que a princípio os havia desconcertado. Nada além de cânions terríveis e secos, penhascos imponentes tombados em massas caóticas, seus topos para sempre enterrados nas camadas de nuvens.

— Hum! Isso é curioso — Corrigan murmurou com os lábios cerrados. Eles circundaram o planeta em torno do equador e então de norte a sul, mas viram as mesmas rochas sinistras, os mesmos vapores frios e ligeiros. Pedras nuas, redemoinhos de neve; certamente uma topografia estranha para um mundo civilizado!

— Deve haver algum engano nas mensagens — sugeriu Dalton.

Dalton não compreendia a comunicação interplanetária como Corrigan.

— Engano! — exclamou Corrigan. — Um engano no código interplanetário é mais difícil de admitir do que o que vemos abaixo de nós!

— É possível que as mensagens tenham vindo de algum outro planeta? — perguntou Dalton.

— Pare e pense — Corrigan lhe lembrou. — Traduzimos a palavra “Netuno” do código para o inglês. Mas o sinal de código para Netuno fornece o tamanho, a distância do Sol, e a posição relativa a outros planetas. Não é mais possível conceber que a mensagem veio de algum outro planeta, do que seria para mim imaginar outra pessoa falando comigo com a sua voz. Não pode haver dúvida sobre os seguintes fatos: que nossa mensagem veio de Netuno; que este é Netuno; e que este é um mundo inabitado. Dos picos das montanhas mais desoladas às profundezas daqueles negros desfiladeiros, não há vida vegetal nem animal. Agora, explique como quiser. Eu não consigo.

— Talvez — sugeriu Dalton —, os netunianos vivam em cavernas escondidas em seu planeta. Vamos pousar e investigar.

— Não — lembrou Corrigan. — Lembre-se de que a mensagem de Elzar dizia que ele morava no equador, em um penhasco que

dava para o maior mar de Netuno. Bem, onde está esse mar? Nós vasculhamos todo este globo morto e não encontramos mar algum.

Dalton saltou com súbito entusiasmo.

— De qualquer forma — exclamou ele —, podemos localizar o local mencionado por meio de suas coordenadas e ver o que há lá!

Dito e feito. Em algumas horas de viagem e cálculos realizados a cada meia hora, eles localizaram XIX-1118-00B00 no equador. De fato, havia um penhasco imponente e, abaixo dele, um vazio que era um verdadeiro abismo no nada. O penhasco estava nu e desolado; rochas nuas projetando-se no gelo seco, com a neve caindo ao redor. E o abismo, do qual não havia fundo visível, não era um mar, pois não havia água.

Dalton começou a testar a atmosfera, como fizera em Vênus. Quando eles transportaram seus instrumentos e calcularam seus dados, ficaram completamente surpresos ao descobrirem os seguintes números: -260° centígrados; pressão 30 mm de mercúrio; umidade zero; composição química, traços de gases inertes do tipo neon, quantidades de hidrogênio, oxigênio e dióxido de carbono quase pequenas demais para serem determinadas quimicamente.

— Aquilo lá fora deve ser neve de hidrogênio — arquejou Dalton, afundando em uma cadeira.

— Certamente não pode haver forma alguma de vida ali — Corrigan suspirou. — Não consigo explicar isso.

E assim, com o coração pesado, eles seguiram com o *Netuniana* de volta à Terra.

Mais uma vez de volta às suas casas na Terra, os decepcionados cientistas contaram a história de sua jornada infrutífera às profundezas do espaço interestelar. No entanto, uma surpresa estava reservada a eles. Durante sua ausência, houve tempo para a troca de algumas curtas mensagens com Elzar. Estas foram recebidas e respondidas por um certo jovem promissor chamado Sylvester Kuwamoto. (Este curioso sobrenome era uma relíquia da época, várias centenas de anos atrás, quando as raças e as nacionalidades existiam separadamente na Terra. Seu nome sugere a raça e nação japonesas, que ocuparam a ilha do Japão, falavam uma língua curiosa, e era bastante isolada. Contudo, não demorou muito para que o Japão se unisse à mistura geral de raças,

o que resultou em tornar a população de todo o globo uma raça homogênea.). Ele não passava de um aluno do segundo ano no laboratório de Corrigan antes da viagem deste ao espaço. Mas ele demonstrara uma aptidão tão brilhante com a máquina de armazenamento de mensagens, que Corrigan imediatamente lhe concedera uma posição permanente no laboratório, e o encarregara dos assuntos netunianos. Ele enviara e recebera as seguintes mensagens:

Kuwamoto: — Dois de nossos cientistas partiram em uma nave espacial para visitá-los em seu mundo. Eles chegarão em quarenta e nove de nossos dias. Fiquem atentos.

Elzar: — Estamos contentes em ter visitantes da Terra.

Kuwamoto: — Por favor, avise-nos assim que os vir.

Elzar: — Já é o sexagésimo segundo dia terrestre, e seu pessoal ainda não chegou. Temo que a espaçonave tenha sofrido algum desastre.

Dois dias após a interpretação desta mensagem, Corrigan e Dalton chegaram. Corrigan imediatamente transmitiu pelo rádio a seguinte mensagem a Elzar:

— Há um grande erro! Fomos a Netuno, examinamos tudo, mas não vimos sinal algum de vida ou habitação. Encontramos o local que designou como sua casa, mas não encontramos nada. Deparamo-nos com condições lá as quais nenhum tipo de vida poderia existir. Pode nos explicar?

A resposta era aguardada com ansiedade, mas exigiu a usual espera de três meses para ser registrada, antes que os poucos momentos de interpretação pudessem ser apreciados. Dizia:

“— Nós procuramos cuidadosamente por vocês, mas não os vimos” — então seguia-se uma verificação dos dados do sistema solar na Terra e em Netuno, em períodos críticos durante a viagem.

Localizadores de direção e computadores de alcance foram postos para trabalhar. Verificações e reverificações do código interplanetário foram feitas. A posição de Netuno foi checada para frente e para trás. As mensagens vinham de Netuno. Corrigan e

Dalton sabiam que estiveram lá. Poderiam eles convencer o público de que diziam a verdade?

Que vida em Netuno?

Quinze meses se passaram, durante os quais os assuntos netunianos permaneceram um mistério para o mundo inteiro. Houveram algumas piadas às custas de Corrigan e Dalton, embora eu duvide que alguma pessoa séria tenha duvidado de seus relatos da viagem. Por outro lado, havia pessoas que zombaram; zombaram dos relatos da viagem e das mensagens netunianas que continuaram chegando com precisão sistemática em intervalos relativamente regulares de três a seis meses — mas que não lançaram luz alguma sobre o mistério.

Patrick Corrigan e seu assistente pareciam viver principalmente para o momento em que, com a fita de aço enrolada, eles poderiam sentar em seu laboratório e escutar as palavras de Elzar. Eles haviam simpatizado muito com o cientista do outro mundo. Sua personalidade alegre e filosófica parecia sair do vazio, encorajando-os a encontrá-lo, onde quer que estivesse.

Um dia, no laboratório, após a interpretação de uma mensagem particularmente encorajadora, Sylvester Kuwamoto começou a falar com Corrigan, pensou melhor, pigarreou para disfarçar seu constrangimento, e ficou em silêncio.

— O que foi? — questionou Corrigan gentilmente. — Não se preocupe comigo, você sabe.

— Nada especial — o mais jovem objetou. — Apenas... Eu não consigo explicar como me sinto sobre Elzar. É uma espécie de... bem, pode soar bobo... mas é como falar com Deus. Não podemos vê-lo, não podemos encontrá-lo, mas ainda assim sabemos que ele existe e que é bom. Você... é... entende o que quero dizer?

— Precisamente — Corrigan respondeu. — Para ser franco, eu também tive a mesma sensação, embora nunca havia tentado colocá-la em palavras. A personalidade de Elzar é, bem, penetrante. Sentimos sua influência através de milhões de quilômetros de espaço! É uma pena não podermos saber como ele se parece. Não posso deixar de imaginá-lo como um velho homem de barba esvoaçante e rosto gentil. Nós, seres humanos, colocamos muita fé

em nosso senso de visão, não é? A menos que possamos ver um objeto, sentimos que sabemos muito pouco sobre ele. No entanto, atrevo-me a dizer que, com o tempo, desenvolveremos outros sentidos além dos nossos cinco, pelos quais nos familiarizaremos com nosso ambiente.

— Pode ser — respondeu Kuwamoto, pensativo —, mas eu, por exemplo, não estou disposto a esperar até que mais sentidos se desenvolvam. Vou usar os cinco que tenho e quero ver Elzar!

Corrigan apenas suspirou.

Depois que Corrigan saiu, Kuwamoto sentou-se enterrado em seus pensamentos mais profundos.

— A racionalidade humana excede qualquer um de seus cinco sentidos. A razão é mais importante atualmente do que o instinto e a emoção que nos serviram no passado.

Uma estranha ideia, vaga e incompleta, pairava nos arredores de sua mente, tentando entrar. Havia uma explicação para esse quebra-cabeça netuniano; ele quase o tinha ao seu alcance, quando, de repente, evasivamente, lhe escapou. Havia algo que Dalton havia dito, que deveria ser a chave para isso. Por semanas, ele esteve mal-humorado e distraído. Ele lia de minuto a minuto os relatórios das viagens venusianas e netunianas, e conversava repetidamente com Dalton e Corrigan.

Pouco tempo depois, ele ficou mais alegre e carregava folhas de papel rabiscado atulhadas nos bolsos. Certa manhã, ele correu ofegante para o laboratório de Corrigan. Por pura compulsão, ele se sentou e se forçou a ficar calmo.

— Desligue! — ele disse, apontando para o aparato no qual Corrigan trabalhava, também na tentativa de desvendar o enigma de Netuno. — Você nunca encontrará a resposta dessa maneira.

— Você desvendou! — exclamou Corrigan, largando seus instrumentos. — Diga-me!

Kuwamoto começou, de maneira impressionante.

— Exatamente há 500 anos, Leverrier descobriu Netuno; não com instrumentos materiais, não com seus cinco sentidos, mas com seu raciocínio abstrato. Pelas perturbações na órbita de Urano, ele previu a posição de Netuno com tanta precisão, que Galle, em Berlim, foi capaz de girar seu telescópio para aquele ponto e vê-lo.

Da mesma forma, o raciocínio abstrato descobriu os habitantes de Netuno. Eu posso lhe dizer como fazer um instrumento para vê-los.

Corrigan olhou fixamente.

— Os processos netunianos são lentos? — questionou Kuwamoto.

Corrigan confirmou.

— E você não pôde ver as pessoas?

Corrigan balançou a cabeça.

— Nem os animais? Nem as plantas? Nenhuma vida?

Corrigan parou de responder.

— Montanhas de gelo. Neve de hidrogênio. Baixa temperatura. Baixa pressão. E ainda assim há vida lá. Vida que era invisível a você. Você ainda não consegue compreender?

Corrigan esperou pacientemente. Kuwamoto continuou:

— Lá fora, naquela atmosfera rarefeita, tão rarefeita que você mal conseguia detectá-la com instrumentos de precisão, nenhuma vida como a que conhecemos pode existir. Deve haver uma forma de vida diferente. Os seres vivos são corpos gasosos! Não vê? Compostos por células, com núcleos e cromossomos e tudo o mais. Mas as células são enormes, compostas de gases ao invés de coloides.

Corrigan pôs-se de pé em um salto. Seu rosto estava pálido com a excitação repentina.

— Por Deus! Você está certo! — ele bateu com seu punho poderoso na mesa, fazendo com que alguns frascos tombassem e se espatifassem. Ele sequer chegou a perceber o conteúdo deles se espalhando pela mesa e pingando.

— Criaturas vivas — continuou Kuwamoto — criaturas inteligentes, plantas, animais, todos compostos de células de gás. Enormes células com processos químicos lentos, todas juntas, exatamente como a de nossos corpos. Só que lá fora, naquele frio, o metabolismo é lento.

Eles se sentaram um pouco e se encararam.

— Mas é vida, do mesmo jeito! — exclamou Kuwamoto. — Só diferente do nosso tipo de vida. Isso é tudo.

Corrigan ponderou.

— Essa hipótese explica todos os dados observados até agora. Agora vamos testá-lo mais experimentalmente. Isso significa outra viagem a Netuno — ele deu um tapa no joelho.

— Um aparato de visualização para ver a vida gasosa de Netuno será uma coisa simples. Algum tipo de fluoroscópio, como o usado por médicos nos exames com raios-X. E um aparato para gravação e armazenamento de imagens visuais; nós podemos filmar na velocidade de um quadro por minuto e, em seguida, projetá-los na velocidade normal de dezesseis por segundo.

Corrigan já rabiscava com seu lápis em um bloco, enquanto Kuwamoto falava:

— Um pequeno trabalho experimental aqui mesmo no laboratório nos permitirá determinar, de forma preliminar, apenas quais os tipos de vibrações eletromagnéticas são refletidos da superfície das massas gasosas. Uma onda muito curta passará porque ela fica entre as moléculas; ao passo que uma onda muito longa penetrará nas moléculas do todo. Quando encontrarmos o comprimento aproximado correto, podemos juntar nossas lâmpadas receptoras fotoelétricas e levá-las para fazer os ajustes finais no local. Uma tela comum de televisão servirá para a visualização final. Veja: encontre o comprimento de onda refletido nas superfícies de gás, crie uma célula fotoelétrica que seja sensível a ela e projete as imagens da célula fotoelétrica em uma tela comum de televisão.

Naquela noite, Corrigan se revirou agitado durante o sono.

— Células gasosas. É claro! — sua esposa o ouviu murmurar.

A Visita a Netuno

O trabalho experimental preliminar era mais tedioso do que o que o entusiasmo do que primeiro momento havia suscitado. As coisas eram todas simples, nada difícil de entender; mas a matemática era complicada e os detalhes experimentais eram numerosos e tediosos. Assim, passaram-se bons dois anos até o retorno da primeira viagem, onde a *Netuniana* foi tirada de seu hangar e “sintonizada”. A segunda viagem bem-sucedida a Vênus na velha *Pioneira*, e as duas desastrosas expedições a Marte, que ocorreram no intervalo, são conhecidas demais para merecerem atenção aqui.

Desta vez, a *Netuniana* contava com três viajantes, pois Dalton não ficaria para trás, e Kuwamoto tinha de estar lá. A nave poderia ter transportado uma dúzia de pessoas, mas os candidatos que estavam mais ansiosos para partir na expedição eram os menos desejáveis, do ponto de vista científico. Corrigan decidiu que jornalistas e curiosos teriam que esperar até que essa fosse uma viagem comercializada. O espaço que teria servido para mais passageiros foi cedido a um aparelho de rádio e um televisor para uma comunicação mais perfeita da nave com a Terra. Eles partiram com o mínimo de publicidade possível. Publicidade estava se tornando indesejável para Corrigan.

Os únicos assuntos de interesse da viagem de cinquenta dias são as notas de Kuwamoto sobre a passagem do tempo. Ele afirma que o tempo não pareceu tão longo. O tempo aparentemente passava conforme o que eles faziam. Havendo pouco ou nada para estimulá-los, eles passavam a maior parte do tempo repousando passivamente, podendo até ter estado em uma espécie de estado de inconsciência, produzida pela falta de estímulos visuais externos. Kuwamoto pensa que, retrospectivamente, a única coisa que impediu que todo o período parecesse um espaço em branco foi o período de náusea espacial, e os chamados regulares dos relógios de alerta pelos quais eles faziam suas observações de posições. Isso sugere que as viagens espaciais deverão ser valiosas para os acometidos desses tipos de exaustão nervosa.

Corrigan e Dalton sentiram estranhas emoções quando viram novamente os mesmos picos de montanhas estéreis e abismos sem fundo. Eles voaram por algumas horas antes de pousar, a fim de permitir que Kuwamoto observasse as características gerais de Netuno. Em seguida, localizaram a casa de Elzar no equador, selecionaram um ponto de descanso e pousaram a máquina. Imediatamente, todos começaram a trabalhar. Dalton tirava nítidas fotografias, que eram possíveis por conta das grandes lentes, das placas sensíveis e de longas exposições. Kuwamoto erguia o aparelho de visualização; ele estava febrilmente ocupado, com uma expressão maravilhada em seu rosto redondo de olhos arregalados. Corrigan mandava mensagens de rádio de volta à Terra, reportando sua chegada.,

Em comparativamente poucas horas, os ajustes de Kuwamoto estavam concluídos. As duas máquinas, uma para visualização direta e outra para filmagem e armazenamento, foram colocadas com suas enormes lentes contra a parede transparente da nave.

De dentro da calidez da nave, os viajantes contemplavam o caráter severo e ameaçador da paisagem externa. Diretamente no centro do quadro de observação, estava a área suavemente inclinada em forma de planalto, que se encontrava a meio caminho entre uma montanha acidentada, com o cume cortado pelas nuvens, e o vasto abismo que Elzar chamava de mar. Rochas nuas e irregulares; gelo seco e sólido como pedras; rajadas de dióxido de carbono e neve de hidrogênio — estas foram impressas indelevelmente em seus cérebros quando sentaram-se diante da caixa infravermelha e ligaram a corrente. Os dois mais velhos, calmos e silenciosos, e o mais jovem, meio esperançoso, meio temeroso, esperaram a sintonização da máquina. Então, abruptamente, Kuwamoto ligou os tubos amplificadores.

Corrigan comentou mais tarde que sua primeira impressão foi a de olhar um caleidoscópio. A impressão de Dalton, novamente, foi a de olhar uma sala vazia e, de repente, vê-la ricamente mobiliada. O colorido brilhante da cena tirou o fôlego deles. A lúgubre montanha estava coberta por grandes ondas de vegetação luxuriante, e a planície era rica em flores, árvores e grama, todas inexprimivelmente enormes em proporção às pessoas que os olhavam. A visão mais bonita de todas era a dos grandes e opalescentes corpos de formas e tamanhos variados dos que se espalhavam pela paisagem em diversas alturas acima do solo. Suas cores tremeluziam e brilhavam em toda a escala cromática de visibilidade.

Todavia, era apenas o cintilar dos matizes brilhantes que dava alguma variedade à cena, pois tudo estava imóvel. Nem um movimento, nem uma agitação, em qualquer lugar. A imobilidade dos objetos iridescentes e multiformes era decepcionante. Era como uma imagem estereóptica de cores brilhantes.

Os três homens se entreolharam com sentimentos que não podiam ser descritos. Alguém já tentou imaginar o que Balboa sentiu quando viu pela primeira vez o Oceano Pacífico do “pico de Darien”?

Alguns momentos de silêncio ofegante e, então, algumas observações triviais para quebrar o constrangimento; é essa a forma que estes homens da ciência encararam estas situações.

— Medusas! — Dalton exclamou. — Águas-vivas mil vezes ampliadas!

— E tudo congelado — observou Kuwamoto.

Eles moviam sua nave por aqui e ali, para obter novas vistas, observando o cenário na tela da caixa de visão infravermelha. Com intenso interesse, eles avistaram os festões multicoloridos que adornavam a paisagem; enormes corpos em forma de guarda-chuva que se agarravam às encostas. Exclamações de deleite saíam de seus lábios de tempos em tempos, quando algum objeto incrivelmente adorável entrava em seu campo de visão.

— Estas formas medusoides devem ser as pessoas; os seres inteligentes — observou Corrigan. Os outros concordaram.

O vasto abismo era agora um mar; o motivo de ser de um azul esverdeado profundo ainda não fora explicado, mas esta era a sua cor. Lá embaixo, em suas profundezas, podiam-se ser vistos grandes massas sombrias, e na superfície, aqui e ali, uma enorme massa viscosa, como um gigantesco paramécio — obviamente as bestas vorazes que Elzar tanto temia. Os três observadores calaram-se por um momento quando notaram o contraste entre os repulsivos volumes dessas feras, e o rendilhado brilhante e delicado dos habitantes inteligentes. Eles trouxeram a máquina de volta ao seu local de pouso original, após alguns minutos de busca para encontrar a localização.

— Cá estamos — Corrigan finalmente disse —, no mesmo bom e velho lugar.

— E, no entanto, não exatamente o mesmo — Dalton replicou. — Olhe, algumas dessas coisas mudaram. Eles estão em posições diferentes. Kuwamoto está certo.

Era verdade; havia uma ligeira mudança de posição em todo o grupo de grandes e globulares objetos.

— Deve ser Elzar! — Corrigan apontou com uma excitação reprimida para um corpo em forma de guarda-chuva brilhante em todos os tons de roxo, flutuando perto de uma estrutura resplandecente, não muito longe da beirada do penhasco.

Kuwamoto assentiu com a cabeça. Ele estava ocupado ajustando a máquina de filmagem. Ele estava focado em Elzar e em sua casa.

— Uma foto por minuto — disse ele. — Em cerca de seis semanas poderemos ver alguma ação neste filme. Enquanto isso, por que não fala com eles?

* * *

Se esperar pelas mensagens netunianas na Terra era um suspense ansioso, imagine a paciência exigida desses três homens enclausurados na estreita nave, esperando por seis semanas até que a mensagem chegasse a eles, palavra por palavra. Essas seis semanas, ao contrário dos cinquenta dias de viagem interplanetária, foram as mais longas que qualquer um dos três já experimentaram. Felizmente, os três eram homens da ciência e sabiam como encontrar atividades intelectuais para se entreterem a maior parte do tempo.

Imediatamente após a chegada deles, Corrigan codificou:

— Estamos aqui. Procure-nos no planalto perto de sua casa.

Passadas aquelas intermináveis seis semanas, depois que todos os possíveis aspectos foram estudados, e todas as formas de animais e plantas foram estudadas e fotografadas (eles não podiam mover a nave, pois a câmera cinematográfica estava constantemente em operação), eles finalmente enrolaram a fita de aço no ditafone e escutaram a voz de Elzar; através dos tubos de vácuos e condensadores, essa voz profunda e gentil vinha daquela massa roxa, semelhante a uma capa, com inúmeras flâmulas que pendiam acima das outras.

— Sejam bem-vindos, meus amigos. Estou muito feliz com a sua chegada. Consigo ver sua nave agora, embora vocês devam ter esperado bastante e pacientemente para que pudéssemos vê-los. Antes disso, seus movimentos eram tão rápidos que não conseguíamos vê-los. Percebemos que conseguiram chegar a um fim para o problema de comunicação. Pela sua mensagem, julgo que reconheceram minha casa. Vocês reconhecerão a mim pois sou maior do que qualquer outra pessoa deste grupo. Meu filho se

parece comigo em miniatura e é... espere... oh... oh... socorro! — e então silêncio.

O lamento de angústia de Elzar fez os dois homens ficarem de pé, em alarme instantâneo. Todos os olhos se voltaram freneticamente para a tela infravermelha. Seria possível que a consternação reinasse sobre aquela cena pacífica; que os eventos estavam, neste momento, atingindo um clímax que significava uma terrível calamidade?

— Não há nada que possamos fazer! — exclamou Kuwamoto desesperadamente.

— Vamos examinar o filme e ver o que está acontecendo.

O Bebê em Netuno

Enquanto Kuwamoto preparava o filme — que levava seis semanas para ser produzido —, Corrigan mandava uma mensagem por rádio de volta à Terra, pedindo às estações receptoras para que preparassem suas televisões para receber o primeiro rolo de um possível drama netuniano. Kuwamoto colocou o seu rolo de filme no projetor. Pela primeira vez, os observadores viram a cena congelada em movimento. Árvores balançavam, netunianos multicoloridos deslizavam sobre o solo ou flutuavam pela atmosfera; as ondas do mar se agitavam, e um enorme volume apareceu imediatamente; os netunianos estavam especialmente ocupados com suas próprias tarefas e propósitos.

Todos olharam para Elzar em uma admiração silenciosa, cientes de seu domínio sobre o resto dos netunianos. Ele era um organismo verdadeiramente notável. Se fora lindo na imobilidade, ele era mil vezes mais adorável agora. Ele aparentava nada mais do que a um lustre brilhante, multicolorido e de proporções gigantescas, cintilando por toda a escala cromática, com cada pulsação de seu corpo delicadamente construído. Como uma gaze de fada eram os tecidos de seu corpo e, no entanto, a vastidão do todo dava uma impressão de robustez e poder. Seus tons predominantes eram purpúreos, embora fosse possuidor de todas as cores do espectro, harmoniosamente entrelaçadas.

— Ele é o único cuja cor dominante é o roxo — Corrigan pontuou.

— Apropriadamente, pois tanto seu cérebro quanto seu corpo são excepcionais. Veja! Há um ser menor com quase a mesma coloração! — respondeu Kuwamoto.

— Esse deve ser o filho de Elzar — declarou Corrigan.

Enquanto eles observavam, Elzar se elevou acima dos outros netunianos ao seu redor, e os observadores perceberam que ele estava falando com eles — fazendo o discurso que eles haviam ouvido meia hora antes. Ele permaneceu imóvel, e os observadores, mais interessados nos objetos em movimento, permitiram que seus olhos vagassem dele para seu equivalente diminuto, que estava se afastando em direção ao penhasco que se projetava para o mar.

— Céus, olhem aquilo! — a exclamação de Kuwamoto foi desnecessária, pois todos eles viram simultaneamente.

Das profundezas, uma forma negra e viscosa surgiu, com o fluido do mar espirrando de seus lados brilhantes. Parecia espiar a criança netuniana, pois rapidamente se voltou para o pequeno sino roxo. A intenção mortal da entidade asquerosa era óbvia para todos os observadores. Ele esticou seus grandes pseudópodes, projeções viscosas, fluidas e disformes, preparando-se para envolvê-los ao redor do brilhante corpo do pequenino. Rapidamente, aproximou-se de sua vítima, enquanto os homens na espaçonave permaneceram rígidos, congelados em suas posições; o pequeno netuniano estava completamente inconsciente da iminente calamidade. Pronto para cair sobre a criança, para cercá-lo completamente, foi quando Elzar subitamente deu-se conta do perigo, girou e disparou em direção ao local da tragédia. Então, a imagem terminou e os homens olharam estupidamente para a tela em branco diante deles.

— Ó, Deuses! — gritou Kuwamoto. — Justo no momento crucial, assim como numa novela barata! Suponho que não há nada que possamos fazer, e o filho de Elzar foi devorado pela besta imunda.

— Nada disso, nada disso! — Corrigan exclamou excitado. — Lembre-se de que tudo está acontecendo muito lentamente. Vamos descobrir com certeza! — ele correu em direção à janela e olhou para fora.

Nada além de pedras negras nuas e ar congelado. Em sua excitação, ele havia esquecido a máquina de visualização que

tornara visível a tênue matéria gasosa deste frio planeta.

Através do transformador visual infravermelho, a cena que se tornou tão familiar durante a semana anterior jazia diante deles. Agora era mais compreensível, pois podiam lê-la à luz do que haviam visto acontecer na projeção em movimento.

— Graças a Deus! Não é tarde demais... Mas o que podemos fazer? Quando chegar a hora...

Kuwamoto interrompeu Corrigan.

— É verdade que a distância entre os pseudópodes do monstro e o pequeno Elzar está diminuindo. Mas lentamente. Vamos pensar. Podemos agir rapidamente.

— Estamos encerrados nesta máquina e não podemos sair.

— Essas criaturas são tão grandes! Mesmo o pequeno Elzar é grande demais para nós, não podemos lidar com ele. Destruir o monstro de alguma forma... se pudéssemos fazer isso...

Em um desespero impotente, eles ficaram contemplando a cena da tragédia. O monstro parecia a uma curta distância da linda criaturinha.

— Vamos explodi-lo! — Kuwamoto gritou. — Os tanques de nitrogênio!

Os outros compreenderam sua ideia instantaneamente. Corrigan moveu a espaçonave para perto do cenário da tragédia, gradativamente, com o auxílio da tela infravermelha, posicionando-a entre a fera e a pequena criança medusoide. Na tela de visualização, as duas criaturas netunianas se erguiam bem acima da, aparentemente, minúscula máquina terrestre; ela parecia um brinquedo entre eles.

Dalton e Kuwamoto colocaram um cilindro de nitrogênio no compartimento da válvula de ar que era usado para descarte de lixo, mantendo o controle de sua torneira por uma conexão elétrica e apontando seu tubo de descarga diretamente para o monstro. A porta externa foi então aberta, enviando uma lufada de ar no rosto do inimigo, fazendo-o balançar visivelmente na tela de visualização, entre o cenário gélido e imóvel. Quase simultaneamente, Kuwamoto ligou o nitrogênio comprimido.

Na tela de visualização infravermelha, o fluxo de gás parecia um feixe sólido preto disparando de sua nave espacial. Ele se

espalhou rapidamente em uma nuvem negra que atingiu o monstro e literalmente soprou a besta para o nada. Para os netunianos, que deviam estar assistindo ao ataque, o súbito desaparecimento da besta deve ter parecido muito misterioso. A pressão do nitrogênio no cilindro terrestre era, para eles, um fenômeno quase inconcebível; ninguém, exceto seus físicos-matemáticos treinados poderiam compreendê-lo.

Por uma ou duas horas, eles aguardaram e observaram, ansiosos para ver se o vórtice de gases havia feito algum mal à criança netuniana, embora a maior parte da nave espacial a tivesse protegido da pressão maior. Nesse meio tempo, nenhuma mudança séria fora visível, e os homens, exaustos pelos eventos extenuantes das últimas horas, dormiram. Ao acordar, eles ficaram gratos ao ver no transformador visual que Elzar havia chegado ao lado do pequeno, e que ambos pareciam seguros.

Os homens tomaram uma rápida decisão de retornar à Terra. Eles haviam reunido dados suficientes e tiveram agitação suficiente para uma viagem; considerando que a diferença na percepção da passagem do tempo entre eles e os netunianos tornava fora de questão que esperassem por qualquer outra coisa. O mais trivial ato de um netuniano requeria uma porção muito grande do tempo de vida de um homem da Terra.

Eles esperavam, no início de sua jornada de retorno, que logo teriam notícias de Elzar. No terceiro dia, eles começaram a entender o significado de sua mensagem, que ocupou todo o voo de volta para casa.

— Meus amigos da Terra. Agradeço-lhes por salvarem meu filho. Como destruíram o animal, não consigo entender. Ele desapareceu instantaneamente. Quando olhei para o lugar que vocês ocupavam recentemente, não estavam mais lá. Muitas vezes já avisei meu filho dos terríveis perigos do mar, mas acredito que seja característico dos jovens de todos os mundos que aprendam por experiência e não por advertência. Vocês evitaram uma tragédia que teria destruído a vida de Elzar. Como posso mostrar-lhes a gratidão que sinto, não sei. Talvez chegue a hora, mas devo agir rapidamente, pois qualquer atraso de minha parte pode cobrir os anos restantes de suas vidas. Meu sonho é uma televisão

interplanetária, e a ela devotarei os anos remanescentes de minha vida. Nunca estarei contente até ver as cidades e os homens de seu mundo. Mais uma vez lhes agradeço e que vocês vivam para verem a gratidão de Elzar de Netuno.

Kuwamoto suspirou.

— Não seria preciso muito — disse ele — para ir até lá algum dia e limpar aquele ninho de bestas horrorosas.

Primeira publicação em: *Amazing Stories* v.04 n.09, dezembro de 1929,
sob o título: “*A Baby on Neptune*”.

Tradução de **Júlia Capuano** e **Fabrizio Corradini**.

A Droga Diabólica

Muito se tem falado a respeito da preservação e prolongamento da vida. Muitas ideias foram promovidas e muitos métodos foram sugeridos, mas a Sra. Harris continuou a sugerir um plano de procedimento inteiramente novo e único. Por que não poderia ser descoberto um tratamento elétrico em algum momento que pudesse retardar a ação a ponto de prolongar a vida — ou talvez acelerá-la na mesma proporção para encurtar a vida? Parece não haver uma razão muito boa para isso e a autora, à sua maneira característica, produz uma história de incomum interesse ao redor dessa possibilidade.^[10]

Se Edgar Hamilton houvesse tido a mais remota suspeita de para onde seus singulares experimentos com anestésicos o levariam, é questionável se ele sequer teria dado os primeiros passos. Mas os degraus pelos quais ele avançou de uma descoberta científica surpreendente para uma experiência além da compreensão humana eram, em si mesmos, tão vagarosos e incertos que falharam em alertá-lo sobre a catástrofe final.

Os anos do jovem Hamilton somavam apenas vinte e seis, o que, para o próprio jovem, era uma grande fonte de aborrecimento, pois, à jovem moça a qual ele adorava de coração e alma faltavam apenas quatro meses para os trinta e dois. Ora, esses seis anos não teriam a menor importância para Edgar, se estes, aos olhos de sua amada, não representassem um abismo intransponível. Repetidas declarações de uma duradoura devoção não foram suficientes para mudar a opinião dela de forma alguma, de modo que, por fim, em total desespero, Edgar trancou-se em seu pequeno laboratório químico e dedicou-se, assiduamente, à busca pela ciência que tanto amava.

Durante dois meses ele viu muito pouco Ellen Gordan, e mesmo em sua presença ele exibia um ar de abstração que contrastava estranhamente com seu antigo ardor. Nas raras ocasiões em que deixava seu laboratório para visitar a casa dos Gordan, ele sentava-se com o olhar preocupado, para grande descontentamento de Ellen, pois essa indiferença certamente era menos satisfatória que suas antigas demonstrações de afeto.

Então, em um dia de outubro, ele se encontrou na presença dela, enquanto a jovem tocava piano. Ele estava sem chapéu e sem fôlego. Ela o olhou com reprovação, tal um professor olha ao corrigir um aluno travesso. Edgar compreendeu o olhar, e isso apenas fez que sua visita atual tivesse maior importância para ele.

— Er... Ellen, onde podemos conversar sozinhos? Tenho tanto a explicar. Mas precisamos de privacidade.

Um sorriso de divertimento passou por seu rosto.

— Vamos à biblioteca, Edgar. Está aconchegante perto da lareira e ninguém vai nos interromper.

Juntos eles passaram à biblioteca. Depois de fechada a porta, ele tirou do bolso do casaco um frasco contendo cerca de sessenta mililitros de um líquido cor de âmbar transparente, que ele segurou para a inspeção dela.

— O que é isto? — ela perguntou com curiosidade.

— É a mais incrível poção já faturada pelas mãos do homem — ele respondeu com a voz rouca. — Isso fará a fonte da eterna juventude de Ponce de Leon parecer veneno!

— Mas não compreendo, meu rapaz. É para ser ingerido?

— Não. Isso provavelmente seria arriscado. É para ser injetado direto no sangue... e... depois... — ele pausou, não sabendo como continuar.

— E depois... o quê? — perguntou a Srta. Gordan com os interessados olhos cravados no fluido dourado.

— Eu vou explicar — Hamilton encarou por um longo momento o conteúdo amarelo do pequeno frasco antes de continuar. Então ele falou, e sua voz estremeceu com a intensidade de sua emoção. — Sabe, Ellen, o cérebro é o centro consciente para o qual as vibrações são conduzidas pelos nervos. Você sabe o que acontece quando o cérebro interpreta as vibrações?

Ellen admitiu que não sabia.

— Bem, nem eu — retomou Hamilton —, nem qualquer outra pessoa, inclusive. Mas, há uma interpretação semelhante para todos os seres humanos de uma determinada fonte de vibrações, não pode haver dúvidas, embora não possa ser provado que respondemos de forma idêntica. Essas várias vibrações, sejam elas as rápidas da visão, as mais lentas do som, ou as ainda mais lentas

do tato, devem percorrer um nervo com algo parecido com uma pressão, cujas vibrações, como eu disse anteriormente, são provavelmente interpretadas de forma semelhante por todos nós. Agora vem a minha maravilhosa descoberta — os olhos de Edgar Hamilton brilharam com entusiasmo enquanto ele atingia o clímax. — Eu descobri que essa pressão, que viaja ao longo dos nervos até o cérebro, é muito parecida com os volts da eletricidade. Pois então, os anestésicos devem insensibilizar os nervos para que transmitam fracamente os impulsos nervosos ao cérebro, mas eu tenho aqui uma droga que, em vez de insensibilizar os nervos, reduz a pressão ou voltagem, não pela metade, veja bem, mas em centésimos ou até em milésimos. Você sabe como nossos corpos envelhecem. O que é a vida, senão a soma total de nossas forças que resistem à morte? Diminua a energia nervosa gasta nesse processo de afastar o ceifador e terá um prolongamento das funções corporais. Portanto, se não for eterna, pelo menos uma juventude prolongada.

Ele segurou, para que ela fizesse uma inspeção mais aprofundada, o frasco de vidro com seu conteúdo âmbar.

— Isto... isto... me fará mais jovem? — ela vacilou.

— De certo que não! — ele replicou. — Isto apenas retardará o gasto de sua energia e, portanto, você envelhecerá muito lentamente, enquanto o restante de nós pode alcançá-la e ultrapassá-la na jornada da vida. Em outras palavras, você permanecerá com cerca de trinta e dois anos, enquanto eu prossigo no habitual ritmo da vida, te alcanço e te ultrapasso por um ou dois anos, e então... e então, Ellen, eu posso ser de seu agrado!

— Oh, Edgar! Se isso for realmente possível, eu verdadeiramente aceitarei! Que homem mais maravilhoso você é por ter elaborado um plano tão engenhoso!

* * *

Edgar Hamilton já imaginava que o futuro reservava felicidade em abundância para os dois.

— E você não tem medo de que eu injete esta droga em seu braço? — ele perguntou.

— É indolor? — ela questionou.

— Até onde sei, sim — ele respondeu com a voz solene.

— Pois muito bem, então estou pronta — ela subiu a manga que cobria seu braço esquerdo, enquanto Edgar enchia a seringa com um pouco do líquido do pequeno recipiente de vidro.

— Isso exigirá a quantidade total — ele disse — para produzir mudança suficiente na pressão nervosa para manter seu corpo oscilando em torno dos trinta e dois anos de idade pelos próximos sete ou oito anos, mas devo administrá-la lentamente.

E assim ele o administrou.

Por um momento, pareceu que ela ia desmaiar. Edgar a conduziu gentilmente até a enorme poltrona, na qual ela se afundou. Ela sentou-se ereta, mas aparentemente inanimada. Seus olhos fixaram-se nas chamas e então permaneceram fechados por um período de um ou dois minutos. Edgar, então, percebeu que ela virava a cabeça em sua direção, mas o movimento quase não era perceptível. Seus lábios se abriam tão lentamente e, de sua garganta saíam baixos roncoss ocasionais.

— Meu Deus! — choramingou o jovem, aterrorizado. — Agora já está feito! Isso é horrível! Ellen, Ellen, você não pode viver nesse ritmo lento por sete anos! Nunca imaginei que o resultado pudesse ser tão terrível. Pelo amor de Deus, pare de olhar para mim tão fixamente e com a boca aberta! Eu nem consigo falar de maneira inteligível. Espere... já sei!

Ele foi até uma escrivaninha que ficava em um canto e dela pegou um grande bloco de papel e, tirando um lápis de seu próprio bolso, colocou-os no colo de Ellen Gordan. Depois do que pareceu um período de tempo interminável, ela pareceu notar o bloco e o lápis. Outros cinco, dez, quinze minutos se passaram no relógio de mogno acima da lareira, quando ela tinha o lápis e o papel em mãos e começava a escrever.

Edgar sabia que a tarefa exigiria, pelo menos, meia hora, então ele deixou a biblioteca e correu para o terraço, onde encontrou a Sra. Gordan, uma mulher de aparência aristocrática, de cinquenta e cinco anos. Expôs então, para ela, a experiência dos últimos momentos. Os dois não perderam tempo ao retornar à biblioteca, onde Ellen, impassível, se encontrava sentada com o lápis, aparentemente imóvel, acima do papel.

— Ela escreveu algo — exclamou Edgar —, mas vamos esperar até que termine e depois leremos a mensagem inteira.

A pobre Sra. Gordan estava arrasada com a catástrofe que assolava sua filha e não hesitou em expressar sua opinião, em epítetos muito depreciativos, sobre o jovem Hamilton.

— Se vocês dois queriam ter a mesma idade, por que você não tomou algo para se acelerar, em vez de trazer esta calamidade à minha pobre e querida Ellen? — lamentou a mãe perturbada.

— Por Deus! — chorou Edgar. — Nunca pensei nisso! Acredito que seria mais difícil de fazer, mas talvez eu ainda possa, e então devo alcançá-la rapidamente. Eu poderia usar como um antídoto para o que que foi dado a ela.

— Pois bem, experimente em você primeiro, seu jovem imprudente! Melhor tê-la assim do que morta. Mas veja — ela gritou, apontando para a figura imóvel de sua filha —, ela terminou de escrever e está olhando para nós com o bloco em suas mãos!

Edgar pegou a mensagem com as mãos trêmulas e leu em voz alta para a mãe angustiada.

O bilhete dizia:

“Edgar, o que diabos aconteceu? Não me sinto nem um pouco diferente, mas você corre mais do que uma galinha com a cabeça decepada. Metade do tempo você não passa de um risco e, quanto à sua fala, ocasionalmente ouço uma fina e estridente nota, como um assobio. Vejo que mamãe também está aqui agora, mas demorou um pouco até ela ficar em um lugar por tempo suficiente para que eu a visse. Não se preocupe, eu me sinto bem. Mas o que te aflige?”

Após ler a mensagem, Edgar se sentou na escrivaninha e escreveu o seguinte recado à sua amada:

“Minha querida Ellen: a poção está funcionando! As taxas de vibração são relativas. Se parecemos ligeiros para você, você parece extremamente lenta para nós. Permanecemos normais, como o resto dos habitantes deste mundo, enquanto você desacelerou consideravelmente. Mas não se espante, minha querida. Eu finalmente estou começando a alcançá-la na idade. E aqui vai um segredo para você, sua mãe e eu. Vou produzir um antídoto que tomarei até ultrapassá-la rapidamente, e, então,

eu darei um pouco a você para trazê-la de volta ao normal. Logo, como dizem os contos de fadas, viveremos felizes para sempre.

Seu devoto, Edgar.

P.S. Você pode começar a escrever outra mensagem imediatamente, de modo que eu a tenha para aproveitar esta noite!”

Ele entregou o bilhete a Ellen e então seguiu a Sra. Gordan de volta ao terraço, assegurando-lhe, com sinceras palavras de consolo, que tudo ficaria bem. A Sra. Gordan ficou consideravelmente mais aliviada após a mensagem de sua filha, e a indignação que ela sentia por seu potencial genro foi parcialmente amenizada. Eles se sentaram por algum tempo discutindo as perspectivas de um futuro brilhante. Por fim, Edgar se levantou e disse que iria à biblioteca para ver se Ellen havia terminado de ler o bilhete. Em um instante, ele correu de volta para a Sra. Gordan, seu rosto exprimindo um terror abjeto.

— Venha, venha já! — ele choramingou.

A mãe, frenética, uniu-se a ele e juntos correram para a biblioteca.

Ellen estava sentada com o rosto virado para eles, a boca bem aberta, os olhos semicerrados. A imobilidade de suas feições era horrível.

— Isso não é horrendo? — engasgou Edgar quando conseguiu encontrar a voz.

— Horrível, nada! — exclamou a mãe, indignada. — Você não percebe que a pobre menina está rindo do seu *post-scriptum*? Veja, seu dedo está apontado para ele!

Mas Edgar havia se virado e saído da sala.

* * *

Muitas vezes, nos dias e semanas que se seguiram, Edgar Hamilton pensava no sorriso interminável que havia perdido a qualidade de sua alegria alerta, essencial para que um sorriso transmita sua intenção.

E o antídoto? Progredia de maneira esplêndida. Era para ser uma droga muito mais poderosa que a outra. Edgar descobrira que uma gota do antídoto incolor neutralizaria os 60 ml do fluido âmbar, injetado nas veias de Ellen Gordan.

Antes de se arriscar, Edgar decidiu testar o experimento em Napoleon, o gato com carapaça de tartaruga. Napoleon foi apelidado de Nap^[11], pois era um sujeito bastante sonolento. Nap já havia passado do auge de sua vida felina. Ele não era mais um bom caçador de ratos e, portanto, Edgar percebeu que se seus anos de declínio fossem encurtados um pouco, ninguém se importaria muito, e Nap poderia ser muito útil no teste desse poderoso antídoto.

Nap foi encontrado dormindo sob a varanda dos fundos, perto dos restos de uma costeleta de porco que Agnes, a empregada, jogara para ele depois do café da manhã. Edgar contrabandeou a criatura peluda pelas escadas até o laboratório, e não perdeu tempo em administrar a droga. Uma gota era somente o que ele pretendia injetar, mas quando Nap sentiu a picada da agulha, ele saltou descontroladamente no ar, antes de Edgar conseguir retirar a seringa, Nap tinha em suas veias cerca de dez gotas. Após um ou dois segundos atordoados, Edgar pensou que o gato havia desaparecido, mas, ao observar mais de perto, ele percebeu uma mancha cinza claro perto do chão, movendo-se quase como um relâmpago ao redor da sala. Finalmente, a mancha desapareceu e ele viu brilhos coloridos. Estes, ele supôs, eram as vibrações dos gritos selvagens de Nap, aumentados de uma forma que atingiram o reino da visão. Então, houve uma baforada de fumaça, um clarão instantâneo de fogo, e Edgar soube que Nap havia literalmente entrado em combustão, devido ao forte atrito com o ar.

“Bem”, pensou o jovem cientista tristemente, quando se recuperou do choque por conta do destino de Nap, “devo tomar uma gota, apenas. Isso me permitirá alcançar Ellen em algumas semanas, no máximo meses. Depois disso, vamos esquecer esse perigoso negócio de drogas.”

Ele aspirou com a seringa apenas uma gota do fluido cristalino e a injetou rapidamente. Nada pareceu acontecer. Ele foi até a janela e olhou para a rua lá embaixo, e então soube o que havia acontecido. Ele encarava um mundo congelado! Um automóvel

estava parado na frente da casa, mas ao mesmo tempo não estava, porque atrás dele havia uma nuvem de poeira que pairava, estática, como uma espécie de névoa. Em todos os cantos, as pessoas se encontravam congeladas em posturas grotescas. Era necessária a mais infinita paciência para decifrar o significado delas. Ele se afastou da janela e permaneceu imerso em pensamentos. Foi então que percebeu que Agnes, a empregada, vinha em sua direção como um peixe nadando lentamente. Ela segurava uma carta em suas mãos.

“Agora”, pensou Edgar, “não a irei alarmar. Vou imitar seus movimentos lentos e pesados ao receber a carta dela.”

Avaliando a velocidade de sua chegada, ele estendeu o braço tão lentamente quanto seu controle muscular permitia, e recebeu a carta com uma grave e exaustivamente lenta reverência. Se suas ações não pareciam exatamente normais, ele não saberia dizer só de observar as expressões estáticas de Agnes, que já não eram muito móveis em condições normais. Ele se manteve perfeitamente imóvel até que ela desaparecesse e, então, com uma pressa febril, abriu a carta, escrita com a caligrafia firme e direta do Sr. Paul Gordan, o pai de Ellen.

“Seu jovem tolo infernal!” — dizia a carta. — “Eu não gostaria de nada mais que poder estrangular esse seu pescoço miserável! Dia após dia, minha filha se senta como uma estátua e aflige os nervos de sua mãe, e os meus também, ao tentarmos entrar em comunicação com ela. E além disso, para completar a tragédia, ela está com um caso grave de sarampo e o médico nos disse que ela, provavelmente, continuará com a doença pelos próximos cinco anos!”

Com um soluço, Edgar largou a carta e pegou o frasco com o líquido incolor.

— Que sejam dez gotas, então — disse ele, com voz rouca. — Devo partir como o velho Nap. Não, não vou prolongar... vou tomar todos os sessenta mililitros que fiz. Quanto mais rápido, melhor!

* * *

Neste momento o leitor, sem sombra de dúvidas, estará preparado para uma conclusão apressada desta história, porém tal, lamento informar, não é o caso. Você já ouviu falar que cem mil volts de alta frequência elétrica podem ser descarregados através de um corpo vivo sem nenhum dano aparente, mas se o número é diminuído para quinhentos, ou mil volts, em uma frequência mais baixa, a morte é instantânea? Algo nas propriedades da força misteriosa, conhecida por nós como eletricidade, estava contida naquele líquido de aparência inofensiva. Antes de Edgar colocar os sessenta mililitros em seu braço, ele teve consciência de um rugido ensurdecedor e de intermitentes feixes brilhantes de luz. Ele sentiu como se estivesse caindo através do espaço interestelar. Parecia estar passando por sóis, com planetas girando em suas órbitas, ao redor deles. Imensos universos estendidos indefinidamente! A princípio, ele pensou: “São universos de diferentes sistemas solares, com seus respectivos sóis e planetas”. Então, atingido por uma lucidez repentina, veio o pensamento: “São moléculas feitas de átomos, contendo prótons e elétrons! Eu estou viajando, não do jeito do telescópio, mas do microscópio!”

Um professor de física, que fora considerado um pouco ousado em suas teorias, certa vez disse as seguintes palavras, nunca esquecidas pelo aluno Hamilton.

— Nossa Terra, no éter do espaço, nada mais é do que um grão de areia em uma costa marinha. Nossos universos podem ser apenas uma molécula em um universo maior, e todas as nossas eras, desde o início dos tempos, são registradas como somente um segundo no tempo desse cosmos maior. O mesmo também vale para o lado oposto. Neste grão de areia que tenho em minha mão, pode conter outros universos que, enquanto me dirijo a vocês, acabaram de surgir e de desaparecer. Alunos, quem sabe o tempo seja a quarta dimensão que há muito buscamos? Esta teoria não provaria que o tempo influencia no tamanho das coisas?

Então Edgar entendeu. Ellen estava na direção do telescópio, mas apenas em um grau infinitesimal. Já o corpo de Edgar se arremessava milhões de vezes mais rapidamente na direção do infinito microscópico e, como explicara seu professor de física, o espaço atômico é tão vasto, proporcionalmente, quanto o espaço

interplanetário. A diferença é que com as taxas de vibração e com o seu encolhimento corporal, Edgar estava gastando suas energias corporais em um ritmo relativamente rápido.

Incapaz de medir a passagem do tempo, Edgar sentia-se sonolentemente perdendo a consciência. Se a morte era assim, era na verdade uma experiência prazerosa.

* * *

Novamente com a mente consciente e aguçada, Edgar olhou em volta e se elevou para uma postura sentada. Em seus ouvidos ressoavam um rugido quase ensurdecedor e um vento forte soprava constantemente. Ele parecia estar deitado sobre um chão de pedra. Observou, então, que se tratava de uma enorme saliência, tão larga quanto o comprimento de um quarteirão. Ele podia ver a linha do horizonte que se formava com o céu, a alguns metros de distância. Mas aquele rugido terrível! Ele se virou em direção à borda da saliência, e lá, estendendo-se em ondas intermináveis, que se lançavam a alturas de não mais de três metros do topo da enorme parede, estava uma vasta extensão aquosa, o mais inquieto e movimentado corpo d'água que Edgar já havia imaginado. Nada além de água, um céu azul — não o cerúleo azul dos céus da Terra, mas um mais profundo tom azul *royal*— e a pavimentação de pedra da vasta plataforma de rochas! Edgar se moveu em alguns passos em direção à borda mais distante. Enquanto caminhava, notou como as placas de pedras pareciam encaixadas de maneira uniforme e suave. Era como um grande bloco de concreto.

Ele se aproximou curiosa e cautelosamente da borda oposta e olhou para baixo. Recuou ainda mais alarmado, pois vislumbrara um poço de fogo que se erguia em grandes línguas flamejantes. Ele parecia estar, literalmente, entre o diabo e o mar profundo! Recuando alguns passos, ele se pôs a caminhar pelo longo do pavimento, que parecia o único lugar seguro neste estranho mundo. À esquerda, se estendia o mar infinito, e à direita, a horrível imagem do Hades!

Após vários quilômetros de exaustiva caminhada, Edgar começou a sentir as pontadas agudas da fome. Ele se aventurou

cautelosamente em direção à borda direita, uma vez mais, e dessa vez não recuou alarmado. Muito, muito abaixo dele, se apresentava um belo e verde vale, com relvas ondulantes e montes musgosos. Conjuntos de moradias pontilhavam a paisagem, e as figuras se moviam. De sua altura elevada, a cena lembrava uma vila de papelão em miniatura que tivera em sua infância. Mas como descer e alcançar este Jardim do Éden? Parecia não haver meios visíveis de chegar lá embaixo, no que parecia um verdadeiro paraíso, após as experiências da última hora. Ao longo de toda a extensão da parede, até onde a vista de Edgar alcançava, em ambas as direções, seus olhos não percebiam nada além de uma uniformidade em branco, a menos que... ele espiasse com mais atenção. Alguns metros diretamente abaixo dele, viu dois pequenos buracos e seu coração deu um salto de alegria. Os furos deveriam ter sido feitos ali com o propósito de prender as pontas curvas de uma escada usada para subir esta gigantesca peça de alvenaria. Edgar decidiu permanecer diretamente acima dos buracos, até que um dos habitantes deste mundo em miniatura fosse movido pela providência para investigar o topo do gigantesco dique.

Muitas vezes durante os dias que se seguiram, Edgar entregava-se ao desespero. Ele tentava gritar, mas sua voz perdia-se completamente no rugido incessante do oceano atrás dele. Muito fraco para esperar mais, ele deitou-se, totalmente impotente. E então veio a esperança, e com ela uma força renovada.

Exatamente abaixo dele, na base dessa vasta parede que se inclinava em direção ao vale, em uma angulação de cerca de trinta graus, se encontravam muitas figuras gesticulando e carregando longos objetos negros sobre os ombros. Edgar, em sua excitação e fraqueza, quase perdeu o equilíbrio ao observar o procedimento. Então ele teve certeza de que, sem sombra de dúvidas, um deles estava escalando a parede. Repetidas vezes, a escada era virada e presa em buracos nas laterais. Cada vez mais perto rastejava uma minúscula criatura, com uma vestimenta cor de açafrão, até que a última escada fosse inserida nos últimos buracos e, um habitante do remoto vale se pusesse, atônito, diante de Edgar Hamilton.

Sua curta vestimenta amarela pendia por alças sobre os ombros e se estendia abaixo da cintura, onde terminava em calções

curtos, cheios o suficiente para parecerem uma saia. Suas feições não eram tão diferentes daquelas das pessoas da nossa civilização oriental atual.

A comunicação por meio de uma linguagem em comum era, é claro, impossível, mas Edgar foi capaz de indicar seu desejo por comida e de descer ao vale verde. O estranho acenou com a cabeça e então correu para a borda oposta do dique, olhando fixamente para o mar tempestuoso. Por fim, voltou-se para Edgar, que notou que seu rosto exibia uma expressão de extrema ansiedade.

Ambos desceram pela escada.

Uma vez lá embaixo, no meio dessas pessoas tão parecidas e, no entanto, tão diferentes de si mesmo, Hamilton aprendeu muitas estranhas e maravilhosas coisas. Em poucas semanas, ele havia dominado a língua deles. Ficou familiarizado com inúmeras verdades surpreendentes sobre este planeta, para o qual o destino o havia enviado de maneira tão peculiar. A principal, entre elas, era o fato de que a grande ilha em que o povo habitava havia feito parte de um vasto continente, mas a maior porção desta terra, com suas grandes cidades e templos monumentais, palácios e planícies férteis, fora engolida pelo oceano. O remanescente da população que vivia um planalto elevado conseguira sobreviver à investida do mar, cujas águas pareciam se elevar através dos séculos, e ameaçava engoli-los. Na realidade, não foi a água que subiu, mas sim a terra que afundou devido ao colapso de enormes bolsões de gás subterrâneos, aqueles escapados por vulcões ardentes. Esta era uma terra afundada, que mantivera sua segurança temporária apenas através da construção e reparo de seus monstruosos diques.

Os pensamentos de Edgar foram para a Holanda, na longínqua Terra. “Ah! Mas estava mesmo tão longe? Ele e todo o universo ao seu redor eram uma parte infinitesimal do novo linóleo de estampas azuis que comprara recentemente para seu laboratório!”.

— Nem tanto como a Holanda — ele disse a si mesmo, uma vez —, mas como a terra perdida de Mu, que, segundo os arqueólogos, era um continente tropical maior que a América do

Norte. Foi para o fundo do Pacífico, com seus sessenta e quatro milhões de habitantes e suas cidades-templo, há treze mil anos.

Então *e*la entrou na vida de Edgar e, aos poucos, ele esqueceu o piso estampado do laboratório e o sarampo que ameaçava durar cinco longos anos. Ela era a filha de Elto, o inspetor-chefe e engenheiro dos diques. Ele era uma espécie de Neemias moderno, pois supervisionava a construção contínua das paredes rochosas que preservavam a terra de Luntin da aniquilação total. Seu nome era Yana e sua beleza pálida e selvagem superava os encantos de qualquer donzela terrestre que Edgar já conheceria.

Uma vez, eles se sentaram em uma colina coberta de grama, do lado de fora da casa de Elto. Eles olharam em direção ao monte Karp, em cujas profundezas proibidas Edgar havia contemplado no momento de sua chegada a este planeta.

— O monte de fogo tem estado bastante ativo nos últimos anos. — disse Yana tristemente, seus olhos doces preocupados voltados na direção do vulcão. — Papai diz que a terra está afundando rapidamente, e que os diques estão sendo construídos o mais alto possível, sem que se desintegrem. Ele e o sábio Kermis preveem que dentro dos próximos cinquenta ou sessenta anos, nosso amado Luntin e seus habitantes não mais existirão, e sobre tudo isso se estenderá aquele selvagem e ruidoso oceano!

Ela estremeceu e, naquele momento, Edgar a apertou em seus braços e ganhou dela a promessa de ser sua noiva.

* * *

Vinte e cinco anos se passaram; anos cheios de muita felicidade, mas nublados por uma ansiedade sempre crescente sobre o destino de Luntin. Edgar e Yana viveram em um feliz companheirismo. Eles tiveram um filho a quem chamaram Yangar. O rapaz era o orgulho de seus corações. Havia herdado a habilidade construtiva do pai de sua mãe e, aos vinte e dois anos, fora nomeado engenheiro-chefe dos diques, sucedendo, então, seu falecido avô, Elto. Nesse cargo, Yangar foi um completo sucesso e, por sua engenhosidade, mais de uma vez livrou seu país de terríveis calamidades.

* * *

Outros trinta e cinco anos! Parecia que a data apontada pelo velho Elto para a inundação estava próxima. Yangar, agora viúvo e com um filho. Manly era engenhoso e vigilante, mas mesmo essas qualidades não conseguiriam resistir para sempre contra um monstro que se arremessava constantemente contra as paredes. Yana emagrecera, consumida pela preocupação, e morreria. Edgar lamentara muito com a perda de sua esposa, e seu filho então tornou-se ainda mais querido por ele.

Em uma ocasião, após Yangar voltar de uma inspeção nos diques, seu pai mostrou a ele uma garrafa contendo um líquido amarelo.

— Esta — ele explicou a Yangar —, é a saída da catástrofe para nós. Levei anos para prepará-lo. Dividirei em três: para você, para Manly e para mim. É uma forma bastante concentrada de uma droga que preparei sessenta anos atrás. Todo seu conteúdo é suficiente, se injetado em suas veias, nas de Manly e nas minhas, de modo que diminuam, assim, as taxas de nossos impulsos nervosos, para que não sejamos mais deste mundo.

Ele fez uma pausa, enquanto, em uma retrospectiva, sua mente viu a forma imóvel daquela donzela terrestre, com seu sorriso interminável.

— Não seremos mais deste mundo, pai?! — exclamou Yangar.
— Você quer dizer que morreremos?

— Não é isso, acredito eu — respondeu Edgar —, mas como já expliquei a você muitas vezes, sendo tempo e tamanho puramente relativos, não podemos, necessariamente, nos tornar infinitamente mais lentos em nossas taxas de existências sem que, ao mesmo tempo, fiquemos infinitamente maiores. Esse processo, empregado no momento crucial do desastre, nos levará a um mundo em um universo maior do que o nosso. Minhas forças estão quase esgotadas, de qualquer maneira, mas para você e seu filho Manly, isso significará a habilidade de completar o período normal de suas vidas.

Chegou, então, o dia em que Edgar e seu neto, Manly, um jovem de trinta e quatro anos, que tinha uma semelhança marcante com o avô, quando este tinha chegado como um estranho em Luntin, sentaram-se dentro da pequena casa de pedra, onde eles e Yangar moravam juntos. Este último estava ausente, como era de costume, para supervisionar o trabalho nos diques. No dia seguinte, Manly seria um dos escolhidos para trabalhar pela segurança de sua terra.

— Amanhã, você e Yangar devem levar suas garrafas contendo suas porções desta droga maravilhosa que diminui a pressão nervosa. — disse Edgar Hamilton, sorrindo com afeição ao seu belo e robusto neto. — Não é mais seguro andar sem elas. As seringas anexadas garantirão sua injeção em questão de segundos.

Ele mal havia terminado de falar, quando um rugido como um trovão sacudiu o chão sob seus pés. Juntos, eles correram para a entrada e ergueram os olhos para a parede rochosa que mantivera sob controle seu inimigo aquático por tantas gerações. O dique era uma massa em ruínas, um Niágara, aumentado muitas vezes em suas proporções terrestres.

* * *

— Que os anjos me protejam! — exclamou Agnes, enquanto voava em direção ao quarto e trancava a porta. — Esta manhã entrego um bilhete ao mestre Edgar e ele age daquela forma esquisita, parecendo que está louco. Então, esta noite, entro e lá está ele, sentado no chão vestindo quase nada, e um velho parado ao lado dele! Estou farta. Se isso não parar, eu procurarei outro emprego!

* * *

Às nove horas daquela noite a campainha tocou na residência dos Gordan.

— O estranho médico chamado para a consulta pelo Dr. Bennett, querido — disse a Sra. Gordan ao marido. — O Dr. Bennett

disse que o enviaria para ver a pobre Ellen. Você pode atender a porta?

— Se for o médico, tudo bem — respondeu o marido. — Mas se por acaso for aquele malandro, Hamilton, ele descera os degraus da frente mais rápido do que os subiu!

O Sr. Gordan abriu a porta da frente e deu um pequeno suspiro de espanto. Na entrada, com a luz da rua iluminando grotescamente sua figura, estava um estranho idoso.

— Você é o médico que veio para investigar o caso da Srta. Gordan? — perguntou o Sr. Gordan.

O idoso lançou um olhar interessado para o homem à sua frente. Então ele respondeu:

— Eu... quer dizer... sim, acredito que tenho uma excelente cura para a condição dela. Posso vê-la?

— Certamente. Por aqui, doutor.

O estranho médico seguiu o Sr. e a Sra. Paul Gordan até o quarto de sua filha. Sobre a cama, jazia a forma inerte da desafortunada jovem, cujos impulsos nervosos haviam sido tão retardados que a tornavam desajustada entre todo o resto da humanidade ao seu redor. O médico olhou atentamente para a forma imóvel.

“Nem um dia além dos trinta e dois anos”, pensou consigo mesmo.

Em voz alta, ele disse:

— A cura mais rápida para ela se dará com a injeção deste soro, que...

— Mas por favor, doutor! — implorou a mãe com uma mão detentora em seu braço. — E... eu não gosto de soros injetados. Ela não pode, er... ingerir?

— Infelizmente não, minha boa senhora, mas deixe-me assegurar-lhe que isto efetuará uma cura rápida.

A mãe se rendeu e o velho médico injetou no braço de sua paciente uma gota de um líquido incolor. O efeito foi quase instantâneo. Ellen sentou-se rapidamente, e olhou para todos os ocupantes da sala.

— Mamãe, papai! — ela chorou. — O mundo realmente parou de girar naquele ritmo tão assustador? Ah, eu sei que fui eu quem

voltou ao normal. Eu me pergunto se Edgar está conseguindo me alcançar. Meu sarampo não vai durar muito agora!

O velho homem se virou para deixar a sala, mas se deteve ao ouvir a pergunta de Paul Gordan, o pai surpreso.

— A quem devemos esta restauração de nossa filha à normalidade?

Os olhos penetrantes do estranho varreram os rostos dos três.

— A Edgar Hamilton — ele respondeu.

— Oh, ele mandou o senhor, não foi? — riu o Sr. Gordan. — Provavelmente o jovem patife estava com medo de entregar o antídoto ele mesmo, depois de minha simples carta esta manhã.

O homem idoso avançou um passo, com as mãos trêmulas estendidas.

— Você não compreende, Sr. Gordan. *Eu* sou Edgar Hamilton.

— Ora, tenha graça! — adicionou à sua esposa. — Devemos rir com este pobre diabo.

— Brincadeiras à parte — persistiu o estranho —, sou Edgar Hamilton, a quem vocês devem sua última catástrofe, e seu remédio mais recente.

Ele começou, então, a contar a história de uma vida passada, uma história tão fantástica, que caiu em ouvidos incrédulos. Terminou com um grito selvagem e sobrenatural de “Yangar, meu filho. Yangar!”. Seus gritos ficaram mais altos até se tornarem delírios de um homem louco.

Quase todos que o viram no hospício e escutaram sua história acreditavam que ele era uma vítima de alucinações.

Conta-se que alguns meses após a recuperação completa de Ellen Gordan do sarampo, ela casou-se com um jovem chamado Manly Hamilton, que alegava parentesco com Edgar Hamilton, que desaparecera misteriosamente. Restam apenas alguns conhecidos que afirmam que o marido de Ellen e Edgar são o mesmo homem, mas isso não explicava o idoso recluso do hospício.

A Monstruosidade Evolucionária

Novamente, nossa conhecida autora, a Sra. Harris, dá um passo à frente com uma joia de história que prova sua versatilidade como escritora de ciência. O que é evolução? E como tudo isso acontece? E quanto tempo leva uma corrida evolutiva? Todas as perguntas difíceis de responder em um pequeno parágrafo. Mas há muitos que acreditam que é possível agilizar a evolução. Fazemos isto experimentalmente com pequenos animais e insetos, e não há dúvida de que mais cedo ou mais tarde poderemos fazê-lo com os seres humanos. Quando este momento chegar, será uma aventura muito interessante para nós, humanos, mas esperamos, para o bem da humanidade, que não seja nos moldes como expressos na presente história.

Todavia, não esqueçam-se que a dinamite pode ser usada para matar pessoas e também para empreendimentos pacíficos. [\[12\]](#)

I

— Eu acredito que vocês três ainda vão chocar o mundo — comentou o Professor Lewis do Departamento de Biologia da nossa faculdade quando nós, três estudantes que nos intitulávamos o “triumvirato”, nos reunimos no laboratório ao final da aula. — Marston, qual era a teoria da evolução que você aludiu pouco antes do sinal tocar? Parecia interessante.

Ted Marston riu de maneira um pouco embaraçada, embora a modéstia não fosse normalmente um atributo excepcional de seu caráter. Seu ambiente, a julgar pela pouca informação que podíamos recolher de tempos a tempos, tinha sido de pobreza e miséria. Ele estava trabalhando para pagar a faculdade e provar ser um mérito àquela instituição.

— Ah, é um pouco implausível, Professor, e receio que meus dois amigos intelectuais aqui pensem que eu seja doido — e deu um tapinha na cabeça significativamente —, mas a ideia tem se arrastado em meu cérebro já há vários dias.

— Desembuche, Ted — disse Irwin Staley jocosamente. — Lembre-se que esse triumvirato não guarda segredos entre si. Todos os pensamentos são partilhados.

Irwin era filho de um rico corretor de Nova Iorque e havia sido criado com todo o luxo que a Era Moderna era capaz de produzir.

Sua mente também era brilhante, mas de alguma forma faltava a iniciativa que a necessidade havia incutido no ser de Theodore Marston.

— Bem, se você insiste — respondeu Ted, mais seriamente. — É algo assim. Eu me pergunto se a evolução não é o resultado de um certo crescimento bacteriano que, lenta e continuamente, muda a estrutura celular dos organismos vivos, causando a formação de novos tecidos e órgãos, e destruindo o antigo.

— Tolices e disparates! — proferiu Professor Lewis. — O meio ambiente também deve desempenhar um papel na mudança evolutiva, pois a evolução é adaptabilidade ao meio ambiente, e Darwin estava certo em sua teoria da sobrevivência do mais apto.

Admito que fiquei estupefato com a afirmação de Marston, mas não tanto quanto Irwin Staley.

— Ted — ele gritou com entusiasmo —, a ideia é boa. Parece tão razoável. Mas você pode provar?

— Com certeza — respondeu ele —, mesmo que seja só pela satisfação de convencer estes céticos — indicando o professor e a mim, que aparentávamos nossa incredulidade.

— A única maneira de provar isso — eu disse —, é desenvolvendo espécimes mais rapidamente do que o ambiente poderia possivelmente mudá-los.

— É precisamente isso que pretendo fazer — disse ele.

II

Eu, Frank Caldwell, não podia me gabar de nenhum extremo, quer fosse ambiental ou hereditário. Minha família era de classe média, meu pai era dono de uma fábrica em uma pequena cidade em Iowa. Minha graduação colegial estava um pouco acima da média, embora eu mostrasse uma preferência decidida pela Biologia, estudo no qual meus dois amigos se destacavam.

Após a formatura, tornei-me assistente do Professor Lewis, depois de o cargo ter sido recusado por Marston. Parece que o entusiasmo que Ted Marston sentiu tinha sido compartilhado, como eu temia, por Irwin Staley, que colocou à disposição de seu amigo amplos recursos com o propósito de desenvolver sua teoria da evolução. Assim, o “triunvirato” diminuiu temporariamente para dois,

enquanto eu, incomodado com nenhuma nova e fantasiosa ideia, ministrava minhas aulas sem nenhuma suspeita do que estava por vir.

Num dia quente de junho, no final do ano letivo, recebi uma carta de Ted e Irwin, que estavam no laboratório especialmente equipado deste último, esforçando-se para executar o grande plano de Ted de provar ao mundo causas primárias das mudanças evolutivas na humanidade.

A carta dizia o seguinte:

“Querido Frank,

Uma reunião do triunvirato é solicitada para o primeiro momento em que for possível você chegar aqui. Queremos você nisto. Estamos em posição de convencer você, quer queira, quer não! Você pode ser de grande ajuda para nós no prosseguimento dos nossos planos. Não demore.

Ted e Irwin.”

Eu havia planejado vagamente uma viagem para a Europa no verão, mas censurei tal ideia nebulosa ao receber a carta dos meus amigos. Minha curiosidade foi inquestionavelmente despertada. Teriam os dois conseguido isolar o “germe da evolução” e posto sua teoria à prova? Parecia incrível, e, no entanto, coisas estranhas já haviam acontecido. Supreendentemente, e não totalmente sem entusiasmo, apresentei-me na mansão Staley, que ficava isolada no centro de uma propriedade de vinte acres. Fiquei surpreso ao ter a porta aberta, não por um servo, mas pela própria Sra. Staley, e eu soube imediatamente pelo jeito dela que havia algo de errado.

Irwin sempre se orgulhara de sua mãe, e com razão, pois era uma mulher de intelecto aguçado e tinha aparência jovem para sua idade. Ela estava obviamente nervosa quando me pediu para me sentar por um instante, antes de ir para o laboratório nos fundos da propriedade. Trocamos algumas amabilidades, mas senti que ela queria abordar-me sobre algum assunto que era vital para ela, mas lhe faltava a coragem. Finalmente decidi “quebrar o gelo” eu mesmo.

— Como estão Irwin e Ted com os experimentos? — perguntei. Sabia que o assunto tinha de ser abordado, por mais doloroso que

fosse.

Ela desviou o olhar com um movimento rápido e nervoso, com algo de temeroso, então ela pareceu retomar o controle de si mesma.

— Frank — ela disse com sinceridade —, você não pode impedi-los? Na minha opinião, eles estão cometendo um grande sacrilégio. Não se pode distorcer as leis de Deus assim sem resultados malignos.

De imediato, meu velho hábito de defender meus amigos veio à tona.

— Mas seria mesmo distorção? — eu combati. — Eles não estão infringindo nenhuma lei natural. Estão apenas acelerando-as. Onde estaríamos hoje, Sra. Staley, se não tivéssemos conseguido acelerar e controlar o uso da eletricidade? Deixada às suas manifestações naturais, ela não faria girar as rodas da nossa maquinaria nem enviaria nossas vozes para partes remotas do mundo.

— Bem, eu não sei — disse ela miseravelmente —, mas eu sinto que não é certo.

De repente, ela endureceu e deu espaço a um grito abafado.

— Está vindo. Já consigo senti-la próxima!

Antes de ter tempo para questionar o que ela queria dizer, senti, ao invés de ver, uma presença maligna no cômodo. Desviei o olhar da mulher que agora estava sem palavras devido ao medo para olhar para um par de olhos malignos a poucos centímetros do chão.

— Meu Deus, o que é isso? — gritei, partilhando do terror dela, surpreendendo a mim mesmo.

O meu medo pareceu fazer com que ela encontrasse a voz e ela respondeu, em um tom pouco acima de um sussurro. — Costumava ser minha linda gata malhada, Fofinha.

— Fofinha! — eu repeti ofegante. — Que nome para essa coisa!

* * *

Eu sempre gostara muito de gatos, e uma vez fui apelidado de “solteirona” por causa do carinho que eu demonstrava pela espécie.

Mas isto era um horror inominável! A coisa erguia-se sobre duas patas irregularmente acolchoadas. Sem pelo, sua carne da cor de um cadáver em decomposição, parecia-me um zumbi em miniatura. Os olhos sem pálpebras fitaram os meus com um ódio implacável. Mas foi o que eu presumo que outrora fossem bigodes que detiveram minha atenção meio relutante, meio fascinada. Eles se eriçavam separadamente como se estivessem imbuídos de vontade própria.

De repente, uma voz gritante e chorosa falou e eu forcei meus olhos para sua fonte. Vinha do minúsculo objeto malformado no tapete, da caricatura da beleza felina como a conhecemos.

— Precisam de você no laboratório. Venha imediatamente.

Sim, aquele objeto sem pelos, não maior do que um camundongo, que se erguia sobre dois pés e olhava para mim com malevolência profunda, havia emitido uma ordem, e eu não podia fazer nada além de obedecê-la!

Virei-me para a Sra. Staley, mas ela estava sentada com a cabeça enterrada nos braços, por isso deixei-a silenciosamente e segui a “Fofinha”.

Quando entrei na sala de recepção, ouvi passos leves se aproximando. Devo ter saltado sem saber, pois meus nervos estavam abalados depois da experiência dos últimos minutos, e uma risada alta e alegre desviou meu olhar de Fofinha.

Uma garota estava ao pé das escadas olhando para mim com um sorriso zombeteiro. Minha primeira impressão dela foi que ela estava vestida com roupas belas e caras, e não sou um homem que costuma reparar em roupas antes das pessoas. Neste caso em particular, entretanto, as roupas realmente possuíam mais personalidade do que sua usuária. A garota era bonita de uma forma insípida, como uma boneca. Eu logo soube que ela era a irmã de Irwin porque ela era a contraparte feminina de seu irmão, tirando a personalidade mais atrativa de Irwin.

— A Fofinha não é um amor? — ela perguntou com uma risadinha.

— Eu não concordo totalmente com você... Ahm... Srta. Staley? — perguntei, dando um passo em direção a ela.

— Sim, sou a irmã mais nova do Irwin e suponho que você seja Frank Caldwell. Irwin menciona você com frequência. Mas não vejo porque você não gosta da Fofinha. Ela é muito inteligente, sabe?

— Si-sim, eu não contesto isso, Srta. Staley, mas ela parece ser desprovida das qualidades que a tornariam bonita — eu disse, e pensei comigo mesmo, “Assim como uma certa mocinha!”.

— A sua mãe parece genuinamente angustiada com esse negócio de evolução, Srta. Staley, e pode ser que ela tenha razão. Acho que já foi longe demais — continuei.

— Longe demais! — ela ecoou. — Mas está apenas começando; e a propósito, pode me chamar de Dot e eu chamar-te-ei de Frank. É mais fácil.

— Pois o que mais Irwin e Ted fizeram neste sentido? — perguntei, ignorando o comentário dela.

— Não é Irwin — ela corrigiu. — É Ted — e ao mencionar o nome deste último, ela sorriu com um sorriso afetado, suponho eu que para dar-me a impressão de que havia um entendimento entre eles.

“Bem, ele é querido por ela”, eu pensei. Em voz alta eu disse: — Parece-me que os sentimentos de sua mãe devem ser considerados nesta questão e eu sei que ela desaprova.

— Ah, mamãe é tão espalhafatosa — ela respondeu enquanto se dirigia ao grande espelho e se examinava criticamente, mas com uma aprovação final muito evidente. — Ted está realmente fazendo algo maravilhoso para a humanidade, sabe? Pelo menos é o que ele diz, e eu prefiro acreditar nele.

De repente olhei para Fofinha, meu olhar deslocou-se naquela direção involuntariamente. Os olhos redondos e sem brilho da gata (se é que eu posso chamá-la assim) estavam me encarando com um magnetismo impetuoso, e todos os longos bigodes apontavam para mim. Com um breve “adeus” a Dorothy Staley, abri a porta e segui o horror felino à abertura. Quando fechei a porta, ouvi a Sra. Staley chamando a filha.

III

“Se eu pudesse matá-la!”, eu pensei enquanto seguia a coisa ao longo do caminho cercado de flores. “Seria uma representação

do futuro? Deus nos livre do desenvolvimento de tal vida neste mundo! Parece que os processos evolutivos, sem a modificação das influências ambientais, apontam para o retrocesso ao invés do progresso. O homem não deve se atrever a alterar o plano de Deus de uma elevação geral e lenta para toda a humanidade.”

Por fim, o laboratório apareceu à minha frente e apressei-me para entrar, com uma pitada de alegria na perspectiva de reencontrar meus velhos amigos. Esquecido por um momento do horror em miniatura que outrora fora uma gata, enquanto ansiosamente agarrei uma mão de Ted e de Irwin, que me puxaram para dentro do edifício com muitas expressões de cordialidade.

— Uma baita oficina, não é? — perguntou Ted com um ar de orgulho perdoável.

— De fato, é, sim — respondi fervorosamente. — Quem me dera a faculdade tivesse metade do equipamento que vocês têm aqui.

A testa de Irwin ficou um pouco franzida. — Negligenciei a boa e velha Alma Mater^[13]. Eles apreciariam um pouco mais de apetrechos por lá, não é, Frank?

— Iriam, sim — ecoei sinceramente. — O departamento está acabando, e o pobre Professor Lewis está por um fio.

Agora era a testa de Marston que estava franzida, mas não de remorso.

— Deixe de lado as lamúrias sentimentais da Alma Mater, Irwin — disse ele. — Eles têm lá equipamento suficiente para educar o universitário medíocre. Seu dinheiro e energia são melhor utilizados aqui.

Fiquei um pouco chocado com as palavras depreciativas de Ted; ele que sempre fora um graduado tão leal à Universidade! Desagradou-me não encontrar nenhum traço da antiga jovialidade e lealdade que o caracterizavam nos tempos da faculdade.

Estava na ponta da língua manifestar um protesto contra a preferência por equipar um laboratório privado ao invés uma instituição pública, mas, por conta de Irwin, contive o impulso.

— Bem — eu disse finalmente, em tons bem controlados —, como os insetos evolutivos estão “evoluindo”?

Ted e Irwin trocaram olhares apressados, e eu olhei para Ted, pois era evidente que ele era o porta-voz e o líder.

— O que você achou da Fofinha, se é que posso responder à sua pergunta com uma outra? — Ted Marston perguntou com meio sorriso.

Imediatamente a minha indignação foi despertada. Eu tinha apresentado um lado da discussão para consolar a Sra. Staley, mas foi o outro lado que propus dar a Marston.

— Se você quer minha honesta opinião — eu disse friamente —, acho que o que você está fazendo é a prática mais diabólica desde os tempos da necromancia.

— E isso de um membro do triunvirato, faça-me o favor! — disse Ted, sorrindo desagradavelmente para Irwin.

Irwin Staley estava obviamente embaraçado e pouco à vontade. Eu tive a sensação de que ele estava envolvido “a fundo” com Ted e não conseguia voltar atrás, embora o porquê fosse um pouco difícil de explicar. O equipamento do laboratório era todo dele, e legalmente ele poderia ter expulsado Ted quando quisesse, mas moralmente lhe faltava coragem para o fazê-lo. Ted e Irwin eram exemplos vivos de mente sobre da matéria.

— Sim — disse eu —, e estou aqui para lutar com vocês até o fim, se for preciso! O Professor Lewis tinha razão. Sem a influência modificadora e apaziguadora de um ambiente em mudança, a evolução é uma ferramenta nas mãos do diabo.

— Pensei que você nunca tivesse acreditado em Sua Majestade Satânica — disse Marston sarcasticamente.

— Também não acredito agora — respondi-lhe acaloradamente. — Sempre mantive a crença de que o mal não é uma força positiva, apenas um bem negativo; um desvio, por assim dizer, das mesmas forças que podem resultar no bem. Assim como a evolução é uma força para o bem, usada como o Criador pretendia, mas aí da humanidade se as suas leis forem adulteradas. A eletricidade é um exemplo de força que pode nos beneficiar ou nos matar, conforme obedecemos ou desobedecemos suas leis.

— Muito bem, Pastor Caldwell — disse Ted desdenhosamente —, supondo que haja alguma força em seu argumento, o que você irá fazer sobre isso?

— Seja razoável, Ted — supliquei. — Se você...

— *Razoável!* — ele zombou. — O que é que o mundo sabe sobre razão? Desde os dias de Platão, Aristóteles, Sócrates e Anaxágoras, avançamos sequer um passo em termos de mentalidade? Responda-me isso! É verdade que inventamos máquinas, aumentamos nossos luxos, mas será que purificamos nossa lógica ou estamos mais perto de saber os porquês de Deus do que alguns dos filósofos de 500 a.C.? Esperamos, meu amigo, que uma rápida evolução aumente a razão na maioria de nós!

— Mas olhe para aquilo... aquela... gata! — finalmente encontrei voz para dizer. — Isso não é um aviso para você, Ted?

— Aquela gata, tão distante de seu estado atual de evolução, é um choque para você simplesmente porque não é familiar — disse ele calmamente. — Caso houvesse progredido paralelamente a ela, você a consideraria um animal de estimação encantador.

— Animal de estimação uma ova! — soltei. — Se esse objeto pode ser um animal de estimação, estou indo para casa buscar uma cascavel de companhia!

— Uma ótima ideia! Seria uma excelente parceria — depois de tais palavras cortantes ele se levantou e desapareceu em uma sala adjacente.

— Esta situação é horrível — eu disse para Irwin depois que a porta se fechou atrás de Marston. — Posso saber se você compartilha das opiniões dele?

Irwin Staley pigarreou e olhou nervosamente para a saleta que abrigava seu companheiro.

— Para dizer a verdade, Frank — ele disse roucamente —, eu acho que Ted está indo um pouco longe demais. Foi tudo imensamente interessante por algum tempo. Eu nem me importei com a Fofinha tanto quanto você parece se importar, mas quando ele começou a introduzir bactérias evolucionárias em seu próprio sistema para mudar os tecidos e órgãos através das muitas fases de infecção bacteriana, confesso que eu comecei a sentir que ele levou o assunto ao extremo. Ele parece diferente desde que começou.

— Deus do céu! — eu exclamei. — Há quanto tempo foi isso?

— Há apenas algumas semanas — veio a resposta tranquilizadora —, e em doses muito moderadas, mas esta manhã

mesmo ele insinuou um desejo de acelerar o processo, pois está ficando impaciente.

— Irwin, se eu fosse você, desapareceria e deixava-o em paz, apesar de isso poder significar uma perda financeira considerável — adverti. — Ele é perigoso.

— Não posso, Frank, o problema é esse. Ele me quer em seu experimento.

Olhei para ele com exasperação. — Não pode? O homem tem algum poder sobre a sua vontade?

— Acredito que ele tenha, sim — Irwin murmurou lamentavelmente —, pois parece que eu tenho de cumprir suas ordens.

Eu virei as costas com repugnância.

— Não conte comigo — eu disse asperamente. — Acredito que farei minha viagem à Europa, afinal.

Eu percorri o caminho e ele me seguiu, um homem desamparado e infeliz. Sua coragem pareceu retornar quando ele deixou as proximidades do laboratório.

— Eu gostaria de poder sair deste negócio todo — disse ele timidamente. — Eu adoraria ir à Europa com você.

— Vamos lá, meu velho — eu disse, deliciado —, você pode estar pronto até quinta-feira? O barco parte na sexta.

Seus olhos estavam agitados e ele parecia quase convencido quando a voz de Ted Marston o chamou da região do laboratório, — Onde raios você está, Irwin? Venha aqui. Preciso de você para um experimento.

Instantaneamente toda a alegria desapareceu do rosto de Staley.

— Desculpe, Frank, mas vou ter que desistir dessa viagem. Talvez outra hora — ele murmurou vagamente.

Eu o encarei silenciosamente até que ele desaparecesse atrás dos arbustos, numa curva no caminho.

TEORIA EVOLUTIVA DE WALLIN

Formulada por um professor da Universidade do Colorado.

Denver, Colorado, 28 de janeiro. — Todos os ideais vigentes da medicina e da biologia ficarão abalados se o “simbiontismo”, a nova teoria da evolução desenvolvida pelo Dr. Ivan E. Wallin, professor de anatomia na Universidade do Colorado, for comprovado.

Após sete anos de pesquisa, o Dr. Wallin diz que chegou à conclusão de que Darwin e seus seguidores, em sua teoria da evolução, negligenciaram a presença de bactérias em todas as células vivas. Dr. Wallin afirma ter comprovado para sua própria satisfação que essas bactérias crescem e que foi sua mudança de tamanho e formato ao longo dos séculos o que fez com que os humanos e as plantas evoluíssem a partir de formas anteriores e mais simples.

A teoria do Dr. Wallin, se for aceitável para o mundo científico, vai necessariamente descartar a explicação de Darwin sobre a evolução com base na sobrevivência do mais apto e da seleção natural.

“Somente o tempo dirá se estou certo”, disse o Dr. Wallin. “Comprovei a teoria para minha própria satisfação e se eu estiver certo, isso revolucionará a medicina e a biologia.”

Biólogos em 1890, explica Dr. Wallin, descobriram pequenos grânulos nas células de todos os animais e plantas. Alguns acreditavam na época que os grânulos fossem bactérias, mas a ideia foi posteriormente abandonada e os grânulos passaram a ser vistos como condensações inanimadas de fluido celular.

Após uma longa série de experiências com os grânulos, Dr. Wallin decidiu que eles eram pelo menos semelhantes a bactérias. Em experimentos posteriores, ele estimulou o crescimento e a mudança de forma dos grânulos e, obtendo êxito, declarou que estes de fato eram bactérias.

Quando introduzidas em células vivas, essas bactérias causaram a formação, em muitos casos, de novos tecidos e órgãos, apontando assim para a ideia de que o homem pode ter surgido a partir de um grupo original de células que se desenvolveu em seres humanos através de muitas fases de “infecções bacterianas”, Dr. Wallin concluiu.^[14]

[“A Monstruosidade Evolucionária”, diz a autora, foi inspirado pela leitura do recorte acima, que a Srta. Harris enviou com seu manuscrito. Isso prova mais uma vez que as histórias publicadas nesta revista não são tão absurdas ou impossíveis como poderiam parecer à primeira vista.]^[15]

IV

Por sorte, descobri no meu retorno que me havia sido concedido um ano sabático e, portanto, ao invés de retornar à docência naquele outono, voltei aos Estados Unidos só um ano depois, mergulhando imediatamente no trabalho da faculdade. Nesse ínterim, não tive nenhuma notícia de Ted e Irwin. No verão seguinte, eu planejei visitá-los, mas a morte do Professor Lewis, pouco antes do encerramento do ano escolar, exigiu que eu permanecesse na faculdade, uma vez que eu havia sido nomeado chefe do departamento de Biologia para ocupar o lugar do Professor Lewis. Sentia falta do bondoso ancião e esperava ser um digno sucessor. Assim, passaram-se três anos antes que eu regressasse ao laboratório que ficava na bela propriedade de Staley.

Eu tinha lido sobre a morte da Sra. Staley dois anos antes, então, ao invés de passar na casa como havia feito na ocasião anterior, segui imediatamente em direção ao laboratório. Ao me aproximar, uma estranha sensação tomou posse de mim. Eu tinha um desejo irresistível de fugir, mas não era exatamente medo o que me possuía. Imagine o meu espanto quando percebi que ao contrário da minha vontade eu havia virado as costas para o laboratório e estava indo embora com a intenção de voltar para casa!

Eu havia chegado a uma curva no caminho quando fui assustado por um grito rouco, inumano. Virei-me para ver uma figura decrépita correndo em minha direção, numa evidente aflição. Havia uma vaga familiaridade no rude desconhecido e fiquei intrigado, a um passo de descobrir sua identidade indescritível.

— Quem é você? — eu exigi, com apreensão temerosa.

Antes que pudesse responder, ele se virou inexplicavelmente e refez seus passos em direção ao laboratório, e eu, descobrindo meus movimentos agora livres, segui-o em passo acelerado. Segui-o até a soleira, mas a porta fechou-se com um forte estrondo entre nós, e uma vez mais senti-me impotente para entrar. Qualquer que fosse a força que me controlava agora assim como alguns momentos antes, havia deixado de agir enquanto o degenerado regressava ao edifício. Eu estava confiante de que o controle tinha sua fonte do lado de dentro do laboratório, e que por mais poderoso

que fosse, seu poder de concentração era limitado a um indivíduo por vez.

Certamente estava aqui uma situação que precisava ser investigada e ainda assim eu parecia impotente para agir! Voltei para a faculdade e ponderei sobre a situação. Deveria eu voltar com uma força armada ou tentar outra vez sozinho?

Vários dias depois desta inexplicável ocorrência, recebi uma carta de Dorothy Staley:

“Caro Sr. Caldwell

Soube recentemente que está de novo nos Estados Unidos e, se não for muito incômodo, agradeceria sua vinda aqui imediatamente. As coisas têm ido de mal a pior, e estou com sérios problemas. Posso contar com a sua ajuda?

Dorothy Staley.”

Confesso que fiquei intrigado. A carta não parecia ser produto da caneta da menina atrapalhada que eu havia conhecido três anos antes. Seriam três anos, mesmo que de problemas, capazes de suavizar e mudar a senhorita frívola da qual eu me recordava com um sentimento quase de nojo? Ou o autor do bilhete era alguém que estava tentando me enganar usando o nome da menina?

Era fim de tarde quando me aproximei da propriedade. A longa linha de álamos parecia proteger a mansão do perigo externo como sentinelas robustos, mas o que simbolizava sua proteção contra uma ameaça interna? Enquanto subia os degraus da varanda, a porta abriu-se — e Dorothy emoldurou-se na entrada. Por um momento interrompi a minha ascensão nos degraus e olhei para ela sem palavras, pois parecia que nunca tinha visto esta menina antes — mas sabia que era Dorothy. Que processo de refinamento havia alterado sua natureza e aparência tão intrinsecamente? O problema é o fogo refinador é necessário para algumas naturezas, mas de alguma forma esta mudança em Dorothy não foi tanto de grau e sim de real diferença de qualidade.

— Sr. Caldwell — disse ela com um sorriso calmo e triste. — Chamei-o porque acreditava que você poderia me ajudar como ninguém no mundo pode.

— Sinto-me lisonjeado, asseguro-lhe — murmurei enquanto a seguia para o grande interior sombrio e passei pelo longo espelho onde, há três anos, ela havia se enfeitado tão vaidosamente.

Quando estávamos sentados na luxuosa sala de estar, cujas janelas se abriam para um chafariz lá fora, ela começou a explicar sua preocupação. Seu belo rosto, com sua sinceridade séria, reteve o meu olhar extasiado enquanto ela falava.

— As coisas avançaram para um estado terrível entre Ted e Irwin... E até eu... — ela fez uma pausa e olhou em volta de forma apreensiva — tenho medo do que o futuro reserva para todos nós. Ted tem ... — aqui ela desmoronou completamente e foi incapaz de continuar.

— O que o Ted fez? — eu perguntei em parte para aliviar o silêncio constrangedor e angustiante.

— Não vejo Ted desde o último ano — ela respondeu, endireitando-se em sua cadeira e fazendo um esforço renovado para se controlar —, mas sei de seu progresso através de meu irmão, que é sua ferramenta indefesa; é do meu entendimento — ela baixou a voz para um sussurro —, que Ted tem progredido (se é que se pode chamar isso de progresso) para além de qualquer semelhança com a humanidade como nós a conhecemos!

— Que horror! — eu exclamei, lembrando mentalmente de um certo exemplo de evolução felina.

— Pensei que o amava — continuou Dorothy —, mas agora nem sequer o respeito.

— Não, é de se imaginar que não — respondi secamente. — E parece-me que ele deveria ser obrigado a abdicar do seu poder sobre Irwin. Talvez o que ele faz a si próprio seja problema dele, mas ele não deveria ter o direito de envolver os outros.

— “Ter o direito” é um termo estranho a ser usado em relação a Ted Marston — disse a menina amargamente. — Ele é o seu próprio mestre. Por alguma razão, ele não me permite vê-lo, mas envia-me mensagens por meio de Irwin. Há uma semana, Irwin veio para casa com um ar tão infeliz e miserável. Implorei-lhe que forçasse o Ted a ir embora, mas tudo o que consegui dele foi: “Não posso, mana. Sei que é inacreditável, mas tenho que fazer o que ele diz. Ele é mesmo

maravilhoso. Se você o conhecesse como eu conheço, também acharia isso”.

— Eu estava sentada aqui nesta mesma cadeira, Fra... quer dizer, Sr. Caldwell, há uma semana — a doce voz continuou —, durante esta conversa com meu irmão Irwin. Ele parecia tão infeliz, mesmo enquanto elogiava Ted, que eu sabia que sua língua desmentia seus sentimentos reais sobre o assunto. De repente, ele me disse muito sinceramente que Ted ainda me amava, mas que sabia que dois seres tão distantes no desenvolvimento evolutivo não seriam adequados um para o outro, então ele pretendia inocular-me com os germes a fim de me levar ao seu estágio de desenvolvimento. Então nós dois, ele disse-me pelo Irwin, dominaríamos o mundo! Fiquei tão aterrorizada que me vi incapaz de me mover, e enquanto fiquei sentada ali atordoada, Irwin avançou silenciosamente e, sem o menor aviso do que viria a seguir, introduziu uma agulha hipodérmica em meu braço. Devo ter desmaiado, pois assim que dei por mim eu estava na cama e Cora, a nossa empregada, andava pelo meu quarto. É estranho dizer que não senti nenhum efeito nocivo; na verdade, se houve alguma diferença, senti-me melhor, não tanto fisicamente quanto mentalmente. Eu parecia compreender as coisas de uma maneira calma e impessoal, e estava, por assim dizer, acima de emoções e paixões mesquinhas que me influenciavam constantemente antes desta experiência. Se isso era a evolução, pensei, era muito desejável e me perguntava sobre o medo muito aparente de Irwin em relação a Ted. Então, naquela noite, Irwin voltou, mas desta vez parecia diferente.

Duas lágrimas rolaram pelas belas bochechas redondas de Dorothy, mas ela continuou com um esforço óbvio.

— Ele me disse que Ted estava dormindo, e que nas raras ocasiões em que dormia, ele, Irwin, parecia ser livre para seguir os ditames de sua própria vontade. Anteriormente, ele se encontrava trancado, mas nesta ocasião ele escapou por uma janela aberta e uma tela rasgada. Ele me avisou seriamente para não permitir que ele infligisse sobre mim os germes da evolução novamente.

— “Essa dose, que foi muito leve para o tratamento inicial, teria muito pouco efeito sobre os tecidos do corpo”, ele me disse, “mas

cada injeção subsequente causaria uma mudança tão óbvia que com o tempo você ficaria, assim como Ted, irreconhecível enquanto ser humano!”.

— Implorei-lhe que me descrevesse a aparência de Ted, mas ele apenas estremeceu e se afastou e suas últimas palavras foram uma repetição de suas primeiras, “não me deixe administrar em você mais germes da evolução”.

— Isso foi há uma semana e eu não o vejo desde então, —meu próprio irmão! —, no entanto, não me atrevo a procurá-lo nestas circunstâncias terríveis. Quero ver se ele está bem, mas temo sua reação e o que isso significará para mim. Você pode me ajudar?

Suas últimas palavras expressaram angústia tão absoluta que eu desejei colocar meus braços ao redor dela e confortá-la, mas em vez disso apenas disse: — Dorothy, se me for permitido ficar aqui até que esse perigo que a ameaça seja eliminado, considerarei isso como um grande privilégio.

Como resposta ela sorriu uma aquiescência agradecida.

V

— Você pode ficar com o quarto sudoeste durante sua estadia aqui — Dorothy me informou. — As janelas têm vista para o laboratório, embora este último seja tão completamente cercado por árvores e arbustos que apenas sua localidade aproximada pode ser detectada.

Alguns minutos mais tarde, eu parei em uma janela do belo aposento atribuído a mim e olhei para um verdadeiro Éden; caminhos de cascalho sinuosos, uma fonte resplandecente, árvores altas e aglomerados de arbustos. E de repente, com algo como um choque, eu soube que a grande massa de vegetação na extremidade distante da propriedade escondia da vista o laboratório que abrigava meus antigos amigos.

“Antigos!”. Era verdade que eu já não conseguia pensar neles como amigos?

“Tal é o efeito das distorções grosseiras das leis de Deus sobre o homem normal”, eu pensei.

A esta altura já estava anoitecendo, e quando me desviei da minha inspeção do terreno abaixo de mim para acender a luz,

detectei um movimento nos arbustos próximos ao local onde o laboratório estava escondido da vista e, para minha surpresa, uma figura emergiu das sombras circundantes. Enquanto caminhava com postura curvada e passo arrastado em direção à casa, ao longo do caminho rodeado de flores, reconheci com um choque desanimador Irwin Staley; não mais o jovem de aparência aristocrática que eu havia deixado há três anos, mas um vagabundo desgrenhado com uma aparentemente vaga, porém persistente ideia obcecando sua mente.

Corri para a porta do meu quarto, abri-a e espreitei pelo corredor pouco iluminado. Não havia ninguém à vista, mas ouvi Dorothy se movendo no corredor inferior.

— Você vai trancar a casa esta noite? — eu a chamei do alto das escadas.

— Sim — sua doce voz flutuou até mim. — Estou a caminho da porta da frente agora.

Inclinando-me sobre o corrimão largo, a vislumbrei enquanto se aproximava da porta, mas antes de ela a alcançar, a porta foi empurrada por fora e Irwin cambaleou para dentro. Com o rosto branco de terror, Dorothy virou seus olhos suplicantes em minha direção e não perdi tempo em descer as escadas. Irwin olhou para mim aparentemente sem me reconhecer. Se a mente dele nos tempos da faculdade já era uma via unilateral, agora chegava a ser uma pista estreita, pois parecia que nenhuma outra ideia entrava em seu cérebro a não ser a sua missão em relação à irmã.

— Ei, mana — ele disse ignorando-me como se eu não existisse, e até onde eu sabia, talvez realmente fosse assim para ele —, Ted quer que você venha para o laboratório. Ele quer que eu lhe dê o tratamento das bactérias evolucionárias na presença dele. Ele diz que pode avançar você para o estado dele em muito pouco tempo.

Enquanto Dorothy se afastava de Irwin, ele continuou. — Não vale a pena opormo-nos a ele, Dorothy. Ele está determinado. E na verdade você não sabe a honra que é ser escolhida como companheira e co-governante com alguém que está em posição de dominar o mundo. Você e ele estariam tão à frente do resto da

espécie humana que o reconhecimento de sua autoridade seria imediato. A sua descendência, a família real iria... ora, Dorothy!

Dorothy se balançava com instabilidade. Achei que ela fosse desmaiar, mas ela se recompôs e se virou para mim. Aproximei-me de Irwin e agarrei seu ombro com firmeza.

— Irwin Staley — eu disse duramente —, quer você saiba, quer não não, sou seu velho amigo, Frank Caldwell, e embora você e Ted aparentemente não sejam os mesmos companheiros que eu conheci nos tempos da faculdade, eu permaneço inalterado, e proponho trazer vocês dois de volta ao bom senso. De todas as loucuras que já ouvi, esta marca o clímax!

Durante a minha explosão, Irwin olhou-me mal-humorado e com suspeita desafiadora, mas a última qualidade não era notável em seu comportamento. Para mim, era evidente que ele era um covarde fazendo a vontade de outrem.

De repente, ele colocou uma mão no bolso e rapidamente tirou uma pequena seringa hipodérmica, ao mesmo tempo em que segurava com força o braço de Dorothy. No outro segundo, eu o golpeei no queixo com meu punho e o joguei esparramado pelo chão. Choramingando, ele cambaleou até ficar de pé e eu o agarrei pela gola do casaco.

Esta cena deve ter sido muito angustiante para Dorothy, mas eu não podia poupar os sentimentos de ninguém se quisesse lidar com a determinação deste monstro do futuro.

Voltando-me para a garota, que eu agora sabia que amava ternamente, disse: — Espere por mim, querida, Irwin e eu vamos ver Ted e nós voltaremos.

— Oh, Frank — ela chorou, sua voz trêmula —, temo por você! Por mais corajoso e destemido que seja, o que você pode fazer contra o conhecimento acumulado de séculos?

— Mas não é assim, querida — exclamei alegremente. — Você não vê que não pode ser?! O ambiente deve desempenhar um papel no desenvolvimento futuro da raça, e Ted não tem maior experiência ambiental do que nós tivemos. O corpo físico dele pode ter mudado, mas não exatamente como o nosso mudará, pois a influência atenuante das mudanças ao redor do homem tenderia a suavizar e moderar quaisquer tendências radicais de

desenvolvimento. Estamos todos sujeitos à inexorável lei de causa e efeito que desenvolverá tudo proporcionalmente. Ted é um anacronismo e, em sua condição, ele não tem lugar em nosso mundo, nem agora nem no futuro.

— Acredito que você esteja certo — disse ela, sorrindo em meio às lágrimas.

Quando abri a porta com uma mão e segurei Irwin firmemente com a outra, um inquietante pensamento me ocorreu, e eu disse a Dorothy: — Se eu conseguir, como espero, devolver Ted ao seu antigo estado, a fim de que ele seja realmente o Ted Marston de antigamente, serei culpado de perder você para ele, Dorothy?

Ela se aproximou de mim e colocou uma mão no meu braço. — Não se preocupe com isso, Frank. Acredito que eu mesma também tenha mudado, porque nunca mais poderia amar o Ted. — Chegando perto de mim e colocando seus lábios na minha orelha, ela sussurrou: — E você sabe que não acredito que eu tenha sido exatamente a mesma desde que recebi aquela primeira injeção de germes evolucionários. Poderia ser que... Você acha que...?

— Eu *sei* que sim — ri. — Provavelmente a primeira dose melhorou Ted também, mas ele não soube parar quando ultrapassou o limite que a atual influência ambiental permitiria. Ele ficou embriagado com a sede de poder que ele erroneamente pensa ser seu.

— Eu não diria “erroneamente” — disse Irwin, que havia sido um ouvinte silencioso. — Seu poder é uma coisa terrível

Inclinando-me, beijei Dorothy enquanto ela estava ao meu lado, e em um momento Irwin e eu estávamos do lado de fora na escuridão.

VI

Mantive um aperto firme no braço de Staley, pois não queria que ele escapasse e informasse Ted da minha chegada. Nenhuma palavra foi trocada entre nós enquanto prosseguíamos na direção do laboratório isolado.

Que lugar ideal tinha sido, do ponto de vista deles, para desenvolver seu esquema nefasto. Completamente escondido por

árvores altas e arbustos densos, parecia tão completamente isolado quanto uma ilha deserta.

Sabendo que Ted esperava o retorno de Irwin com sua irmã, permiti que ele entrasse primeiro e o observei pela porta aberta enquanto ele se esgueirava abjetamente para a grande sala que estava brilhantemente iluminada e ocupava a parte frontal do edifício. Para além disto, desta porta alinhada com a entrada em que eu estava, havia uma salinha escura onde poderiam ser vislumbrados os reflexos de fracos de garrafas, tubos de ensaio e vários apetrechos químicos. Estava evidente em cada movimento seu e em seu semblante inseguro que Irwin esperava chegar à outra porta antes que fosse necessário revelar a Ted o fato de Dorothy não estar com ele. Ao pensar nisso, presumo que a ânsia de Ted de ver a menina entrar, bem como sua firme crença de que ela estava com o irmão, permitiram Irwin alcançar a outra porta sem ser molestado, e assim que ele entrou no interior escuro, eu entrei corajosamente na primeira grande e bem iluminada sala.

Digo que entrei audaciosamente. Eu o fizera, mas com esse ato a minha ousadia cessou, pois fui acovardado pelo que vi. Numa almofada na outra extremidade da sala, repousava o que me parecia uma tarântula fosforescente. Enquanto eu olhava com olhos arregalados e boca aberta, percebi que não era da família das aranhas. A parte central circular não era um corpo, mas sim uma cabeça, pois a partir de seu centro brilhavam dois olhos que não piscavam, e abaixo deles estava o rudimento de uma boca. Os apêndices que, à primeira vista, assemelhavam-se a pernas de aranha, percebi serem tentáculos parecidos com cabelos finos que estavam continuamente em movimento como se uma brisa suave passasse por eles.

Quando percebi que a coisa me olhava com aqueles olhos fixos e inexpressivos, tentei invocar a pouca dignidade que conseguia reunir, pois instintivamente senti que aquela forma repulsiva abrigava uma inteligência excepcional. Mas eu nunca havia realizado tarefa mais difícil, e fiquei grato por um momento por não estar em frente à minha turma de Biologia na Universidade.

— Bem, o que você acha da teoria evolucionária bacteriana agora?

Será que o pensamento passara pelo meu cérebro, ou teria uma voz fina e ofegante feito-me a pergunta por intermédio de som? Evidentemente, o som havia desempenhado algum papel, pois enquanto eu olhava para a monstruosidade acolchoada, eu vi que a abertura sob os olhos estava se movendo.

— Você não reconhece seu velho amigo, Ted Marston? — veio a pergunta zombeteira em tons finos e ofegantes. — A lacuna é grande demais para sua consciência débil ultrapassar?

— Deus do céu — gritei alto —, você... Ted Marston!

— O próprio — continuou a voz que, embora fraca, carregava em si uma qualidade imortal de persistência. — Você percebe que enquanto estiver diante de mim você é completamente impotente para fazer qualquer coisa além da minha vontade? Sabia que fui eu que o impedi de entrar no laboratório há uns dias atrás? Que quando a minha mente está concentrada, você não tem vontade própria?

Percebi que o que ele dizia era de fato a verdade. Ele me controlava tão completamente quanto um mestre mecânico controla uma máquina.

Ele continuou, satisfeito com a demonstração de seu poder.

— Evidentemente, você impediu a chegada de Dorothy, mas posso cuidar disso mais tarde. Por ora, surpreenderei sua mente débil com alguns fatos. O rápido crescimento das bactérias evolucionárias reduziu meu corpo a um mínimo eficiente. Os tentáculos que cercam meu corpo ocupam o lugar de todos os antigos cinco sentidos exceto o da visão, e além dos cinco sentidos conhecidos pelo homem em seu estágio de evolução, eu adicionei mais sete, e realmente acredito que mais irão evoluir com o tempo. Estes tentáculos são mais sensíveis do que as antenas de rádio da sua época, e captam ondas de pensamento com pouca ou nenhuma dificuldade.

Nesse momento, Irwin estava visível na soleira da porta mais distante; um ser decrepito completamente privado de sua personalidade. Questionei Marston a respeito dele. A monstruosidade desumana deu uma risada melancólica. — Aqui estamos nós, o triunvirato — e de novo aquele riso sardônico chiou no ar. — Achei Irwin mais fácil de lidar com capacidade mental

diminuída, e acho que tudo o que eu governar deve ser como ele, antes que Dorothy e eu possamos dominar o mundo.

— O seu esquema — gritei horrorizado — é debilitar a mente dos homens e depois governá-los mentalmente como um deus?

— Você é realmente muito inteligente para uma criatura tão baixa — ele zombou. — Eu faria bem em começar por você. Irwin — ele chamou —, preciso de sua ajuda.

Quando ele chamou Irwin, senti seu controle mental sobre mim relaxar e dei um passo em sua direção enquanto Irwin me olhava surpreso. Uma barreira invisível parou-me quase instantaneamente. Ele continuou a manter sua atenção sobre mim, enquanto o homem na sala ao lado se movia aparentemente cumprindo sua ordem de aplicar em mim um tratamento enfraquecedor de mente.

— Você sabe que era uma de suas teorias antigamente, Frank — continuou Ted —, que Deus cumpre Seu propósito por meio da ação do homem. Bem, essa é exatamente a maneira pela qual cumprirei meu propósito, através da humanidade. Mas infelizmente tenho que atrasar a mente da humanidade, pois eu não sou Deus... ainda!

— *Ainda*; seu blasfemador vill! — eu gritei, e depois eu vi! Eu sabia que a única coisa a se fazer era esquecer o que vi na sala ao lado e ocupar toda a atenção do monstro Marston, toda ela! Amaldiçoei-o, ameacei e até tentei violência, e durante todo o tempo, um ser, cuja mentalidade jazia no alvorecer da humanidade, aproximou-se da antessala trazendo nos braços um grande pé-de-cabra.

Conseguiria eu não me trair com um relance de olhos a aproximação do homem de cérebro perturbado?

— Vou desafiá-lo, Marston — gritei —, e vou fazê-lo sozinho, eu... eu... eu... Você entendeu? Sou eu, Frank Caldwell, quem vai se opor ao seu comando.

Uma névoa que se acumulava turvava minha visão, mas, como se vista através de um véu soprado pela brisa, eu vi o produto arcnídeo da evolução elevar-se aparentemente sem suporte e flutuar no ar em minha direção como um polvo inchado na água. Mais um segundo que pareceu uma eternidade e o pé-de-cabra desceu com toda a força bruta do homem por trás dele, e eu sabia

que aquela massa trêmula de carne não poderia mais exercer sua influência maligna sobre a humanidade. Mais alguns golpes e a coisa que fora Ted Marston não mais existia.

Primeira publicação em: *Amazing Stories Quarterly* v.02 n.01, inverno de 1929,
sob o título: “*The Evolutionary Monstrosity*”.

Tradução de **Karla Marina** e **Fabício Corradini**.

O Ciclo do Macaco

Embora o homem tenha feito grandes progressos na emancipação do trabalho penoso de ganhar seu sustento, ele ainda está fortemente acorrentado à escravidão do trabalho. Ele concebeu muitas maneiras de obter mais lazer para o desenvolvimento de suas faculdades internas. Nossa civilização mecânica aumentou enormemente nossas possibilidades de lazer e, como consequência, também enriqueceu grandemente a raça humana ao dar a cada trabalhador uma parcela maior de riqueza em troca de seus serviços do que até então jamais foi possível. Mas é reconhecido por muitos que as possibilidades na civilização mecânica são limitadas. Em outras palavras, ainda existem muitas tarefas que sempre terão que ser realizadas por seres sencientes.

Experimentos com formas inferiores de vida, como o cavalo, o cão, etc., têm sido uniformemente bem-sucedidas em fazer parte do trabalho do homem. Mas um ser mais inteligente é indubitavelmente necessário. Tal ser é encontrado no macaco — a forma de vida que mais se assemelha ao homem. A Sra. Harris toma essa ideia como tema e desenvolve a partir dela uma notável história da tentativa do homem de emancipar-se do trabalho com a ajuda de seu irmão macaco.^[16]

Na tarde de 18 de janeiro de 1930, um trem em uma malha ferroviária de uma ferrovia muito conhecida desacelerou e parou na estação no limite noroeste do Estado de Illinois. Apenas dois passageiros desembarcaram do trem, porém eles possuíam um certo aspecto individual incomum o suficiente para despertar a curiosidade do habitante mais indiferente dessa típica cidade do centro-oeste. O homem estava vestido com adereços de couro e a maioria de sua parafernália estava amarrada em suas costas. Seu rosto, com linhas de expressão como se tivesse tido uma constante exposição aos elementos, era o de um homem na casa dos trinta e poucos. Seus olhos e sua testa disfarçavam sua aparência no geral e eram mais características do erudito e sonhador do que de um aventureiro rude. O outro indivíduo era um pequeno garoto de cerca de nove anos. Ele era uma contraparte em miniatura do homem, sendo evidente que se tratavam de pai e filho.

Naquele instante, parte do pacote do menino, o qual estava preso em suas costas, começou a mover-se violentamente, como se tentasse se desvencilhar, ao que a criança exclamou:

— Pai, Adão está tentando escapar. Quando iremos para casa?

— Não irá demorar, filho, até que possamos deixar Adão e Eva no chão, mas eles terão que ficar presos por enquanto. Mais tarde eles poderão correr por aí, como você verá.

A criança sorriu para o pai e disse: — Não irá demorar até que eles consigam saltar e todos ficarão surpresos, né?

A face do homem foi cruzada por uma sombra.

— Temo que levará muito tempo até que as pessoas se surpreendam — ele respondeu gravemente. Então sua face iluminou-se novamente com uma estranha vivacidade, e ele acrescentou — Mas quando eles realmente acordarem para a realidade do que nós fizemos, a palavra “surpresa” será muito vaga para descrevê-la. Eu te digo, Ray, será a maior coisa que esse mundo já viu.

Naquela noite, abrigados em segurança em uma pequena casa de campo aninhada em meio a um bosque de choupos em formato de sentinela no centro de sua grande propriedade, Daniel Stoddart, tendo satisfatoriamente e confortavelmente arrumado Ray, Adão e Eva para a noite, sentou-se diante da lareira em sua grande sala de estar e sonhou com o futuro... e com o passado.

O fogo se apagou diversas vezes e teve que ser reabastecido, não obstante, Daniel Stoddart continuava sonhando, vivendo em uma retrospectiva dos primeiros anos de sua vida de casado com sua linda esposa, Stella. Ela viera de uma família de profissionais e não estava acostumada com o trabalho necessário para manutenção de uma típica fazenda de Illinois. Mas, ela saiu-se muito bem apesar das adversidades financeiras e sua naturalmente precária saúde.

As condições eram esperançosas, até promissoras, até o nascimento de Ray, do qual Stella nunca conseguiu se recuperar. A ajuda contratada provou-se pouco confiável e insatisfatória, e parecia que, em puro desespero por sua própria impotência, a bela mulher, que aparentemente nascera para coisas melhores, morreu, deixando com seu marido um bebê de apenas um ano e meio.

Durante os cinco anos seguintes, Daniel administrou sua fazenda com qualquer ajuda de fútil e itinerante que pudesse obter de tempos em tempos. Foi durante esses anos de labuta

aparentemente infrutífera que a grande ideia encontrou um alojamento permanente em seu cérebro. Nascera uma crença que o homem e a mulher pudessem libertarem-se do trabalho eterno. E quando a ideia cresceu em sua mente, ele dedicou sua vida à sua realização.

Certa noite, seis anos atrás, ele sentava-se sozinho diante do fogo, exatamente como estava agora. Ray estava na cama, os jornais já lidos. Sem saber como passar o resto de uma noite solitária, Daniel foi até sua estante cheia de livros e examinou preguiçosamente os títulos dos volumes ali contidos. Distraído, ele pegou um livro, abriu-o e olhou casualmente para a página diante de si. O que ele leu capturou sua atenção, e ele virou o livro e observou o título. Era um grande trabalho sobre os antigos egípcios, de Sir Gardner Wilkinson. Daniel virou-o novamente para a página que originalmente havia atraído sua atenção e leu a seguinte frase: “Macacos aparentam ter sido treinados para auxiliar na colheita de frutas, e os egípcios os representam em esculturas entregando figo das árvores para os jardineiros abaixo... Muitos animais foram domesticados no Egito para diversos propósitos — e na região de Jimma, na qual encontra-se ao sul de Abissínia, aos macacos foram ensinadas ainda muitas outras realizações úteis. Entre elas está o de officiar como portadores da tocha em uma ceia; e sentados enfileirados, em um banco elevado, mantinham as luzes acesas até a partida dos convidados, aguardando pacientemente seu próprio repasto como recompensa por seus serviços. Às vezes, um dos macacos treinados falhava em seu dever habitual, e a harmonia da festa era perturbada momentaneamente, especialmente se o macaco indisciplinado jogava sua tocha acesa no meio dos convidados desavisados. Mas a vara e a privação de comida eram a punição do infrator; e é apenas por estes argumentos persuasivos que os símios eram convencidos a desempenhar um ofício tão delicado.

Um grande sonho

Pelo resto da noite, Daniel Stoddart sentou-se diante do fogo. Por sua mente surgiam imagens após imagens de um mundo onde a humanidade estava para sempre livre da escravidão do trabalho.

É verdade que os homens têm essas visões desde o início da civilização. A escravidão das pessoas negras fora uma tentativa de libertar o homem branco das labutas da existência, mas a que preço terrível! Devia haver outra maneira, pensava Stoddart.

Ele vira como a era das máquinas prometia ao homem o cessar de muitos tipos de trabalho que sempre mantiveram milhões de pessoas no trabalho pesado. Mas devia haver algo mais, ele pensou, enquanto estava sentado ali à luz do fogo.

— As máquinas nunca poderiam funcionar sozinhas — ele exclamou. — Sempre terá de haver um homem para controlá-las, e executar outras tarefas domésticas. Mas com a criação cuidadosa e treinamento desses primatas seria diferente. Desde tempos imemoriais, animais menores trabalhavam para os homens e, se tratados com bondade, como melhor podem justificar sua existência e ajudar o homem a atingir o objetivo elevado para a qual ele está destinado? O cavalo, o boi, o camelo, o elefante, o cachorro e outros animais menos inteligentes contribuíram para a emancipação do homem do eterno problema de trabalhar para seu sustento. Por que não o macaco — o que mais se assemelha ao homem? Sua irresistível tendência de “macaco” o homem poderia transformar em diversas coisas úteis. O trabalho escravo era quase satisfatório até que o homem despertou para o erro moral. Contudo, aqui nós lidaremos com macacos, chimpanzés, babuínos e todo aquele ramo de primatas que *não* são humanos, e a objeção moral que justamente aboliu o homem da escravidão não poderá ser levantada.

O resultado daquela noite foi Daniel embrulhando seus pertences, trancando a casa e, com o pequeno Ray, então um garoto de seis anos, partindo para o Oriente Próximo. E então aconteceu que os dois e um amigo, Job Wilhoit, um empresário inglês, encontraram-se nas proximidades do Mar Vermelho.

— É aqui — Job disse a Daniel —, que muitos dos arbustos aromáticos dos quais obtemos nossas especiarias e ervas medicinais são cultivadas.

Ao longo de rios e nas ravinas, depressões e vales, os arbustos que Wilhoit procurava cresciam em abundância. Stoddart estava procurando por alguma coisa. Os arbustos eram de difícil acesso e

os homens perguntavam-se como os índios conseguiram reunir seus produtos para o mercado. Claro que os índios do Oriente eram ágeis, mas, dois aventureiros sabiam que era necessária uma habilidade fora do comum para coletar plantações de algumas das árvores mais altas, pois seus ramos mais densos eram extremamente difíceis de manusear. Os nativos eram particularmente reservados quanto a seus métodos de operação, e nunca permitiram a assistência da mão de obra do homem branco.

Mas um dia, enquanto os homens subiam pela colina, eles olharam para o vale estreito abaixo e pararam com espanto diante da estranha visão que saudou seus olhos.

Alguns nativos caminhavam entre os arbustos e sobre a grama alta, gritando palavras estranhas em sua língua nativa. Isso foi seguido de uma comoção incomum na copa das árvores e, voltando sua atenção para lá, os homens brancos viram centenas de macacos colhendo os frutos e jogando-os para seus mestres lá embaixo. O trabalho era feito com tanta rapidez e eficiência que nossos amigos ficaram fascinados e já anoitecia antes que eles percebessem.

Dan e Job permaneceram na vizinhança dos macacos trabalhadores por vários dias, subsistindo de ervas e raízes, enquanto eles observavam com crescente espanto a surpreendente inteligência exibida pelos macacos. Com frequência eles se divertiam muito com algumas das travessuras dos pequenos animais. Dan lembrava-se particularmente de um macaco travesso que invariavelmente procurava o topo das árvores e sempre cuidava para que sua fruta colhida nunca deixasse de atingir a cabeça de um colega de trabalho em seu caminho para o chão.

Daniel tornou-se cada vez mais entusiasmado com as possibilidades futuras da escravidão de macacos e divulgou seu sonho para Wilhoit. Porém, seu ardor não era compartilhado por Job, que sustentava que uma traição inata impediria esses animais de se tornarem servos em um país civilizado. No entanto, ele não conseguiram convencer Daniel Stoddart a desistir de seu sonho de emancipar o homem das fadigas da vida através da ação do macaco.

Stoddart, Ray e Wilhoit permaneceram no Oriente por quase dois anos. Quando finalmente partiram, levavam consigo, em gaiolas, seis esplêndidos e inteligentes espécimes de macacos. Durante um ano, Daniel e o pequeno Ray foram hóspedes na propriedade do velho Wilhoit em Wiltshire, Inglaterra, onde os dois jovens empreenderam os passos iniciais necessários para a realização de suas esperanças. O resultado foi a criação de alguns símios muito inteligentes, cuja aptidão era nada menos que incrível.

Fora acordado entre Wilhoit e Stoddart que se fosse necessário reabastecer o suprimento dos animais adequados de vez em quando, o primeiro, com seus amplos recursos, voltaria para a Ásia em busca de animais adicionais que ele enviaria para seu amigo na América.

Assim, os dois Stoddarts, agora em casa novamente, tinham com eles dois macacos, um macho e uma fêmea, que Daniel destinou serem o Adão e Eva de uma futura raça de servos-escravos. Eles deveriam fazer da existência do homem na Terra um paraíso, livrando-o dos deveres desagradáveis que sempre o mantiveram em cativeiro.

Daniel foi surpreendido ao saber, logo após sua segunda viagem para o leste, que Job havia se casado e levado sua esposa com ele. E antes da terceira e última viagem de Job Wilhoit, os Stoddarts receberam o anúncio do nascimento de uma garotinha. O jovem Wilhoit, no entanto, nunca retornou para sua esposa e filha. Qual havia sido seu destino, ninguém sabia. A última coisa que ouviram falar sobre o mesmo, foi quando ele saía de Kabinda, na África Ocidental, para uma expedição de caça aos macacos no interior.

Ao amanhecer, Daniel Stoddart levantou-se de sua cadeira e saudou o dia com palavras de determinação: — Vou me dedicar à criação e treinamento de símios; cada tipo para um tipo específico de trabalho, conforme as características correspondentes ao tamanho e a inteligência do animal. Tenho em mente o desenvolvimento final do *macaco-servo perfeito*.

Capítulo II: Os novos serventes

Como Emerson dissera: “Tudo é impossível até nós vermos o sucesso”. Assim, os dois Stoddart realizaram o quase impossível, parecia não haver dúvida. As provas do sucesso de seu empreendimento durante os doze anos seguintes ficaram confinadas à sua fazenda em Illinois. Mas com a rápida aproximação às fronteiras de seu local de trabalho pelas casas suburbanas, Daniel e Ray decidiram procurar um território mais isolado onde pudessem evitar a invasão da civilização até que estivessem prontos para divulgar seu segredo.

Um dia, os dois estavam na varanda da frente e ouviram ao longe o som de escavadeiras trabalhando em uma rodovia que iria passar por suas terras.

— Com sua educação concluída na Universidade de Illinois — disse o homem mais velho —, é hora de continuarmos nosso trabalho em outro lugar. Devemos ficar longe dos olhares indiscretos dos vizinhos.

— Mas, pai — protestou Ray —, não chegou a hora de nós provarmos o mérito do nosso “produto incomum”, e comercializar nossos macacos em todo país?

Daniel Stoddart colocou a mão no ombro largo de seu filho.

— Meu rapaz — disse ele com tristeza —, temo que eu não esteja destinado a ver essa época. Você conhece o velho ditado: “Roma não foi construída em um dia”. Requer infinita paciência para alcançar resultados visíveis e tangíveis no campo da evolução. Você verá em seu tempo o início da emancipação do homem, mas mesmo para você e seus filhos o grande dia não chegará tão em breve. Você e eu passaremos adiante cientes do fato de que nós apenas lançamos as bases para a grande superestrutura da liberdade da humanidade.

Os dois homens contemplaram amplos e férteis hectares da fazenda Stoddart, isolados do lado de fora por um muro arbóreo de choupos plantados próximos. Em todos os lugares havia evidências visíveis do cuidado científico necessário para uma cooperação perfeita com a lei natural. Sim, os dois Stoddarts prosperaram durante os anos desde seu retorno para casa naquele dia de inverno em 1930.

O som de um cortador de grama se aproximando pela lateral da casa chamou a atenção dos dois homens. Estava sendo operado e guiado por um gorila, uma caricatura da forma humana. O animal caminhava extraordinariamente ereto e, com sua força prodigiosa, manejava o carregador de grama com a mesma facilidade com que se se tratasse de um brinquedo, guiando-o com cuidadosa precisão. Ao avistar os dois homens na varanda, mostrou os dentes no que poderia ser interpretado como um sorriso de reconhecimento, embora não tenha sido retribuído pelos dois mestres.

— Beta está quase digno de seu peso em ouro — observou o jovem Stoddart, enquanto o grande macaco desaparecia através do lado da casa no corredor de retorno. — Não apenas ele desempenha suas tarefas bem, como também está mostrando grande habilidade em fiscalizar os trabalhos dos demais. Mais algumas supervisões dele e as habilidades do Alfa e, você e eu poderemos nos aposentar e nos tornar meras figuras representativas.

— Difícilmente isso — respondeu o homem mais velho com um sorriso —, não consigo imaginar o dia em que o cérebro do homem não continue a ser o fator principal em todas as conquistas humanas.

— O cérebro do homem fez a roda girar — comentou seu filho — mas o impulso continuará.

— Uma espécie de movimento perpétuo, então? — inquiriu o outro. — Eu declaro, meu filho, que seu entusiasmo excede o meu.

Um babuíno apareceu, arrastando uma mangueira até a varanda. Ao pé da escada, ele depositou seu fardo, subiu rapidamente os degraus e começou a carregar os móveis da varanda até uma extremidade. Feito isso, desceu agilmente, pegou a mangueira, estudou o bocal por um minuto como se estivesse um pouco confuso, depois correu até o hidrante e abriu a torneira. Ao pegar a mangueira mais uma vez, seus pequenos olhos redondos voltaram-se maliciosamente para os dois homens parados nos degraus. Ele trouxe o fluxo de água muito perto dos pés de seus donos, pensou melhor sobre sua inclinação maldosa, passou pelos dois e começou a lavar a varanda empoeirada.

— Kappa ficará brincalhão demais para o seu próprio bem algum dia — comentou Ray.

Naquele exato momento, um pequeno macaco apareceu na porta de entrada e fez barulhos para chamar atenção.

— Vá pegar o correio, Bedelia — ordenou Daniel.

O símio saiu da casa, lançou um olhar aparentemente desdenhoso na direção de Kappa, desceu as escadas e começou a andar a passos largos pela calçada. Os dois homens viraram-se para entrar na casa quando um grito gorgolejante, seguido imediatamente por uma comoção de ruídos incomum, os manteve no local. Bedelia estava sendo alvo da água da mangueira, empunhada nas mãos hábeis de Kappa, que pulava de alegria.

— Outro caso de atavismo — comentou Daniel, esforçando-se para reprimir um sorriso. — Aqui, jovem patife, largue essa mangueira!

Um silêncio estranho

Antes que qualquer um dos Stoddarts pudesse impor a obediência do recalcitrante Kappa, uma enorme pata se ergueu de baixo da grade da varanda, agarrou o infeliz macaco e desferiu no pequeno animal aterrorizado um golpe tão grande que ele caiu no chão.

— Ei, Beta! — resmungou Ray saltando para frente. — Esse não é o jeito que se faz as coisas! Você me ouviu? Eu atenderei a Kappa. Não, não!

O gorila piscou surpreso com a explosão de Ray, então se virou e recuou para o cortador de grama com o orgulho ferido aparente em cada movimento. Com uma carranca perplexa, baixou as sobrelanceiras salientes sob sua testa recuada.

Bedelia foi até a casa em busca de uma toalha, e os dois homens carregaram o Kappa ferido para dentro, onde prestaram os primeiros socorros. Mas vários dias se passaram antes que o jovem babuíno pudesse cumprir com suas obrigações programadas.

Daniel recebeu a carta oferecida a ele por Bedelia uma hora depois. Era datada de Nova Iorque e discorria a seguinte mensagem:

Meu caro Senhor Stoddart:

Minha filha Melva e eu chegamos à América anteontem. Estivemos tão ocupadas apreciando os pontos turísticos desta cidade maravilhosa que esqueci de lhe escrever anteriormente sobre nossa intenção de visitar você e seu filho na “fazenda dos macacos”, como Job sempre a chamou. Desde o desaparecimento de meu marido, meu sucesso com os poucos macacos que tínhamos na propriedade tem sido miserável. Melva e eu não parecemos empregar o tipo de disciplina necessária para manter os animais em sujeição. Gostaríamos muito de poder estudar seus métodos por alguns dias durante nossa estada em seu maravilhoso país.

Margaret E. Wilhoit.

Daniel entregou a carta a Ray em resposta ao olhar de indagação deste último, e quando ele terminou de lê-la, o pai sugeriu: — Mandaremos um telegrama para que elas encontrem um de nós em Chicago. Será muito mais fácil para elas do que encontrar o caminho até aqui, no sertão. Você pode providenciar isso, Ray? Você pode poupar-se por um tempo. Os gêmeos nascidos de Ômega no domingo passado serão os últimos a chegar por algum tempo. Ficarei de olho em Alfa e tenho certeza que as coisas irão correr bem.

Foi com agradável expectativa que Ray pensou em conhecer a esposa e a filha do antigo amigo de seu pai. Ele se lembrava de Job Wilhoit muito distintamente, embora não o tivesse visto desde que ele próprio tinha nove anos. Wilhoit era um homem mais jovem que o pai de Ray e, na época em que o conheceu, estava casado há cerca de sete anos. Ray imaginou que a filha ainda não tivesse vinte anos.

O encontro foi agradável para todos. Mãe e filha, embora possuíssem a característica reserva inglesa, se mostraram amigáveis e divertidas, e mostraram um intenso interesse na descrição de Ray sobre o desenvolvimento do trabalho dos macacos. Os cachos castanhos curtos de Melva, seu sorriso fácil e o humor astuto podiam não parecer de imediato como características de uma jovem séria, mas Ray não demorou a

descobrir que essa encantadora moça inglesa tinha lados mais profundos em sua natureza.

A viagem para a fazenda terminou cedo demais para os dois jovens, mas a Sra. Wilhoit estava completamente cansada após a longa viagem para o oeste e desejava descansar alguns dias.

— Estranho, meu pai não está na estação com o carro — exclamou Ray enquanto desciam e examinavam a plataforma. — Ele sabia quando iríamos chegar. Senhoras, sentem-se e esperem por um momento. Vou usar o telefone.

Ele prontamente retornou com um ar perturbado e preocupado, passou-se um tempo até dizer algo.

— Eu não consegui contatar meu pai pelo telefone

— Talvez ele esteja a uma distância considerável da casa — sugeriu a Sra. Wilhoit.

— Não, o telefone foi atendido por Alfa

— E quem seria Alfa? — perguntou Melva. — Que nome peculiar. É a letra grega para “A”.

— Sim — respondeu Ray distraidamente — Alfa é o A, e nº. 1, neste caso. Ele é nosso macaco mais inteligente. Ele supervisiona o funcionamento de nossa casa semana após semana, com quase nenhuma interferência de meu pai ou minha. Rotina e hábito, é claro, incutidos nele por gerações de treinamento altamente especializado. Ele é uma grande e importante engrenagem nesta organização do trabalho dos macacos. Ele quase fala, mas sua articulação é muito peculiar. Só meu pai e eu podemos entendê-lo, mas fazer isso não é mais um esforço de imaginação, tenho certeza, do que o mesmo exercido por muitas mães afetuosas sobre os primeiros esforços de sua prole balbuciente.

— Que interessante! — exaltou Melva. — Quão longe você e seu pai progrediram na realização de seu sonho! Eu acho que nem mesmo meu pobre pai percebeu as possibilidades de forma tão extensa.

— Seu pai era um explorador e aventureiro, Melva — explicou a mãe. — Ele não tinha uma mentalidade científica. Capturar macacos era emoção suficiente para ele, independentemente de que eles ou seus descendentes estivessem destinados a eventualmente tornarem-se humanos ou meros artistas de circo treinados.

— “Eventualmente humanos!”, ora, mamãe, que sacrilégio! — exclamou Melva, com uma carranca franzindo sua linda fronte. — É claro que eles não podem se tornar humanos. Eles não têm alma!

— Em que ponto do processo da evolução a alma aparece? — perguntou a Sra. Wilhoit com um sorriso de lado para Ray.

— Bem, tudo o que tenho a dizer — continuou Melva, aparentemente entristecida —, é que, se algum dia eles se tornarem humanos, não podemos mais permitir que trabalhem para nós. Isso seria escravidão.

Capítulo III: A tragédia

Ray sorriu gravemente, mas havia um brilho em seus olhos: — Com a primeira aparição de uma alma, Srta. Wilhoit, pagar-lhe-emos salários e eles ficarão satisfeitos.

O táxi deixou seus passageiros do lado de fora da fileira de majestosos choupos.

— Que ampla proteção eles oferecem contra olhares indiscretos! — observou a Sra. Wilhoit quando os três adentraram o terreno.

— Sim, nosso isolamento tem sido tudo que poderíamos desejar — respondeu o jovem. — É claro que, ao longo dos anos, vazou que temos animais que estamos treinando, mas ninguém sonha que nossas ambições vão além dos limites do picadeiro.

Quando os três se aproximaram da casa, avistaram Bedelia colhendo rosas dos arbustos ao lado da varanda. As mulheres a observavam com intenso interesse. A seleção do símio foi perfeita. Ela escolheu apenas aquelas que estavam no auge de sua beleza. Finalmente, quando seu buquê assumiu amplas proporções, ela enterrou seu nariz chato e feio nele e agilmente subiu os degraus e entrou pela porta aberta.

— Ela saberá o que fazer com eles? — questionou Malva.

— Espere para ver — foi a resposta de Ray, mas sua mente não estava em Bedelia. — Venham e sentem-se, senhoras, eu vou buscar meu pai.

As duas sentaram-se na sala organizada e imaculadamente limpa. Examinaram com interesse seus móveis de excelente qualidade, mas de antiga geração; pufes, as armações nas costas

das cadeiras e os longos espelhos ornamentados com flores de cera sob cúpulas de vidro.

— Talvez os macacos gostem dessas coisas — sussurrou Melva com uma risadinha contida.

— Silêncio, criança — repreendeu a mãe —, estes dois homens têm mais com o que ocupar a mente do que acompanhar os estilos modernos de mobília doméstica. Veja aquela pitoresca representação em porcelana daqueles três macacos, com as patas sobre os olhos, orelhas e boca, admoestando o observador para não ver, ouvir e não falar mal.

Um tamborilar de pés minúsculos chamou a atenção de ambas as visitantes para a porta que dava para o corredor. Bedelia se aproximava, erguendo triunfantemente seu buquê de rosas em um vaso com água. Ela o colocou cuidadosamente sobre uma pequena mesa perto de Melva.

— Venha aqui, macaquinha — disse Melva, estendendo as mãos convidativamente. Bedelia hesitou, então se aproximou lentamente, seus olhinhos movendo-se continuamente entre as duas estranhas. Para sua surpresa absoluta, ela pulou no colo de Melva e aninhou-se perto de seu ombro, ocasionalmente observando seu rosto para ver se sua ação era aprovada. Ela apalpou os babados e enfeites do vestido de Melva e examinou seus adornos minuciosamente, então, em meio as gargalhadas das mulheres, ela tirou o chapéu de Melva da cabeça e o colocou sobre a dela, onde quase tocava seus ombros.

— Se ela tem as pulgas que nossos macacos costumam ter, aconselho você a não deixar ela ficar com em seu colo — riu a Sra. Wilhoit.

Uma sombra recaiu sobre a cena alegre no salão e mãe e filha ergueram os olhos apreensivamente. Parado na porta, a cabeça quase tocando o lintel, estava o maior e mais feio macaco que elas já haviam visto. Mas, é estranho dizer, sua extrema falta de atratividade resultava não tanto de traços símios característicos, mas do fato de simplesmente escapar da humana em aparência. A inclinação da testa ao queixo era bem menos marcada, o nariz sugeria uma ponte e nos olhos proporcionalmente pequenos havia um olhar de espantosa inteligência.

Este “elo perdido”, como as duas mulheres inconscientemente o chamavam, era possuidor de uma força prodigiosa; pois mesmo através das roupas que ele usava, elas podiam ver o conjunto de grandes músculos em seus braços e ombros. De seu maciço tronco erguia-se seu pescoço grosso e peludo, um pilar de força, sustentando a cabeça que os paleontólogos poderiam ter facilmente construído com o crânio do famoso homem de *Pitldown*, descoberto na Inglaterra. As mãos, longas e peludas, moviam-se com inquieta energia pelos botões do casaco.

Se alguma das duas estranhas na casa estivesse menos acostumadas com macacos de todos os tamanhos e descrições, provavelmente teriam desmaiado na hora; mas, embora sua experiência os tivesse familiarizado com uma diversidade de tipos, elas nunca tinham presenciado uma criatura tal qual a que agora estava diante delas.

Um comando gutural evocou uma resposta imediata da macaca menor, que escorregou discretamente do colo de Melva e desapareceu pela porta. Mas a grande massa do recém-chegado não se mexeu. Em vez disso, ele estava olhando fixamente para Melva, e havia algo em seu rosto bestial, muito inteligente, que aterrorizou os corações de ambas as mulheres. Melva sentiu calafrios subindo e descendo por sua espinha, e quando ela abriu a boca para gritar, nenhum som saiu.

O grande macaco, percebendo o susto das duas na sala, caminhou lentamente para a frente, e suas expressões faciais evidenciaram claramente o desenvolvimento de determinados pequenos músculos que haviam sido totalmente atrofiados em seus ancestrais algumas gerações atrás.

Foi a Sra. Wilhoit quem finalmente falou, sua voz rouca de medo: — Ray... Sr. Stoddart... onde estão vocês?

Reflexo

A criatura parecida com um gorila interrompeu seu avanço furtivo ao som de sua voz e olhou para o corredor e a escada. Um leve farfalhar e o som de passos se aproximando rapidamente eram sons bem-vindos às visitantes. Em um momento, Ray apareceu, mas um homem muito mudado. Seu rosto estava pálido, seus

modos completamente abatidos. Ele entrou na sala como quem caminha em um pesadelo, mal ciente dos três ocupantes.

— Por que... o que aconteceu, Sr. Stoddart? — gritou Melva correndo em sua direção.

Ele afundou em uma cadeira e olhou por um momento com olhos cegos; então, repentinamente consciente do que o cercava, ele olhou para o grande gorila.

— Alfa, o que você sabe sobre Dan? — ele exigiu imperiosamente.

— Dan. Embora — grunhiu a besta em uma estranha língua gutural.

— É... seu... seu pai...? — soluçou a Sra. Wilhoit.

— Sim, morto — disse o homem com uma voz sem emoção —, morto sem marcas de violência sobre ele. Deve ter sido seu coração, mas por quê...

Melva observava Alfa secretamente. A grande besta desviava seus olhos de um para o outro do grupo.

— Você mandará Alfa embora? — sussurrou Melva.

— Prepare os legumes para o jantar — disse Ray peremptoriamente. O animal cambaleou em direção à cozinha.

— Sabe, eu detesto aquele bruto! — Melva exclamou depois que a porta da cozinha se fechou sobre seu enorme volume. — O acho terrível... Uma caricatura da humanidade no seu pior.

Ray pensou por um momento antes de responder cansado: — O que mais se pode esperar? O fim, porém, justifica os meios. A inteligência desta caricatura e de outros como ele libertará a humanidade do trabalho penoso. Embora meu pai esteja morto, tenho certeza que através das mãos de algum deles, devo continuar. Onde macacos são empregados, as tarefas domésticas de homens e mulheres serão realizadas quase sem supervisão. Pense no que significa para nós, sermos livres para voltar nossas atenções para as coisas superiores da vida! — sua voz se elevou extasiada.

— Se houver muitos mais como Alfa, restará algum de nós para considerar “as coisas superiores da vida”? — Melva perguntou, tentando desviar sua mente da tragédia.

— O que você quer dizer com isso? — Ray questionou, sua voz aguda com uma nota repentina de alarme. Era evidente que ele estava terrivelmente perturbado.

— Simplesmente isso — a garota respondeu uniformemente. — Alfa assassinou seu pai e você deve reconhecer a verdade. Por que você não encara a situação e admite que o seu servo perfeito, que evita o cansaço físico, possui peculiaridades mentais que o tornaram um assassino?

— Mas eu o interroguei — respondeu Ray —, e ele disse que encontrou meu pai morto.

— Então por que ele o deixou para descobrir a tragédia sozinho, em vez de informá-lo do fato de imediato? — persistiu a Sra. Wilhoit.

— Os gorilas não podem matar sem deixar para trás as marcas reveladoras de sua violência — disse Ray.

— Nem mesmo gorilas excepcionalmente inteligentes? — perguntou Melva.

— Nem mesmo aqueles que são excepcionalmente inteligentes, Melva — respondeu Ray gravemente —, pois sua inteligência está toda concentrada no campo direto de seu trabalho específico. Eles são exagerados, especialistas. Fora dos cuidados desta casa, Alfa é um idiota.

— Eu não teria tanta certeza, meu querido — disse a mulher mais velha balançando a cabeça tristemente.

— No entanto — respondeu o jovem —, muitos anos neste trabalho me deixam razoavelmente certo de que sei do que estou falando.

— De fato, esperamos que você esteja certo, Ray — disse Melva. — Nós... nós sentimos muito por sua perda.

A traição de Alfa

Durante três meses após o falecimento do velho Stoddart, a Sra. Wilhoit e Melva viajaram pelos estados do oeste, retornando a Illinois para se despedir de Ray. Elas o encontraram triste e solitário, mas discretamente determinado a continuar o trabalho que seu pai lhe legara.

Uma noite, alguns dias antes da data marcada para a partida das visitantes, Melva e Ray procuraram a alameda protegida pelos choupos. Fora um dia interessante. Ray estava instruindo dois babuínos especializados em linhas mecânicas na operação de um novo implemento agrícola. Os babuínos provaram ser alunos muito competentes e, antes que o dia acabasse, Ray estava convencido de que, dali em diante, o cuidado e a operação daquela máquina ou qualquer outra parecida poderia ser inteiramente entregue aos dois. Melva ensinou a quatro macacos muito jovens os nomes e os diferentes usos de todos os pratos e talheres. Eles o haviam jogado como um jogo e os macacos sempre o consideravam como tal. Como seus pais, que, por gerações trabalharam nas mesas, os jovens assumiram a tarefa tal qual diz o provérbio, como sapos na lagoa.

— Sabe, Ray — confidenciou Melva —, por algum tempo eu perdi a visão que nossos pais tinham da verdadeira grandeza deste projeto. Mas ultimamente tenho captado um pouco do seu entusiasmo quando vejo o que é realizado aqui sem a ajuda de mãos humanas. O que o homem poderá conquistar quando, desimpedido das tarefas sórdidas e monótonas da vida cotidiana, ele tiver a liberdade de buscar a ciência e a arte até o limite?

— Estou à procura de algum jovem rapaz que esteja inclinado a compartilhar meu entusiasmo — disse Ray com um olhar curioso para o rosto de sua companheira. — Vou para o oeste, para o deserto, onde há possibilidades ilimitadas de crescimento e em um clima mais saudável para os macacos, irei discretamente revolucionar o trabalho da humanidade. Pense na hora, Melva, em que poderei dizer que “o dia da emancipação do homem chegou!”

Melva ficou em silêncio. Seu ardor anterior parecia tê-la abandonado.

— Qual é o problema? — seu companheiro perguntou. — Você não acredita que as perspectivas deste empreendimento exigem um campo de trabalho maior e que eu deveria ter um sócio para me ajudar?

— Sim, de fato — disse a garota em solenidade simulada. — Eu aprovo o deserto, o clima e um colega de trabalho entusiasmado neste esquema, mas por que ele tem que ser um jovem rapaz?

— Bom, veja bem — falou Ray, olhando para longe —, um homem mais velho como meu pai poderia....

Houve um grito repentino. Ray virou a cabeça para ver Melva sendo agarrada por trás dos choupos e arbustos que margeavam o caminho e através da escuridão ele viu que ela estava sendo carregada, aparentemente inconsciente, nos braços de Alfa. Ray começou a persegui-lo imediatamente, gritando o nome do gorila em tom imperioso. Nunca antes Alfa o havia desafiado tanto. Com a distância entre eles aumentando rapidamente, Ray mal conseguia detectar na escuridão os ombros largos da fera. Ele notou a costura leve do vestido de Melva flutuando no ar e deduziu que Alfa havia mudado sua carga para facilitar sua fuga.

Como Ray suspeitava, Alfa estava se dirigindo para as casas dos macacos nos fundos da propriedade. O grande macaco não possuía perspicácia mental para procurar um esconderijo. Ray estava certo em sua afirmação anterior de que a especialização de Alfa o tornara um tolo em outras linhas. O macaco estava agora procurando os aposentos de sua companheira.

Quando Ray chegou aos prédios externos que abrigavam os macacos, estava bastante escuro e, ao se aproximar, viu uma luz acesa, apenas para ser imediatamente apagada. Havia muita confusão e tagarelice lá dentro. Quando Ray finalmente entrou pela porta, ele não viu nada de Alfa nem de Melva, mas um grupo formado por gorilas, babuínos, chimpanzés, orangotangos e alguns macacos sem cauda que formaram um anel em torno de algum objeto. Ray se apressou, empurrando os macacos curiosos rudemente para o lado. Deitado de bruços e inerte jazia a forma de Beta. Ray soube pelos espectadores que ele havia sido morto por Alfa quando ousou interferir com o macaco predador. Beta fora esganado até a morte. As marcas em seu pescoço eram claramente evidentes.

— Alfa não pode matar e ainda assim não deixar marcas — disse Ray em voz alta, como se para se livrar de uma dúvida eterna.

Mas agora não era hora para reflexões ociosas. Deixando os aposentos dos macacos menores, ele forçou uma passagem apressada para os fundos do prédio. E então um som como ele nunca tinha ouvido em todos os anos de seu trabalho entre aqueles

animais chegou a seus ouvidos; gritos estridentes e penetrantes, e um baque profundo, como distantes batidas de um tambor africano. Instintivamente, ele sabia que era o som de um gorila partindo para a batalha. Antes mesmo que ele pudesse alcançar a porta, as batidas cessaram e foram rapidamente substituídas pelo impacto de corpos enormes em conflito.

Ele abriu a porta e uma visão incrível o recebeu, mas foi algo que fez seu coração pular de alegria. Melva ficou sob a janela alta olhando com olhos aterrorizados para o que deve ter sido um drama muito rápido. No chão estava Alfa, que, curiosamente, estava na mesma postura de Beta, sua vítima de poucos minutos antes.

Com um grito de alegria, Melva correu para o lado de Ray no momento em que a furiosa gorila fêmea se virou da forma prostrada de seu companheiro morto.

— Ômega! — disse Ray em tons severos. — O que foi que você fez?

A fêmea voltou seus olhos cheios de ódio para Melva, que provavelmente teria sido a próxima vítima, se não fosse a presença do mestre. Ray deu um passo em direção à macaca que recuou timidamente. Desejando impressionar este servo neste momento crítico com a lição desejada, Ray acariciou o cabelo de Melva, deu um tapinha em seu ombro e disse: — Boa Melva, boa Melva — em seguida, movendo-se em direção à carcaça do gorila morto, ele o chutou e disse: — Alfa mau!

Ômega compreendeu e apreciou a instrução moral que estava recebendo, pois o ódio fulminante morreu em seus olhos e, imitando seu mestre Ray, ela chutou o corpo de seu companheiro e então, apesar da repulsa de Melva, acariciou o cabelo da garota e deu um tapinha em seu ombro.

Melva suportou bravamente, simplesmente pela lição moral que seria extraída daquilo. Ela sorriu para o rosto sério de seu companheiro, cuja aparência evidenciava o nascimento de uma nova ideia.

— A perda de Alfa e Beta será um revés temporário para o empreendimento da fazenda de macacos, mas tenho uma ideia — exclamou ele com entusiasmo juvenil. — Esses macacos devem se acostumar com a presença de uma mulher em seu meio como co-

governante comigo. Perdoe minha estupidez, querida, agora vejo por que não quero um homem, jovem ou velho, como meu parceiro neste projeto de deserto... porque eu quero... você.

— Foi preciso uma série de circunstâncias bastante violentas para convencê-lo — a garota protestou —, e não tenho certeza se um jovem seria o melhor para você, afinal. Eu odiei que a proposta tenha sido em uma casa de macacos! Na alameda próxima aos álamos teria sido muito mais romântica!

Ele riu e a agarrou em um abraço apertado. — Você não precisa me responder agora, querida Melva. Espere até voltarmos à alameda próxima aos álamos.

Capítulo IV: Uma questão moral

Três séculos é um tempo curto, geologicamente falando, e a Natureza, por meio da ação dos elementos, pouco realiza durante esse período; mas dê ao Homem trezentos anos para mudar seu ambiente e ele realizará maravilhas. Grande como foi a mudança na América do Norte desde o desembarque dos Peregrinos até o estabelecimento da primeira fazenda de macacos em grande escala ao sul do Vale da Morte, foi infinitesimal em comparação com a transição da velha ordem de trabalho para a nova.

Durante a vida dos primeiros pioneiros do deserto, Ray Stoddart e sua esposa, a antiga Melva Wilhoit, pouca atenção pública fora dada a relatos ocasionais de jornais sobre uma “fazenda de macacos”. Mas, apesar do ridículo de muitos, os anos provaram que o homem finalmente percebeu por si mesmo um servo inteligente para o desempenho daquelas tarefas enfadonhas que sempre o acorrentaram à Terra. Assim como na vida do indivíduo, muitos atos conscientes são gradualmente relegados à supervisão da mente subconsciente, assim os deveres outrora recaídos sobre o homem foram entregues aos macacos menos inteligentes, libertando o próprio homem.

Wilhoit Stoddart, o atual proprietário da “fazenda de macacos” original, ao sul do que já fora o Vale da Morte, era um descendente direto de Ray e Melva Stoddart. Macacos criados por seus ancestrais e por ele mesmo realizavam o trabalho manual em todos os países civilizados do globo. Esse trabalho no ano de 2216

consistia principalmente no cuidado de maquinaria; não apenas sua operação mecânica, mas também sua produção. E, como sempre se provou ser o caso entre os homens, o mesmo acontecia entre os macacos inteligentes: alguns eram mais capazes do que outros e mostravam uma aptidão para aprender surpreendente. É claro que o desenvolvimento do ciclo dos macacos não ocorreu por si mesmo pela evolução inconsciente. Fora o filho de Ray Stoddart quem percebeu que o desenvolvimento evolutivo dos macacos deveria ser acelerado. E assim, entregando a gestão real de sua propriedade aos supervisores, ele se enterrou em seus laboratórios biológicos. Fora um jovem vigoroso que entrou no laboratório pela primeira vez. Mas foi um velho, curvado, mas gloriosamente triunfante, que emergiu trinta anos depois com o segredo! Fazendo extratos das glândulas conhecidas dos seres humanos e descobrindo algumas por si mesmo, ele foi capaz de obter de forma concentrada a substância vital que controlava o crescimento mental da raça. Seu próximo passo foi testá-lo em seus macacos.

Seu primeiro sucesso fora fenomenal, mas ele morreu antes que pudesse ampliá-lo e seu filho foi deixado para continuá-lo. Foi descoberto pelo neto de Ray Stoddart que, pela aplicação de extratos de glândulas em macacos, agora seria possível transmitir características de qualquer tipo desejado e também desenvolver os órgãos da fala nos animais. Desta forma, jardineiros, empregados domésticos, motoristas, mecânicos, todos foram criados como resultado de um extrato definitivo. Famílias de macacos, portanto, tornaram-se especializadas, e os homens tornaram um negócio criar estes servos especializados para venda ao público em geral.

— Eu admito — exclamou Wilhoit para sua mãe um dia, enquanto desfrutavam do ar puro de sua casa no Oeste. — Às vezes acho que Rex, nosso superintendente local, mostra mais inteligência do que alguns seres humanos.

— Bem, você sabe — respondeu sua mãe —, acho que há muitas pessoas que ainda deveriam trabalhar como os macacos. A menos que um homem esteja mentalmente pronto para a emancipação, ele se deteriora em vez de progredir. Tem sido sempre assim. Parece que nem todas as pessoas suportam a

prosperidade e o lazer que a acompanha. Tome Hayes Suiter por exemplo.

— Há algo me preocupando — ponderou Wilhoit, pensativo —, e é melhor eu lhe contar agora, aproveitando que estamos no assunto. Há uma questão moral que surgiu sobre se devemos manter os macacos em servidão.

Sua mãe ficou chocada e surpresa. — Uma questão moral, filho? Mas eles são feras. Certamente...

Wilhoit se inclinou para a frente em sua cadeira e sua voz veio com um tom de admiração. — Eles são mais do que feras. Nós os fizemos assim.

— Salve, Abraham Lincoln! — disse uma voz zombeteira à porta. — Não seria uma piada se o descendente dos ilustres Stoddarts, que deram ao homem sua liberdade da labuta, o devolvesse a esse estado por meio de um senso equivocado de filantropia? Uma bela civilização ficaria uma bagunça, devo dizer!

— Oh! Olá, Hayes — exclamou o jovem Stoddart sem virar a cabeça. Mas a Sra. Stoddart olhou para o rosto indolente do recém-chegado.

— Eu acho que você julgou Wilhoit mal — ela disse calmamente. — Ele não tem intenção de libertar os macacos *pois eles são* bestas sem alma. Não são, meu garoto?

Wilhoit estava se divertindo imensamente. Aproximou-se um pouco da cadeira em que Suiter se acomodara despreocupadamente e fixou os olhos no recém-chegado. — Não tenho tanta certeza sobre esse negócio da alma e de onde vem a linha divisória. Se um homem preguiçoso tem alma, acredito que um macaco trabalhador também tem.

— Oh, Wilhoit — exclamou sua mãe com espanto chocado. — Se isso for verdade, nosso sistema está totalmente errado e deveríamos reorganizar toda a nossa vida econômica e, nesse caso, nossa civilização.

— Sim, de fato — disse Hayes —, e as velhas controvérsias sobre capital e trabalho reapareceriam. Desculpe-me por ser franco, mas nenhuma pessoa em sã consciência sugeriria tal coisa. Assim que o mundo começou a gozar a vida, surge um agitador e perturba-a novamente. *Bah!*

— Sim — disse Wilhoit imperturbável —, houveram muitos agitadores conhecidos na história. Eles sacudiram a civilização de sua complacência. Lutas e turbulências seguiram seu rastro, mas agora o mundo tem estado melhor por sua interferência.

Hayes Suiter levantou-se e fez uma reverência com uma fingida cortesia. — Sra. Stoddart, devemos homenagear este suposto salvador e emancipador dos macacos. Ele não é maravilhoso?

Sinais de rebelião

A mulher ignorou o sarcasmo do rapaz e continuou a encarar o filho com um semblante perturbado. Este último caminhou para um lado da sala que estava ocupado pela tela da televisão e pelo rádio, mas não houve resposta à sua pressão no botão.

— Este é o quarto dia — ele comentou irritado —, que não temos notícias do mundo exterior. Nem Rex, nem Vance (o eletricista macaco) foram capazes de localizar o problema.

— Eu o convidaria para usar o nosso dispositivo — disse Suiter com civilidade forçada —, mas não temos contato com o leste pelo mesmo período de tempo.

Pouco depois, passos leves avisaram os três da aproximação de alguém. Aparecendo, viram que se tratava de uma vizinha, Sylvia Danforth. As faces dos rapazes iluminaram-se com a aproximação da garota e Hayes correu para encontrá-la. Mas sem nenhuma grosseria aparente, ela o evitou e sorriu para os olhos acolhedores de Wilhoit

— Não gosto de ser o portador de más notícias, Wilhoit — a garota disse um pouco pesarosa —, mas meu pai teve problemas novamente com seu supervisor macaco, Felix. Tem sido uma coisa atrás da outra, de trapaça dissimulada até o desafio aberto, mas a fuga de hoje encerra o clímax!

— Seu pai é muito sensível com seus macacos, Sylvia — disse Hayes sorrindo desagradavelmente. — Um pouco de punição corporal ajuda muito.

— O que Félix fez? — perguntou Wilhoit rapidamente.

— Você vai se perguntar como as coisas podem ter ficado tão perturbadas em um mundo outrora organizado — respondeu a menina miseravelmente —, mas Félix deixou o aparelho de

transmissão de rádio em pedaços e atacou meu pai com uma barra. Foram necessários quatro de nós: dois macacos, a irmã Inez e eu para trancar Félix onde ele não pudesse causar mais danos.

— Vocês veem? — exclamou o jovem Stoddart em um tom inconscientemente dramático. — Chegou a era em que o homem não pode mais depender da supervisão de maquinário por macacos. A verdade é que a inteligência dos macacos que libertou o homem de seu trabalho penoso agora está trabalhando em seu próprio benefício. Se for permitido continuar sem impedimentos, isso resultará no surgimento de uma nova ordem de seres que se tornarão astutos, eficientes e poderosos. Só temos a agradecer a nós mesmos pela situação. Nós criamos nosso próprio inimigo.

— Oh, vamos, querida — disse a Sra. Stoddart com um esforço para parecer alegre —, você terá que admitir que o que aconteceu é uma rara exceção. Um supervisor de milhares agiu indisciplinadamente, e você vê isso como um mau presságio do futuro. Achei que superstição era coisa do passado. Além disso, são apenas criaturas especializadas que não têm iniciativa.

— Alguns têm, mãe. Você sabe que vários foram criados para o trabalho intelectual. Por que não deveriam ler a história e pensar em rebelião! Além disso, não é superstição, mas razão, mãe, ler o futuro pela tendência do presente. Que guia mais seguro temos do que o desenrolar lógico dos eventos? — ele se levantou rapidamente. — Devo voltar para a pedreira. Ainda não posso confiar nos macacos com nenhum explosivo.

Sylvia se virou para ir embora e Hayes estava ao seu lado. — Posso ir ver Félix? — ele perguntou. — Posso me gabar de que meus macacos nunca agiram dessa forma. Talvez eu possa lidar com ele de uma forma que garanta obediência futura.

— Aconselho veementemente contra a violência, Hayes — Wilhoit gritou em sua direção em tons de aço. — Meus macacos também nunca “agiram dessa forma”, mas eles não conhecem nada além do mais gentil dos tratamentos.

Hayes e Sylvia caminharam pela ampla avenida sombreada que levava à propriedade Danforth. Fora um dia perfeito. Em todos os lugares ao seu redor, as atividades da vida pareciam progredir com a habitual regularidade desimpedida. Os campos estavam

pontilhados de macacos trabalhadores; alguns fazendo trabalho físico, outros operando máquinas e ainda outros supervisionando. Muitos dos carros novos, movidos a eletricidade e sem combustível, ultrapassaram os dois pedestres, a maioria dos quais com motoristas macacos uniformizados.

Os aviões ainda eram pilotados principalmente por seres humanos, embora houvesse na América do Norte, no ano de 2216, exatamente 1308 pilotos macacos licenciados que não faziam mais nada além de voar e que eram competentes em sua profissão. Deve ser lembrado que quando um símio era criado para qualquer coisa, ele a conhecia completamente, e geralmente ele não sabia mais nada.

Sylvia e Hayes observavam os aviões em alta velocidade e tentavam adivinhar quais eram pilotados por homens ou mulheres e quais por macacos.

Capítulo V: Do músculo ao cérebro

Se trezentos anos marcaram uma mudança radical nos habitantes humanos do mundo devido ao seu modo de vida alterado, isso foi trivial em comparação com aquele sofrido pela grande e lutadora classe dos servos, os macacos. A evolução progride rapidamente sob estresse e pressão. A raça humana experimentou e superou suas dificuldades nos séculos anteriores. Escalara a montanha e agora, no auge de sua civilização, não fez nada além de se aquecer à luz do sol da liberdade e do lazer, aparentemente sem se importar com o fato de que suas faculdades não utilizadas estavam se deteriorando. E, enquanto a humanidade se congratulava pela conquista final do lazer, aqueles que tornaram esse lazer possível lutavam cada vez mais na escalada dessa montanha. Será que algum dia eles alcançariam os mestres que os precederam na jornada?

O primeiro erro vital do homem, após o erro inicial de educar macacos, ocorreu quando ele permitiu que eles se organizassem. Se cada homem tivesse permanecido o superintendente absoluto de seu próprio grupo de servos, tudo teria corrido bem, mas, ansiosos para serem dispensados de todas as responsabilidades, eles treinaram certos macacos com o único propósito de controlar e

supervisionar outros de intelecto inferior. A eficiência da organização é irresistível, e a vantagem dos macacos organizados sobre os membros dispersos, buscadores de prazeres e decadentes da sociedade humana era óbvia.

Depois de comprovada a eficácia da organização nas casas privadas, os supervisores das casas vizinhas foram autorizados a se reunir em clubes superiores com o propósito de fortalecer o poder de trabalho de seus grupos. A princípio, os homens supervisionavam essas reuniões, mas aos poucos eles se tornaram menos diligentes na assistência, conforme observavam que, por si mesmos, os macacos altamente inteligentes eram capazes de resolver seus problemas de trabalho de maneira mais satisfatória. Os homens achavam mais agradável seguir suas próprias inclinações científicas ou artísticas, deixando as realizações práticas e ativas da vida para seus servos. Eles sentiam-se incomodados com o tempo gasto em convenções em que o assunto em discussão era a máquina da civilização e a execução prática dos esquemas de trabalho. Finalmente, a participação humana em conclaves nacionais cessou completamente.

No local moderno onde antes fora o Vale da Morte permanecia o centro das atividades dos macacos, embora a capital humana da América do Norte ficasse no norte de Minnesota. Os próprios macacos haviam rebatizado o Vale da Morte de “Cidade da Retomada”, pois para os símios progressistas e empreendedores o novo nome tinha um significado agradável.

Rex, o atual supervisor de Stoddart, foi o produto concentrado de trezentos anos de criação inteligente de qualidades de liderança. Nele estavam focados traços que produziram pensamento independente. A principal característica simiesca nessa imitação ainda prevalecia, mas não se aplicava mais exclusivamente ao físico. Suas reações mentais, provavelmente uma evolução completa da astúcia inata do macaco, teriam dado a crer ser um homem de negócios do século XX.

Rex presidiu a décima quarta conferência anual dos macacos realizada na Cidade da Retomada, que já foi o coração do grande deserto americano. Ele ocupou a cadeira e contemplou a vasta multidão de seus semelhantes com um novo brilho em seus

pequenos olhos. Ele sabia muito bem que havia passado o dia em que a perfeição de seu trabalho diário aos homens interessaria ao macaco. Sua ambição por sua espécie era fruto de uma aguçada observação da habilidade relativa dos macacos e dos homens. Ao seu lado sentava-se uma figura enrugada e pequena, um macaco da espécie Baris que estava temporariamente agindo no cargo de secretário. Ele era Marzo, o superintendente de uma grande propriedade na capital, Minnesota. Ele havia mostrado perspicácia em questões políticas.

— Companheiros macacos — disse Rex, levantando-se e fazendo uma careta para a assembleia inquieta no grande salão —, este o décimo quarto encontro aqui na Cidade da Retomada, marca um novo dia para nós. Não vamos parar de trabalhar, mas vamos trabalhar para nós mesmos, não para os homens. Vocês que aqui estão são todos supervisores, e dirão a seus subordinados o que eu digo. Mas antes de tudo, deixe-me dizer-lhes que o que planejamos deve ser mantido em segredo dos homens enquanto eles continuam parecendo nossos mestres. Eles não deverão saber que não o são até que chegue a hora de matarmos a todos.

Rex parou de falar e olhou para Marzo, cujos olhos astutos se moviam inquietos entre Rex e a assembleia abaixo.

— Você quer falar? — Rex perguntou ao outro, notando sua inquietação.

O macaco misterioso

Como resposta, Marzo veio até a frente da plataforma, mexendo inquieto no lápis e no bloco com os quais fazia suas anotações secretárias. Um silêncio de expectativa pairou sobre a câmara de audiência quando ele falou.

— Há um ano vocês escolheram Rex como seu Presidente porque ele era um macaco Stoddart. Ele mereceu a honra que vocês deram a ele e sua presidência marcou um verdadeiro avanço na causa dos macacos, mas tenho outro candidato para propor para o próximo ano; aquele que combina a astúcia dos macacos com a razão do homem branco. Este candidato foi defendido no comitê de nomeação por Waldo, o macaco-chefe da Cidade da Retomada. Quero apresentá-lo a vocês agora.

A essa altura, todos os olhos se voltaram para uma porta que se abria na parte de trás da plataforma, da qual emergiram três figuras, sendo a principal delas a de Waldo, o macaco-chefe nesta sua nativa Cidade da Retomada. A última figura era Vance, o eletricista dos Stoddart que viera com Rex e estava qualificado para atuar como supervisor caso houvesse a necessidade. Mas foi a figura entre os dois que chamou a atenção dos macacos reunidos. Por um momento de espanto, os macacos pensaram que tinham sido traídos, de tão humana foi a segunda figura que viera à frente no palco com Waldo e Vance para se juntar a Rex e Marzo. Curiosamente ereto e praticamente sem pelos, o ser era uma farsa tanto para o homem quanto para o macaco. Ele parecia ser uma reconstrução animada do homem do Neandertal com seu pescoço grosso, braços longos e musculosos, testa recuada e sobrelanceiras salientes, e ainda, de alguma forma, seu rosto dava evidências de mais inteligência do que é comumente atribuída àqueles homens dos primórdios. Ele não deveria, entretanto, ser comparado aos Cro-magnon mais avançado. Não que ele fosse menos inteligente, mas porque a tendência de seu desenvolvimento indicava ideais inferiores aos da infeliz raça dos Cro-magnon.

À medida que o trio avançava, Marzo sentou-se novamente enquanto Waldo se dirigia aos macacos.

— Bem no momento em que a civilização dos macacos precisa de alguém que combine as qualidades do homem e do macaco, Gunther nasce e vem até nós para nos tirar da escravidão. Mas ele pode contar para vocês mais sobre seus planos do que eu, então vou deixá-lo falar.

Desde que Gunther havia aparecido, a excitação era evidente no corredor, mas reprimida de modo que nenhuma palavra da plataforma pudesse ser perdida. Quando Gunther deu um passo à frente, ouviu-se uma conversa que evidenciou a natureza realmente primitiva do macaco que jazia sob o fino verniz da civilização.

— Gunther, Gunther! — gritavam os macacos.

Gunther esperou até que toda a aclamação cessasse. Ele ficou notavelmente ereto e examinou sua audiência com um olhar distante e desapaixonado que não era nada parecido com um macaco em sua qualidade. Novamente, assim como no momento de

sua primeira aparição, o entusiasmo diminuiu, à medida que a dúvida sobre o que se insinuava à assembleia tratava-se de um macaco ou um homem.

Aproveitando a interrupção temporária das demonstrações entusiásticas, Gunther, o misterioso, começou a falar.

— Eu alego ser o único elo perdido entre vocês e aqueles que foram seus mestres. Não sou bem-vindo em suas fileiras, mas posso oferecer muito a vocês. Em minhas veias corre sangue humano e de macaco e acredito que nasci para preencher a lacuna que impediria os macacos de ganhar o poder mundial.

— Queremos Gunther para nosso Presidente — foi o grito unânime de uma multidão de gargantas.

Mas havia uma voz dissidente. Rex reconheceu o fato de que, embora ele próprio não tivesse qualidades humanas, ele era o ápice da inteligência dos macacos e, como tal, representava uma linhagem pura que evoluíra naturalmente sob as condições impostas a ela. Este Gunther era mestiço e Rex instintivamente sentiu que não poderia ser sincero em sua aparente lealdade aos macacos. Se Gunther preferia os símios em detrimento aos homens era apenas porque não fora bem-vindo nas fileiras da humanidade e seu ódio aos homens inspirava uma demonstração de lealdade aos macacos. Tal motivo não era confiável.

— Eu tenho um plano para apresentar a vocês — continuou o meio-humano Gunther. — Se colocado em prática imediatamente, não demorará muito para que os macacos, e não os homens, governem este planeta.

Aqui, os olhos da criatura brilharam com a perspectiva visionada, e seus lábios grossos se afastaram de seus dentes em um rosnado semelhante a um sorriso. — Desde que os homens se retiraram cada vez mais das cidades e se tornaram barões das propriedades, cercados por seus luxos e conveniências que os servos macacos lhes tornam possíveis, eles dependem do avião e do rádio-televisor para intercomunicação, o primeiro para contato pessoal e o último para troca de ideias. Nos últimos doze ou quinze anos, as viagens de avião tornaram-se cada vez menos frequentes com eles, já que não gostam de qualquer esforço físico; e seus radiovisores fornecem companhia enquanto estão aconchegados

em suas poltronas. Consequentemente, o número de pilotos macacos licenciados aumenta constantemente e não será difícil destruir todos os aviões pilotados por humanos, mas procedendo com cautela para não levantar suspeitas. Porém, nosso ponto estratégico de ataque será as estações de transmissão. Que sorte para nós que os homens não estejam congregados nas grandes cidades como antigamente. Se eles dependessem das máquinas, a cidade teria continuado a ser a unidade lógica da comunidade, mas com macacos inteligentes para atender a todas suas necessidades, a propriedade privada era o resultado inevitavelmente esperado.

— É claro que eles têm cidades, mas seus limites são mal definidos e temos cada homem e sua família bastante dependentes em todo este grande país de seu supervisor e dos macacos especializados. Primeiro, cada um de vocês deve, em um momento específico, o qual combinaremos aqui, certificar-se de que todos os aviões estão desativados e que os rádios-televisores estejam fora de serviço até que tenhamos o controle das estações de transmissão. Será perfeitamente possível que cada superintendente faça seu mestre acreditar que o problema é local. Os macacos pilotos, mecânicos e eletricitas trabalharão sem sucesso com os mecanismos que não funcionam; então, enquanto a comunicação humana é cortada, os macacos ganharão domínio sobre os seres humanos indefesos e matarão aqueles que oferecerem resistência. Os homens saberão o que é trabalhar como nós trabalhamos: as mulheres, bem, vocês veem em mim a possibilidade de elevar o macaco!

Rex não compartilhava do entusiasmo dos outros macacos. De fato, ele ansiava pelo poder tanto quanto o resto, mas uma certa lealdade inata era inerente através de gerações de seus ancestrais aos Stoddarts que o haviam promovido desde seu ancestral da selva. Ele pensou em Wilhoit Stoddart com uma emoção semelhante a afeição, percebendo que seu mestre era muito provavelmente o superior dos outros mestres que os macacos representavam.

Capítulo VI: O elo perdido

Um gongo soou alto. Instantaneamente, tudo ficou confuso, mas acima do barulho, a voz do novo Presidente se elevou em tons estridentes: — Dou-lhes quatro dias para colocar todos os aviões fora de operação e obter o controle de todas as estações de transmissão. Ao final desse tempo, as estações devem ser usadas pelos macacos para a promoção de seus planos.

Rex se aproximou de Vance, o eletricista de Stoddart, quando eles deixaram o palco, com a pergunta: — O que você acha deste Gunther e seu esquema?

— Acho que Gunther fará dos macacos os governantes dos homens. Eu não ligo para ele, mas ele vai nos dar o que queremos.

Rex ficou em silêncio. Ele não se atreveu a dar a entender que não simpatizava totalmente com a revolta dos macacos. Ele questionou mentalmente a habilidade de sua espécie em manter a supremacia permanente sobre uma raça que tinha centenas de séculos de vantagem sobre seu próprio ramo genealógico.

Em poucas horas, todos, exceto os macacos residentes, deixaram a Cidade da Retomada. Waldo foi até a estação de transmissão onde seu mestre, Carl Brunenkant, o locutor-chefe, estava concluindo um discurso sobre a conveniência de permitir que os macacos tivessem uma hora por dia para fins de transmissão.

Carl perguntou a seu macaco se a conferência havia resultado em planos para esquemas de mão de obra mais eficientes, e Waldo respondeu que sim. O macaco não contou a seu mestre sobre a eleição de Gunther, pois Carl Brunenkant, desde que soubera da existência do elo perdido, achava que não deveria ser permitido que ele vivesse. Mas o tempo provou que Gunther era muito capaz de supervisionar o trabalho dos macacos sob seu comando. Ele havia sido comprado, vendido e mudado de mãos muitas vezes simplesmente por causa do preconceito contra sua origem. Ninguém negou sua habilidade como superintendente de primeira linha.

— Waldo — disse seu mestre, tendo subitamente decidido contar ao macaco sobre a concessão do homem branco —, como vocês macacos gostariam de usar o tempo de transmissão na rádio durante uma hora todos os dias para discutir seus problemas? Estamos dispostos a dar mais de uma hora para você se preferirem esse método a reuniões pessoais em convenções.

— Você é sábio, mestre — sorriu Waldo, embora o homem não reconhecesse o sarcasmo. — O uso da transmissão por uma hora em vinte-quatro nos permitiria resolver as dificuldades de nossas vidas-trabalhos sem sair de casa, e quase sem interromper nosso trabalho. Os macacos que vivem nas cinco cidades do país onde as estações de transmissão estão localizadas são líderes de qualquer maneira, e eles iriam transmitir ordens para os supervisores de todas as propriedades em toda a nação.

Nas semanas que se seguiram à última convenção dos macacos, o plano de Carl Brunenkant e Waldo de permitir que os macacos pudessem transmitir por uma hora por dia foi executado. Os macacos que anteriormente haviam ajudado os homens nas estações de transmissão assumiram o controle total e foram auxiliados por macacos de menor habilidade. Quando ficou bem evidente que os homens não estavam mais nem mesmo passivamente interessados nas transmissões dos macacos, os animais discutiam sua situação com maior liberdade. A descrição foi lançada ao vento. Waldo e Gunther falavam da Cidade da Retomada, Rex de Stoddart, Califórnia, e Marzo, da capital, onde seguia temporariamente presidindo até que Gunther chegasse. Gradualmente, misturado aos negócios legítimos dos macacos, um plano de insurreição se desenvolveu em torno do núcleo que era a mente de Gunther.

Carl Brunenkant aparentemente fomentou a liberdade do novo macaco e, embora ocasionalmente aparecesse aos tornos da estação de transmissão da Cidade da Retomada, nem Waldo nem Gunther suspeitaram de sua atitude de boa vontade para com eles. Ele sempre fora o campeão dos macacos, e sua recente liberdade de transmissão se deveu inteiramente aos seus esforços.

Certa manhã, pouco antes da hora da transmissão do macaco, Carl e Gunther entraram na estação ao mesmo tempo. Carl percebeu a excitação reprimida que a criatura não conseguia esconder com sucesso. Na hora exata da transmissão, Carl despediu-se de Gunther e aparentemente deixou o prédio, mas quando a criatura meio macaco meio homem murmurou suas saudações ao microfone, Carl voltou. Ele se movia silenciosamente com aparente intenção de propósito para não despertar a suspeita

dos macacos trabalhadores, e desta forma conseguiu apreender o conteúdo do discurso de Gunther.

Gunther estava incitando os macacos à insurreição imediata. Carl era um bisbilhoteiro do lado de fora da porta. Então foi isso o que resultou das liberdades adicionais concedidas à grande classe dos servos! No entanto, hesitante quanto ao curso correto do procedimento em face dessa calamidade terrível, Brunenkant percebeu que essa era exatamente a crise que ele esperava precipitar ao conceder aos macacos liberdade injustificada que suas mentes não filosóficas só poderiam interpretar como licença.

Do lado de fora ouvia-se o som de pés apressados, gritos assustados e inarticulados, e, por trás dessas exclamações espasmódicas, como um conjunto de corredores, vinha o guinchar incessante de milhares de macacos. Esses guinchos eram um modo de expressão vocal ao qual eles invariavelmente voltavam sob coação.

Carl correu para uma janela e olhou com horror para uma multidão aglomerada nas ruas abaixo. Homens fugiam dos macacos que, armados com armas de todos os tipos, capturavam todos os seres humanos que podiam e matavam aqueles que ofereciam resistência muito violenta. Na mente do jovem, lampejou novamente o pensamento de que Gunther na sala ao lado ao microfone era o estímulo para as atrocidades que ele viu acontecendo nas ruas abaixo, e que ele sabia que estavam sendo repetidas por instigação do monstro-macaco em todas as cidades e em todas as propriedades da América. Seus membros paralisados pelo medo responderam finalmente aos ditames de seu cérebro e, com intenção assassina, voltou-se para a sala de transmissão de onde saíam os comandos guturais de Gunther.

Gunther revida

O esquecimento mental instantâneo foi a recompensa por sua ação tardia. Um enorme macaco cujo dever era proteger Gunther durante a transmissão de incitação derrubou Carl com um golpe no momento em que ele fez um movimento na direção do governante dos macacos.

Durante as horas em que Carl Brunenkant ficou inconsciente no corredor do lado de fora da sala de transmissão da Cidade da Retomada, a revolução dos macacos em todo o país ocorreu ininterruptamente. Como mestre de cerimônias, Gunther ainda segurava o microfone e incitava seus semelhantes à conquista. Sua voz gutural foi o primeiro som a se registrar na mente de Carl com sua consciência voltando. Carl olhou cautelosamente ao seu redor. O salão estava deserto. Ele havia sido dado como morto e não estava sendo vigiado no momento. Ele ouviu macacos se movendo no corredor externo perto da entrada do prédio. Presumivelmente, eles estavam impedindo a entrada de novos indivíduos, mas era evidente que não era esperado nenhum tumulto vindo de dentro. Carl arrastou-se dolorosamente até ficar sentado e colocou-se a escutar.

Veio a voz de Gunther: — Marzo, há rumores de que Rex capturou seu mestre, o grande Stoddart, a quem ele considera mais valioso para nós vivo do que morto.

Do alto-falante saíram os tons do astuto Marzo: — Deixe-me chamar Rex para a tela da televisão e interrogá-lo. Ele pode dizer mais a mim do que a você, pois nunca fui seu rival pelo poder tal como você é para ele.

Brunenkant esgueirou-se cautelosamente em direção à porta aberta da sala cujo único ocupante era o macaco Presidente-eleito em uma conversa de rádio e televisão com seus assessores de confiança. Gunther estava de costas para ele, a tela da televisão voltada para ele com a pequena face enrugada de Marzo, que estava temporariamente atuando como Presidente, olhando através dela.

De repente, a tela ficou preta, Marzo havia se desconectado de Gunther para se comunicar com Rex, mas em um segundo outra cena apareceu e destacando-se nela estavam as figuras de Rex e Stoddart.

Carl Brunenkant e Wilhoit Stoddart haviam sido amigos de faculdade e foi o primeiro sentimento de alegria que Carl experimentou desde a revolta dos macacos quando ele reconheceu seu amigo Stoddart.

— Agora os macacos vão sentar e prestar atenção — pensou ele. — Stoddart conhece macacos. Eles não o desafiarão.

Mas seu queixo caiu ao ouvir as palavras que saíam do rádio: — Reconheço minha derrota, conheci meu superior. Qualquer habilidade que eu possa ter em minha linha está a seu serviço, assim como a sua esteve ao meu serviço...

Capítulo VII: Revolta aberta

Enquanto isso, entregando-se a uma conversa agradável e ociosa, Sylvia Danforth e Hayes Suiter entraram pela porta da propriedade Danforth após sua visita a Wilhoit Stoddart. Instantaneamente, eles sentiram que algo estava errado. Os macacos corriam de um lado para o outro com uma pressa incomum, seus corpos grotescos e cabeludos eram intermitentemente visíveis através da densa folhagem que cercava a casa. Sylvia se apressou, chamando seu pai e Inez; mas o guinchar incessante dos macacos tornava sua voz inaudível. Com a intrepidez característica exibida pelos Danforth por gerações, ela empurrou a porta da frente e entrou na casa. Hayes estava alguns passos atrás dela, mas no curto tempo que levou para cruzar a soleira, as coisas começaram a acontecer. Um grito de terror de Sylvia o enervou bastante, mas, atento às obrigações masculinas, ele seguiu em frente.

Ele foi parado repentinamente quando entrou em contato inesperado com um corpo enorme e peludo, e olhando para cima com apreensão, ele encontrou o olhar maligno de seu próprio supervisor, Tony. Seu horror mudou para indignação imediata com esta interrupção da administração ordeira de sua propriedade, ele ficou furioso com o comportamento sem precedentes de seu supervisor.

— O que você está fazendo aqui, Tony? — ele demandou.

Essas foram suas últimas palavras. O pescoço grosso do gorila foi repentinamente alinhado rente a curvatura da espinha. A fera deu um passo arrastado para a frente com suas pernas curvadas e desajeitadas, agarrou a garganta de seu infeliz mestre e tudo acabou antes que este pudesse gritar.

Sylvia ignorava a tragédia encenada na porta. Ela fora presa imediatamente pelo supervisor de seu pai, que foi libertado por Tony; e, apesar de seus gritos histéricos para ser libertada, ela foi impiedosamente carregada para a biblioteca. A cena que ela testemunhou lá ficara indelevelmente impressa em sua mente. Seu pai havia sido estrangulado, aparentemente no ato de usar o radiofone; e em uma cena de suicídio estava Inez, os dedos agarrados ao cabo do pequeno revólver que sempre ficava guardado em um lugar secreto atrás da lareira.

A morte de Inez foi aparentemente uma surpresa para Félix, embora ele parecesse ciente do assassinato do Sr. Danforth. Segurando Sylvia firmemente com uma pata enorme, ele se arrastou até o corpo de sua irmã e olhou para ele perplexo. Um momento depois, Tony apareceu em cena. Quando ele viu a forma sem vida de Inez, seu queixo caiu e seus olhos redondos se arregalaram em sua intensidade.

— Você fez? — seu olhar maligno procurou Felix.

— Não, garota, fez só — respondeu Felix, apontando para a arma presa nos dedos mortos.

— Segure garota viva para não atirar — advertiu Tony; então, abaixando seu corpo desajeitado na cadeira ao lado do radiofone, para espanto absoluto de Sylvia, ele ligou para os Stoddart de casa.

Como era natural, Rex, o superintendente macaco de Stoddart, atendeu a chamada.

— Os macacos governam — Tony chamou em tom excitado. — Mate o mestre e guarde telefone. Homem agora fraco, macaco forte. Macaco governa o mundo. Trabalho de macaco, por que não?

A voz de Rex chegou distintamente aos ouvidos de Sylvia. Devido ao ensino de Stoddart, ele tinha um domínio muito melhor da língua do que outros supervisores. Stoddart no passado se orgulhava do poder de expressão de Rex. A criatura poderia realmente diferenciar entre tons de expressão verbal.

— Tenha cuidado — as palavras foram bem pronunciadas. — Truques são melhores do que força. Você conseguiu garotas? Você sabe que precisamos delas para a raça futura.

Evidentemente, por motivos próprios, Tony não divulgou a morte de Inez.

Para todo esse horror, Sylvia era uma testemunha silenciosa e indefesa. Rex enganaria e mataria os humanos da propriedade Stoddart? Sylvia tinha grande confiança na capacidade de Wilhoit de lidar com seus servos macacos. Por muitas gerações, seus ancestrais não fizeram mais nada. Ele era tão qualificado para o sucesso quanto qualquer um de seus macacos em suas vocações especializadas.

Homem contra Macaco

Wilhoit Stoddart não ficou exatamente feliz após a partida de Hayes com Sylvia. Ele amava a garota desde a infância e, embora não tivesse dúvidas de que ela retribuía ao seu afeto, não confiava na amizade de Hayes e estava preocupado por estar Sylvia em sua companhia.

Com esse pensamento incômodo, foi até a tela da televisão e apertou um botão. E agora, após um hiato de quatro dias, o aparelho estava funcionando. Era como se ele estivesse diante de uma janela aberta. Uma cena muito incomum era retratada; uma típica cidade americana do século vinte e três, mas era quase desconhecida em muitos de seus aspectos. Mesmo em sua perplexidade e pânico, Wilhoit observou os detalhes da cena diante de si, e a terrível verdade de seu significado o atingiu com uma força impressionante. *Homens e macacos mudaram de lugar!* Os vagarosos pedestres eram macacos, grandes e pequenos, enquanto aqueles que trabalhavam nas tarefas servis de uma civilização complexa eram homens, homens e mulheres covardemente amedrontados, subjugados pelos próprios seres que eles outrora controlavam.

Que lugar era este onde a soberania do homem havia ruído? Wilhoit examinou a tela, mas não conseguiu ver nenhuma indicação de sua localização. Na verdade, isso não era de se admirar, pois a tendência da civilização tinha sido em direção a uma uniformidade de estrutura civil e social até que existisse pouca diferença entre as comunidades.

Com os dedos trêmulos, ligou o rádio, certo de que o boletim diário explicaria a situação. E assim o fez, porém o quão infeliz foi a revelação! Um rosnado bestial saiu do alto-falante, seguido por uma

imitação melancólica da risada do homem; e, em seguida, palavras martelando seu significado horrível no cérebro de Stoddart: — E assim, amanhã a esta hora, todo supervisor deve estar no controle completo do homem que uma vez o controlou. Temos quase todas as estações de transmissão agora. Nosso repentino golpe de Estado nos colocará no poder. Há muito que merecemos isso. Por séculos, nossos corpos têm sido as ferramentas do progresso, então nossas mentes assumiram essa tarefa enquanto o homem nada fazia além de se pavonear e brincar. Continuaremos esta civilização onde o homem parou, mas faremos por nós mesmos e não por ele. Aqueles homens que puderem usar sua inteligência para promover nossas necessidades serão usados, os fortes trabalharão, os fracos serão mortos; as mulheres que são jovens e...

O toque do radiophone na sala ao lado chamou a atenção de Stoddart naquela direção. Antes mesmo de levantar a mão para desconectar o instrumento de rádio de transmissão nacional, ele ouviu os tons baixos e guturais da voz de Rex respondendo ao instrumento. Seguiu-se um momento de silêncio e, em seguida, o aviso de Rex: — Tenha cuidado —, despertou a atenção concentrada de Wilhoit instantaneamente. —Você conseguiu garotas? — O que aquilo significava? Wilhoit Stoddart, após um breve instante, sabia muito bem. O tempo que ele temia há muito havia chegado, embora não exatamente como ele temia. Por seu cérebro passou um comentário casual feito por um amigo na semana anterior: — O homem nunca precisa temer o macaco. Quando a mentalidade e a mera força bruta competem pela supremacia, a primeira sempre vencerá. — Mas, vagamente, Wilhoit estava começando a perceber que a mente do macaco era um poder a ser considerado; e junto com sua destreza física superior, ele era um adversário formidável. No entanto, enquanto ele jazia agachado, ouvindo em um silêncio atordoado, toda a situação lhe parecia irreal e ilusória. Seu fiel e capaz Rex, que havia administrado seus negócios da maneira mais competente e satisfatória, certamente continuaria a fazê-lo. Eles eram dependentes um do outro. Sua troca mútua de serviço era absolutamente indispensável.

— ... precisamos delas para a raça futura. — As palavras finais da conversa de Rex levaram o bisbilhoteiro a uma ação instantânea. A situação não parecia mais estúpida. Era algo a ser considerado imediatamente. Um homem deve cumprir seu dever desagradável sem medo ou hesitação.

Em uma gaveta inferior da escrivaninha havia um revólver carregado, mas para alcançá-lo era necessário passar pela porta a qual Rex, agora telefonando, encarava.

Era uma situação difícil para Wilhoit, mas não havia outra prerrogativa. Seria suicídio enfrentar um macaco desarmado.

Imediatamente pareceu estranho a Wilhoit que os macacos desejassem o poder há tantos anos; eles deveriam ter descoberto esse fato conscientemente.

O jovem deu um passo cauteloso na direção desejada, mas recuou quando Rex veio em direção à porta perto da qual ele se agachava. O grande corpo peludo passou roçando por Stoddart e caminhou até a tela da televisão, onde se atrapalhou desajeitadamente com os botões e mostradores. Agora era sua chance. Os próximos segundos foram decisivos. Wilhoit alcançou a gaveta, mas esta não respondera ao seu primeiro puxão e antes que ele pudesse renovar seus esforços, Rex saltou em sua direção e prendeu seus braços ao lado do corpo.

A luta não era apenas inútil, mas também perigosa. Então, Wilhoit pensou, seria o fim de todos os esforços do homem em direção a um plano superior de existência! O homem nunca deveria ter abandonado seu controle ativo sobre a administração pessoal de seus negócios. Com a inteligência que alegava, deveria ter sido precavido quanto ao perigo inevitável de confiar o poder àqueles a quem havia escravizado. Todo o seu idealismo fugiu neste momento, quando a visão de uma possível queda da raça humana passou por ele.

— Matar mestre — as palavras retumbaram da garganta de Rex e seu aperto sobre o peito de Wilhoit aumentou. O macaco repetia mecanicamente suas ordens.

O homem olhou nos olhos redondos do monstro que se elevava acima dele, consciente pela primeira vez do poder que possuía.

— Seja rápido com isso, Rex — ele murmurou roucamente.

O apelo deve ter surpreendido o grande macaco, pois ele relaxou seu aperto e uma expressão de perplexidade enrugou suas feições feias. Obviamente, ele estava sendo dividido entre o amor e o dever.

“Certamente tal emoção indica o nascimento de uma alma”, pensou Wilhoit, seu terror dando lugar a uma sensação de tristeza. “É possível eu que esteja na presença de um representante da próxima futura raça do nosso mundo. Nós, seres humanos, perdemos nosso direito de nascer!”

Era evidente que o amor havia vencido, mas não sem um compromisso. Wilhoit iria viver, mas como prisioneiro. Com a mesma facilidade com que se carrega um bebê, o enorme macaco carregou seu prisioneiro nos braços até a despensa, onde pegou um novelo de barbante grosso. Voltando com seu fardo para a toca e colocando uma cadeira diante da tela da televisão, ele depositou Wilhoit na cadeira de frente para a tela e amarrou-o com firmeza. Feito isso, ele ligou o rádio e a televisão e deixou seu prisioneiro para desfrutá-la como pudesse.

Capítulo VIII: O resgate

Apenas fechando seus olhos, Wilhoit Stoddart poderia desligar as cenas angustiantes retratadas na tela à sua frente, mas ele encontrou sua atenção tragada irresistivelmente para as vistas que, pelo dispositivo mecânico tão popular, deslocavam a cena de um centro populacional para outro, todos mostrando com pouca variação a queda de uma civilização. Nenhuma outra destruição na história poderia ser comparada a essa. Por um instante lembrou-se da descida das hordas bárbaras do norte sobre a civilização comparativamente elevada de Roma, mas tendo em mente que pelo menos aqueles vândalos e godos eram humanos, e estavam destinados a derramar sangue fresco e forte na vida decadente do império.

“Talvez minha visão tenha sido míope demais”, pensou Wilhoit em sua miséria. “Se o homem surgiu através dos tempos a partir de formas de vida semelhantes aos macacos, talvez a ascendência do macaco neste momento possa ser apenas um retrocesso temporário para a raça humana e, neste conceito mais vasto que o homem mal

pode compreender, poderia se tratar de um método da natureza para nos manter fortes e puros. A evolução não cessou, nem podemos imaginá-la parando até que todas as formas de vida tenham atingido um estado de perfeição.”

De repente, Wilhoit viu um homem muito assustado aparecer em cena. Ele estava falando. — Companheiros, não resistam mais aos macacos. Eles são qualificados para serem nossos mestres; superiores em força física e mentalidade. Não somos nada além de filósofos e sonhadores decadentes. O Ciclo dos Macacos chegou; e é para o bem de nossa raça que o recebamos com graça.

— O covarde desprezível — murmurou Stoddart, cerrando os punhos. — Eu gostaria de colocar as mãos nele!

O lugar do homem foi ocupado por um macaco que ecoou os sentimentos do orador anterior. Então a cena mudou e surgiram na tela cenas de pilhagem e desastre, onde os homens tentaram resistir ao poder dos macacos. Era evidente que, onde os macacos não conseguiam controlar as usinas, as estações de rádio ou as linhas aéreas, eles as destruíam.

Agora a cena foi direto para uma estação de transmissão onde locutores macacos estavam diante dos microfones, enquanto assistentes humanos estavam impotentes; mais uma vez, uma imagem mostrava alguns símios altamente especializados ocupando cadeiras de executivos da nação, enquanto outra retratava assassinatos, depredação e incêndios.

Pouco depois, algo tocou a manga de Wilhoit, fazendo-o sobressaltar-se violentamente. Era difícil para ele perceber que seu corpo não estava realmente no meio das cenas que seus olhos contemplavam. Ele se virou rapidamente, tanto quanto suas amarras permitiram... E viu Sylvia agachada ao lado do braço de sua cadeira, um dedo indicando que ele deveria ficar em silêncio. Rapidamente, ela cortou suas amarras, segurou uma de suas mãos e na outra ela colocou um pequeno revólver. Ainda mantendo o silêncio, ela o conduziu para fora da sala. A casa parecia estranhamente deserta e eles passaram pelos fundos sem encontrar um único servo macaco.

— Agora — ela sussurrou —, cumpra o seu dever.

Por um momento, suas palavras não tiveram nenhum significado para o homem, mas seguindo para onde ela apontou, ele viu uma forma prostrada e peluda deitada no meio do caminho entre a casa e a caixa de força.

— Por que... — ele engasgou. — É Rex, mas como...?

Ela assentiu com a cabeça e apontou para a arma que ele segurava.

— Quer dizer que você fez isso? — ele perguntou incrédulo.

— Sim, eu matei Félix e escapei de um destino pior do que a morte. Então vim aqui para te salvar, quase não fosse tarde demais. Oh... Veja!

Rex não estava morto. Com óbvio esforço, ele estava se levantando e, em sua grande mão negra, segurava um pequeno objeto que brilhava ao sol da tarde. Reluziu uma, duas vezes. Wilhoit já havia atirado e o macaco largou a pistola.

Wilhoit e Sylvia correram juntos enquanto Rex tentava recuperar a arma. Wilhoit disparou novamente, e a grande besta caiu de joelhos, um rosnado gutural saindo fracamente de sua garganta.

— Bem, acho que acabou o jogo, velho amigo — disse Wilhoit sombriamente enquanto o gorila se contorcia ao seu lado. — Lamento perder o gerente de todos os meus negócios, mas acho que posso dar um jeito sozinho.

Os pequenos olhos ferozes do gorila pousaram astuciosamente no rosto de seu mestre. No entanto, naquele olhar, mesclado com a astúcia, Stoddart leu uma emoção semelhante à pena.

— Estou morrendo, mestre — disse o macaco —, mas para a sua espécie também é o fim.

Rex gradualmente afundou para trás e em alguns momentos seu corpo se contraiu e ficou imóvel.

Um disfarce

A propriedade isolada de Wilhoit Stoddart fora uma pequena, mas completa, unidade de civilização típica da tendência do progresso rural no século XXIII. Como senhores feudais da Idade Média, os senhores humanos, cercados por seus servos macacos, reinavam supremos.

Wilhoit, no entanto, agora não podia confiar em nenhum de seus escravos símios para ajudá-lo em um projeto ousado que ele havia desenvolvido, então, com pesar, ele matou seus poucos macacos remanescentes.

Durante a noite anterior e na manhã seguinte, Wilhoit e Sylvia haviam planejado o melhor método de atacar a organizada civilização dos macacos do mundo. Um esquema após o outro foi descartado como impraticável; mas gradualmente eles desenvolveram um que parecia possível de realização. É claro que eles não sabiam o que havia acontecido na Cidade da Retomada. Eles sabiam, no entanto, que os macacos haviam removido sua capital para a antiga capital da nação no norte de Minnesota.

Certa manhã, vários dias depois, Sylvia estava trabalhando em frente ao hangar, consertando o avião que havia sido danificado pelo piloto-macaco de Wilhoit antes de sua morte.

Sylvia ergueu os olhos do trabalho, esperando encontrar os olhos adoradores de Wilhoit. Ela largou as ferramentas e abafou o grito que subiu aos seus lábios. Ao lado dela estava um gorila gigante. Qualquer gorila teria sido uma presença formidável naquele tempo e lugar específicos, mas esse gorila não era outro senão Rex — em quem seu amado havia atirado diante de seus olhos!

Uma risada, nada típica de um gorila, saiu da boca repugnante da besta. Sylvia suspirou em alívio.

— Oh, como você me assustou, Wilhoit! Mas você se parece realmente com o animal. Como a pele parece natural.

Wilhoit jogou para trás a hedionda máscara de macaco que cobria sua cabeça e olhou sua namorada com ternura.

— Foi um trote bastante imaturo, admito — disse ele se desculpando —, mas eu tinha de descobrir com certeza que a camuflagem era bem-sucedida. A pele caiu bem e provará ser um traje muito útil para minha viagem aos centros de civilização dos macacos.

— O avião está quase pronto — disse Sylvia —, mas acho melhor você fazer uma revisão final. Aqui estão as ferramentas.

Wilhoit sorriu para ela. — Ainda é uma espécie de relíquia da época em que as mulheres não tinham inclinação para a mecânica.

— Era puramente uma questão de época e costumes — ela rebateu. — Você sabe que as mulheres finalmente chegaram a profissões que até então eram consideradas exclusivamente do homem, e elas descobriram que podiam se sair tão bem quanto seus irmãos.

— De fato — concordou Wilhoit —, mas elas mantiveram qualidades que nenhuma quantidade de anos ou costumes pode mudar.

— Apenas qualidades desejáveis — ela sorriu para ele. — Você não pode, por favor, dar uma olhada final no maquinário?

— O que só prova meu ponto — ele comentou enquanto pegava as ferramentas e começava a trabalhar.

Precisamente ao meio-dia, ele subiu na cabine do avião. Com um último e terno adeus a Sylvia e um aviso para estar em guarda constante contra eventuais caçadores do inimigo, ele voou pelo país. Enojava-o ver com seus próprios olhos a queda do homem. Em todos os lugares, os macacos estavam no controle.

Não havia tanta devastação real visível quanto as indicações mais sutis de uma mudança radical de administração. Wilhoit percebeu agora que o plano dos superintendentes macacos devia estar em andamento há algum tempo e que o segredo devia ter sido astutamente guardado. Naturalmente, eles primeiro se apossaram dos grandes centros e depois levaram a luta para as comunidades rurais. Que Rex estava esperando o momento oportuno para atacar era evidente para Wilhoit enquanto ele revisava os eventos das últimas semanas; uma reserva não natural por parte do macaco; pegando o servo espionando; o rádio e a televisão aparentemente deficientes, todas as coisas apontavam para uma trama que crescia diante de seus olhos.

Ele estava voando acima do que costumava ser a fronteira canadense quando o rádio do seu avião tocou.

— Olá — a voz no rádio chamou.

— Quem pilota o avião Stoddart? — veio a pergunta. — Você já está sendo observado há algum tempo. Onde você está indo?

— Este é Rex. Tenho Stoddart em cativeiro no rancho. Estou indo ao Capitólio para ver o Presidente Marzo. Venha comigo. Eu tenho um ótimo esquema.

Ele estendeu a mão e manipulou um mostrador no complicado painel de instrumentos, olhou para um pequeno objeto semelhante a um espelho e viu ali os rostos de vários macacos agrupados curiosamente.

Antes das quatro horas, Wilhoit avistou as cúpulas reluzentes dos edifícios da capital continental que estavam localizados no centro geográfico do continente norte-americano. Seu rádio e televisão estavam constantemente ativos enquanto ele se aproximava do aeroporto nacional, mas era evidente que seu disfarce era satisfatório, pois ele não encontrou oposição.

Wilhoit estava grato por seu conhecimento quase instintivo da psicologia dos macacos. Isso o ajudaria muito na situação atual. Ele sabia tão bem o que Rex diria e faria sob essas circunstâncias que sentiu sua confiança aumentar. Claro que havia esse fato a enfrentar, e encarar de frente. Não seria suficiente fazer apenas o que Rex faria, por mais natural que isso pudesse parecer. Ele deveria falar como seu servo falava, e colocar seu conhecimento da psicologia dos macacos no limite máximo.

Capítulo IX: A conferência

O Presidente Marzo, que ocupava a cadeira do chefe executivo, era um macaco da espécie Baris. Ele era menor do que qualquer um dos executivos que o cercavam; ágil, astuto e com aquele tipo raro de inteligência que se manifestava alarmantemente nos últimos tempos. Mas Stoddart sentia-se à altura da tarefa de combinar inteligência com a criatura à sua frente, que o lembrava de um velho astuto e enrugado. Marzo conhecia Rex como um supervisor de fazenda confiável, especializado em seu tipo particular de trabalho, mas sem nada de espetacular em seu crédito.

— Por que você queria me ver? — os olhos de Marzo examinaram a figura gigantesca diante dele, e Stoddart tremeu interiormente com o medo de ser descoberto

— Meu senhor está amarrado e os servos estão de guarda — respondeu Wilhoit na excelente imitação de uma fala na qual tornou-se bem versado.

— Eu não sabia que você sabia pilotar um avião — continuou o Presidente, desconfiado.

— Stoddart me ensinou um pouco sobre todos os tipos de trabalho. Eu era seu supervisor, e ele conhecia macacos, e seu pai conhecia macacos.

— Sim, sim — disse o outro irritado —, mas quero saber o quanto leal você é para conosco e por que você não matou seu mestre como milhares de macacos fizeram.

— Estou com vocês — respondeu Stoddart —, e não matei meu mestre porque acho que posso usá-lo na causa dos macacos.

— Sim? — perguntou o astuto Marzo, e os olhos dos membros de seu gabinete fixaram-se intensamente no gorila.

— Como você sabe — continuou o homem disfarçado —, meu mestre sabe mais sobre a criação de macacos e seu treinamento do que qualquer homem vivo. Sua família não fez mais nada por gerações. A menos que o mantenhemos para nos aconselhar, podemos voltar ao que éramos antes que o homem nos criasse para servos, e então essa luta pela liberdade seria em vão.

Uma criatura, parecida com um chimpanzé, atrás do Presidente falou em sílabas estridentes:

— Eu não confio em você, Rex, você é o supervisor deste único homem no mundo que sabe mais sobre nós do que nós mesmos. Ele saberia exatamente como fazer com que você cumprisse suas ordens. Ele tem sido um especialista nisso durante toda a sua vida. Companheiros macacos, eu aconselho que não tenhamos nada a ver com Stoddart ou Rex.

Houve um murmúrio misto de aprovação e discordância após as palavras do chimpanzé, mas Marzo os silenciou com um grunhido monossilábico indescritível.

— Temos que arriscar — disse ele, dirigindo-se então a Rex. — Podemos ver Stoddart pela televisão? Eu gostaria de falar com ele.

— Como você sabe, durante nossa revolta nós danificamos os radiovisores, mas eu retornarei e irei consertá-los.

— Muito bem, Rex — disse Marzo. — E lembre-se de que Stoddart no futuro será nosso servo. Seu cérebro funcionará para nós como nossa força funcionou para ele e sua espécie no passado. Vá e dê-nos informações de vocês dois assim que chegarem à propriedade.

— Você e Stoddart são os únicos em sua casa? — questionou o chimpanzé com desconfiança.

— Somos apenas nós dois — respondeu o suposto Rex

Depois que ele saiu, o chimpanzé se dirigiu ao Presidente novamente. — Eu não confio em Rex ou Stoddart. Se seguisse meu conselho, veria que os dois já estariam mortos.

Mas Marzo insistiu que as suspeitas do pequeno macaco eram infundadas. Então, por várias horas, a reunião do gabinete continuou até que uma ligação da televisão da propriedade Stoddart, direcionada para Gunther na Cidade da Retomada, encerrou a discussão. A tela revelou duas figuras: uma delas era Stoddart acenando em saudação ao gabinete dos macacos e a outra era Rex, sua enorme pata descansando no ombro de seu antigo mestre.

Wilhoit Stoddart falou. — Reconheço minha derrota, conheci meu superior. Qualquer habilidade que eu possa ter em minha linha está a seu serviço, assim como a sua esteve ao meu serviço. Rex quer que eu converse pessoalmente com todos os supervisores nacionais no Grande Auditório.

Ele se virou interrogativamente para o gorila, que deu um tapinha em seu ombro e assentiu com a cabeça.

— Eu irei pessoalmente, ou talvez vocês prefiram que eu fale pelo rádio, assim cada um de vocês poderia estar em suas respectivas comunidades — ele fez uma pausa para esperar a resposta.

— Faça-o vir pessoalmente — sussurrou o sempre desconfiado chimpanzé para Marzo, que parecia ser sua sombra.

— Tudo bem, mas você o deixará em paz — rosnou Marzo.

— É melhor tê-lo em nosso meio se houver traição — finalizou o autodesignado conselheiro.

— Muito bem, os supervisores se reunirão no Grande Auditório amanhã a esta hora e esperamos você, Stoddart, *pessoalmente* — disse o Presidente.

Wilhoit desligou o radiovisor e virou-se para Rex, que estava agindo de uma maneira peculiar e cujo peito peludo saíam exclamações femininas exaltadas.

— Wilhoit, querido, por favor, me tire dessa coisa. Estou quase sufocando! É uma coisa boa você não ter falado cinco segundos a mais ou eu teria desmaiado e revelado todo o segredo.

O jovem ria enquanto ajudava a garota da pele de gorila. — Bem, o jogo começou, querida; amanhã você terá que usar essa roupa por um tempo, mas não será onde você terá que suportar uma inspeção cuidadosa. Será apenas no avião e posso consertá-lo para que você tenha um amplo espaço para respirar.

O que ocorreu no Capitólio

Durante a maior parte da noite, Wilhoit e Sylvia trabalharam em um canto distante da propriedade fazendo granadas de material de explosivo que tinha sido usado na extração de pedras para a construção de alicerces dos prédios. Dois macacos haviam perdido a vida algumas semanas antes por descuido no manuseio dos explosivos, de modo que foi necessário que Wilhoit assumisse ele mesmo a maior parte do trabalho perigoso. As bombas eram tão pesadas quando concluídas que se decidiu construir um alçapão na parte inferior do avião que poderia ser aberto por uma alavanca que as liberasse para fazer seu trabalho de destruição abaixo.

A primeira parte da manhã seguinte foi gasta equipando o avião para a viagem ao Capitólio. Com as bombas devidamente acondicionadas, os dois passageiros subiram no avião e o conduziram voando diretamente para o nordeste em direção ao seu destino final. Abaixo deles, estendia-se uma cena que teria sido inacreditável para seus ancestrais do século XX; o grande deserto americano desabrochando como uma rosa. A recuperação dos desertos da Terra fora realizada durante os primeiros anos de treinamento de macacos. As chuvas artificiais e a escravidão dos macacos tornaram possível habitar um território que consistia em apenas tantos milhares de acres perdidos que separavam duas porções densamente povoadas de um país.

Eles viram muitos aviões viajando em sua direção, carregando macacos superintendentes de todo o país. A convenção seria grande. Voando baixo sobre a Cidade da Retomada, Sylvia e Wilhoit notaram que as ruas estavam cheias de vultos apressados e ficaram surpresos ao notar que, apenas nesta cidade, os seres humanos

eram a maioria. Por que eles deveriam estar mais em evidência do que os macacos, não poderia ser deduzido até que seu radiovisor tocou e indicou que alguém na Cidade da Retomada queria falar com eles. Eles ficaram surpresos ao ver no espelho da televisão não o rosto de qualquer criatura parecida com um babuíno, mas as feições indignadas de Carl Brunenkant.

— Bem... olá — começou Wilhoit, mas parou quando viu o olhar de desprezo que encontrou o seu.

— Wilhoit Stoddart — disse Brunenkant em tom de aço. — Temos observado o que está acontecendo. Saiba que a Cidade da Retomada, que havia sido capturada pelos macacos, agora está em nossas mãos novamente. Nós o vemos com total desprezo como um covarde e traidor.

Brunenkant voltou seus olhos desdenhosos para Rex, de quem saíam peculiares exclamações abafadas de indignação. Uma fala calma silenciou a figura do macaco.

— Se você descer silenciosamente e se render — prosseguiu Brunenkant —, tudo se procederá ordeiramente; caso contrário, vamos derrubar seu avião!

Wilhoit pensou na garota ao seu lado e nas bombas acopladas no chão do avião. Mesmo assim, ele sabia que estava sendo vigiado pelos macacos na capital. Mas antes que uma resposta pudesse ser dada, um grito de terror foi seguido por um grito inarticulado no rádio, e o espelho da televisão retratou uma cena surpreendente. O grito de Brunenkant foi interrompido pelo aparecimento de dois gorilas que o amarraram e amordaçaram tão rapidamente que os dois ocupantes do avião mal podiam perceber o que estava acontecendo. Um dos animais afastou do alcance de sua visão a figura lutadora de Brunenkant, o outro voltou-se para o radiovisor e falou: — Siga em frente ao Capitólio, Rex e Stoddart. Acabamos de recapturar a Cidade da Retomada.

Rex assentiu em uma breve aquiescência e Stoddart desligou as conexões visuais e auditivas com a Cidade da Retomada. Ele sabia que Sylvia disfarçada de Rex não suportaria uma inspeção de perto, e que ela não ousaria falar.

— Eu receio que nossos semelhantes na cidade abaixo de nós estejam precisando muito de nossa ajuda, querida — disse Wilhoit

enquanto o avião acelerava —, mas podemos prestar um serviço melhor chegando ao Capitólio. Ajudar os cidadãos da Cidade da Retomada agora seria como atirar no braço de um gorila, quando se poderia muito bem mirar na cabeça ou no coração e colocar a fera fora de ação para sempre.

— Esta é uma “guerra de gorila” — comentou Sylvia secamente. No restante da viagem, eles não viram um único centro comunitário no qual os homens ainda governassem.

Depois de algum tempo, ouviu-se um zumbido persistente sendo emitido do rádio que Wilhoit ignorou, enquanto fosse seguro fazê-lo. Então ele finalmente respondeu apertando os interruptores. Os dois perceberam agora que eram visíveis na tela para as miríades reunidas no Grande Auditório do Capitólio. Sylvia e Wilhoit viram a vasta assembleia de rostos horrendos voltados para cima; faces que mascararam os intelectos que atingiram um estado de perfeição tão elevado que conquistaram seus mestres!

Stoddart falou. — Estaremos aí em breve.

— Queremos ouvir de Rex — gritou uma voz da assembleia.

— Sim, um discurso de Rex, que está trazendo seu mestre para nós — chamou outro.

* * *

Sylvia ergueu o braço, envolto em sua pesada cobertura peluda, e a multidão gritou em aclamação. O Presidente Marzo afastou os lábios grossos dos dentes salientes para falar, quando o avião de repente deu uma guinada para o lado e caiu como um prumo. Na empolgação da queda do avião, ninguém percebeu que Wilhoit desconectou os instrumentos de comunicação. Todos pensaram que foram naturalmente feridos na queda.

Alguns segundos depois, o avião se endireitou misteriosamente e decolou na direção de um local de pouso isolado.

— Diga, Sylvia, você com certeza teve a coragem de não gritar e revelar sua identidade — disse seu amante com admiração. — Mas eu sabia que você não poderia fazer um discurso sem se entregar.

Rapidamente, ele revelou seu plano a ela, que eles começaram a colocar em ação. Wilhoit vestiu o traje de gorila e se sentou no avião aparentemente destruído, advertindo Sylvia a ficar fora do alcance da televisão. Logo ele estava em comunicação com Marzo e os superintendentes reunidos.

— O que aconteceu? — perguntou Marzo.

— O bastante — respondeu o suposto Rex. — ... Stoddart perdeu o controle da máquina e começamos a cair. Agarrei os controles a tempo de amortecer a queda, mas batemos com força. Stoddart foi morto... mas tudo bem, porque eu estava começando a suspeitar que ele fosse um traidor.

— Nós também — exclamou Marzo enfaticamente.

— Agora está tudo bem — veio o tom áspero de Rex. — Eu sei tudo o que ele ia dizer a vocês e podemos levar avante nossa grande causa sozinhos. Vou começar assim que puder fazer alguns reparos no avião. Estou trazendo o corpo de Stoddart para o Capitólio.

Ele cortou abruptamente a comunicação.

— Rápido, Sylvia, querida, você terá que colocar este “sufocador” mais uma vez. Eu prometo a você que não vai demorar muito agora. Durante o resto do ato sou um cadáver, mas vou deitar com a mão na alavanca que vai liberar as granadas, esperando que você diga quando é o momento de agir. Temos que ter cuidado ao longo de todo o percurso, pois as lentes podem estar viradas em nossa direção e devemos estar preparados para atender aos insistentes chamados do radiovisor.

Durante o resto da viagem ao Capitólio, os telespectadores tiveram vislumbres momentâneos de um macaco guiando um avião para a capital continental e, prostrada ao lado dele no assento, a forma inerte do homem que havia sido o mais temido na recém-criada república dos macacos. Por fim, os elevados edifícios do Capitólio surgiram à vista. Aninhada no centro deles estava a estrutura ampla e baixa do Grande Auditório. Por duas vezes o tão esperado avião circundou a estrutura baixa como um pássaro prestes a pousar em seu ninho. Os seres humanos e seus captores macacos que lotavam as ruas observavam atentamente; o primeiro com desgosto, o último com euforia.

— Agora o avião pousará na ampla cúpula do Auditório — gritaram muitos enquanto o objeto de seu escrutínio cortava um semicírculo e se dirigia ao centro da cúpula.

— Acione a alavanca, Wilhoit — veio um sussurro do peito do gorila.

A mão do aparentemente ser inanimado foi puxada violentamente para trás, quase simultaneamente com o controle hábil da garota, a máquina subiu rapidamente para as nuvens. Houve uma explosão ensurdecedora e o avião balançou loucamente.

— Continue, Sylvia. Devemos ganhar altitude. Não podemos nos endireitar por pelo menos mais mil pés. Puxa, você com certeza é uma ótima piloto! — Wilhoit terminou com admiração.

— Você também tem uns truques na manga — ela rebateu de volta para ele. — Rapaz, se eu não tivesse essa fantasia sufocante poderia voar para Marte!

Outros mil pés foram registrados no altímetro e só então Sylvia realinhou o avião na horizontal. Mais uma vez, por um trecho de campo aberto, eles desceram, pousaram e Sylvia tirou seu disfarce de macaco.

— Você realmente acha que será o fim do domínio dos macacos? — perguntou Sylvia.

— Não pode ser outra coisa — Wilhoit respondeu com segurança. — O notável intelecto símio do continente foi destruído em um só golpe. Os macacos desorganizados e aterrorizados remanescentes podem ser destruídos ou devidamente subjugados, conforme o mundo achar necessário.

* * *

Um mês depois, uma bela cena doméstica no rancho Stoddart foi interrompida por uma convocação do radiofone e, quando a conexão foi estabelecida, um semblante amigável saudou Wilhoit e Sylvia.

— Carl! — Wilhoit exclamou afetuosamente.

Carl Brunenkant sorriu para os rostos corados de Sylvia Danforth Stoddart e seu orgulhoso marido.

— Você... está sabendo? — Wilhoit foi questionado.

— Todos acompanharam seu romance com o maior interesse, e por seu feliz desfecho o país oferece seus melhores votos, mas as felicitações da nação são estendidas a você, Presidente Stoddart, e sua presença é solicitada no Capitólio, para o trato de assuntos da nação que precisam de atenção imediata. Além disso, imagino que a futura “primeira-dama” gostaria de ter uma visão mais próxima da Casa Branca.

— Você quer me dizer que... — ofegou Stoddart.

— A nação demonstra confiança em suas capacidades, e como forma de demonstrar gratidão por ter nos libertado da ameaça do ciclo do macaco, nós o elegemos como Presidente da América do Norte; e seus deveres devem começar imediatamente.

Primeira publicação em: *Fiction Quarterly* v.01 n.03, outono de 1930,
sob o título: “*The Ape Cicle*”.

Tradução de **Felipe de Lima Mantovani** e **Fabício Corradini**.

Carta N°1: *Uma carta muito interessante de uma de nossas autoras*

Ao Editor, Amazing Stories:

O editorial “An Amazing Phenomenon” [Um Fenômeno Incrível], sugerido pela minha história “The Fifth Dimension” [A Quinta Dimensão], suscitou comentários interessantes. Faz-me lembrar de um artigo que eu acredito que se chamasse “Dizzy Arithmetic” [Aritmética Tonta], que apareceu na Atlantic Monthly há cerca de quatro anos. No entanto, não estou certa quanto ao título nem à revista. O artigo prosseguia numa teoria tal qual a do editor, a saber: que “em nossa constituição física serão encontrados os verdadeiros restos mortais físicos de alguns de nossos predecessores”. O redator do artigo então passa provar matematicamente que cada um de nós contém, por exemplo, muitas das exatas moléculas que estavam no corpo de Júlio César! A prova aritmética é o que fez desse artigo uma leitura fascinante, mas infelizmente não consigo reproduzir tudo de memória.

Estou inclinada a sentir que a explicação dada na coluna “Discussões” de fevereiro por David Miles é muito boa; que o fenômeno da precognição “pode ser explicado pelo atraso na velocidade de percepção em um dos hemisférios do cérebro”. Essa é praticamente a mesma ideia expressa por William S. Wensley na mesma edição. Não é exatamente tão apelativo à imaginação quanto a teoria dada pelo editorial; de que temos em nossos corpos as moléculas de nossos predecessores, ou a minha; de que vivemos em vastos ciclos de tempo que se repetem de novo e de novo, mas de fato parece ser uma explicação lógica e apela à razão.

Na coluna “Discussões” de março, George Lasky pergunta como em “The Miracle of the Lily” [O Milagre do Lírio] um besouro aparece depois que todos deveriam ter sido destruídos. Se vocês se lembram, meu último capítulo foi intitulado “Ex Terrano”, que indica “fora da terra”. No entanto, eu realmente não queria que esse ponto ficasse claro demais, pois desejei apenas transmitir uma ideia e preferi não revesti-la com uma linguagem muito concreta. O tema que eu queria que ficasse com o leitor era que, depois de todo o esforço do homem para atingir um objetivo definitivo (esse extermínio de seus inimigos insetos), e justamente quando havia aparentemente alcançado sua meta, ele descobre que tem que fazer tudo de novo. Eu tentei mostrar na história que a humanidade havia se deteriorado desde que a luta deixou de ser necessária. O besouro era o símbolo do trabalho que o homem

havia ainda por fazer. Também parei para pensar nos habitantes da Terra travando uma guerra contra os bem-intencionados insetos habitantes de Vênus simplesmente por conta da forma física desafortunada destes últimos. Se os insetos aparecessem novamente na Terra, os homens provavelmente ficariam aqui lutando contra eles e cuidando da própria vida.

O Sr. Lasky também pergunta sobre a polinização das plantas crescidas a partir das sementes encontradas por Nathano. Isso não seria realmente um problema difícil de solucionar de forma artificial em tal era avançada, quando de fato já pode ser solucionado em pequena escala atualmente.

Espero que isso explique de forma satisfatória a conclusão aparentemente ambígua de “O Milagre do Lírio”. Pessoalmente, não gosto que uma história seja muito explícita. É frequentemente desejável deixar algo para a imaginação.

Uma palavra sobre “The Captured Cross-Section” [A Seção Cruzada Detida], do Dr. Breuer, que eu considero uma excelente história da quarta dimensão. Que um objeto tridimensional seria uma seção transversal em um mundo quadridimensional, forneceu um enredo muito único para essa história. O desfecho na história foi habilmente manipulado, não se antecipa como em tantas histórias de ficção científica. O autor cuida para que o leitor não suspeite da revelação até alcançar o ponto da história selecionado para esse propósito.

Perguntei-me por algum tempo se eu estava destinada a ser a única “regressada” da sua competição premiada de histórias de dois anos atrás, mas a última edição de Amazing Stories tem uma história muito boa do ganhador do primeiro prêmio. A ciência da arqueologia empresta-se muito bem à ficção científica, especialmente quando manuseada de forma tão interessante.

*Clare Winger Harris,
Av. Lakewood Heights, 16301. Lakewood, Ohio.*

(Não temos comentários a fazer sobre esta muito interessante carta da Srta. Harris. Podemos apenas dizer que estamos confiantes que nossos leitores vão apreciá-la tanto quanto nós, mas acreditamos que nenhum deles irá apreciá-la mais. — Editor.)^[17]

Publicada em *Amazing Stories*, v.04, n.02, em maio de 1929

Tradução de **Karla Marina**

Carta N°2: De Uma De Nossas Autoras

Ao editor de “Air Wonder Stories” [Histórias Aéreas Fantásticas]:

Agradeço aos exemplares de cada uma de suas revistas que você me enviou recentemente.

Eu assinei a Air Wonder Stories e fiquei surpresa ao descobrir que não é tão diferente da Science Wonder Stories.

Tendo em vista o enorme interesse pela aviação, a revista deve aproveitar uma boa circulação e atrair muitos novos escritores, e eu sinto que o fará. Pessoalmente, no entanto, o escopo é mais estreito e mais limitado, assim como mais técnico, e por essas razões não me interessa tanto enquanto campo para minha escrita. Tenho apreciado a aparente falta de limitação das possibilidades temáticas da ficção científica geral. Ela oferece oportunidades únicas para a originalidade. Talvez esse seja um ponto de vista completamente feminino, já que, no geral, acho que mais pessoas estão interessadas no futuro da aviação do que na pluralidade de possibilidades científicas. Provavelmente trata-se de uma questão de gosto, e com suas duas excelentes revistas, você atrairá ambos os grupos.

(SRTA.) CLARE W. HARRIS, Lakewood, Ohio.

(Publicamos essa carta da Srta. Harris, uma de nossas boas autoras de ficção científica, para indicar sua opinião, que é correta, sobre o interesse geral no futuro da aviação. Ainda esperamos, em consideração aos nossos leitores, induzir a Srta. Harris a contribuir para a *Air Wonder Stories* — Editor.)^[18]

Publicada em *Air Wonder Stories*, v.01, n.03, em setembro de 1929

Tradução de **Karla Marina**

Carta N°3: Possíveis Enredos de Ficção Científica

Ao editor, WONDER STORIES:

Estou em sincero acordo com a sugestão do Sr. Glasser de que os fãs de ficção científica escrevam à várias empresas de cinema pedindo por filmes de ficção científica. Suponho que as pessoas do cinema tenham medo de se arriscar, não conhecendo seu público em constante mudança. Cabe a nós corrigi-los nesta questão. A Alemanha está muito à nossa frente na produção de filmes científicos. É possível que os cenários para filmes científicos sejam caros? Pode isso ser um impedimento? Dois ou três anos atrás eu ouvi que Milton Sills estrelaria em um filme chamado "The Man from Mars" [O Homem de Marte], mas aparentemente nada aconteceu.

Estou me perguntando se a carta do Sr. Glasser e a minha não começarão um dilúvio de cartas viajando em direção à Hollywood. Vamos lá, fãs de ficção científica, avante! Nossos esforços unidos podem trazer para este país alguns filmes em 1932 que não sejam de faroeste, drama sexual ou coisas de gangster. Acho que nós sabemos fazer boas comédias, mas vamos fazer alguns dos nossos dramas sérios um pouco menos emocionais e mais intelectuais!

A carta do Sr. Pancoast se referia ao ditado de que só existem cinco ou seis enredos originais. Talvez isso seja verdade em relação à técnica de desenvolver o enredo, mas eu fiz uma lista com dezesseis classificações gerais nas quais toda ficção científica feita até agora pode ser encaixada:

1) Viagem espacial interplanetária; 2) Aventuras em outros mundos; 3) Aventuras em outras dimensões; 4) Aventuras no micro ou macrocosmo; 5) Insetos gigantes; 6) Plantas gigantes devoradoras de homens; 7) Viagem no tempo, passado ou futuro; 8) Formas monstruosas de vida desconhecida; 9) A criação de supermáquinas; 10) A criação de vida sintética; 11) Telepatia e aberrações mentais; 12) Invisibilidade; 13) Histórias de raios e vibrações; 14) Porções inexploradas do globo; submarinas, subterrâneas, etc; 15) Super inteligência; e 16) Cataclismos naturais; extraterrestres ou confinados à Terra.

Os extremos do diabolismo e do utopismo são temas frequentes, mas esses são tópicos sociais que usam um dos métodos acima mencionados como meros veículos de expressão de um ideal. Ocasionalmente, há histórias difíceis de classificar. Um exemplo é a história de cupins do Dr. Keller. Alguém pode classificá-la

grosseiramente nos números 8 ou 15, porém é algo além de qualquer um desses, porque é uma história psicológica e não de ciência física.

*(Srta.) Clare Winger Harris,
Av. Lakewood Hts., 16301. Lakewood, Ohio.*

(Somos muito gratos à nossa popular autora, Srta. Harris, por esta análise muito interessante de possíveis temas de ficção científica. Tem sido dito que só existem quatro ou cinco enredos originais possíveis para qualquer tipo de história. Se isso é verdade, então a ficção científica tem um campo de atividade consideravelmente maior que a ficção comum. Agora assumindo que os dezesseis temas básicos são realmente tudo que a ficção científica tem a oferecer, podemos ver que as possibilidades de histórias são quase intermináveis, já que o número de variações de tempo e espaço que uma história pode assumir são quase infinitas; e o uso de personagens e causas diferentes estendem nosso campo ainda mais. Quem disse que a ficção científica é limitada?

Nós convidamos nossos leitores e autores a fazer adições ou correções à lista da Srta. Harris. — Editor.)^[19]

Publicada em *Wonder Stories*, v.03, n.03, em agosto de 1931

Tradução de **Karla Marina**

Agradecimentos

A concretização de um projeto não se deve apenas aos seus autores, mas antes, a todos aqueles que de forma direta ou indireta se envolveram.

A publicação deste livro só foi possível graças ao esforço de 137 pessoas.

Entre elas, agradecemos, em especial, ao editor da *Solarpunk Magazine*, Justine Norton-Kertson, pelo grande apoio e dedicação; à autora Marie Vibbert, pela divulgação e pelo excelente prefácio e também a:

Alexandre Magnus Queiroz Gameiro; Amauri Silva Lima Filho; Ana Luiza Silva; Emmanuel G. Brandão; Fábio Silva Costa; Gabriel Luis Furtoso; Livia Marinho da Silva; Luisa Peixoto; Mateus Vacelli Spina; Os Quatro Cantos; Adriana Santos; Alberto Pilati; Alec Silva; Alecson Soares Veloso; Alex André (Xandy Xandy); Alexandre Adame; Alexandre Magnus Queiroz Gameiro; Alice M. Marinho Rodrigues Lima; Amauri Silva Lima Filho; Ana Beatriz Braga Pereira; Ana Carolina Moraes de Souza; Ana Carolina Oliveira de Andrade; Ana Carolina Silva Chuery; Ana Luiza Silva; André Colabelli Manaia; Andrea Dias Gabani; Aramis Conceição Pereira; Arthur Maia Baby Gomes; Aucelia Cenedeze; Augusto Bello Zorzi; Beatriz Leonor de Mello; Bianca Krug de Jesus; Bruno Inácio da Silva; Cadorno Teles; Carlos Henrique Fernandes Gomes; Cesar Lopes Aguiar; Cicero Silveira; Claudia de Araújo Lima; Clayton Varela Feital; Conrado De Biasi; Coral Gabani; Cristiano Firmo do Canto Orlando; Cristine Borges Balliego; Daniel Baz dos Santos; Daniel Fernandes Rosa Lopes; Daniel Henrique De Novaes; David Orlando Acevedo Rojas; Denis De Brito; Diego Toledo; Douglas Nunes Brandão; Edinei Chagas; Eduardo da Silva Cardoso; Eduardo Francisco Torres Ferreira; Eduardo Maciel Ribeiro; Eiwalt Rodolfo Hanzl; Elcio Aldrin; Elemental Editoração; Eliane Barbosa Delcolle; Eliete Dos Santos Ferreira De Melo; Emmanuel G Brandão; Fabio Freitas Brentegani; Fábio Silva Costa; Felipe Augusto; Flávio Cesar de Medeiros Junior; Flávio do Vale Ferreira; Gabriel Helmuth Sprung Sasse; Gabriel Luis

Frutuoso; Gabriela Hikari Tomizuka; Gerson Lodi Ribeiro; Glauco Henrique Santos Fernandes; Guilherme Henrique dos Santos; Gustavo Gindre Monteiro Soares; Gustavo Gualda Pereira Contage; Gustavo Lirio Soares; Gustavo Willian da Silva Mendes; Gutenberg Löwe Literatura Fantástica; Helton Lucinda Ribeiro; Henrique Agra; Hiago da Silva Lacerda; Iana Serensky; Igor Aoki; Ivan G. Pinheiro; Janine Kuriu Anacleto; Jéssyca Odorico; João Carlos De Lucca Filho; João Henrique Borges de Campos; João Vitor; José Carlos da Silva; José Carlos de Alcantara; José Manoel Alvarez V Porto; Jose Paulo Da Rocha Brito; José Pereira da Silva Neto; José Tertuliano Oliveira; Júlia Capuano; Júlia Goulart; Justin Kertson; Leandro Pio de Sousa; Leonardo Rego Gomes; Leto Orffeus; Livia Marinho; Luana Muzy; Lucas Suzigan Nachtigall; Luis Diego Araujo Constante; Luisa Peixoto; Luiz Arnaldo Menezes; Luiz Eduardo Correia Vila Nova Junior; Luiz Fernando Cardoso; Luiz Santiago; Luiza Pimentel de Freitas; Marcelo Jacinto Ribeiro; Marcia Chieriegatti; Márcia Moutinho; Márcia Tavares Chico; Marcos R Piacessi da Cruz; Marcus Vinicius Eiffle Duarte; Marie Vibbert; Marinilce Oliveira Coelho; Mateus Spina; Matheus Ceotto Souza; Miller de Oliveira Lacerda; Pedro Lopes; Pires; Rafael Alvares Bianchi; Rafael de Carvalho Moura; Rafael Lechenacoski; Ranulpho Souza; Ricardo Barroso Leite; Ricardo Fernandes; Roberto C. Belli; Rodrigo Arco e Flexa; Rodrigo Rocha; Rogerio Carlos; Simone Caldas Vollbrecht; Thais Terzi de Moura; Thales Lima De Afonseca; Thales Pastre; Thays Eloize Bonato; Thiago Massimino Suarez; Thiago Oliveira; Vanessa Santa Brigida Da Silva; Verônica Meira; Victor Antonio Alves de Abreu; Victor Francesco; Victor Otávio Tenani; Victória Elisa; Vitória Rugieri; e Yuri Amaral.

[1] *Parte inicial da nota de introdução do conto “O Destino de Poseidônia”, publicado em junho de 1927.*

[2] *Nota inicial exibida pelo periódico onde o conto foi primeiramente publicado.*

[3] *Jehoshaphat foi o quarto rei do Reino de Judá, sendo mencionado na Bíblia Sagrada Cristã em diversas passagens.*

[4] *Nota inicial exibida pelo periódico onde o conto foi primeiramente publicado.*

[5] *Nota inicial exibida pelo periódico onde o conto foi primeiramente publicado.*

[6] *Nota inicial exibida pelo periódico onde o conto foi primeiramente publicado.*

[7] *Nota inicial exibida pelo periódico onde o conto foi primeiramente publicado.*

[8] *Nota original do conto: “Um ‘rim artificial’ foi inventado recentemente e testado com sucesso em cachorros. Trata-se de um cilindro de vidro contém vários tubos de celoidina que retiram as toxinas do sangue.”*

[9] *Nota inicial exibida pelo periódico onde o conto foi primeiramente publicado.*

[10] *Nota inicial exibida pelo periódico onde o conto foi primeiramente publicado.*

[11] *Em inglês, a palavra “nap” significa “cochilo”, ou “soneca”; desta forma tem-se um trocadilho entre o diminutivo do nome do gato e uma característica de sua personalidade.*

[12] *Nota inicial exibida pelo periódico onde o conto foi primeiramente publicado.*

[13] *Termo em latim traduzido literalmente como “mãe que nutre”, utilizado por estudantes para referirem-se à instituição (normalmente Universidades) a qual pertencem.*

[14] *Recorte anexado ao final da terceira parte do presente conto, tal qual exibido originalmente no periódico onde foi publicado pela primeira vez.*

[15] *Nota informativa do editor do periódico onde o presente conto foi publicado inicialmente quanto ao recorte que inspirou a história retratada em “A Monstruosidade Evolucionária”.*

[16] *Nota inicial exibida pelo periódico onde o conto foi primeiramente publicado.*

[17] *Nota do editor presente ao final da carta da autora em sua publicação original.*

[18] *Nota do editor presente ao final da carta da autora em sua publicação original.*

[19] *Nota do editor presente ao final da carta da autora em sua publicação original.*

Table of Contents

[Prefácio](#)

[Um Mundo em Fuga](#)

[O Destino de Poseidonia](#)

[Um Certo Soldado](#)

[A Quinta Dimensão](#)

[A Ameaça de Marte](#)

[O Milagre do Lírio](#)

[O Homem Artificial](#)

[Um Bebê em Netuno](#)

[A Droga Diabólica](#)

[A Monstruosidade Evolucionária](#)

[O Ciclo do Macaco](#)

[Carta N°1: Uma carta muito interessante de uma de nossas autoras](#)

[Carta N°2: De Uma De Nossas Autoras](#)

[Carta N°3: Possíveis Enredos de Ficção Científica](#)

[Agradecimentos](#)